SOCIEDADE SECRETA
ROSA & TÚMULO

VOLUME 1



"Delicioso."
— Washington Post

Diana Peterfreund

galera

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Contracapa:

Bem-vindo ao exclusivo mundo

das sociedades secretas.

Amy Haskel é editora da revista literária da faculdade e acredita que logo será convocada para a sociedade secreta Pena & Tinta. Mas tudo muda quando se torna uma das primeiras garotas convidadas a integrar a Rosa & Túmulo, a sociedade secreta mais poderosa do país. Amy vê sua vida virar pelo avesso depois que se transforma em Coveira: não consegue estudar, se afasta dos amigos e está prestes a perder seu quase-namorado. E é só o começo. Em nome da sociedade, ela deverá assumir a liderança de uma grande conspiração que envolve dinheiro e poder, e que tem chances de destruir seu futuro.

Uma charmosa mistura de *O código Da Vinci* com *O diabo veste Prada*, o primeiro volume de Sociedade Secreta foi selecionado pela biblioteca pública de Nova York como um dos melhores livros para jovens em 2007.

“O TEXTO DE PETERFREUND É EMPOLGANTE E DIVERTIDO.”

The New York Observer

Para os filhos e filhas de Eli

Por meio desta, eu confesso:

sou membro de uma das mais infames sociedades secretas do mundo

Tenho certeza de que você já ouviu a lenda. Nós somos o segredinho sujo da Ivy League, que reúne as melhores universidades dos Estados Unidos. Mandamos no país, até nos estados com os quais você não pensaria que nos importamos, como Nebraska.

Nós começamos guerras, coordenamos golpes de estado e participamos da redação das Constituições de todas as novas nações.

Todo candidato à presidência do país é um membro — assim, quem quer que ganhe

sempre estará sob nosso controle.

A mídia tem medo de nós, o que é bobagem, já que os diretores de todos os jornais e cadeias de televisão do país são membros de nossa irmandade. Controlamos todos os aspectos da mídia há mais de um século, desde decidir que filmes recebem aprovação para serem produzidos até a escolha do próximo vencedor do American Idol (você realmente acha que os votos via mensagem de texto contam?).

Somos donos da maioria dos prédios na universidade, assim como de boa parte dos terrenos da cidade, e temos isso sob vigilância, inclusive com escuta telefônica. A polícia local trabalha para nós. O prefeito está nas nossas mãos. Não há um estudante no campus que não tenha medo de passar por nosso imponente mausoléu de pedra.

Ser escolhido para a nossa sociedade é o bilhete de entrada para uma vida que supera os sonhos mais loucos de qualquer pessoa. O sucesso é nosso direito de nascença a partir do momento em que emergimos de nossos caixões de iniciação para nossas novas vidas como membros da sociedade. Qualquer emprego que

quisermos está ao nosso alcance e qualquer emprego que não quisermos que nossos inimigos tenham está fora

do deles. Recebemos muito dinheiro de presente quando nos formamos, assim como carros esporte, antiguidades valiosas e uma mansão em uma luxuosa ilha particular.

Nunca seremos presos. Nunca ficaremos pobres. A sociedade cuidará disso. Nossa lealdade para com a sociedade é mais importante que todo o resto em nossas vidas —

nossas famílias, nossas amizades, até mesmo nossas vidas amorosas. Se qualquer um, até mesmo alguém de quem gostamos de todo o coração, mencionar o nome da sociedade em nossa presença, devemos deixar o aposento imediatamente e nunca mais falar com essa pessoa.

Nunca podemos contar a ninguém que somos membros.

Não podemos jamais deixar que alguém que não seja membro entre em nosso mausoléu ou será morto.

Não podemos jamais abandonar a sociedade ou revelar nenhum de seus segredos ou nós seremos mortos.

Quais desses boatos são verdadeiros e quais são teorias de conspiração exageradas?

Eu lhe diria, mas aí teria que matá-lo.

Não acredita em mim? Tudo bem, então vire a página. Mas não diga que eu não avisei...

Por meio desta, eu confesso:

eu não sabia que eram eles.

1.

Entrevista

Tudo começou num dia no final de abril no meu terceiro ano de faculdade. Eu estava no meu quarto no dormitório, tentando, para variar, encaixar a tarefa de lavar um monte de roupa entre um sanduíche de atum no refeitório e minha aula da tarde sobre o livro Guerra e paz. As aulas do professor Muravcek* tendiam para o impenetrável e eu queria passar algum tempo revendo minhas anotações. Corria o risco de tirar B naquela matéria, o que era inaceitável se quisesse me formar

com louvor. No entanto, ou eu lavava a roupa ou teria que sair correndo naquela noite para comprar calcinhas novas.

Você se dá conta que está desesperada quando acha que correr até a GAP do centro da cidade é mais fácil do que esperar uma secadora livre.

Mas nem sabão em pó nem Tolstoi estavam no meu caminho naquela tarde. Eu acabara de desenrolar meu fio-dental de renda fúcsia (calcinha para encontros sexta à noite) das pernas do meu —jeans para festas‖ e estava saindo pela porta com um carregamento de roupas escuras quando o telefone tocou.

Droga. Provavelmente era a minha mãe. Ela parecia ter um sentido sobrenatural para descobrir quando eu estaria no quarto.

Apoiei a cesta no quadril e atendi o telefone.

— Alô?

— Amy Maureen Haskel?

— É ela — falei, balançando uma das minhas meias de ginástica para desenrolá-la.

— Solicita-se a sua presença na College Street, 750, sala 400, às duas horas desta tarde.

Duas horas significava em 15 minutos.

— Quem está falando?

— College Street, 750, sala 400. Às duas da tarde.

E aí, a linha ficou muda.

Caí sentada no sofá desgastado, espalhando tops e calças de pijamas pelo chão. Isso é que era uma péssima hora.

Não havia dúvidas na minha cabeça sobre quem estava do outro lado da linha. A Pena & Tinta era a sociedade —literária‖ sênior no campus, o refúgio comum para

escrevinhadores de todos os tipos. Ostentava vários escritores famosos entre seus ex-alunos e, como atual editora-chefe da revista literária do campus, eu sabia que entrar era facílimo para mim, assim como fora para minha antecessora, Glenda Foster. Isto é, seria se eu conseguisse comparecer à entrevista repentina naquela tarde.

———————

*Os nomes das pessoas, lugares e organizações foram mudados para proteger o

confessor de processos legais ou, você sabe, assassinato.

Eu precisaria de uma longa conversa com Glenda. Ela também participava da turma de romances russos e sabia que eu estava com dificuldades, mas ainda assim marcou minha entrevista com a sociedade durante o horário da aula!

As entrevistas para entrar na sociedade eram sempre marcadas com muito pouca

antecedência. Parte do teste era ver se você conseguia comparecer. Eu ainda não descobrira o que eles faziam se o convocado em potencial não atendesse o telefone — se estivesse ocupada, por exemplo, agüentando tanto o crime quanto o castigo da voz soporífica do professor Muravcek.

Roupa suja totalmente esquecida, me apressei. Ainda que a entrevista fosse apenas uma formalidade, eu tinha toda a intenção de seguir a pompa e

circunstância da sociedade e me arrumar (sociedades têm tudo a ver com a aparência). Meu terninho estava enfiado no fundo do meu armário atrás do casaco de esqui e da roupa de veludo que eu usara para a festa temática dos anos 1970, em fevereiro. Eu não vestia o terno desde a avalanche de entrevistas para estágios em janeiro, quando descolei um emprego de verão bacana (inserir uma revirada de olhos aqui) na Horton, fazendo

fotocópias de formulários de rejeição. Ele precisava de uma boa escovada mas, tirando isso, estava bom. Combinei com uma camiseta de algodão limpa e saí catando um par de meiascalças que não estivesse desfiado. No terceiro mergulho na gaveta de calcinhas, achei um. Quando eu vou aprender a jogar fora meias estragadas (parece que não será hoje)? Enfiei os outros dois pares de volta na gaveta e lutei para enfiar o terceiro pelas pernas. Eu precisava me depilar, mas as meias esconderiam isso.

Em janeiro, eu havia cortado meu cabelo castanho-claro num daqueles cortes em

camadas na altura dos ombros que tinha certeza de ser a última moda entre as intelectuais de Manhattan (não eram). O lado ruim do corte era que, mesmo depois de três meses, ainda precisava de vinte minutos de secador e escova redonda grande para ficar minimamente decente. Eu não tinha esse tempo no momento, então me rebaixei ao estilão rabo-de-cavalo.

Calcei meus escarpins pretos e saí batendo os saltos pela sala do início do período gótico da suíte — que incluía janelas com vitral. Nós temos um dos apartamentos mais legais em toda a parte residencial da universidade — dois quartos grandes ligados por uma sala com uma lareira que não funcionava, mas que era linda. O único defeito era o piso de tábua corrida ligeiramente marcado. Eu já falei o quanto odeio saltos altos?

A porta da suíte se abriu antes que eu pudesse girar a maçaneta. Minha companheira de quarto e melhor amiga, Lydia Travinecek, entrou equilibrando uma montanha de livros empoeirados da biblioteca, uma caneca térmica de café e sua roupa vinda da tinturaria.

Lydia é sempre mais organizada do que eu. Ela tem tempo para almoçar, estudar em casa e passar a ferro as pregas das calças. É como se já fosse advogada.

Ela me olhou de cima a baixo.

— Pena?

Eu dei de ombros.

— Quem mais?

A Pena & Tinta não era uma sociedade secreta no sentido tradicional da palavra. Deus, eles nem tinham um daqueles mausoléus de pedra enormes como aquelas que as grandes sociedades usavam para fazer suas reuniões — só um quarto-e-sala em cima da

Starbucks.

Ela assentiu bruscamente e jogou os sacos da tinturaria por cima do encosto do sofá. Há dois dias, Lydia saíra correndo daqui vestindo seu próprio terno bem passado.

— Boa sorte, não que você vá precisar. Todos os editores da revista literária não entram na Pena & Tinta desde, sei lá, a Idade da Pedra?

Praticamente. Botei de lado o aborrecimento por Lydia ainda não ter me contado qual sociedade a estava cortejando. Era bobagem; eu sabia que quando a noite da convocação chegasse e fosse escolhida por sua sociedade (qualquer que fosse), Lydia ia parar com essa história de segredo.

Ela tirou um saco de papel de sua bolsa de carteiro e ergueu uma garrafa de vodca Finlandia sabor manga em triunfo.

— Saca só. Achei que podíamos fazer um clima tropical com as nossas jujubas amanhã.

A Noite da Jujuba havia se tornado um ritual semanal na nossa suíte desde que Lydia fizera 21 anos em agosto passado (eu não seria maior até dezembro). Uma garrafa de vodca, dois copinhos e um saco de jujubas Brach’s para acompanhar era tudo o que precisávamos para uma festa. Imaginei rapidamente o que aconteceria com a tradição quando nós duas estivéssemos em nossas respectivas sociedades e tivéssemos outros compromissos nas noites de quinta-feira (todas as sociedades secretas se reúnem às quintas e aos domingos).

— Sensacional! Mal posso esperar. Tenho que ir — dei um tchau, saí da suíte

com os saltos batendo no piso, desci as escadas e entrei na ensolarada tarde de abril. Connecticut havia finalmente decidido se ajustar ao cronograma e se dar conta que era primavera.

Eu sabia que Lydia seria convocada. Ela estava na disputa por um lugar numa das sociedades de maior prestígio desde o momento em que botou os pés no campus como caloura. Pensava sinceramente que era a única maneira de se chegar a algum lugar nesta universidade. Eu mesma achava que essa postura era um pouco antiquada. Não

estávamos nos anos 1920, quando se era escolhido por uma sociedade logo depois da formatura em Andover ou em uma das outras escolas preparatórias de elite em que todos os estudantes no campus eram brancos, homens e mais ricos do que a cobiça é capaz de fazer imaginar.

Naquela época, não ser aceito em uma das grandes sociedades secretas era equivalente ao ostracismo social permanente. Esqueça o escritório em Wall Street decorado com móveis de couro, esqueça a casa de veraneio em Newport. Seus filhos provavelmente nem entrariam no colégio Exeter!

Mas o mundo não funcionava mais assim. Agora, a maioria das sociedades tinha listas diversificadas de membros, que refletiam o corpo estudantil moderno composto de garotos de todos os tipos. Na minha cabeça, não havia dúvidas de que, quando chegasse a Noite da Convocação, mesmo sem o benefício do sangue azul, Lydia seria eleita para uma das melhores sociedades no campus — a Cabeça de Dragão, talvez, ou a Livros & Chave. Na verdade, a única sociedade secreta na qual eu sabia que ela não entraria era a Rosa & Túmulo, a mais antiga e famosa sociedade do país. Isso era porque todos os membros — conhecidos como —Coveiros‖— eram homens.

Quanto a mim, estava entrando para a Pena & Tinta pela mesma razão pela qual fazia todo o resto — ia contar pontos no meu currículo. Eu já conhecia os outros tipos literatos do campus. Eram todos amigos próximos. Não precisávamos da formalidade de uma

sociedade como a Pena & Tinta para cimentar nossos laços. Precisávamos era dos contatos e do —algo mais‖ no currículo que ela nos daria. Você sabe como é. Se havia uma organização para comandar, um prêmio para ganhar, um contato para perseguir —

você tinha de fazê-lo. Senão, todo mundo ia ficar se perguntando por que você não havia feito e todo o seu currículo cuidadosamente construído cairia por terra como um calouro de 45 quilos numa festa regada a cerveja.

Era aqui, College Street, 750. E, de acordo com o meu relógio, eu tinha pouco mais de 90

segundos para entrar na sala. E, ainda assim, quando finalmente cheguei, ligeiramente ofegante, na sala de aula escura no quarto andar, as primeiras palavras a saírem da boca da pessoa que apontou uma cadeira com um laser foram:

— Você está atrasada.

Olhei para o meu relógio de novo, ainda que não conseguisse ver os ponteiros no escuro.

— Eu...

O homem oculto pelas sombras sentado à mesa mais próxima apontou algo para mim que brilhava com um 14h01 em números digitais verdes.

— Este é um relógio atômico de alta precisão. Você está 48 segundos atrasada.

— Está brincando?

Pisquei, tentando em vão ver seu rosto na escuridão. Como todas as nossas salas de aula são equipadas com luzes com sensores de movimento, fiquei surpresa por terem

conseguido mantê-las desligadas. Haviam posto cortinas negras nas janelas e, apesar de cada uma das 12 pessoas sentadas pela sala parecer ter uma luz de leitura à sua frente, o máximo que eu conseguia distinguir era um maxilar aqui, a curva de um nariz ali. Uau, eles haviam se superado. Devia ser trabalho do fluxo criativo dos escritores.

— Se estamos *brincando*, Srta. Haskel? — disse o Cara da Sombra nº 2, com o que posso jurar ter sido um sorrisinho de escárnio. Eu nem precisava ver. — Acha que há algo neste processo que seja brincadeira?

Até agora, não. Mas, qual é, o que era aquilo, o filme *De olhos bem fechados?*

— Não, senhor.

Estiquei o pescoço para ver se reconhecia os traços de Glenda entre o grupo, mas não consegui distingui-la. Onde ela estava? Ah, deixe-me adivinhar. *Guerra e paz*. Eu ia roubar as anotações dela sobre a aula!

— Deixe-me assegurá-la, Srta. Haskel — o Cara da Sombra nº 2 continuou — que

levamos nosso processo de eleição muito a sério. A pontualidade é da maior importância para nós. Assim como eleger uma pessoa em quem possamos confiar para obedecer as ordens da sociedade, independentemente do quanto pareçam insignificantes.

Epa. Então 48 segundos e eu tinha pisado na bola tão feio assim? Sentei-me reta na cadeira.

— Eu entendo, senhor, e posso lhe garantir que levarei meu posto na sociedade muito a sério — fiz uma pausa, ponderando quais seriam minhas próximas palavras. — Eu não sabia que devia investir em um relógio atômico. Vou ganhar um desses quando me juntar a vocês?

Nenhuma resposta.

Eu ri nervosamente.

— E que tal um relógio de pêndulo? Ouvi dizer que cada membro da Rosa & Túmulo ganha um na formatura — a Pena, no entanto, não tinha recursos para presentes tão caros.

Talvez eles conseguissem liberar uns de pulso comuns.

Nada ainda. Humm, esse negócio estava ligado?

— Se bem que eu acho que seria difícil carregar um relógio de pêndulo por aí. —

Péssimo, péssimo, péssimo. — E provavelmente não vai ser de alta precisão. —

Cale a boca, Amy. Cara, eu estava indo de mal a pior ali.

Ficamos sentados em silêncio durante dez segundos. E então alguém três fileiras atrás falou:

— Srta. Haskel, se puder responder algumas perguntas para nós. — Vi um embaralhar de papéis. — Tenho o seu histórico escolar. Aqui diz que, no segundo ano, você tirou um B-em Páginas do pó: Narrativa da imigração etíope no Ocidente da metade do século XX.

— Sim.

— Tem alguma explicação para esse desempenho?

É, cuidado com matérias que tenham colonos no meio. Nesse caso, o professor era um idiota que achava que tudo no texto — sua letra ou um argumento circular — que fosse remotamente cilíndrico era alguma espécie de representação fálica e, a não ser que nossos trabalhos finais explorassem o contínuo problema da inveja feminina do pênis, nós nos dávamos muito mal.

Acho que ele tinha problemas na cama.

O B- era a única mancha no meu histórico na faculdade de Inglês, ou seria desde que eu interpretasse brilhantemente as 1.472 páginas de GEP (*Guera e Paz*) e arrebentasse em meu exame final de romances russos.

— Sou mais da Nova Teoria Crítica do que da Análise Freudiana — comecei, escolhendo a antiga tradição das artes de atordoar os outros. Se não pode vencê-los, confunda-os. —

Os significantes dos principais textos dessa matéria — cara, nem *eu* sabia o que eu estava dizendo àquela altura — relacionavam-se melhor a leituras similares aos trabalhos de Said, Lévi-Strauss e... — Droga. Eu havia perdido o fio da meada. Muito bem, pegue um clássico — ...às teorias de Aristóteles, como as descritas na *Poética*.

Aha, questione isso! Eu era formanda de Inglês. Conseguia enrolar bem à beça.

A sombra na terceira fila sorriu e pude ver que alguém tinha um dentista muito talentoso.

Seus dentes eram tão brilhantes e certos quanto os de um astro de cinema.

— Boa resposta. — Aí ele limpou a garganta.

Todas as luzes piscaram rapidamente, duas vezes.

A Sombra-Que-Sorri mexeu em mais alguns papéis.

— Lembra-se de Beverly Campbell?

— Minha professora da terceira série? — Tive que pensar sobre aquilo por um minuto.

Glenda não me avisara a respeito de nada daquilo. Sem dúvida ela estava sentada bonitinha agora, tomando notas sobre o gélido inverno siberiano com sua caneta de gel roxo de sempre. E aqui estava eu, sendo interrogada pela Pena & Tinta sabe lá Deus por que motivo. Isso não deveria ser algo garantido?

Além do mais, era oficial: eu não reconhecia a voz de nenhuma daquelas pessoas. Será que tinham trazido ex-alunos para conduzir a entrevista?

— Se perguntássemos a Beverly Campbell a seu respeito, o que ela diria?

— Que eu era boa em fonética. — Já chega disso. — Qual é, era a terceira série!

— E quanto a Janine Harper? — Quarta série. — Marilyn Mahan. — Quinta. — James Field, Tracy Cole, Debra Blumenthal.

A Sombra-Que-Sorri continuou a citar cada um dos professores que eu já tivera. Era mais do que um pouco assustador.

— Posso lhes fazer uma pergunta? — falei, interrompendo sua declamação quando

mencionava o segundo ano.

— Vá em frente.

— Audiências do Congresso não se importariam tanto com o começo da minha infância.

Por que vocês se importam?

Pena era, na melhor das hipóteses, uma sociedade de segunda categoria, mais preocupada em conseguir que seus membros entrassem para o curso de jornalismo do que em

dominar o mundo — supostamente, o propósito das verdadeiras sociedades secretas. Qual era a daquela encenaçãozinha do *Código Da Vinci*?

O Cara da Sombra nº 2 falou:

— Quais são suas ambições, Srta. Haskel?

Eu meio que queria escrever o Grande Romance Americano. Mas nem a Pena & Tinta acharia essa resposta satisfatória. Não era suficientemente voltada para um objetivo tangível. Não era factível. Não existem Prêmios Nobel de Literatura suficientes para distribuir por aí. Além do mais, eu não tinha certeza de ter nenhuma Grande Idéia Americana. Portanto, mais uma vez, vamos para o plano B.

— Ser uma magnata da mídia. — Pronto, isso devia satisfazê-los.

— Você está mentindo — o Sombra-Que-Sorri não estava mais me mostrando seus

dentes brancos.

— O que o faz dizer isso? — cruzei as mãos no colo. E por que se importavam? Eu teria apostado que cada uma daquelas pessoas era, lá no fundo, um escritor frustrado.

O Sombra-Que-Sorri (apesar de não estar sorrindo agora) pegou outro pedaço de papel e começou a ler em voz alta. Era a primeira página de meu romance inacabado — aquele sobre o qual ninguém além de mim e de Lydia sabia a respeito. Aquele que só existia no meu laptop, lá no meu quarto.

— Ei! — gritei e ele parou. — Onde conseguiu isso? Por acaso invadiu o meu

computador?

Tudo ficou muito silencioso. Achei que podia ouvir o relógio atômico de alta precisão zumbindo. Quem eram aquelas pessoas?

— Temos tudo o que já fez na vida, Srta. Haskel — disse o Cara da Sombra nº 2. Ele ergueu um envelope pardo da mesa à sua frente — Este é o seu arquivo do FBI.

Meu queixo caiu. Eu tinha um arquivo do FBI? Por que eu teria um arquivo no FBI? Eu nunca tinha feito um estágio de verão na Casa Branca ou no Pentágono. Meu pai é contador, não político. Eu não precisava ser liberada pela segurança. E, mesmo que precisasse, como diabos essas pessoas tinham conseguido pôr as mãos nisso?

Só havia uma resposta. Eles estavam brincando comigo. Balancei a cabeça, inclinei-me para trás na cadeira e ri.

— Sei, o meu arquivo do FBI. Eu-acho-que-não, hein. Olhe, fico feliz por ter feito vocês se divertirem, mas já que vocês não são os —Homens de Preto‖, podemos por favor voltar para a entrevista agora?

— Eu acho — disse o Cara da Sombra nº 2 — que a entrevista acabou.

— Não! — falou o Sombra-Que-Sorri.

— Ela não é o que estamos procurando.

— Eu não concordo.

Espere um pouco. Inclinei-me para a frente.

— Gente, não sei direito o que está acontecendo aqui. Onde está a Glenda?

O Cara da Sombra nº 2 inclinou a cabeça até eu vislumbrar uma bochecha pálida.

— Glenda?

— É, Glenda. Glenda Foster, a antiga editora da revista literária? A garota que é minha madrinha nesta sociedade? A garota que está ocupada demais com literatura russa para aparecer esta tarde?

Novamente o silêncio, apesar de pontuado por algumas risadinhas. Finalmente, o Sombra-Que-Sorri (e definitivamente ele estava sorrindo de novo!) falou.

— Glenda Foster não é membro desta organização.

Puta merda!

Quem eram essas pessoas?!?

Está bem, para ser justa, ainda havia um cantinho na minha mente que estava gritando que Glenda mentira para mim o ano inteiro e que, na realidade, ela não era membro da Pena & Tinta. Mas era um cantinho minúsculo, aquele no qual a maioria das minhas tendências paranóicas habita. O resto da minha cabeça estava ocupada girando. Eu estava levando esse processo seletivo de uma maneira bastante informal porque, ei, era a Pena & Tinta. Não era grande coisa e, de qualquer modo, era algo garantido.

Mas, obviamente, eles não eram a Pena & Tinta. Eu tinha perdido o chão, por uma das primeiras vezes na minha vida. E não tinha idéia do que deveria fazer.

— Acho que já acabamos — o Cara da Sombra nº 2 falou.

— Não acabamos, não — insistiu o Sombra-Que-Sorri.

O Cara da Sombra nº 2 se virou e eu vislumbrei um pescoço perfeitamente barbeado.

— Ela não é o que queremos. Temos que ser criteriosos quanto a isso.

— Eu posso ser séria! — inclinei-me para a frente e dei um tapa nas anotações do Cara da Sombra nº 2. Vi seu queixo cair. Ops.

— Sinto muito — falei, chegando para trás na cadeira e dobrando as mãos recatadamente.

— Eu fiquei um pouco... confusa.

— É óbvio.

— Posso perguntar quem são vocês?

Desta vez, todos eles riram antes do Cara da Sombra nº 2 dizer —não‖.

— Então, vocês têm uma lista dos inspetores do meu colégio do ginásio e eu não ganho nada?

— É por isso que a chamamos de sociedade secreta. — O Sombra-Que-Sorri limpou a garganta.

— É justo.

O Sombra-Que-Sorri piscou sua lâmpada algumas vezes e todos os membros começaram a remexer os papéis em suas mesas. Fiquei imaginando o que significaria aquele sinal.

Muito bem. Achei que já tinham me humilhado o suficiente para uma tarde. Levantei-me da minha cadeira.

— Posso ir?

— Um momento, Srta. Haskel. — O Sombra-Que-Sorri esticou a mão e fiquei surpresa por conseguir enxergá-la. Aparentemente, meus olhos estavam se adaptando à escuridão.

— Diga-nos. O que tem para oferecer a esta organização?

Mordi a língua para não devolver um —E que organização é esta?‖. Tudo bem, então eles não eram a Pena & Tinta. Alguém mais estava me cortejando e eu provavelmente destruíra qualquer chance que pudesse ter tido de impressionar... quem quer que fosse. A verdadeira pergunta era: e eu ligava para isso? Afinal de contas, essa não era a minha praia. Era Lydia quem queria entrar em uma sociedade secreta — qualquer sociedade secreta de prestígio. Eu só queria entrar para a Pena & Tinta para ficar sabendo quais agentes literários estavam contratando assistentes e se a revista *Cosmopolitan* precisava ou não de estagiários.

E, finalmente, percebi o absurdo de toda aquela situação. Todos os alunos de terceiro ano que, como eu, haviam passado uma hora numa sala escura respondendo a perguntas vagas sobre suas ambições e realizações para um bando de estranhos nas sombras — eles não faziam a menor idéia de para quem estavam abrindo suas almas. Lydia, com todo aquele pedantismo de segredo e

superioridade, não sabia se estava sendo cortejada pela Cabeça de Dragão ou recebendo um trote de um bando de garotos de alguma

fraternidade. Assim como eu.

O que eu tinha para oferecer a essa organização misteriosa e não-identificada? Além do dedo médio, que levantei, sem causar grande efeito na escuridão.

Endireitei a minha saia, estiquei o queixo para a frente e ri.

— Vocês já sabem o que eu tenho a oferecer. Notas máximas no meu curso, a não ser por aquele probleminha da Narrativa da imigração etíope; a editoria da revista literária; participações e liderança em um grande número de outras publicações pequenas no campus e trinta páginas de um romance mal escrito. Não consumo drogas, nunca fui presa e, pelo que ouvi dizer, não sou ruim de cama. Não que qualquer um de vocês vá ter a oportunidade de descobrir isso em primeira mão. (Apesar de que, para ser sincera, eu não tinha como saber isso, não é mesmo?)

Aí, virei-me e marchei para fora. E, conforme saía para o corredor, de cabeça erguida, achei ter visto uma dúzia de luzinhas de leitura piscando.

Por meio desta, eu confesso:

agi errado com ele.

2.

Noite da Convocação

A parte divertida de se humilhar na frente de um bando de silhuetas na sombra é que você passa os próximos dois dias imaginando se todo mundo com quem você cruza no campus a viu em seu pior momento. Eu estava na fila do refeitório ontem à noite e juro que vi essa garota riquinha e maconheira dando risadinhas por trás de seu cuscuz marroquino.

Passei as duas horas seguintes (GEP esquecido!) tentando descobrir qual sociedade secreta era capaz de convocar estudantes vegetarianos de biologia que usam dreadlocks feitos por estilistas e colares de cânhamo de cem dólares — bem, além de organizações de brincadeira, como a Baseado & Cachimbo.

Nome bonitinho, não é? É assim que as coisas funcionam na Universidade Eli. Todo mundo copia todo mundo. Rosa & Túmulo começou com a moda por volta de 1800 e agora qualquer um que deseje começar uma organização social segue seu ilustre

exemplo: Livro & Chave, Espada & Clava, Pena & Tinta.

Há alguns dissidentes entre as maiores sociedades — Cabeça de Dragão, Serpente, Saguão São Lino — mas nada dá um clima tão El i a uma suposta organização

clandestina quanto esse " &". Lydia e eu costumávamos brincar dizendo que eles estavam treinando para entrar em escritórios de advocacia — eram todos Não Sei O Quê & Não Sei O Quê Também, certo?

Isso foi antes de Lydia perder o senso de humor para tudo relacionado a sociedades secretas. Sério. Tentei conversar com ela sobre minha entrevista naquela noite durante o jantar e ela respondeu como minha mãe quando eu falava em sexo. Ou seja, nada.

A conversa foi assim:

Eu: Então, quer ouvir o que aconteceu na minha entrevista?

Lydia *(garfo parado a meio caminho da boca)*: Você devia falar sobre isso?

Eu: Por que não? Não fiz nenhum voto de silêncio. Nem sei quem eles eram. Por que, os seus disseram para não falar sobre isso?

Lydia: ...

Eu: Disseram? Eles lhe disseram quem eram?

Lydia: ...

Eu: Eles disseram! Uau, devo ter me saído pior do que pensei.

Lydia *(olhando furtivamente para os lados)*: Amy, eu realmente acho que não devíamos conversar sobre isso.

Eu: Posso falar sobre o que eu quiser. Eles são um bando de desconhecidos e, ainda por cima, foram muito grosseiros comigo.

Lydia: Amy! Você vai destruir as suas chances.

Eu: Acho que não tenho *nenhuma* chance. E, por favor. Eles não puseram microfones escondidos nas mesas nem nada.

Lydia: Rosa & Túmulo poria.

Eu: Rosa & Túmulo não aceita mulheres. Só futuros presidentes da República.

Lydia *(ficando de pé e erguendo a bandeja)*: Não vou continuar falando disso aqui.

Eu *(seguindo)*: Tudo bem, vamos conversar no quarto.

Mas Lydia não voltou para o quarto. Ela foi até o ginásio para nadar, o que,

considerando-se minha aversão permanente a águas profundas (meu primo me jogou de um píer quando eu era criança — não gosto de falar sobre isso), era um tapa certeiro no rosto. E, como se essa Defesa do Cloro não fosse o suficiente, todas as vezes em que a vi nos dois dias seguintes, ela saiu correndo antes que eu tivesse a chance de tocar no assunto de novo.

Não que eu estivesse esperando sentada. Com o dia de colação de grau se aproximando, eu estava superocupada com a edição de formatura da revista literária. Já que eu não ia ser aceita pela Pena & Tinta — ou por nenhuma outra sociedade secreta — não podia me dar o luxo de cometer mais nenhum erro. Aquela era minha penúltima edição e precisava arrebentar.

Então, para ser franca, o tema "Ambição" não ia vingar.

— Já vi isso, já fiz isso — informei ao meu segundo homem, o editor de redação Brandon Weare. — Em Eli, Ambição é o novo preto.

— Que bela citação para sua página de introdução — disse Brandon, dando os toques finais em seu quinto aviãozinho de papel.

— Se escolhermos um tema bom o suficiente, não vou ter que incrementar com frases de efeito.

— Ah, mas aí que tipo de garota da *Cosmo* você seria? Tudo gira em torno da frase de efeito lindinha ali. Com certeza não tem nada a ver com o conteúdo. — Ele atirou o avião e eu o observei mergulhar e cair direto no chão de linóleo manchado do escritório da revista. Uma queda de nariz.

— Você lê a *Cosmopolitan*?

— Dicas de sexo femininas? — Ele chutou o avião. — Pode apostar.

Brandon era um especialista na arte de "Aerogami" e, desde que começáramos a trabalhar juntos em outubro, aprendi que os modelos de aviõezinhos de papel que escolhia tinham uma relação direta com sua opinião a respeito do manuscrito do qual retirava o material para sua construção. Ai do escritor cujo texto merecesse um jato de quatro dobraduras...

mas, se ele jogasse um planador de nariz quadrado (modelo de Ken Blackburn, ganhador do recorde no Guinness, eu aprendi) na frente do meu rosto, eu devia largar tudo e ler a história.

Eu tinha quase certeza de que não era assim que as coisas funcionavam na Horton.

Não que Brandon ligasse. Ele era um desses verdadeiros gênios que salpicavam

a população do campus, o tipo que podia compor concertos nos intervalos em que não estava descobrindo a cura para o câncer. Sua razão de ser era a matemática aplicada, mas ele conseguia reservar tempo suficiente para acomodar seu talento para escrever contos surpreendentemente bons e competir comigo pela editoria da revista (consegui ganhar essa por muito pouco). Para Brandon, não tinha essa de batalhar estágios ou arrumar atividades para encher o currículo. Ele simplesmente seguia sendo brilhante,

imperdoavelmente CDF e universalmente querido.

E ele tinha razão a respeito do potencial do tema. Noventa por cento da turma de formandos já tinha ambição saindo pelos poros. Os outros dez tinham papais que iam enfiá-la à força até eles terem 30 anos. O tema tinha grande abrangência, assim como a possibilidade de incorporar alguma espécie de declaração existencialista a respeito da futilidade do desejo, da impossibilidade do propósito, todas as coisas que deixavam os futuros candidatos a Mestre-em-Escrita-Criativa-de-Iowa excitados.

(O estado de Iowa, se vocês não sabem, é o lugar para fazer a pós e aprender a ser romancista. Não me perguntem por quê. Deve ser por causa dos produtos químicos no milho.)

O problema era que eu já estava tendo problemas pessoais suficientes com a ambição.

Claro, meu currículo e média estavam em ordem mas, se minha entrevista confusa com a sociedade havia provado alguma coisa, é que todas as realizações tinham que se juntar para formar um plano ou então não contavam. Será que eu queria mesmo passar o

próximo mês lendo histórias dolorosamente amargas ou brilhantemente angustiadas ou sensacionalmente sensíveis que me diriam para aceitar uma vida de confortável

mediocridade ou me arriscar a ser esmigalhada no chão pelos ratos maiores na corrida?

Será que isso me estimularia a escolher um caminho viável, mas ainda assim

adequadamente superior, ou simplesmente me convenceria de que não valia a

pena tentar?

— Está bem — falei devagar, avaliando a reação dele —, mas vamos apresentar a dita Ambição de uma maneira positiva ou negativa?

Brandon, filho-da-mãe, jogou a cabeça para trás e riu.

— Toquei em um ponto fraco, Ames?

Às vezes, eu suspeitava que o garoto prodígio ali podia ler a minha mente. Dei de ombros, peguei o avião debaixo da minha cadeira, para onde tinha escorregado, e lancei-o de volta para ele.

— Tudo bem. Então vai ser Ambição. *Ambition*. Parece o nome de um perfume do Calvin Klein, mas vamos fazer. — Remexi os papéis na minha mesa e comecei a rearrumar as tachinhas na lateral do mural de tela de acordo com a ordem das cores do arco-íris.

Ele alisou as dobras do avião e me estudou cuidadosamente.

— O que há com você hoje. Não está no seu clima normal de vamos-dominar-o-mundo.

— Brandon era bonitinho, no estilo amigo-do-protagonista-em-um-seriado-da-Warner.

Era só uns cinco centímetros mais alto do que eu e tinha cabelos castanhos que haviam crescido em uma juba rebelde, pele morena clara levemente amarelada e olhos grandes e expressivos de cachorrinho com apenas uma ligeira curva nos cantos para dar a pista de sua herança ("25% e contando!") asiática.

E, eram os olhos que me faziam ceder, todas as vezes. Dei de ombros novamente.

— Sei lá. Estresse de final de ano. Setecentas páginas de *Guerra e paz* para ler antes das provas.

— Ah, o romance russo — Brandon assentiu, solidário. — Seis metros cúbicos de pura tortura. Ouvi dizer que só de levantar os textos da aula um cara foi parar na fisioterapia

— ele piscou. — Não se preocupe. Em duas semanas, você estará na Pena & Tinta e eles devem ter influência nos exames de literatura. Você vai arrebentar. Mordi meu lábio.

— Eu... não vou ser convocada pela Pena & Tinta.

— O quê? — ele apontou para a plaquinha de EDITORA-CHEFE na minha mesa, para

mim, para a placa na porta onde se lia REVISTA LITERÁRIA DE ELI, um olhar de falsa incredulidade no rosto. — Como isso é possível?

Finalmente, alguém com quem conversar sobre isso! Lydia estava fazendo sua melhor imitação de *Tommy*!, aquele garoto cego, surdo e mudo do The Who, e Glenda Foster havia desaparecido em combate (provavelmente entrevistando os verdadeiros candidatos à Pena & Tinta).

— Não sei como! Mas eu fui à minha entrevista e era um bando de bobagem sobre

arquivos do F BI e minha professora da terceira série e outras coisas e aí eles me disseram que não eram da Pena...

— E se estivessem mentindo?

— De qualquer modo, não paravam de falar como eu não servia para eles. Estavam sendo bem cruéis, então os mandei pastar, mostrei o meu dedo; não que eles pudessem ver, do jeito que a sala estava escura; e fui embora.

— Uau — Brandon sorriu e aqueles olhos de cachorrinho perdido começaram a brilhar de um jeito muito particular. Eu conhecia bem aquele brilho, depois de trabalhar com ele em um ambiente tão restrito como o da revista desde outubro. Um brilho ao qual eu me tornara curiosamente suscetível desde que ele me assediara com flores e chocolates Godiva no Dia dos Namorados.

— Acho — disse ele, em um tom que traía quão pouco do interesse dele sobre mim recaía na minha entrevista para a sociedade — que devíamos continuar essa conversa durante o jantar. Que tal comida tailandesa? Temos meia dúzia de opções só na Chapei Street.

New Haven é repleta de restaurantes de curry.

Eu lhe lancei um olhar perigoso. Brandon nunca perguntava se você queria sair para um encontro "romântico", ele jogava a questão em cima de você como uma armadilha para ursos. Entenda, Brandon Weare queria que eu fosse sua namorada. Amizade-colorida não estava mais funcionando para ele (ainda que não tivesse havido reclamações enquanto ele estava recebendo os benefícios, que fique claro!).

Ah, sim. Eu dormira com Brandon. Seis vezes, para ser precisa. Talvez eu deva voltar atrás um pouco:

LISTA DE PEGAÇÃO DE AMY HASKEL

1) Jacob Allbrecker, terceiro ano. Baile de formatura. Eu namorei Jacob durante quatro meses no último ano do colegial e ele terminou comigo duas semanas antes do baile de formatura porque eu não ia até o final. Mas, como havíamos comprado os ingressos e eu tinha marcado salão para fazer o cabelo, fomos juntos ao baile mesmo assim e, apesar dos meus protestos anteriores, acabei perdendo a virgindade no quarto da irmã caçula de Colleen Morrison na festa pós-baile. Glamouroso, não? Jacob e eu dormimos juntos mais duas vezes antes da formatura e então ele entrou para a Universidade de Duke no verão, Ficamos juntos no feriado de Ação de Graças no primeiro ano de faculdade, mas não passamos da mão-boba

porque eu já estava enlouquecida por...

2) Galen Twilo. Primeiro ano de faculdade. Semana da Leitura, primeiro semestre.

Ahmeudeus, esse cara era lindo! E um artista, do tipo que escassos dois anos depois me faria rir por ter pensado que ele era profundo, com todos os seus suéteres pretos e cigarros e exemplares gastos de *O almoço nu* (que não é tão sexy quanto parece). Passei toda a Semana de Leitura (a semana sem aulas logo antes das provas, quando devíamos estudar, mas na verdade só farreávamos) na cama dele, onde aprendi todo tipo de observações inteligentes sobre a anatomia masculina e tudo que precisava para arrebentar na prova final de poesia americana do século XX . Quando voltei depois das férias de final de ano, porém, ele fingiu que não me conhecia.

3) Alan Albertson. Verão-outono-inverno. Segundo ano. Nós nos conhecemos num

emprego de verão na editora da Universidade EU e ele era dois anos mais velho do que eu. Passamos o verão inteiro juntos evitando viagens à praia e festas em piscinas (eu não nado, vide incidente infeliz no píer, e ele fica queimado que nem um camarão no sol). Era amor. E aí, ele ganhou uma bolsa Fulbright e foi para Londres (onde não há nenhum raio UV) e partiu meu coração, o que me colocou em uma trilha de depressão que me levou diretamente a...

4) Ben... Alguma Coisa. Segundo ano. Férias de primavera em Myrtle Beach. E é tudo o que eu sei, exceto que me lembro que seu pau tinha uma curva engraçada no meio.

5) Brandon Weare. Terceiro ano. Todas as garotas ficam notoriamente fracas no Dia dos Namorados — é como algum tipo de alinhamento cósmico entre o Planeta Ridículo e a Constelação Casais-Onde-Quer-Que-Você-Olhe na sétima casa da Solidão. Só sei que todo Dia dos Namorados, até a garota mais independente e academicamente dedicada do campus pode ser conquistada com uma dúzia de rosas compradas no supermercado e um cartão padrão da Hallmark.

Eu sempre fora absolutamente sincera com ele sobre o fato de que não dava exatamente uma boa namorada (veja a lista acima, se não acredita em mim). Mesmo naquele Dia dos Namorados, em algum momento entre a retirada das partes de cima e a retirada das partes de baixo, eu disse a ele: — Isso não pode ser sério, está bem? E é claro que ele disse "está bem". Não importa quantas peças de roupa você ainda está vestindo, assim que um cara acha que há sexo em jogo, ele vai concordar com qualquer coisa.

As cinco vezes em que dormi com ele depois do Dia dos Namorados... bem, o que posso dizer? Eu sou uma pateta. Agora, pelo menos, eu sabia o que ele estava querendo com todos os aviões e origamis que jogava para mim desde que nos conhecemos no segundo ano (os nerds flertam de uma forma meio estranha). Brandon estava fazendo uma

campanha regular pela clareza do nosso "status" desde fevereiro e eu evitava a conversa com um sucesso notavelmente maior do que o que tinha em resistir às tentações da carne.

Ou à possibilidade de pasteizinhos de siri grátis. Quarenta e cinco minutos depois, eu estava com a barriga cheia de comida tailandesa e o ouvido cheio das teorias de Brandon sobre como a tradição das sociedades secretas de Eli era inútil para a meritocracia moderna da universidade, como ele estava bastante certo de que fizéramos um trabalho excelente em criar uma rede de contatos e tal sem o benefício de capas pretas e apertos de mão secretos e como ele gostava de mim do jeito que eu era, que se danasse a Pena & Tinta. De modo geral, um discurso muito inteligente para uma jovem impressionável, principalmente dada a quantidade de palavras polissilábicas que ele usou. Cara, Brandon deve ter arrebentado no vestibular. Se eu não tomasse cuidado, esta noite poderia ser a Número Sete.

Só depois das bananas fritas é que ele começou a pegar pesado.

— O seu problema, Haskel, é que você analisa tudo demais.

— Se você está tentando arrumar alguém para ir para a cama, Weare — eu retruquei —, não devia começar frases com "o seu problema...".

— Aaah, isso é uma possibilidade.

Joguei a embalagem dos meus pauzinhos nele.

— Como assim, "analiso demais"?

— Presumo que conheça a definição da expressão — ele esperou a confirmação e então continuou. — Você acha que a sua vida tem que ser uma pilha de tijolos e que, se botar um tijolo ruim, a torre inteira vai cair.

Ou isso ou eu vivia empilhando tijolos que nunca se tornavam um prédio.

— Então, você se tortura com cada decisão, apavorada com a possibilidade de estragar tudo.

Há! Eu *tinha* estragado tudo em relação a esse negócio da Pena. E não esqueçamos do Ben Alguma Coisa. Eu era uma velha especialista em cometer erros. Só não era muito fã do processo.

Ele balançou seu palitinho para mim, os olhos escuros piscando sob o brilho das velas na mesa, e começou a marcar meus supostos tijolos.

— Estágio de verão, posição na equipe da revista, tema da edição de formatura, entrada para a sociedade secreta. Quando foi a última vez em que fez alguma coisa só porque era divertido?

— Lydia e eu fomos dançar no Froggie's no fim de semana passado.

— Algo maior.

Levantei minha sobrancelha.

— Algo como... começar um relacionamento com você?

— Por exemplo.

— Brandon, acho que nós temos uma ótima amizade. Não quero estragar tudo.

Ele revirou os olhos.

— Alerta de clichê.

A garçonete veio com a conta. Fiz um leve movimento em direção à minha bolsa, mas Brandon balançou a cabeça e puxou a carteira.

— Eu pago a próxima — ofereci, apesar de saber que ele não iria deixar. Brandon fazia coisas como abrir portas, puxar cadeiras e pagar o jantar. Ele também tinha a habilidade de dar um tipo de sorriso que eu sabia que era só para mim. O sorriso-Amy. Era inebriante. E eu sabia que, se me deixasse apaixonar por ele, eu cairia que nem o jato de quatro dobras.

— Olhe, nós já falamos sobre isso. — Enfiei os braços para dentro do casaco. — Você é um dos meus melhores amigos e tenho medo de que, se me envolver com você e não der certo, eu vá perder nossa amizade.

Brandon assinou seu nome na conta com um garrancho Ilustrado.

— Amy — disse ele lentamente, sem olhar para cima —, nós *estamos* envolvidos. E *não está* funcionando.

— Você sabe o que quero dizer — abaixei a cabeça.

Ele suspirou.

— Vamos sair daqui.

Nós nos levantamos e nos dirigimos para a porta mas, antes que chegássemos ao Buda de gesso rosa na entrada, ele se virou para mim e olhou bem nos meus olhos.

— Só me prometa uma coisa. Só uma vez na vida, só por diversão, não pense demais, está bem? Veja como a coisa rola.

Eu assenti.

— Está bem.

Brandon me levou até a porta de entrada do meu dormitório e eu, contradizendo a promessa que acabara de fazer, maquinava formas de deixá-lo na porta da minha suíte sem magoá-lo.

O que, no final das contas, era desnecessário. A porta da minha suíte estava aberta e Lydia estava sentada no sofá da sala. Ainda estava de casaco, o colo cheio de livros, e olhava fixo para um pedacinho quadrado de papel no chão no meio da sala.

— Lydia? — disse eu, acenando com a mão em frente ao seu rosto — Você está bem?

Ela não olhou para mim, nem mesmo piscou, só sussurrou:

— É seu.

Brandon franziu a sobrancelha e pegou o papel do chão.

— É mesmo — falou, entregando-me um envelopinho branco com as bordas de um preto brilhante e selado com uma gota de cera escura. — Devem ter enfiado por baixo da porta.

Virei o envelope nas mãos. Era feito de papel grosso, texturizado, e meu nome tinha sido impresso na frente em uma fonte estranha, angulosa.

Mas era atrás que estava meu verdadeiro interesse, pois na sólida cera preta havia a marca inconfundível de uma rosa dentro de um hexágono alongado.

O selo da Rosa & Túmulo.

Enfiei o envelope no bolso do meu casaco mais rápido do que um aluno metido a esperto com a cola da prova e então virei-me para os meus amigos.

— Então, a Pena se manifestou, afinal. — disse Brandon com um sorriso torto.

— A Pena & Tinta — falou Lydia com aquela mesma voz estranha e sem emoção —

entrega envelopes com bordas azuis e prateadas.

Brandon e eu trocamos olhares diante da demonstração de Lydia de sua obsessão por sociedades.

— Então, quem dá os pretos? — ele perguntou a ela. Os olhos de Lydia encontraram os meus, mas ela não disse

nada, e eu sabia que ela tinha dado uma boa olhada naquele selo. Se tinha conhecimentos sobre artigos de papelaria de cada sociedade, com certeza ela sabia o que significava aquele brasão.

Virei-me para Brandon.

— Muito obrigada pelo jantar. Queria poder curtir mais, mas está ficando tarde e eu tenho muito trabalho para fazer esta noite...

— De jeito nenhum. — Ele cruzou os braços por cima do moletom e plantou os pés no meu piso de tacos. — Não até eu ver aquele envelope de novo.

Lydia pareceu ter finalmente encontrado a língua, pois ficou de pé num salto e começou a conduzi-lo para a porta.

— A moça diz que está ocupada, Weare — falou, empurrando-o. — E, por mais que nós duas gostemos de você, isso significa fora. Agora.

— Mas... — disse Brandon, olhando para mim por cima do ombro enquanto Lydia o

empurrava para fora. Eu teria reclamado da forma como ela o estava tratando —

bem, meu amigo-colorido — mas minha cabeça estava ocupada demais dando piruetas e eu estava acariciando aquele selo de cera no meu bolso como se eu fosse Frodo e ele fosse o Um Anel.

— Boa noite, Brandon! — gritei enquanto Lydia o empurrava pelo vão da porta e a batia na cara dele. — Eu ligo para você amanhã, prometo!

Ela passou o trinco e virou-se para mim.

— Abra.

Dei um passo para trás, protegendo meu bolso.

— Na sua frente?

— Eu sou sua melhor amiga! — ela argumentou. Eu bufei.

— Você sumiu a semana toda! Não me conta nada sobre a sua entrevista para a sociedade e ainda acha que tem o direito de ler a minha carta?

Ela pensou a respeito por um segundo e então assentiu.

— Sim!

— Se você me mostrar a sua, eu lhe mostro a minha. — Coloquei as mãos nos quadris, percebendo no momento em que fiz isso que estava deixando o envelope bem à mão de ladrões.

— Tudo bem — Lydia falou, afastando-se. — Que seja. Vou deixá-la sozinha com seu precioso envelope. — Aí ela se virou, entrou em seu quarto e fechou a porta, me deixando perplexa diante de seu quadro de avisos.

Não era nada disso que eu esperava que acontecesse. Mas me recuperei alguns segundos depois, lembrando-me que ainda não havia aberto o envelope.

Passei um longo tempo só olhando para o selo. Será que iria quebrar quando eu o abrisse?

Virei o papel nas mãos várias vezes. É, aquele era o meu nome, e sim, aquele era o selo da Rosa & Túmulo. E aquele ainda era o meu nome.

Mas a Rosa & Túmulo não convocava mulheres.

O que diabos estava acontecendo?

Finalmente, enfiei com cuidado as pontas dos dedos por baixo da cera e abri sem quebrar.

O envelope se abriu em linhas irregulares e se desdobrou em um hexágono estranho e distorcido. As palavras estavam escritas na diagonal, com letra pesada, angulosa e era isso que diziam:

*B.A.C. * Amy Maureen Haskel:*

Você foi julgada e considerada merecedora. Esteja em seu quarto esta noite aos cinco minutos após as oito horas e espere maiores instruções.

E então, abaixo disso, estava a marca da Rosa & Túmulo. Eu estava sendo convocada pela Rosa & Túmulo!

Ah, uau. Ah, uau, ah, uau, ah, nau (para uma missiva, não era muito inovador, mas na hora eu fiquei alucinada de alegria).

Corri em direção ao quarto da Lydia, e aí dei uma freada Espere um segundo, eu não ia lhe contar nada até ela me contar também.

Brandon! Aposto como ele já devia estar em seu quarto. Eu podia ligar — não, ele acabara de me dizer o quanto achava que as sociedades secretas eram paleolíticas e a Rosa & Túmulo era, sem dúvida, o Tiranossaurus Rex do país. Eram da velha guarda, de sangue azul e seus membros com pedigree viravam juizes da Suprema Corte e

presidentes e fundadores de importantes conglomerados de mídia como a AOL Time-Warner. Homens.

Poderiam todos aqueles rumores estar errados? Ou pior, será que isso era o que alguém considerava uma brincadeira de mau gosto? Pobre Amy Haskel, não foi eleita, então vamos bagunçar com a cabeça dela. Dizia-se que essas coisas já haviam acontecido antes

---

*A confessora mais tarde descobriu que isso queria dizer Bárbara-Assim-Chamada.

— é claro que tendiam a acontecer com estudantes ingênuos do primeiro ano que não sabiam de nada. De vez em quando, ouviam-se histórias sobre universitários galhofeiros vestindo capas, seqüestrando um bando de alunos novos e fazendo-os passar por todo tipo de humilhações fingindo ser uma forma de "iniciação".

Mas, sério, também não seria fácil enganar um aluno mais avançado? Não era como se eu pudesse pedir a identidade para um bando de figuras de capa preta quando eles

aparecessem. Como o tal Sombra-Que-Sorri havia dito para mim durante a entrevista, é por isso que eles a chamam de *secreta.*

Bati com as mãos no ar de frustração. Por que não havia um setor de informações para isso? Por que não estava descrito no manual do estudante? Por que o canto paranóico do meu cérebro havia amordaçado e amarrado os quatro pés da parte racional?

Muito bem, Amy, pense. Pense. Chequei o meu relógio e aperfeiçoei o meu mantra. *Pense mais rápido.* Eu tinha dez minutos antes que os rapazes de preto chegassem.

Será que eu deveria aceitar? Deveria aceitar, mesmo que suspeitasse que isso não passava de um trote cruel? Porque, e se *fosse* Rosa & Túmulo e, se esse convite fosse o que parecia ser, o que a entrada para a sociedade significaria para mim?

Eu ainda estava considerando isso nove minutos e meio mais tarde, quando houve uma batida na minha porta. Congelei, apertando o envelope com força nas mãos e olhando para a porta como se ela fosse a única coisa entre mim e o Armagedon.

Houve outra batida.

Lydia entreabriu a porta do seu quarto, enfiou a cabeça para fora e olhou da entrada para mim e de volta para a entrada.

— Vai atender?

— Estou decidindo.

— Ah, é isso o que está fazendo? — ela ergueu a sobrancelha para mim. — Porque você não parece muito determinada.

Mais uma batida, essa muito insistente. Lydia revirou os olhos, atravessou a sala até a porta e a escancarou... e então eles entraram, esbarrando em uma Lydia confusa e me cercando.

Não sei dizer quantos eram — pelo menos, não antes que me levantassem em seus braços e me levassem porta afora, as capas pretas adejando em seu rastro. Era tão emocionante quanto eu sempre achava que fosse. Mas a viagem acabou abruptamente cerca de dez segundos depois, quando entramos em outra sala escura (eles gostam muito de salas escuras) em algum lugar do meu prédio. Eles me depositaram com o lado certo para cima e se afastaram.

Após um instante, eu recuperei o fôlego. A sala era iluminada por uma única vela de cera preta, atrás da qual eu podia ver um homem com seu capuz preto puxado para baixo por cima dos olhos. Eu obviamente não vinha comendo muitas cenouras, porque não

conseguia enxergar nada além do brilho da vela. Havia um cheiro estranho no ar, algo familiar mas indefinível e definitivamente incompatível com a visão diante de mim.

— Amy Maureen Haskel?

— Sim — falei numa voz um tanto ofegante.

— Rosa & Túmulo: aceite ou rejeite.

Ali estava. Acabara o tempo. E eu não fazia idéia do que pensar.

E então, as palavras do Brandon voltaram a mim: *Prometa-me, só uma vez na vida, só por diversão, não pense demais.*

Abri a boca.

— Aceito.

Por meio desta eu confesso:

na primeira chance que tive comecei a pensar demais.

3.

Mudando de Idéias

Assim que pronunciei as palavras, a luz se apagou e, a julgar pelo alvoroço que se seguiu, eles não estavam esperando que voltasse a ser acesa. Alguém se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

— Lembre-se bem, mas fique calada em relação ao que ouviu aqui.

Quando finalmente cheguei cambaleando à parede e senti o azulejo frio debaixo dos meus dedos, todo mundo havia ido embora. Acendi a luz. Eu estava num banheiro, sozinha, com nada além de máquinas de camisinha e cimento mofado como companhia.

Então, aquele era o cheiro. E nem era na minha entrada.

Humm, ei? Eles não deviam me carregar para seu mausoléu de pedra e me apresentar a uma vida que fosse além dos meus sonhos mais alucinados? Franzi a testa, abri a porta do banheiro e saí.

Cerca de meia dúzia de estudantes perambulava pelo corredor me olhando. Um desses caras — há um em todo dormitório — que nunca se acostumara com a idéia dos

banheiros mistos de Eli, pulava para cima e para baixo na ponta dos pés, como se estivesse esperando que a *garota* saísse antes que ele pudesse entrar no banheiro.

— Já acabou ou vai haver outra festa aí dentro?

Controlei meu rosto para ficar com uma expressão neutra.

— Alguém tem um rolo de papel higiênico?

Viu? Eu ainda ia ser uma especialista nesse negócio de segredo.

Ignorando os espectadores, caminhei de volta para a minha suíte, onde presumi

que Lydia estaria esperando para ouvir toda a truncada experiência nos mínimos detalhes. Mas Lydia havia sumido — convocada, talvez, por outra sociedade na minha ausência. Ela não sairia por nenhum outro motivo, certo? Não esta noite.

Esperei na sala por 15 minutos, imaginando que, se sua convocação funcionasse da mesma forma que a minha, ela estaria de volta num instante. Bebi uma Coca e tentei ler uma edição de trê meses da *Cosmo* que estava largada em cima da mesa de centro.

Brandon estava certo, as chamadas eram muito mais intrigante do que mais uma matéria explicando que as mulheres tinham pontos G. Não passei do terceiro anúncio de perfume (nenhum dos quais, fiquei muito feliz em ver, vendia algo chamado "Ambição").

Levantei-me e fui até a janela, mas não havia sinal de Lydia ou de um bando de silhuetas de capa. Meia hora depois, decidi acalmar meus nervos dando um bom passeio — até a High Street.

Agora, além de ser o lar do departamento de inglês e do auditório de história da arte, a High Street também é conhecida por hospedar o mausoléu da Rosa & Túmulo (esses

"mausoléus" permeavam o campus, suas fachada imensas, com aparência de jazigos, escondendo interiores que supostamente pareciam mansões. Lembre-se, as pirâmides egípcias também eram mausoléus. Mas ninguém sabia se os das sociedades guardavam realmente... cadáveres). De acordo com os boatos, há um código intrincado para os membros, que podem dizer exatamente o que está acontecendo dentro do mausoléu

baseado na posição dos portões baixos de ferro batido que guardam a entrada. Eu não sabia qual era o código, mas presumi que descobriria. Em algum momento.

Passei pela entrada de duas residências universitárias e então, como era comum entre todos os estudantes, atravessei para o outro lado da rua, para não ser vista andando na frente do mausoléu da Rosa & Túmulo. Era uma regra não-verbalizada no campus — o equivalente universitário a se recusar a passar em frente a uma casa mal-assombrada do nosso bairro de infância.

O mausoléu era feito de blocos de arenito e parecia, de algum modo, mais escuro do que os prédios de pedra e ardósia ao redor. Uma cerca circundava um jardim

maltratado, salpicado de pedaços com grama e alguns pequenos narcisos nascidos fora de época.

Estranho que os Coveiros não cuidassem do paisagismo, ainda que isso pudesse dar um ar mais imponete à propriedade. O poste de luz mais próximo do mausoléu estava eternamente quebrado, significando que este ficava num poço de escuridão e sombras longas e sinistras. Se eu fosse boba, acharia que eles faziam de propósito.

Talvez eu fosse boba. Sentei-me no meio-fio e descansei o queixo nas mãos, olhando cuidadosamente para o prédio. O portão estava semi-aberto. O que isso significava?

Alguém estava lá dentro? Alguém não estava? Alguém estava espreitando nas sombras, esperando para me atacar no segundo em que eu me aproximasse? Olhei para os dois lados da rua, mas estavam desertos.

O medo irritante no fundo da minha mente surgiu para judiar de mim. *Não foi a Rosa & Túmulo que a carregou para o banheiro. Foi um trote e você caiu de cabeça e capa com capuz. Amy Haskel, sua idiota, você vai ser a piada de Eli amanhã.*

Por que eles não tinham me levado com eles? Haviam me convocado, certo? Eu era um membro agora, certo? Então, se eu quisesse ir até aquele portão, se quisesse passar direto por ele, bater na porta e exigir saber o que diabos estavam fazendo, era um direito meu.

Certo?

E, se você não for um membro, eles a levarão para a masmorra.

Levantei-me, fechei os punhos ao lado do corpo e marchei para o outro lado da rua, totalmente determinada durante o total de dez passos. Assim que cheguei ao portão, minha resolução vacilou e eu parei para verificar de novo. Ainda não tinha ninguém vindo.

Prendi a respiração e botei a mão no portão. Nada. Ninguém veio me prender ou gritar comigo ou ameaçar erradicar minha existência do planeta por ousar me infiltrar nos domínios da sociedade sem permissão. Dei um passo para dentro. Depois, dois. Em algum momento por volta do sexto passo, o portão fechou com

uma batida atrás de mim.

Eu gritei, pulei meio metro no ar e corri de volta para a cerca.

O portão não abria. Remexi nas lingüetas mas, se havia um mecanismo de abrir, meus dedos não o estavam encontrando e eu não conseguia ver nada no escuro. Ah, droga. Eu era membro há apenas cinqüenta minutos e já havia quebrado a cerca e avacalhado o código secreto.

E invadido a propriedade. Não se esqueça como você invadiu a propriedade. Eles vão pegá-la. Corra! Corra, antes que alguém a pegue.

A voz ganhou e eu pulei o portão, prendendo a barra da minha calça favorita em um dos espigões que saíam de cima. Por vários segundos, agi como uma jogadora de amarelinha doida depois de fumar crack enquanto tentava libertar minha perna da armadilha de ferro fundido. Aí, vi um grupo de três alunos saindo da faculdade Calvin e dirigindo-se para o Old Campus. Parei de pular. Talvez eles não me vissem se eu ficasse completamente imóvel. Ei, funcionou para aquelas pessoas no *Parque dos dinossauros.*

Felizmente, o estudante universitário mediano tem a sagacidade de orientação de um pufe de bolinhas de isopor. Eles nem olham para os dois lados antes de atravessar a rua.

Portanto não olharam para a garota na High Street que estava presa ao portão da Rosa & Túmulo.

Rasguei a bainha da calça para soltá-la e então, com o jeans rasgado batendo no cimento atrás de mim, saí correndo para longe do mausoléu num ritmo que teria me garantido tranqüilamente um lugar na equipe de atletismo de Eli.

Só diminuí o ritmo para uma corrida normal até estar de volta ao jardim do meu alojamento universitário. A Universidade Eli, mais ou menos como a Hogwarts do Harry Potter, é organizada de acordo com o sistema residencial dos colégios internos britânicos.

Não usamos um chapéu mágico ou nada parecido mas, quando você se matrícula, é

designado para uma das doze "universidades" residenciais, o que determina onde

você mora, em que refeitório você come, para quem torce nos campeonatos esportivos internos e que reitor tem o privilégio de cortar sua cabeça quando você faz alguma bobagem. Cada uma dessas doze universidades vem com um suprimento de professores residentes assim como com seu próprio reitor, uma espécie de "diretor" docente que serve como conselheiro acadêmico e disciplinador residente, e um supervisor universitário, que observa nossas atividades sociais e organizações universitárias específicas. Se você não conseguisse entregar um trabalho a tempo, ia até o reitor para pedir ajuda. Se precisasse de fundos para organizar um concurso de culinária na Universidade Prescott, a pessoa certa era o supervisor (ou supervisora).

A pior punição que você pode receber em Eli além da expulsão chama-se "vida rústica "

— o que significa que, após um divertido período de suspensão, você é recebido de volta no seio de Eli, mas privado de sua identidade universitária. Daquele ponto em diante, o indivíduo suspenso não pode morar no campus (todas as habitações são baseadas nas designacões da universidade) e não tem um supervisor universitário ou um reitor a quem recorrer em períodos difíceis. Você está só marcando tempo e créditos de aulas até o diploma. Foi batizado em homenagem a um tipo de banimento popular durante o Império Romano, o que diz bastante acerca da auto-imagem inflada dessas escolas. A identidade universitária é fundamental, mesmo para pessoas com afiliações muito mais poderosas —

como a Rosa & Túmulo. Se algum dia você encontrar outro aluno de Eli, a primeira pergunta que ele vai fazer é "Em que universidade você estava?"

Eu era membro da Prescott, que fora batizada em homenagem a um dos fundadores da escola. Outras universidades eram batizadas em homenagem a cidades de Connecticut (a Hartford, onde Glenda morava) e figuras históricas, cientistas e líderes religiosos famosos (como a Calvin, em homenagem a Calvino, ao lado do mausoléu da Rosa & Túmulo).

Apesar de hoje em dia a designação da sua faculdade ser geralmente aleatória (mas você pode escolher ficar na mesma em que seus irmãos ou seus pais ficaram), antigamente cada uma delas tinha uma personalidade específica baseada em seus membros — mais ou menos como as sociedades secretas.

A Prescott já foi conhecida como a universidade do "legado" — é onde o presidente morou enquanto esteve em Eli, assim como seu pai antes dele. Ainda tem muito dinheiro em um fundo, ganho por meio de doações de ex-alunos, e quartos bem grandes. Então, eu dei sorte nessa, já que não sou nem legado de ninguém nem rica como Donald Trump.

Olhei para a janela da minha suíte; ainda estava às escuras, o que significava que Lydia ainda não voltara para casa. Pensei em ir procurar alguns dos meus outros amigos, mas sabia que nenhuma conversa ia durar dez minutos antes que eu soltasse: "Uma sociedade secreta convocaria alguém e depois desapareceria? Hipoteticamente, é claro."

Ah, eu era ridícula. Depois de um exame minucioso do pátio (durante o qual me deparei com uma poça de vômito, uma pilha de livros não-identificados e uma amiga do terceiro ano dando uns amassos com um cara que definitivamente *não* era seu namorado — mas sem nenhum sinal de figuras encapuzadas), encaminhei-me de volta ao meu quarto, totalmente derrotada e mais do que um pouco chateada por ter rasgado o meu jeans.

De acordo com todas as lendas que já ouvi, a Noite de Convocação não era para ser assim. Que decepção. Vesti meu pijama e andei até o banheiro para escovar os dentes.

Passar o fio dental, felizmente, me deu a oportunidade de me observar longamente no espelho. Eu não *parecia* um membro de uma das mais famosas sociedades secretas nos Estados Unidos. Eu não parecia alguém que podia alegar irmandade com o chefe da CIA, o presidente dos Estados Unidos ou o novo diretor-executivo da Fox.

— Arrmita — gargarejei para o meu reflexo com o fio dental entre os dentes. —-Vorrê caiu nuha egadinha.

Eu tinha toda a intenção de estar fora da suíte antes de ver Lydia e ser obrigada a lhe contar tudo sobre o que *não* havia acontecido comigo na noite anterior. Até me vestira de acordo, com um jeans escuro missão secreta (não os que eu havia rasgado) e meu moletom de capuz com o brasão da Universidade Eli detonado.

O que eu não previ foi que ela estaria me esperando no refeitório, tendo descolado um lugar bem ao lado do bufê de cereais. Esse é o problema com as melhores amigas. Elas sabem exatamente que tipo de café-da-manhã você vai escolher. Se eu estivesse a fim de um pãozinho em vez de uma tigela de sucrilhos, ela nunca teria me achado.

— Bela roupa — ela murmurou por cima da xícara de café. — Está bem de acordo.

Joguei um pouco de leite desnatado dentro da minha tigela e me esparramei na cadeira à sua frente.

— O que você quer dizer com isso? Ela apontou a colher para a minha roupa

— Cores escuras, capuzes misteriosos... é muito sutil — ela sorriu maliciosamente.

— Eu já usei esse moletom centenas de vezes.

— Nunca quando estava realmente *em* uma sociedade secreta. — Lydia estava vestida com uma blusa rosa-claro e um par de calças cáqui e parecia tão misteriosa quanto um piquenique de igreja.

Tudo bem, talvez eu não parecesse discreta, mas com certeza podia interpretar o papel.

— O que a faz pensar que eu estou numa sociedade secreta? — perguntei, dando uma colherada no meu cereal.

— A dúzia de figuras encapuzadas que a carregaram fisicamente para fora da nossa suíte na noite passada.

Aha! Respirei fundo.

— Como sabe que eles eram de uma sociedade secreta? Ela me lançou um olhar que dizia: *eu tenho uma média de 9,7 e você sabe disso.*

Mas, de repente, eu queria muito saber o que ela pensava sobre o assunto.

— Sério, Lyds, como você sabe? Como é que qualquer de nós sabe que não era um bando de garotos de capuz passando um trote?

— Acho que o papel timbrado da Rosa & Túmulo é uma boa pista.

— Você olhou o envelope.

— É bem difícil não ver, Amy. Florzínha, caixão enorme? — ela me olhou

cuidadosamente. — Você vai se levantar e sair da sala agora? — Para todo efeito, membros de sociedades secretas tinham que deixar o aposento se qualquer um

mencionasse o nome de sua organização. Supostamente era para protegê-los de entrar em uma discussão a respeito da sociedade, mas sempre me pareceu uma injustiça. Digamos que você estivesse em uma festa maneiríssima e uma garota quisesse que você caísse fora para ela poder dar em cima do seu cara. Só o que ela precisava fazer era começar a listar as sociedades até chegar à sua. Acho que é nesse tipo de coisa que você tem que pensar quando entra em uma.

— Depende — falei, descansando minha colher. — Cabeça de Dragão. Livro & Chave.

Serpente. Você vai a algum lugar?

Lydia não disse nada. Ficamos sentadas ali, olhando uma para a outra. Ou ela não estava seguindo a regra, ou eu não havia mencionado sua sociedade ou ela estava tão insegura quanto eu sobre o que estava acontecendo.

Tentei virar o jogo.

— Voltei para o quarto menos de cinco minuto depois que saí e você não estava mais lá.

E não voltou pelo resto da noite. Foi convocada por alguém depois que eu saí?

— Sabe que eu não posso lhe dizer isso.

— Não, não sei! — percebi que minha voz elevada havia atraído a atenção de algumas pessoas das mesas próximas e inclinei-me para a frente para falar com ela com mais privacidade. Por sorte, os refeitórios ficam mais vazios durante o café-da-manhã —

principalmente às sextas-feiras.

— Não sei nada sobre como isso funciona. Não sei nem se aqueles caras com aquelas capas estavam falando sério ontem à norte. Até onde eu sei, não fui convocada por ninguém. Coveiros ou não.

Ao ouvir a palavra "Coveiros", Lydia se retraiu.

Um pensamento horrível me ocorreu então. Talvez Lydia tivesse sido convocada pela Rosa & Túmulo — a *verdadeira* Rosa & Túmulo — e o motivo de não estar falando era que me contar que a minha experiência fora um trote significaria revelar exatamente como ela sabia disso. Afinal de contas, ela não reagira a nenhum dos nomes de

sociedades que eu mencionara antes, mas eu não falara dos Coveiros. Ainda assim, *ela* falara, o que provavelmente não faria se tivesse sido convocada... minha cabeça começou a doer.

Eu sou paranóica ou o quê? Se eu não tivesse sido convocada, eles com certeza tinham perdido uma candidata da melhor qualidade. Inteligente, sexy e neurótica o suficiente para deixar orgulhosa qualquer organização clandestina.

Lydia se recostou e tomou outro gole de café.

— É verdade que houve trotes no passado. Você acha que foi o que aconteceu com você?

Eu encolhi os ombros.

— Como é que eu vou saber? Se foi um trote, não foi muito alto na escala da humilhação.

Acho que eles tentariam pelo menos fazer algum tipo de iniciação de mentira.

Ela assentiu pensativamente.

— Então, o que fizeram?

Abri a boca para lhe contar, mas aí fechei-a novamente. Por que eu deveria contar qualquer coisa para Lydia se ela não estava disposta a ser recíproca? Além disso, o que eu podia dizer e o que não podia? Na chance improvável de que todo esse fiasco tivesse sido para valer, em que tipo de encrenca eu me meteria se relatasse a experiência? Havia opções demais para considerar.

POSSIBILIDADES

a) Eu havia sido convocada pela Rosa & Túmulo e portanto não devia contar nada a ninguém.

b) Ou eu fora convocada ou fora enganada, e contar à Lydia significava que podia descobrir qual dos dois havia sido.

c) Eu fora vítima de uma pegadinha e Lydia era membro da Rosa & Túmulo e estava apenas brincando comigo.

d) Nenhuma das anteriores.

Pena que era Lydia quem havia passado o semestre resolvendo problemas de lógica para se preparar para os exames de admissão na Escola de Direito, para onde só se vai depois de ter cursado uma faculdade Eca. Como se eu já não estivesse sob pressão suficiente.

Por que uma garota não podia simplesmente terminar *Guerra e paz*, arrebentar nas provas finais, editar um numero sensacional de formatura da revista literária, preparar-se para um verão em Manhattan e curtir um relacionamento sem compromisso com um garoto bonitinho, ainda que ligeiramente CDF, que gostava de lhe pagar comida tailandesa? Será que era pedir muito?

Na verdade, olhando para a coisa dessa maneira, era. Era coisa à beça. E agora eu podia ter ou não que acrescentar "entrar para uma famosa irmandade clandestina" à lista.

— Sei lá — disse eu. — Não parece nada com as coisas que acontecem nos filmes, com certeza.

— Nenhum sangue de porco ou sacrifício de virgens?

— Onde eles encontrariam uma virgem por aqui?

Lydia cuspiu seu café. Depois de se recompor, colocou a xícara de volta na bandeja e olhou para mim.

— Sabe, se você realmente acha que é um trote, sugiro que faça uma pesquisa.

— Que tipo de pesquisa? — Eu realmente esperava que ela não estivesse prestes a propor outra excursão ao mausoléu da Rosa & Túmulo. Eu ainda estava assustada com a noite passada e não podia me dar o luxo de perder outro jeans.

— Na biblioteca. Eles têm muitas informações sobre sociedades secretas.

— Sério? — levantei as sobrancelhas. — Mas, e a parte "secreta"?

— Uma evolução surpreendentemente recente — ela se inclinou para a frente. — Eles costumavam publicar a lista dos convocados pela Rosa & Túmulo todo ano no *New York Times*.

— Isso não pode ser verdade.

— Mas é. Os membros colocavam nos seus currículos. Eram muito abertos a respeito.

Meio em desacordo com todo o negócio de "sair do local", não é?—ela fez uma pausa e olhou para seu prato. — Mas isso não torna tudo menos válido.

Seu subtexto era claro: ela não ia me contar nada sobre sua sociedade. E me magoou mais do que eu esperava. Lydia e eu sempre havíamos dividido tudo. Morávamos juntas há três anos. Eu fora visitá-la em Londres no verão passado. Alugáramos aquele quarto na casa de praia em Myrtle Beach na primavera do segundo ano. Ela sabia que eu andava

tentando escrever romances, eu sabia que tinha tido um caso com o professor assistente de ciência política do segundo ano. Tirando todo o fator ele-é-seu-

professor-eca, não era tão questionável quanto parece. Ele só tinha 24 anos. Está bem, você tem razão, é questionável, mas não sou eu quem vai julgar — lembra-se do Ben Alguma Coisa?

Quando voltei para nossa casa de praia na manhã seguinte, igualmente mortificada e apavorada — como eu podia ter dormido com alguém que não conhecia? O que havia comigo? — Lydia nunca me passou um sermão, só me encorajou a me lembrar o máximo que podia sobre o incidente (como, por exemplo, de ter usado camisinha, graças a Deus!) e, pelo resto da semana, ficou alegremente em casa sem sair para a balada, jogando palavras cruzadas sóbria e livre de garotos comigo na praia. Ela era minha melhor amiga.

Mas isso estava mostrando ser maior do que uma transa mal pensada de uma noite só.

Podia até mesmo ser maior do que a nossa amizade.

Lydia olhou para seu relógio e gemeu.

— Tenho que ir para o laboratório (todos os cursos de ciência, até os piores,

desenvolvidos para estudantes de história como Lydia, que não sabem a diferença entre ligação covalente e um chip de computador, estão localizados do outro lado do campus.

Eli sabe quais são suas prioridades ou o quê?). Se você for à biblioteca, pode devolver dois livros para mim? Estão em cima da minha cama.

Assenti e Lydia saiu, deixando-me sozinha com meus sucrilhos e um apetite que diminuía rapidamente. Eu queria realmente passar minha manhã peneirando pilhas de documentos, só para descobrir que toda a minha experiência na Noite de Convocação fora um trote?

Evidentemente, eu adoro sofrer. No caminho para a Biblioteca Memorial Dwight, passei pela suíte para pegar os livros da Lydia, uns volumes velhos sobre história com títulos que eu mal conseguia ler nas capas que se desintegravam. Havia um pedaço de papel saindo do meio das páginas de um deles, coberto com a caligrafia cuidadosa e retinha de Lydia. Ela esquecera suas anotações.

Mas, quando puxei o papel para fora, pude ver que era uma impressão do catálogo online, coberto de marcações e anotações. Eu estava prestes a largá-lo em cima da mesa quando um dos títulos chamou minha atenção:

Kellogg, H. L. Sociedades secretas universitárias: seus costumes, natureza e os esforços para sua supressão. *Chicago: Ezra A. Cook, 1874.*

Não surpreende que Lydia soubesse onde arrumar o furo.

Como se para me convencer de que não estava ficando obcecada com toda essa história de sociedade secreta (afinal de contas, pelo menos 90% dos alunos de todas as turmas de Eli entram para uma!), carreguei GEP para ler na biblioteca. Levei duas horas para encontrar os cinco títulos listados no papel de Lydia. As estantes da biblioteca Dwight têm cerca de 12 andares de altura, com recantos c buracos suficientes para metade do corpo discente se esconder. É uma velha tradição de Eli fazer sexo na biblioteca pelo menos uma vez antes da formatura (e, não, eu nunca fiz, nem mesmo com o falso beatnik Galen Twilo).

Finalmente encontrei um dos livros enfiado entre o teto e o topo da estante onde deveria estar guardado. Mais um truque de biblioteca: se você não quisesse que alguém retirasse os livros que você precisava, você os escondia. Com freqüência eu ficava imaginando quantos volumes tinham se perdido para sempre na confusão das estantes porque algum aluno esquecera quais eram os seus esconderijos—ou nunca se preocupara em desfazer o estrago quando o semestre acabara (está vendo, você acha que estudantes das

universidades da Ivy League eram um bando de pessoas honestas e confiáveis, mas não.

Algumas das coisas que eu já vi fazerem neste campus são praticamente criminosas. Mas nunca pensei que Lydia fosse do tipo que teria esse tipo de comportamento).

Dirigi-me para a sala de leitura mais próxima e me instalei em uma das mesas de madeira entalhada que iam de uma ponta à outra. Gigantescas poltronas de couro cor de vinho e lâmpadas de leitura elegantes com cúpulas verdes completavam a decoração, e o sol matutino de sexta-feira brilhava nas janelas com vitrais e destacava os arcos góticos de pedra que se elevavam em uma abóbada acima da minha cabeça. As salas de leitura da memorial Dwight simplesmente exalavam um ar de ambiente acadêmico de alta classe.

Imediatamente comecei a me sentir sonolenta.

O que tinha mais a ver com o teor de cafeína de um cappuccino: 1.472 páginas

de literatura histórica russa exaltando os feitos da invasão napoleônica ou ensaios empoeirados sobre fraternidades universitárias do século XIX?

Argh. Decidi espantar o tédio trocando de um para o outro regularmente. Natasha Rostov estava aprontando das suas, mas o volume sobre sociedades não me presenteou com nenhurna informação útil. Sério, eu lá me importo se a Phi Beta Kappa começou na William & Mary? Quero saber o que está acontecendo na Rosa & Túmulo no século XXI.

— Oi, Amy.

Olhei para cima e vi Malcolm Cabot de pé ao lado da mesa. Estudante do último ano, baladeiro conhecido e filho de um governador de estado, Malcolm Cabot e eu não andávamos nos mesmo círculos sociais. Meus amigos se enchiam de pipoca e assistiam à maratonas de *Sex and the City*, enquanto a galera dele gostava de dirigir até "A Cidade"

para maratonas de sexo no fim de semana. Ele não estava na minha faculdade, nunca estivéramos na mesma sala e, até onde eu sabia, não havíamos trocado mais do que três palavras em meus anos em Eli.

— Humm, oi.

Tudo bem, quatro palavras.

— E aí? — Malcolm torceu o pescoço em direção ao meu material de leitura, o qual, felizmente, estava no momento aberto na página 834 de GEP. Ele vestia uma camisa pólo verde-clara com as letras "UC" impressas no canto e um jeans que caía perfeitamente.

Seu cabelo cor de areia parecia ter sido arrancado direto de um catálogo da marca esportiva Abercrombie & Fitch. Estava com a bolsa de carteiro atravessada no peito e tocava a alça com os dedos.

— Aula de romances russos, não é? De qual você mais gostou?

— *Crime e Castigo* — disse eu. — Só tem 500 páginas.

Ele riu,o que fez com que recebesse olhares feios de pelo menos três outras pessoas na minha mesa. Malcolm se recompôs então, mas continuou

tamborilando na alça da bolsa.

Se você me perguntar, o ritmo, mais do que a conversa sussurrada, era o que fazia sua presença ser um fator de distração. E agora havíamos chegado a duas dúzias de palavras.

— A prova final é mole — continuou. — Portanto, não se preocupe.

— Valeu. —Eua cho. *Tum, tum, tum.*

— Não estude muito. Vai precisar da sua energia.

Hein? Meus olhos zuniram para seu rosto.

— Do que você está falando?

Ele sorriu então, mostrando-me um conjunto de lindos dentes brancos.

— Ah, eu quase me esqueci — ele parou de tamborilar por um segundo, remexeu em sua bolsa de carteiro, retirou três livros e colocou-os na minha mesa.

— Isso pode ajudá-la quando estiver boiando na aula —apontou para cada um deles de uma vez. — Said era uma crítico pós-colonialista, Levi-Strauss defendia o estruturalismo e Aristóteles... bem, ele é o crítico *mais velho* no livro. Nenhum mereceu aquele B- em literatura etíope.

Olhei para aquele sorriso extremamente familiar, depois para suas mãos, que ele começara a tamborilar na alça da bolsa novamente. Bem ao lado do pequeno broche de ouro preso na lona que mostrava uma rosa dentro de um hexágono alongado.

Malcolm Cabot era a Sombra-Que-Sorri. E ele estava na Rosa & Túmulo.

O que significava...

— Ei — eu disse. Alto.

— Shh! — a repreensão dura veio de uma garota na mesa ao lado. Torci meu pescoço e parei bem além do corpo do Malcolm para ver Clarissa Cuthbert

olhando para mim por cima da borda de sua bolsa Louis Vuitton. O olhar de Clarissa fez um pingue-pongue de mim para o Malcolm e de volta para mim, e então seus olhos azul-gelo se estreitaram.

Um ligeiro espanto. Provavelmente estava imaginando o que o filho do governador Cabot estava fazendo conversando comigo. Como Malcolm, Clarissa fazia parte da elite suprema da universidade.

E Malcolm estava se aproveitando da minha distração. Ele despenteou meu cabelo.

— A gente se vê em breve, gata.—Então, deu meia-volta e foi embora.

Ignorando Clarissa e esquecendo-me completamente tanto dos livros sobre as sociedades quanto dos críticos preferidos do Malcolm, catei o GEP (com as duas mãos, é claro, já que o livro idiota pesava 90 quilos) e corri atrás dele.

Quando finalmente cheguei ao corredor principal da biblioteca, ele já não estava em lugar algum. Estantes? Saída? Argh! Andei o mais rápido possível para a porta da frente, o tempo todo varrendo cada vão com os olhos atrás de um relance de sua camisa verde ou de seu cabelo louro. Sem sorte.

Na porta, passei pelo processo complicado de não-esta-é-a-minha-cópia-de-*Guerra-e-*

paz-por-isso-não-tem-o-código-de-barras-da-biblioteca de sempre e então desci correndo os degraus da frente até o Cross Campus Green. Nenhum sinal dele ali também.

O quê, os membros da Rosa & Túmulo também tinham uma entrada secreta para a biblioteca?

Tudo bem, eu enfrentaria os leões em seu covil, *UC* queria dizer Universidade Calvin na abreviatura de Eli e verde era a cor da universidade. Eu o seguiria direto até seu alojamento. Tentei parecer digna enquanto andava rápido pelo gramado de volta à High Street, mas o peso do GEP atrapalhava o meu avanço.

PENSAMENTOS QUE PASSARAM PELA MINHA CABEÇA NO CAMINHO

1) Malcolm Cabot sabia que eu estava enchendo lingüiça na minha entrevista,

mas me convocou assim mesmo.

2) Devia ser conveniente para Malcolm o fato da Universidade Calvin e do mausoléu da Rosa & Túmulo serem bem ao lado um do outro.

3) Será que os Coveiros têm a Prova final de romances russos no arquivo?

Passei o cartão-chave na entrada da Universidade Calvin e abri o portão pesado. Alguns passos depois e eu estava em seu pátio pequeno e ensolarado, vazio a não ser por um cara com uma camisa pólo verde dirigindo-se para uma das entradas mais afastadas.

— Malcolm — gritei e ele parou imediatamente. Corri até ele. — Você é um Coveiro —

falei quando cheguei ligeiramente ofegante.

Ele agarrou o meu braço e me levou até um dos bancos de pedra posicionados mais longe das janelas.

— E você — ele sibilou no meu ouvido em um tom muito mais baixo do que eu estava usando — não *é* exatamente discreta.

Revirei os olhos enquanto nos sentávamos.

— O quão discreto é esse seu broche?

Ele bufou.

— Você levou mais ou menos 90 segundos para vê-lo e eu praticamente tive que furar seu olho com a parte pontuda.

— Obrigada por se conter.

— Não há de quê.

Cruzei os braços em cima do peito.

— Agora eu quero uma explicação.

Ele estreitou os olhos.

— Para o quê?

— Para o quê! — olhei em volta do pátio. Ainda vazio. Mas abaixei a voz, de qualquer modo. — Para ontem à noite, é claro.

— Você pareceu entender o processo, na hora.

— É, mas aí vocês simplesmente me deixaram lá. No banheiro.

— É claro. Tínhamos que pegar mais outras onze pessoas, sabe, Amy. Estávamos

ocupados.

Digeri isso enquanto ele olhava em volta.

— Olhe, este não é o momento para conversar. Tudo o que você precisa saber está nos...

— ele parou e olhou para as minhas mãos, vazias a não ser pelo GEP. — Onde estão os livros que eu lhe dei?

— Na biblioteca, eu acho.

— O QUÊ! — agora era a vez de Malcolm falar alto. Ele pulou do banco e ergueu as mãos no ar. — Você simplesmente os deixou lá?

Olhei para ele atônita.

— Eram livros de biblioteca. E eu já tenho uma cópia de *Poética* no meu quarto.

— Tinha... argh! — ele socou o ar com as mãos. — Havia algo em Aristóteles. Para você.

De nós.

— Ah.

— *Ah*? — Ele andava de um lado para o outro na minha frente. — Ah?! É tudo o que você tem a dizer?

— O que eu deveria dizer? Acha mesmo que depois daquela sua ceninha eu ficaria mais interessada em ir atrás de você ou em saber um pouco mais da opinião do Cara Branco e Falecido sobre crítica literária?

— Bem, não achei que você simplesmente os deixaria lá! — ele se jogou de volta no banco e colocou as mãos na cabeça. — Eu disse a eles que não devíamos ser criativos. Eu disse "Qual é o problema com os Correios?" Mas alguém me ouviu? Não. E agora veja isso.

Dei um tapinha em seu ombro, porque me pareceu a única resposta adequada, mas por dentro eu já estava planejando meu trajeto de volta à sala de leitura.

Malcolm levantou-se de um salto e me agarrou pelos ombros. Ele olhou para mim

resoluto.

— Escute, você não pode deixar que ninguém mais veja a carta que eu botei dentro daqueles livros. Isso pode estragar tudo. Você tem que voltar à biblioteca e pegá-los de volta. Agora. Entendeu?

Assenti, meio perplexa, e coloquei as mãos em seu peito para afastá-lo. E, naturalmente, foi quando a porta da entrada mais próxima se abriu e Brandon Weare saiu.

— Ei, Haskel — disse ele com uma voz que era tudo, menos casual. — E aí?

Malcolm abaixou as mãos e deu um passo para trás e eu tentei pensar na maneira menos constrangedora de reagir.

OPÇÃO UM: "Epa, Malcolm, cuidado nesses pisos irregulares, não vai querer tropeçar!"

OPÇÃO DOIS: "Ei, Brandon. O Malcolm estava refazendo uma cena de *The O.C.* que eu perdi na semana passada."

OPÇÃO TRÊS: "Oi, Brandon. Malcolm e eu não podemos conversar agora. Temos que voltar à biblioteca antes que alguém encontre a correspondência ultra-secreta que o agente Zero-Zero-Cabot da Rosa & Túmulo aqui deixou dentro de um livro que eu não tinha a menor intenção de olhar."

Mas Malcolm assumiu, passando de comediante-pastelão-apavorado para James-Dean-tranqüilo em um instante.

— Ei, cara, e aí? — Ele estendeu a mão e cumprimentou Brandon com um toque de mãos antes que meu amigo-colorido pudesse entender o que estava acontecendo. — Queria lhe dar os parabéns pelo último jogo interno de badminton. Já pensou em ser capitão da equipe no ano que vem? Acho que Calvin vai jogar a sério pela taça Tibbs.

Brandon jogava badminton? Vivendo e aprendendo. É claro que, considerando a

obsessão do cara por aviões de papel, a peteca projetada aerodinamicamente usada no badminton se encaixava perfeitamente.

— Valeu — disse Brandon e ficou um pouco mais ereto. —Tenho pensado nisso.

Inacreditável. Olhei para Malcolm com outra perspectiva. Ele havia distraído Brandon totalmente.

— Está fazendo alguma coisa agora? — Malcolm estava perguntando. — Podemos ir

falar com o coordenador da Calvin Tibbs a respeito.

— Bem, eu queria conversar com a Amy...—Brandon me lançou um olhar rápido mas, antes que ele pudesse dar seu sorriso-Amy, Malcolm se adiantou.

— Ah, ela está indo para a biblioteca — Malcolm agarrou o ombro de Brandon e fez algum tipo de gesto complicado com as sobrancelhas na minha direção.

— Vamos — continuou, levando meu Brandon embora.

Fique parada ali, sozinha no pátio da Calvin, e comecei a questionar a veracidade da seqüencia de Totalmente-Dedicado-A-Você de Brandon. O cara acabara de me trocar por badminton interno.

O lado positivo era que eu estava definitivamente a caminho de me tornar um membro da Rosa & Túmulo. Então, cara, como eu precisava recuperar aqueles livros!

Corri de volta para a biblioteca, cruzando os dedos para que os assistentes bibliotecários ainda não tivessem feito sua ronda pela sala de leitura.

Mas minha sorte não vingou. Cheguei à mesa em que estivera sentada e ela tinha sido totalmente desocupada. Nenhum livro sobre sociedades, nenhum volume sobre crítica literária, nenhuma missiva da Rosa & Túmulo.

Droga. O próximo aluno do primeiro ano que tivesse que ler *Poética* com certeza teria uma surpresa. E eu já ferrava meu primeiro objetivo como membro de uma sociedade secreta — chegar a ser iniciada (ainda que, sério, eu não seja totalmente culpada por essa confusão. Como eu iria saber? Não é como se houvesse um folheto com o título "Então você quer entrar para uma sociedade secreta"). *Muito bem, Amy, pense.* Eles ainda não teriam tido tempo para recolocá-los na prateleira, então provavelmente ainda estariam em um dos carrinhos de livros atrás da mesa de distribuição. Eu podia simplesmente falar com as pessoas da mesa e dizer que precisava deles de volta.

Então, ali estava eu, na fila, praticamente pulando de impaciência e forçando os olhos para ver os carrinhos atrás do balcão, esperando reconhecer pelo menos um dos volumes.

A garota miúda trabalhando no computador tinha piercing no nariz e duas mechas verdes no cabelo e, quando eu lhe disse que precisava do meu Aristóteles de volta, ela simplesmente olhou para mim e piscou.

— De acordo com o sistema — falou, puxando a informação na tela — há 215 cópias dos escritos de Aristóteles só nas estantes da Dwight.

— Eu sei, mas preciso daquele que eu estava lendo.

— E mais 167 no resto do sistema bibliotecário de Eli.

— Certo — falei, apontando para trás dela. — Mas eu preciso do que está ali no carrinho.

Ela olhou por cima do ombro, depois de volta para mim.

— Você quer que eu vá fuçar no carrinho para encontrar um determinado livro, cuja cópia você pode pegar da prateleira em 382 formas diferentes?

Bela matemática, bruxa. Eu ainda estava fazendo as contas. Mas minha mãe sempre me disse que você pode pegar mais moscas com mel.

— Por favor — inclinei-me para a frente. — Eu deixei algumas informações de saúde *delicadas* dentro dele, por acidente — gesticulei vagamente para minhas regiões baixas e sussurrei:

— *Resultados do exame.*

Ela pegou o carrinho imediatamente e começou a vasculhar os livros. Infelizmente, *Poética* não estava entre eles, assim como nenhum dos outros livros que estavam comigo antes.

— Sinto muito — falou, e então procurou dentro do bolso e retirou um cartão. Ela o escorregou pelo balcão e colocou a mão gentilmente em cima da minha. — Sabe, eu sou voluntária no Centro Feminino Eli. Se precisar conversar sobre alguma coisa, temos um telefone de Ajuda Para Crises que funciona 24 horas.

Fiz o máximo para parecer triste.

— Obrigada — falei, pegando o cartão e enfiando-o no bolso. Muito bem, e agora, o que eu devia fazer?

— Ei! Psst, Amy. Amy Haskel.

Virei-me na direção da voz e vi Clarissa Cuthbert sentada numa poltrona de couro em um pequeno recanto de leitura. Sua bolsa Louis Vuitton estava no colo, uma pilha de livros da biblioteca estava em cima da mesa ao seu lado e, entre dois dedos com unhas feitas à francesinha, ela balançava um envelope branco com uma borda preta e um lacre de cera preta.

— Procurando isto?

Por meio desta, eu confesso:

odeio Clarissa Cuthbert

4.

Semper Paratus

E deixe-me dizer por quê.

Lembra-se de Galen Twilo, o *número dois* da minha Lista de Pegação? Bem, logo depois do nosso retiro de amor na Semana da Leitura, umas duas semanas depois do segundo semestre ter começado, quando estava começando a cair a ficha no meu cérebro confuso pela luxúria de que eu nunca mais teria uma discussão pós-coito a respeito do

existencialismo e da incontrovertível insignificância do ser (eu sei, coisa estranha para se pensar logo depois de um orgasmo) nos braços do Sr. Twilo, tive um encontro um tanto infeliz.

Há uma espécie de restaurante/boate em New Haven chamado Tory's, que atende a

facções muito, muito conservadoras do corpo estudantil. Para comer lá, você tem que ser membro, e o código de vestimenta é inacreditavelmente rígido. Servem coisas como torradas com queijo derretido, e organizações do campus que têm membros do Tory's em suas listas gostam de ir lá e ter o que chamamos de "Noites de Tory's", em que cantamos canções e fazemos brindes bebendo em troféus de prata gigantes nas longas mesas nas salas de banquetes privativas do restaurante, apesar de nunca comermos realmente nada.

Clarissa Cuthbert está entre as mais conservadoras dos conservadores, e seu pai, algum poderoso do mercado financeiro, é o tipo de pessoa que paga a salgada taxa de sócio pós-graduado do Tory's só para poder comer torradas sempre que visita a filha em sua antiga alma mater.

Eu não sabia de nada disso na época. Eu sabia *da* Clarissa — ela era linda daquele tipo

"loura da Bergdorf ", a loja mais luxuosa de Nova York, vestia-se como se estivesse em um desfile de modas para cada aula, e tinha um quarto no alojamento do campus (como era exigido de todos os alunos do primeiro ano),

assim como uma sofisticada cobertura na esquina das ruas Chapei e College, o endereço para estudantes mais chique da cidade.

Ela dava festas de degustação de champanhe. Com 18 anos.

Eu ainda estava me acostumando a barris de chope.

Minha primeira Noite no Tory's com o pessoal da revista literária estava rolando há mais ou menos uma hora e meia quando o troféu quase vazio foi passado para mim.

— Beba o resto — Glenda Foster, então uma aluna do segundo ano, havia sussurrado para mim, e a mesa inteira ergueu as vozes em uma canção. Bem, as regras do Jogo da Taça Tory's são um pouco complicadas (principalmente se levarmos em conta que é um jogo para beber), mas aqui está uma lista rápida.

REGRAS DAS NOITES NO TORY'S

1) A Taça Tory nunca pode tocar na mesa.

2) Os jogadores passam a taça para a esquerda, completando meia-volta todas as vezes, e todo mundo dá um gole.

3) Quando o nível de bebida alcoólica misturada (identificada apenas pela cor —

exemplo, uma Taça Tory Vermelha, uma Taça Tory Dourada, uma Taça Tory Verde)

chega a um nível baixo o suficiente, a pessoa que a está segurando é obrigada a virar o resto, enxugar a parte de dentro com o cabelo e/ou as roupas e colocá-la, de cabeça para baixo, em cima de um guardanapo. Se houver qualquer traço de umidade impresso no guardanapo, ela tem que pagar a próxima taça (as Taças Tory são proibitivamente caras, por isso não se pede comida nas Noites no Tory's. Não podemos estourar nosso

orçamento em sanduíches de pepino).

4) Tudo isso é feito enquanto as outras pessoas à mesa cantam a "Canção do Tory", que é uma mistura incompreensível de letras, palmas e baderna bêbada generalizada, na qual eles inserem o nome do pobre bebedor. Ninguém ensina a

Canção do Tory para ninguém, a gente aprende por osmose assim que chega ao campus.

Aquelas taças provavelmente contêm mais de 3 litros, portanto mesmo quando parecem estar quase vazias, ainda há uma quantidade altamente enganadora de álcool, suco e baba dos outros balançando no fundo da taça de prata polida. E eu tinha que beber — sem me afogar. Por um segundo, pensei que teria a mesma sorte se tentasse nadar ali. Mas eu me recompus, virei e fiz o melhor que podia para secar as bordas e o interior com meu cabelo e minhas roupas. O preço de uma Taça Verde é uns 60 dólares, o que era o dinheiro que tinha para gastar durante um mês no primeiro ano, portanto eu tinha que ganhar o jogo.

E ganhei, mas paguei o preço. Tonta, melada e já me arrependendo da minha futura conta de lavanderia, pedi licença logo depois para ir ao banheiro. Desci as escadas

cambaleando até chegar ao salão principal e praticamente tropecei em uma mesa

contendo Clarissa Cuthbert, seu pai, algumas pessoas que não reconheci e Galen Twilo, inexplicavelmente vestindo calças caqui, camisa social e gravata e um blazer azul com botões dourados nas mangas.

Eles ergueram os olhos de suas saladas de agrião, olhando para minha roupa pegajosa e manchada de verde e os olhos de Galen (nunca me esquecerei disso) não mostraram absolutamente nenhum reconhecimento. Por um momento, achei que talvez estivesse vendo coisas e não fosse Galen, afinal de contas. Galen usava calças pretas com correntes penduradas e camisetas do show do Clash que encontrava em brechós no Village. Não blazeres azuis com botões dourados e — olhei para seus pés — mocassins marrons com franjinhas de couro.

Naquele exato momento, os 750 mililitros da Taça Tory no meu estômago ganharam de mim e eu corri para o banheiro. Ainda estava no reservado, tentando apagar a imagem do vômito alcoólico violentamente verde da minha cabeça, quando a porta do banheiro feminino se abriu e Clarissa entrou com uma de suas amigas (eu olhei pela fresta da porta do reservado).

— ...ele falou que saíram juntos algumas vezes. — Clarissa estava dizendo enquanto abria um pó compacto Chanel e passava iluminador no nariz. — Mas ele nunca pensou que ela apareceria aqui.

— Seguindo-o como um cãozinho apaixonado, não é? — a outra garota fez um som de desaprovação com a língua. — E o que era aquilo no cabelo dela?

Clarissa deu de ombros.

— Você sabe como o Galen gosta de se misturar.

O QUE EU APRENDI NAQUELA NOITE

1) Há um banheiro perto dos salões de banquete privativos que o Tory' s prefere que os alunos da Noite no Tory usem para não incomodar as pessoas no salão principal com suas roupas pegajosas.

2) O Sr. Rebelde-Sem-Causa Twilo na verdade era um milionariozinho de Manhattan que crescera no Upper East Side e freqüentara a mesma escolinha particular que Clarissa.

3) Nunca termine uma Taça Tory Verde.

E nunca mais gostei de Clarissa Cuthbert depois disso. "De se misturar!"

Então, aqui estava eu, dois anos e meio depois, vendo Clarissa acariciar minha carta da Rosa & Túmulo com um sorrisinho complacente moldado em seu (provavelmente

melhorado pela plástica) rosto.

Engoli em seco.

— Ora, obrigada — sua *vaca* — Clarissa! — falei no que esperava ser um tom de puro encanto, mas que provavelmente saiu como doçura forçada. — Eu estava imaginando —

porque você roubaria os meus livros — o que eu havia feito com esse — *bilhete da sociedade secreta* — convite para uma festa de aniversário.

— Cale-se — disse ela e acenou para mim com a carta. — Venha cá

Comecei a andar em sua direção, mas lembrei-me que, o que quer que Clarissa tivesse dito no primeiro ano, eu *não era* um cãozinho obediente, parei e estiquei a

mão.

— Por favor, me devolva a minha carta.

— Assim que averiguarmos que ela pertence a você.

Isso me fez entrar totalmente no recanto de leitura.

— Ela me pertence e você sabe disso — chiei.

Ela virou o envelope nas mãos, um olhar de inocência serena no rosto.

— Não tem nome.

Cerrei o maxilar.

— Então, deixe-me descrevê-la para você.

— Ah, por favor, faça isso! — ela sorriu docemente. — Principalmente o que está dentro.

Sentei-me na poltrona à sua frente.

— Clarissa, eu não estou brincando. Devolva.

Ela hesitou, franziu as sobrancelhas e me entregou. Arranquei o envelope de suas garras e, depois de me assegurar que o lacre continuava intacto, enfiei-o dentro da capa do GEP.

Bem, isso fora mais fácil do que eu pensara que seria. Cara, se fosse eu, teria brigado para ver o que havia naquela carta.

Como todos os assuntos entre nós pareciam ter chegado ao fim, levantei-me para ir.

— Espere, Amy. — Ela tocou no meu braço e fiquei bastante orgulhosa de mim mesma por não me encolher de nojo. — Nós devíamos conversar.

— Sobre o quê? — falei arrogantemente.

— Você sabe sobre o quê. — Seus olhos se suavizaram por um segundo. — Por

favor?

Que cascata. Como se ela fosse ser minha amiga agora que eu ganhara a aprovação de um grupo como a Rosa & Túmulo? Soltei meu braço de sua mão.

— Me desculpe, Clarissa. Não sou de me misturar.

A parte de dentro da carta fora queimada em alguns lugares e grandes pedaços

chamuscados deixaram marcas pretas nas minhas mãos enquanto eu tentava desdobrá-la e ler o que estava escrito. Como antes, a escrita estava torta na página, que estava dobrada em um hexágono irregular. Desta vez, tinha cheiro de fumaça. Era isso o que dizia: *Neófita Haskel,*

Aos cinco minutos depois das oito esta noite, sem usar metal, nem enxofre, nem vidro, saia da base da Torre Whitney e ande para o sul pela High Street. Não olhe para a direita nem para a esquerda. Passe pelos pilares sagrados de Hércules e aproxime-se do Templo. Leve o Livro certo na mão esquerda e bata três vezes nos portais sagrados. Não diga a ninguém o que fizer.

— Rex Grave

Humm, tuuuudo bem. Eu sabia o que todas aquelas palavras queriam dizer, mas a soma delas ainda era um mistério. Quem usa enxofre? A restrição quanto ao vidro não tinha problema, já que eu fora abençoada com uma visão 100%, mas a história do metal ia ser difícil. Jeans estavam fora — com todos aqueles rebites de cobre e o zíper e os botões. Na realidade, a maioria das minhas calças tinha zíper e até as de botão tinham botões de metal. Eu devia usar uma saia? Calças de ginástica?

Lydia bateu na porta enquanto eu estava rasgando o forro de um dos meus sutiãs.

— O que está fazendo? — ela perguntou, enfiando a cabeça para dentro.

— Tentando encontrar o arame. — Aha! Puxei-o para fora, só para descobrir que "arame"

era um termo relativo e que Victoria's Secret aparentemente usava algum tipo de plástico duro e elástico.

— Destruí este para nada — falei, jogando o sutiã rasgado em cima da cama.

— O que você tem contra suporte? — Lydia sentou-se na beirada da cama. Olhei para ela alarmada, mas a montanha de roupas descartadas cobria a carta da Rosa & Túmulo.

Dando de ombros, puxei outro sutiã da mesma loja — são todos de plástico, certo? — e foi complicado entrar nele.

— Nada. Aquele só estava me espetando — olhei no espelho acima da minha cômoda e tirei meus brincos de prata.

— Então, eu estava pensando em ir ver aquela peça do Pinter que a Carol está montando

— disse Lydia. — Quer vir?

Tanto quanto queria me vestir com enxofre dos pés à cabeça.

— Passo. — Fiz uma careta. — O que te levaria a passar uma linda noite de sexta-feira vendo alguma coisa tão deprimente?

— Tem idéia melhor?

Encostei-me no balcão, olhando para minha melhor amiga. Qualquer outra noite, eu teria ido. Podíamos comprar milk shakes e levá-los escondidos para o cinema do campus para evitar as comidas caríssimas que usavam para equilibrar a entrada baratíssima. Podíamos pedir pizza e passar a noite assistindo à obra de Meg Ryan no televisor de 12 polegadas da Lydia. Podíamos ir até a farmácia, comprar um estoque de esmalte e fazer uma festa de pedicure. Podíamos pegar a garrafa de vodca Finlândia sabor manga e um saco de jujubas, ficar bêbadas, esquecer a tensão estranha que vinha permeando nossa amizade desde a Noite de Convocação, parar de agir como crianças e dizer uma à outra

exatamente o que estava acontecendo com as sociedades secretas para as quais estávamos entrando.

Mas eu queria que Lydia começasse.

— Na verdade, não — respondi. E, numa escala de imaturidade até 10, eu daria

a mim uma nota 2,3.

Lydia ergueu uma de minhas blusas até o peito e verificou seu reflexo.

— Não fico bem de amarelo.

— É, mas fica ótima com aquela minha blusa azul de seda que está com você há... o quê, cinco semanas? — Combinava perfeitamente com sua aparência irlandesa morena. Tirei meu relógio, imaginando se os Coveiros iriam fazer algo estranho e magnético comigo.

Nada de metal? Ainda bem que eu não usava aparelho nos dentes. Estava quase ligando para Malcolm Cabot e pedindo conselhos de vestuário para ele.

Lydia se jogou de costas em cima das minhas roupas.

— Olhe só quem está falando! Não vejo minhas botas vermelhas de cano curto desde as férias de primavera.

Abaixei a cabeça com culpa e abri o fecho do meu colar. Aquelas botas estavam no quarto do Brandon.

Com todos os vestígios de metal removidos, voltei para o meu armário para procurar calças que não precisassem de cinto e ainda assim parecessem algo que você usaria fora da academia ou do quarto.

Lydia começou a fuçar na minha pilha de descartes.

— Está se vestindo para o quê?

Sei lá.

— Eu vou sair e não sei bem onde vou parar, então quero estar preparada.

Ela se sentou ereta.

— Preparada? Estamos falando da *sociedade*?

Remexi nas minhas roupas e fingi não ouvi-la.

— Amy?

Remexendo, remexendo, remexendo. Meu conjunto de veludo molhado? Por que ele nunca ficava tão bem em mim quanto ficava na Britney Spears (antes da gravidez)?

— Amy?

A saia de veludo cotelê poderia funcionar, mas era curta demais para fazer qualquer coisa que não fosse sentar ou fi -car de pé. De alguma forma, eu suspeitava que a iniciação exigiria um pouco mais.

— *Neófita Haskel*?

Prestei atenção imediatamente e pulei para fora do closet. Lydia encontrara minha carta e a estava lendo em voz alta. Aterrorizada, lancei meu corpo em direção à cama.

— Me dê isso!

Lydia rolou para longe e eu aterrissei de cara numa pilha de suéteres de inverno.

Ela saiu saltitante pelo quarto, rindo e lendo a carta num tom assustador, como o de Vincent Price, aquele ator de filmes clássicos de terror.

— *"Passe pelos pilares sagrados de Hércules e aproxime-se do Templo"*
Oooooh... Isso parece um jogo de RPG.

— Lydia, pare! — lutei para me desembolar das mangas do meu casaco de lã.

Suspirando, ela jogou a carta na minha direção.

— Tome, não tenha um infarto.

Enfiei a carta na minha escrivaninha e olhei para ela.

— São como as instruções que você recebeu na sua carta? — perguntei com um riso de escárnio.

Ela desviou o olhar.

— Não posso falar sobre isso.

— Ah, fala sério! Você só pode estar brincando! —Apontei para a gaveta da

escrivaninha. — Existe alguma maneira no mundo da *sua* sociedade levar as coisas mais a sério do que a minha?

Epa. Seu rosto endureceu.

— E a verdade se revela. Perdoe-me por me intrometer. Eu devia saber que uma

proletária como eu não tinha nada que invadir o quarto de uma poderosa Coveira — ela praticamente cuspiu a palavra. A porta, ela fez uma pausa: — Não use o veludo molhado.

Faz sua bunda ficar enorme.

Por sorte, eu tinha um par de calças cargo com cordão na cintura e fecho de velcro e então, adequadamente vestida afinal, fui em frente para encontrar meu destino. Dei um tempo na torre Whitney, checando periodicamente a hora no relógio e esperando parecer mais casual do que eu me sentia. Cinco minutos depois que o carrilhão da torre Whitney acabou de bater as oito horas, dei meia-volta e marchei em direção ao mausoléu da Rosa

& Túmulo. Estava determinada a não repetir os erros de minha entrevista — eu não chegaria atrasada para a iniciação.

Conforme me aproximei do mausoléu, vi outra figura andando na minha direção, vinda do lado sul da rua. Maldição. Eu não podia entrar no jardim da Rosa & Túmulo com alguém bem ali me olhando, podia? Como os membros guardavam seus segredos sem

uma entrada secreta?

A figura passou debaixo de um poste de luz e eu pude ver que era um homem. Ele usava um casaco preto brilhante ornado com mais zíperes do que se poderia esperar

sensatamente ver em um casaco normal. Eu conhecia aquele casaco. Ele pertencia a George Harrison Prescott.

— Eia, Amy! — disse ele quando nos encontramos na calçada exatamente na

frente daquele odiado portão de ferro fundido. George apoiou a mão nele (como se fosse um portão qualquer, e não a entrada para o mausoléu dos Coveiros) e plantou os pés diretamente no meio do meu caminho. — Como vai você?

— Humm... — Meus olhos flutuaram em direção ao mausoléu. — Nada demais. E você?

— A mesma coisa. — Ele piscou para mim, seus lindos olhos de cor de cobre cintilando ainda mais por trás da armação brilhante de bronze de seus óculos.

Juntei as coxas com força e rezei ardorosamente para que ele não percebesse. George Harrison Prescott não só era o homem mais bonito da minha turma na Universidade Prescott (e não, os nomes não eram coincidência), ele também era um Galinha com G

maiúsculo. Lembra-se de Marissa Corrs, que trabalhou com Orlando Bloom naquele filme de época no ano passado? Bem, ela recentemente tirou uma licença de Eli para se concentrar em sua carreira de atriz mas, enquanto esteve aqui, adivinhe do quarto de quem foi vista saindo todo domingo de manhã?

É. A garota podia ter pego o Orlando, mas escolheu George Harrison Prescott. É claro que, se você espremer um pouco os olhos, George e Orlando poderiam ser gêmeos, tirando os óculos de George, os quais, no que me diz respeito, o deixam dez vezes mais gostoso.

Marissa era só uma das muitas no que eu tenho certeza de que é o Dicionário de Pegação de George Prescott. Pelo que ouvi, George dormiu com metade das mulheres hetero e/ou disponíveis da Universidade Prescott e, pelo que eu *sei*, a outra metade está impacientemente esperando sua vez.

Eu não, é claro! George e eu somos só amigos. Conhecidos. Do tipo que acena com a cabeça em reconhecimento quando passa um pelo outro na rua ou se senta junto no refeitório de Prescott quando nenhum dos nossos outros amigos está por perto, batendo papo um com o outro em nome da solidariedade de classe-e-filiação-universitária.

E se uma garota se permite a ocasional fantasia sexual sobre entrar *acidentalmente* no banheiro de George Harrison Prescott enquanto ele está no chuveiro — bem, isso não é nada demais, certo?

— Está indo para casa? — ele perguntou e eu tentei não ficar olhando fixamente para sua boca

Já que eu estava andando precisamente na direção oposta da Universidade Prescott, isso me pareceu uma pergunta bastante estranha.

— Não.

— Está bem — ele sorriu cordialmente e nenhum de nós dois se moveu um milímetro.

Finalmente, desistindo, eu o contornei e andei alguns passos pela rua.

George acenou, mas não se moveu. Quando finalmente cheguei na última esquina e me virei, ele havia pego uma caixa de fósforos do bolso e começara a acendê-los, um a um, deixando-os queimar até o dedo antes de jogar os tocos na calçada

Sacudi a cabeça. Meninos! É tipo uma coisa de homem das cavernas ter que brincar com fogo sempre que podem? Ele parecia pronto a ficar ali bancando o Prometeu a noite toda.

Quantas vezes eu teria que dar a volta no quarteirão antes de ter a entrada livre para o mausoléu?

Finalmente, George pareceu chegar a uma decisão. Virou-se e saiu trotando na direção da Universidade Prescott. Não perdi tempo para correr de volta ao portão. E daí que eu não estava seguindo as instruções exatamente como estava na carta? Eu cumprira todos os passos, apesar da demora, e não podia me arriscar a chegar atrasada de novo. Quem sabe quantos relógios atômicos de altíssima precisão eles tinham ali?

As gigantescas portas duplas na soleira do mausoléu da Rosa & Túmulo tinham uma cor de bronze opaca pelo desgaste do tempo. Uma grande aldrava de bronze no formato de um livro aberto estava pendurada na altura do rosto; suas páginas de bronze envelhecidas estavam gravadas com um " R" e um " T " . respirei fundo.

Vamos lá.

Assim que levantei a aldrava, a porta se abriu. Vislumbrei um rosto nas sombras, talvez um par de mãos, e então alguém jogou um capuz de juta em cima da minha cabeça, me agarrou pelos dois braços e me puxou para dentro.

Eu gritei. É claro.

— Silêncio, Neófita — mais mãos me rodearam e eu fui erguida no ar. — Está pisando em solo sagrado. — Um homem entoou de algum lugar próximo ao meu joelho direito.

Balancei minhas pernas inutilmente.

— Não estou *pisando* em nada — resmunguei sob o capuz. Alguém chegou a ter a ousadia de me dar um tapa na bunda.

— Quieta.

— É melhor ter sido alguém que eu conheça ou eu vou processar por asséd...

— Eu disse "quieta"!

— Tire a mão, seu patife encapuzado — dei pinotes com meu corpo enquanto meus

captores me carregavam para baixo por uns poucos degraus com uma série de sacolejos violentos.

Ouvi uma risadinha perto da minha omoplata esquerda.

— Convocou uma animadinha aí, Lancelot.

Lancelot?

Toda a conversa cessou conforme a equipe virava à esquerda, parava, depois me botava de pé sobre meus pés (compreensivelmente) bambos. Duas mãos nos meus ombros me empurraram para cima do que me pareceu ser um banco de madeira e outra arrancou o capuz da minha cabeça.

Abri os olhos e engasguei.

Não pelo choque, gostaria de salientar. O aposento ainda estava escuro demais

para ver muita coisa, mas o que faltava em iluminação mais do que sobrava em nuvens asfixiantes de fumaça Eu tossi e gaguejei, reconhecendo no meu segundo ou terceiro espirro que os minúsculos brilhinhos laranja invadindo meu campo de visão eram as pontas de cigarros acesos. Havia dúzias deles. Meus olhos começaram a lacrimejar e ouvi algumas tossidas abafadas atrás de mim. Muito bem, então eu não estava sozinha aqui.

Olhe só o que conseguiram com suas proibições de fumar em locais fechados: uma geração de vinte e poucos anos com tolerância zero à fumaça dos outros.

— Neófita! —As centelhas tremeram por um segundo, e então pareceram congelar no ar.

— Você busca ser iniciada nos Mistérios Sagrados da Rosa & Túmulo, dedicar a Resolução dos seus Ossos, a Paixão do seu Sangue e o Poder da sua Mente...

E à paciência dos meus ouvidos, pensei, para ouvir essa bobagem cafona. Quem escreve esse negócio?

— ...à nossa Ordem. É esse o seu desejo?

— Pode apostar!

Alguém me cutucou.

— Diga "Aye".

— Aye — eu repeti, esperando não soar como um pirata.

As centelhas começaram a dançar de novo.

— Não fale precipitadamente, Neófita. Pois, depois desta noite, não poderá se afastar do Caminho da Rosa & Túmulo. Sua mera admissão em nosso mausoléu, sua presença aqui, na Sala do Vaga-lume...

Então era isso que aqueles cigarros deveriam representar.

Fofo.

— ...já lhe mostraram mais do que é permitido a qualquer Bárbaro, mas até

mesmo esses Mistérios não passam de minúsculas centelhas ao lado da Candeia do Conhecimento.

Está disposta a Testemunhar essa Luz e ser levada para sua Chama, mesmo que ela possa cegá-la? (Dava para ouvir as letras maiúsculas na voz dele, por falar nisso.) Escolha com cuidado, Neófita, pois não poderá voltar atrás.

Humm, está bem, Morfeus...

— É, eu vou tomar a pílula vermelha.

— Hein? — disse a voz. Outra pessoa riu abafado.

— Me desculpe — falei. — Quis dizer "Aye".

Todos os vaga-lumes lançaram-se para baixo e se extinguiram e, por um segundo, impossivelmente, a fumaça na sala ficou mais espessa. Aí uma luz brilhou na sala e um lampião antiquado flutuou na minha direção.

— Então, venha conosco, Neófita Haskel, e Renasça.

Eu me levantei e andei em direção à luz. Quando cheguei

mais perto, vi que ela estava sendo segura por uma figura completamente coberta por sua longa capa e capuz negros, olhando para todo o mundo como um fantasma. Ele retirou o punho de debaixo da capa e, em câmera lenta, abriu a mão para revelar uma brilhante chave dourada em sua palma. Estiquei a mão para pegá-la.

De repente, várias pessoas me agarraram de uma vez e me arrastaram para longe da figura encapuzada. Ouvi a porta se abrir, senti um sopro de vento gelado e então estava sendo impelida bruscamente escada acima.

— Não é para você! — eles gritavam, seguindo a isso um coro irregular de "Você não é digna! Você não está pronta! Você não pode entrar! Saia, saia, saia!"

— O que diabos...? — Quiquei minhas pernas furiosamente e me livrei de suas mãos com um puxão, me debatendo no escuro até sentir meus joelhos no chão de tábua corrida. Ai!

Isso fazia parte da iniciação? Se fazia, acho que eu tinha perdido alguma coisa. Ouvi um farfalhar atrás de mim, e então, como se viesse de longe, uma voz dando o alarme.

— Rápido, rápido, peguem-na! Ela não deve se infiltrar no Templo Interior.

Pisquei furiosamente e perscrutei através da escuridão, esperando discernir alguma forma, algum caminho, algum sinal gigante e iluminado dizendo SAÍDA em grandes letras vermelhas. Templo Interior, não é? Que tal uma linda e relaxante Varanda Exterior?

Sem sorte. Fiquei de pé e comecei a andar, as mãos esticadas na frente para não quebrar o nariz. Alguns passos hesitantes depois e bati numa parede. Mantive as pontas dos dedos pela beirada enquanto me movia para a frente, sentindo a textura delicada do papel de parede de seda, as beiras de molduras entalhadas de quadros e então, finalmente, uma dobradiça. Uma porta, mas seria para fora ou mais para dentro? Cuidadosamente, deslizei a mão ao longo da parede interna, depois do umbral, esperando descobrir um interruptor.

Mas, em vez disso, meus dedos tocaram em algo liso e redondo afixado à parede. Parecia uma bola de cerâmica debaixo da minha palma. Deixei minha mão deslizar para baixo, pela frente do objeto, e senti alguns calombos, algumas reentrâncias, três buracos e uma extremidade dentada...

Ah. Meu. Deus. Um crânio humano.

Uma mão se fechou em torno do meu pulso.

Tentei gritar mas, antes que eu tomasse fôlego, alguém cobriu a minha boca e me arrastou para dentro da sala.

— Fique quieta, Amy! Ou eles vão pegá-la.

Ele me soltou e eu girei para ver meu captor. Como os

outros, ele usava uma capa escura com um capuz puxado por cima dos olhos. Carregava uma minúscula lanterna, que estava apontando para o rosto como as crianças fazem para contar histórias de fantasmas. Eu não conseguiria tê-lo reconhecido, mesmo que tentasse.

— Bela fantasia. Quem é você?

— Você vacilou lá dentro, Amy, e eles não vão deixá-la entrar.

O quê? Epa! Por que o Malcolm não me avisara sobre isso? E , o que eu fizera para ter vacilado? Todo esse negócio da Rosa & Túmulo estava se transformando num verdadeiro fiasco. Eu não sabia quem eram essas pessoas, o que estava acontecendo comigo ou por quê. A Pena teria sido infinitamente mais fácil do que isso. Será que os Coveiros tinham alguma coisa a ver com o fato de eu não ter sido convocada pela sociedade literária? Eu não havia pensado nisso antes. Estava animada demais com a perspectiva de entrar para a Rosa & Túmulo. Mas, se os Coveiros fossem passar a noite bagunçando com a minha cabeça antes de me expulsar, eu iria querer algumas respostas de Glenda Foster sobre por que eu estava perambulando por um mausoléu de pedra com correntes de ar frio ao invés de estar sentada lindinha na quitinete da Pena & Tinta.

— Tudo bem — falei, levantando o queixo —, então só me mostre a saída.

Ele balançou a cabeça

— Não posso. Sinto muito. É tarde demais.

— Como assim?

— Eles vão tentar silenciá-la.

Minha boca ficou seca e, por um segundo, acreditei nele. Afinal de contas, eu acabara de botar meus dedos dentro das órbitas oculares de um homem morto. Essas pessoas usavam crânios humanos como interruptores; talvez fosse melhor levá-los a sério. E aí lembrei-me de Malcolm e da entrega desajeitada da carta naquela tarde. Eles não eram juizes onipotentes, eram garotos universitários. Se algo acontecesse comigo, eles não iam se safar. Lydia, pelo menos, sabia aonde eu fora esta noite.

— Vocês falam muito, mas não tem nada que corrobore o que dizem.

— Você sempre disse isso. — Ele sorriu nesse momento, uma careta mal-humorada e, sob aquele estranho ângulo da luz, pareceu o imperador maligno de Guerra nas Estrelas.

Xi Amy. Esse cara não quer ajudá-la.

— Você nos fez um desafio na sua entrevista — ele continuou. — E os Coveiros não aceitam as coisas sem fazer nada. Está aqui para aprender uma lição, Amy Haskel. — A porta atrás de mim se abriu com violência. — Eu a peguei, pessoal. — Ouvi-o dizer enquanto meus dois braços eram torcidos atrás das minhas costas, com firmeza, mas não desconfortavelmente e a primeira figura me cutucava entre as omoplatas para me fazer marchar.

— É hora do Grande Tour.

— Isso é agressão — falei. — Eu vou gritar.

— Se alguém pudesse ouvi-la, o que não pode, acha que ia fazer alguma coisa? Um grito vindo do mausoléu da Rosa & Túmulo na Noite de Iniciação? — Algumas das figuras ao meu redor riram.

O medo correu pela minha espinha e minha pele começou a se arrepiar em todos os lugares que meus captores me tocavam. Isso era uma brincadeira, certo? Parte do jogo de iniciação. Mas eu também tinha ouvido histórias sobre os Coveiros e seus

desentendimentos com a lei. De alguma forma, o poder da Rosa & Túmulo prevaleceu e os membros se livraram ardilosamente de todas as acusações. Algumas pessoas diziam que a sociedade era dona da polícia.

— Onde está o Malcolm? — perguntei, com uma voz muito mais destituída de sarcasmo do que a que eu estava usando alguns momentos antes. Malcolm Cabot era filho de um governador; ele não participaria de nada muito ilegal, certo? A não ser que você acreditasse nas lendas que diziam que a sociedade também dominava todo o governo.

— Ele vai aparecer... em algum momento. Agora cale a boca e curta o passeio.

Dito isso, eles me empurraram para os braços preparados de outro grupo, que me rodou em círculos, me levantou e me depositou não-tão-gentilmente em uma superfície plana e dura.

— Você está destinada a uma cova de indigente.

Por um momento, achei que iam me deixar ir. Cara, como eu estava errada — algo que ficou claro alguns segundos depois, quando fecharam uma tampa na minha cara. Tentei me mexer, mas as paredes se fecharam apertadas em volta de mim por todos os lados. Eu podia sentir madeira lixada a alguns centímetros dos meus ombros, acima da minha cabeça e, mais notavelmente, bem na frente do meu nariz.

Eles me botaram em um caixão.

Esmurrei a tampa, mas estava bem fechada.

— Deixem-me sair! Deixem-me sair, seus filhos-da-puta! — gritei, esperneando. Eles reagiram me virando de lado. Eu rolei, esperando ao mesmo tempo que o movimento soltasse alguns parafusos e também que o caixão fosse resistente o bastante para não me jogar para fora sem aviso prévio.

— Você não nos leva suficientemente a sério, Neófita Haskel — disse o Coveiro Darth Vader. Sua voz estava abafada através do caixão, mas agora eu a reconhecia. Era o idiota da minha entrevista. O que ficou discutindo com Malcolm sobre não me deixar entrar para a sociedade.

— Eu prometo, aprendi a lição! — esmurrei a tampa do caixão para dar ênfase.

— Você nos deprecia — ele continuou, como se não tivesse ouvido. —Você nos

ridiculariza. Você nos desafia. Você chama nossas Vestimentas Sagradas de *fantasias*...

— Bem, vocês se vestem como figurantes em uma convenção de RPG Dungeons &

Dragons.

Eles sacudiram o caixão, o que me fez calar a boca.

— Antes que esta noite acabe, Neófita, você *vai* aprender a respeitar seus Anciãos.

Mordi a língua para me impedir de comentar que eu não considerava alguns meses uma diferença de gerações. Eles estavam me carregando durante o que

parecia serem séculos, mas era difícil saber quanto dos solavancos eram realmente movimentos para a frente e quanto era inteligentemente projetado para parecer assim. Finalmente, me botaram no chão. Achei que podia ouvir sons de água por toda a minha volta. Mais um banheiro?

Eu podia ouvir a voz do meu captor muito claramente agora, como se ele tivesse se inclinado para sussurrar diretamente na tampa do caixão.

— Você está sob nosso controle agora e sua vida está em nossas mãos. Esta é a sala da piscina, Neófita. Se quisermos, você vai ser jogada lá dentro. Acha que escaparia do caixão antes de se afogar?

Não. Algo arranhou contra o fundo da caixa — ou talvez fosse o próprio caixão sendo empurrado no chão. Senti-me escorregando para a frente, como se estivesse inclinando e então senti algo bater contra as minhas pernas. Água, entrando pelas frestas do caixão.

Ah, meu Deus, eles estavam fazendo! Estavam me afogando na piscina!

— Parem! Parem, por favor! — eu gritei, esperneando com todas as minhas forças. As paredes de madeira do caixão permaneceram inabaladas.

Ah, Deus, eu não sei nadar! Eu não sei nadar! Deixem-me sair, por favor, não deixem que eu me afogue!

Puro terror tomou conta do meu corpo enquanto eu praticamente quebrava minhas mãos esmurrando a tampa, ouvi um fluxo de água acima da minha cabeça e a água começou a se infiltrar pela parte de cima do caixão, molhando meu cabelo e minha blusa. A qualquer segundo agora eles iam me soltar e eu afundaria. Impotente. Quanto tempo levaria. As partes do caixão não pareciam muito apertadas.

— Por favor, por favor, me tirem daqui! Eu imploro a vocês!

Meu choro transformou as últimas palavras em um soluço. Finalmente, senti que me levantavam e a histeria diminuiu.

— Bem, isso foi rápido. — Ele elogiou secamente. Lágrimas quentes corriam pelo me rosto e se misturavam

à água fria da piscina. Agora que o perigo havia passado, eu não sentia nada além de raiva de mim mesma por ter deixado que eles me vissem em desespero. Jurei não ter nenhuma reação pelo resto dessa experiência maluca, independente do que fizessem comigo.

— Lembra-se do que nos disse na sua entrevista, Neófita? — o chefe dos meus captores perguntou. Ele era claramente o mestre-de-cerimônias ali; todos os outros estavam fazendo o papel de força bruta. Meus captores balançaram o caixão intensamente agora, e a água dentro dele se espalhou, encharcando as pernas das minhas calças sem metal.

— Fale!

Sem chance. Mas, quando não falei, eles começaram a me sacudir para cima e para baixo.

— Está bem, está bem — eu capitulei. — Que parte da minha entrevista?

— Sua despedida.

Esforcei-me para lembrar. Eu me lembrava de ter lhes mostrado o dedo médio, mas era só isso.

— Na verdade, não — disse eu com uma pausa, imaginando o que mais eles poderiam ter planejado para mim. O que quer que fosse, não tinha como ser pior do que a piscina.

— Então, deixe-nos melhorar sua memória — ele falou enquanto seu bando sacudia meu container. — Cavalheiros!

E então, em uníssono: *Não consumo drogas, nunca fui presa e, pelo que ouvi dizer, não sou tão ruim de cama. Não que qualquer um de vocês vá ter a oportunidade de descobrir isso em primeira mão!* A cacofonia de vozes possuía um tom pomposo, militar e, se possível, eu estava me sentindo mais humilhada por sua declamação do que me sentira quando abrira minha grande boca pela primeira vez na sala de entrevistas.

— Já ouviu a história da Puta dos Coveiros, Neófita?

Estremeci com a forma como ele se dirigiu a mim.

— Suponho, pelo seu silêncio, que isso seja um "não".

Argh, eu quase podia ouvir o sorriso presunçoso do desgraçado.

— Ou isso ou você me fez desmaiar aqui.

— Ela não aprende a lição, não é, pessoal?

Alguém, eu presumi que fosse o M.C. Sith, bateu com força na tampa do caixão.

— Temos que jogá-la na água novamente?

Ah, rapaz, esse idiota ia perder algumas partes de sua anatomia quando eu finalmente saísse dali.

— Como eu estava dizendo, a Puta dos Coveiros é uma mulher muito especial, que tem a missão sagrada de Iniciar os Cavaleiros da nossa Ordem nos Mistérios do Êxtase Nupcial.

— Encantador — falei, extraordinariamente com o mínimo de sarcasmo. Mas isto foi o que eu pensei: *Iniciar? Difícil; ou, pelo menos, não nas últimas décadas. Se um homem como Malcolm Cabot fosse virgem, eu era uma freira.*

Como se tivesse ouvido meus devaneios silenciosos, o M.C. continuou.

— Apesar da maioria dos Cavaleiros já estar familiarizada com tais Prazeres Terrenos...

E Prosa Rebuscada.

— ...há alguns que saem de Eli sem terem provado suas Delícias. O caixão parou de se mover, como se tivéssemos chegado ao nosso destino. —Já ouviu essa história, Neófita?

Não, não assim, mas não parecia estranho. Uma prostituta à disposição no mausoléu da Rosa & Túmulo? Meio nojento, mas de acordo com todas as outras histórias exageradas que eu ouvira a respeito da sociedade.

— Claro, por que não?

Ele se inclinou tão perto do caixão que era quase como se sussurrasse as

seguintes palavras diretamente no meu ouvido:

— E nunca imaginou, Srta. Não-Tão-Ruim-de-Cama, por que nós a recrutamos?

Xi.

— Por que não descobre?

E, dito isto, eles abriram uma tranca e botaram o caixão de pé, me jogando para fora.

Mergulhando para a frente, eu me preparei para uma colisão que nunca aconteceu. Eu caí e caí, chocada demais com o desaparecimento do chão até para gritar.

E, quando finalmente aterrissei, as coisas ficaram ainda piores.

Por meio desta, eu confesso:

e assim, eu cometi perjúrio.

5.

Iniciação

Cobertores amorteceram minha queda e, depois da primeira quicada, senti fortes braços masculinos se fecharem em torno do meu torso para me manterem quieta. Mas eu não era a puta de ninguém. Investi com meus punhos.

— Socorro! — Arranhei meu rosto, lutando para tirar o cabelo molhado dos olhos e esperneei para desemaranhar as pernas dos cobertores. — Socorro! Estupro! *Fogo!*

(Sempre me ensinaram que as pessoas prestam mais atenção quando você grita "Fogo" do que quando você grita " Estupro", porque o fogo também os coloca em perigo. É um mundo divertido esse em que vivemos, não?)

— Me ajudem, por favor! — Meu punho raspou o maxilar de alguém.

— Ai! Amy, meu Deus, fique fria. — Parei de me agitar por um momento e perscrutei por entre as mechas pegajosas do meu cabelo para ver quem estava me segurando. Era Malcolm, de capa, mas com o capuz puxado para longe do rosto.

— Tire as mãos de mim, seu verme político — gritei —, ou eu juro por Deus que vou garantir que seu pai nunca mais se eleja de novo!

Esse é o tipo de ameaça que se faz em Eli.

Ele riu e afrouxou o abraço, colocando-me de pé.

— Está ensinando a missa ao vigário, garota. — Ele prendeu meu cabelo atrás da minha orelha. — E ninguém vai tocar em você, muito menos eu. Foi só uma brincadeira.

Olhei em volta para os rapazes que estavam parados ali, segurando as pontas do pára-quedas improvisado de cobertores e depois para a escadaria, onde o caixão de

compensado de madeira estava aberto. Mais algumas figuras de capa estavam descendo as escadas calmamente para se juntar a nós, empurrando os capuzes para trás conforme desciam.

— Bem, não foi engraçado — falei, ajeitando minhas roupas e encarando Malcolm. —

Principalmente a parte da piscina. Eu tenho fobia de água.

— *O quê*? — a voz de Malcolm mostrou uma surpresa genuína.

— Ah, certo. Como se você soubesse quem foi minha professora da terceira série, mas não por que nunca entrei para a equipe de natação...

O olhar de Malcolm correu para o líder do grupo na escadaria, que simplesmente ergueu o queixo desafiadoramente. O cara tinha o corpo esguio, com o cabelo escuro e a pele muito branca. Eu nunca o vira antes, mas soube instantaneamente que aquele era o MC.

Sith, O Cara da Sombra n° 2, o mesmo que falara este-é-o-seu-arquivo-do-FBI.

— Bem, agora pode botar isso na merda do seu arquivo. — Espremi a perna esquerda da minha calça e me aprumei. — Onde é a saída?

O rosto de Malcolm ficou perplexo.

— Você não vai *embora*!?

— Pode apostar sua média acadêmica que vou! — apontei para o Coveiro Darth Vader.

— Eu não iria a um chá em que esse babaca estivesse.

Saí, ignorando o barulho da água no meu tênis esquerdo e esperando estar certa na minha avaliação de que estava me dirigindo para algo vagamente parecido com uma saída. Os corredores eram forrados de papel vermelho-escuro e iluminados apenas

intermitentemente por velas fracas em arandelas no formato de crânios. Com a minha sorte, eu acabaria na masmorra e, daqui a 70 anos, seria o *meu* crânio que

iluminaria seu caminho.

— Amy, espere!

Virei-me, mas não foi Malcolm quem botou a mão coberta pela capa em cima da minha.

— Eu sinto muito — o imbecil disse. Sua cabeça estava abaixada como em contrição, mas a posição só fazia parecer que ele estava dando aquela maligna olhada-através-das-sobrancelhas tão popular nos cartazes de filmes de terror.

— Podemos começar de novo? — ele esticou a mão. — Eu sou o Poe.

— Isso é coreano?

Ele piscou para mim.

— É meu nome na sociedade. — Ele apontou para o Malcolm. — Como o Lancelot. Não podemos usar nenhum outro nome enquanto estamos dentro do mausoléu — ergueu a

sobrancelha e me deu um sorriso torto. — E, agora que lhe contei, você vai ter que entrar.

— Ou o quê?

— Ou teremos que matá-la.

Totalmente inexpressivo.

Assenti e abri a porta.

— Boa sorte com isso. Eu vou para casa.

Não tive tal sorte. A porta não dava para a High Street mas, em vez disso, abria para um pátio pequeno e quadrado, rodeado por todos os lados por paredes altíssimas de arenito marrom. *Droga.*

Poe riu baixinho.

— Bela tentativa, Neófita. — Ele se encostou no batente da porta e eu pude ver

Malcolm; quer dizer, *Lancelot*; juntar-se a ele do outro lado.

Bem, o que diabos eu estava pensando? Eu não era uma Coveira. Podia chamá-lo do que quisesse. Malcolm, Malcolm, Bo-Balcolm... Cruzei os braços sobre o peito.

— Qual é, Amy — disse Malcolm. — É um pouco tarde para desistir. Você aceitou a convocação.

— Isso foi antes da aula de natação.

Malcolm lançou um olhar para Poe, que devolveu um sorriso convencido.

— Eu lhe disse que isso ia acontecer.

— Poe — disse Malcolm como advertência.

O cara suspirou, e então resmungou:

— Está bem. Nós não temos piscina.

Meu maxilar esqueceu como funcionar.

— Mas como...

— Velho truque — Poe disse através dos dentes cerrados. — Isopores cheios de água de cada lado, balançando e vazando. Pistolas d'água para o vazamento.

Genial. Maligno, mas genial. E ele estava se torturando por me contar. Adorei.

Malcolm se aproximou e tomou minhas mãos.

— Não vou mentir e dizer que somos todos legais, Amy, mas somos boas pessoas para ter ao seu lado. Confie em mim. Isso é a melhor coisa que vai fazer em Eli — seus olhos estavam suplicantes, praticamente desesperados, mas ele se aprumou e falou com a voz muito mais alta. — A vida que a estamos convidando para partilhar em nossa sociedade é baseada em fatores tão intangíveis que não podemos explicar significativamente nem sua natureza nem sua qualidade a você. Peço que não julgue nosso valor por algumas brincadeiras imprudentes — e então, em um sussurro baixo. — Vamos, o que você diz?

Eu ia me arrepender tanto disso...

— Aye.

Eu disse ao *Lancelot* que preferia que eles não me carregassem.

Ele disse que não tinha jeito.

Eu queria saber com antecedência para onde me levariam.

Ele disse que tudo ficaria claro no devido tempo.

Fui absolutamente taxativa que não haveria sangue de virgens assassinadas sendo bebido.

Ele disse que veria o que podia fazer.

E foi assim que me vi suspensa nos braços de seis figuras encapuzadas, a venda finalmente afrouxada, colocada por cima do que parecia para qualquer pessoa um crânio cheio de sangue. Mas, pelo lado positivo, como eu iria saber as atividades sexuais do proprietário anterior do sangue?

- Beba! Beba! Beba! – As figuras encapuzadas entoaram. A taça foi erguida e colocada em minhas mãos e a venda retirada completamente. O osso era liso e quase escorregadio debaixo dos meus dedos, gasto, talvez, por quase dois séculos de uso. Eles haviam tapado os buracos com a mesma argila que forrava o interior, mas aquele pequeno gesto de decência dificilmente me convenceu. Beber? Isso havia sido parte de uma *pessoa*.

E, muito provavelmente, também havia sido parte de um projeto de ciência, meu lado racional argumentou. Onde mais garotos universitários arrumariam seus exemplares?

Muito bem, Amy, é hora de entrar no espírito da coisa. Que mane crânios. Respirei fundo e virei como uma Taça Tory.

Algum tipo de suco de frutas, talvez misturado com Gatorade. Havia uma nota estranha, adstringente por baixo do sabor, dando uma pista de um ingrediente adicional – talvez tinta para dar aquela cor vermelho-escuro? – mas eu mordera a língua vezes suficientes na vida para saber que aquilo não era sangue. Terminei

de beber, esfreguei o crânio um pouco na camisa – não ia lamber a taça de jeito nenhum – e recebi algumas risadas dos meus companheiros que reconheceram o ato.

- Boa Garota – falou Lancelot, enquanto amarrava a venda de novo. – E lá vai você!

Olhando para trás, é difícil definir uma seqüência de acontecimentos para a Noite da Iniciação. Tudo se movia tão rápido, com visuais tão caóticos e uma cacofonia de sons, que eu me lembro dela mais como uma série de quadros— uma apresentação de slides de todos os momentos que levaram ao acontecimento principal. Eles nos mantiveram

vendados enquanto íamos de sala em sala, talvez para tornar cada visão ainda mais chocante ao revelá-las para nós todos de uma vez, quando já estávamos no meio das cenas. Sem dúvida, com o frenesi dos participantes, vários flashes passaram para eu chegar a perceber que estava agora na companhia de outros neófitos, dois ou três se cruzando em uma sala qualquer de cada vez.

Isso é o que me lembro:

* *Flash**

Um pátio cercado de fogo, no qual um homem vestido de demônio pulava, soltando gritos guturais. Um grupo de homens em farrapos estava diante dele, acorrentado, e soltava gemidos baixos.

* *Flash**

Um quartinho iluminado por velas, com alguém vestido como uma figura mística, em dourado brilhante e plumas coloridas. Ele se inclinou por cima de uma laje de pedra, uma faca de ouro pronta para cortar fora o coração de uma mulher talvez nua que estava deitada com seu cabelo negro esparramado atrás de si. Quando ele abaixou a faca, a vela se apagou. A mulher gritou.

* *Flash**

Marco Antônio de pé por cima do corpo de Cleópatra, segurando uma víbora viva. Ou talvez fosse uma cobra boa constrictor. Não conheço esses animais tão bem quanto conheço Shakespeare. E acho que Cleópatra era um manequim com

uma peruca preta.

* *Flash*

Uma sala cheia de Puritanos, observando uma forca iluminada por um foco de luz.

Parecia que estávamos de volta à Sala do Vaga-Lume. Havia três mulheres penduradas com cordas em torno de seus pescoços, sacos pretos amarrados cobriam seus rostos.

Achei que eram de mentira, mas seus pés estavam se mexendo...

* *Flash*

Havia mãos nos meus ombros, guiando-me pelo corredor, mas quem quer que tivesse posto a venda no meu rosto depois da sala de Salem, com suas bruxas enforcadas, não foi muito cuidadoso. Pelo canto do olho eu podia ver um pequeno clarão. Luz, rebatendo em zíperes de metal.Eles retiraram a venda para mostrar o próximo quadro — algo com uma tigela cheia de frutas e os gemidos de almas fantasmagóricas e atormentadas — mas eu estava interessada demais naqueles zíperes e na pessoa que os usava. Era George Harrison Prescott no corredor fora da sala e ele estava sendo despido de seu casaco ofensivo e — sim, enfiado dentro de um pequeno caixão de compensado. Eles

obviamente haviam coordenado nossas entradas e estavam nos entretendo um de cada vez com os vários aspectos da iniciação. Fiquei pensando no que ainda estava por vir.

* *Flash*

Eles me empurraram para uma cadeira e prenderam minhãs mãos atrás das costas.

Alguma coisa foi posta por cima do meu rosto antes que a venda fosse puxada para baixo.

Quando abri os olhos, vi que estava olhando por dois buraquinhos em uma máscara.

Primeiro, achei que tinha sido colocada de frente para um espelho porque, diante de mim, eu vi outra figura mascarada amarrada a uma cadeira. Sua máscara era elaborada e dourada, com um elegante bico de pássaro e jóias brilhantes que sugeriam sobrancelhas arqueadas e uma boca cruel e predatória. Mas ela lutava contra suas amarras, enquanto eu permanecia imóvel. Finalmente, suas mãos se soltaram e ela tirou a máscara do rosto.

Clarissa Cuthbert.

Levei um susto e ela esticou a mão para arrancar a minha máscara. Vi de relance com o canto dos olhos. Uma bruxa.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Então você *está* aqui — disse, antes que a levassem embora. Minha venda foi recolocada antes que minhas mãos fossem soltas ou que minha boca se lembrasse como funcionar.

* *Flash**

Um vampiro erguendo-se do caixão, sangue escorrendo por seu pescoço.

* *Flash**

Um jovem pálido de cueca sentado em uma privada. Ele tinha uma arma apontada para a cabeça e ficava repetindo a mesma frase várias vezes. Em Latim.

* *Flash**

George Harrison Prescott virou-se para mim, em uma sala onde Otelo estava

estrangulando Desdêmona, e disse num tom totalmente inadequado à situação bizarra:

— Os fósforos não funcionaram, por falar nisso. Eu tinha enxofre suficiente comigo para acabar com meia dúzia de coveiros.

Fui levada embora antes que tivesse a chance de lhe perguntar o que ele queria dizer.

* *Flash*

As cenas começaram a se misturar depois de algum tempo, e por cima de tudo havia vozes gritando frases em outros idiomas, berrando obscenidades, entoando coisas sem sentido, urrando "O Presidente Está Morto!", "O Fim Chegou!", "O Diabo Ascendeu!" e outras advertências lúgubres. Senti-me estranhamente inebriada e imaginei se haveria algum álcool no "sangue" ou se eu estava apenas sucumbindo à mágica da noite. O tempo parecia flutuar como se fosse um sonho e parei de contar os passos de uma sala para outra. Não sei quantas vezes fiz o circuito ou quantas trocas de roupa os intérpretes fizeram. Mas finalmente fui empurrada para dentro de uma sala e ouvi uma porta bater atrás de mim enquanto a barulheira era subitamente abafada.

A essa altura, eu já estava tão acostumada com os quadros sendo revelados que levei vários segundos antes de esticar a mão para remover minha venda.

Diante de mim estava o Ceifador em seu manto negro. Ele carregava uma foice na mão e uma cabeça da morte sorridente, com pedaços de carne podre, me olhava por baixo do capuz. Olhei em volta, mas éramos as únicas pessoas na sala. O Ceifador virou-se em direção a um armário que continha dois esqueletos.

— *Wer war der Thor, wer Weiser, wer Bettler oder Kaiser?*

Apontou para cada esqueleto de uma vez e então me entregou uma coroa. Era pesada nas minhas mãos e imaginei por um momento se as jóias e o ouro em torno da base de veludo vermelho eram verdadeiros.

— *Wer war der Thor, werWeiser, wer Bettler oder Kaiser?* — disse ele de novo, um pouco mais insistente.

— Nunca estudei alemão — respondi impotentemente.

Ele apontou para a coroa e depois para os dois esqueletos.

Ele queria que eu colocasse a coroa na cabeça de um dos dois? Ah! *Kaiser.* "Kaiser" quer dizer *rei* em alemão. O conhecimento me veio à mente e, com ele, mais uma lição das aulas de história. A Dança da Morte da Idade Média. Ó, pobre Yorick, e todo aquele negócio do *Hamlet*. O rei não era nenhum dos dois esqueletos, mas a força que derrotara ambos.

Aproximei-me e coloquei a coroa na cabeça do Ceifador.

— *Gut! Ob Arm, ob Reich, im Tode gleich** — Ele prendeu as minhas mãos nas suas. —

Bela jogada, Neófita. Você ainda vai aprender. — Ele me puxou para a frente até que meu rosto estivesse a centímetros de sua cara pútrida e, por um momento muito

———————

*O confessor rmais tarde aprendeu o texto completo da cena traduzido para: "Quem foi o tolo, quem foi o sábio, pedinte ou rei?" e "Bom. Seja rico ou pobre, na morte são iguais".

assustador, tive medo que a coisa fosse me beijar, o que era um pouco gótico demais para o meu gosto. Travei meus cotovelos e resisti, e ele me soltou, o triunfo brilhando em seus olhos pálidos.

Tropecei para trás quando a luz se apagou e me senti sentiu arrastada para fora mais uma vez.

Desta vez, quando a venda foi removida, eu estava diante de uma porta de madeira comprida, com dois homens altos me ladeando. Diante de mim havia uma aldrava com o símbolo da Rosa & Túmulo. A figura encapuzada à minha direita ergueu a mão e bateu com a aldrava três vezes, depois uma, depois mais duas.

— A Neófita se aproxima! — alguém lá dentro gritou e um estrondo de arrepiar os ossos começou do outro lado das portas. Eles gritavam e berravam, vaiavam e gemiam.

Finalmente, sob todos esses sons, eu pude distinguir um cântico que logo sobrepujou todos os outros elementos do barulho.

— Quem é? Quem é! *Quem é? QUEM É?*

— Amy Maureen Haskel — eu sorri. — Neófita Haskel!

As portas se abriram de supetão e eu pisquei. Este era, de longe, o mais

elaborado de todos aqueles quadros vivos. Lá dentro parecia um carnaval e era óbvio que eu era a atração principal. O aposento redondo tinha um teto abobadado pintado de azul-escuro e salpicado de minúsculas estrelas douradas. À minha volta estavam os intérpretes, todos mascarados, com as fantasias mais bizarras. Estavam todos gritando o meu nome.

As duas figuras encapuzadas me jogaram contra uma escrivaninha de teca entalhada e empurraram minha cabeça em direção a um pedaço de pergaminho.

Um homem num manto dourado incrustado de jóias coloucou as mãos enrugadas de cada lado da página. Sua meia-máscara possuía buracos hexagonais para os olhos e estava coberta de rosas verdadeiras e, acima dela, seu cabelo era grisalho.

— Leia! Leia! Leia agora ou dê sua última olhada no Templo Interior!

Esses foram os juramentos que fiz:

Eu, Amy Maureen Haskel, Bárbara-Assim-Chamada, por meio desta juro solenemente, dentro da Chama da Vida e sob a Sombra da Morte, nunca revelar, por ação própria ou omissão, a existência do conhecimento considerado sagrado por ou os nomes dos membros da Ordem da Rosa & Túmulo.

Quando li em voz alta, todos deram vivas. Eles me ergueram e me giraram para ficar de frente para uma pequena gravura de uma mulher em uma túnica dórica, segurando um crânio em uma das mãos e uma flor na outra.

— Veja a nossa deusa! — gritou um e os outros iniciaram um cântico.

— *Perséfone! Perséfone! Perséfone!*

Perséfone, Deusa da Primavera. Filha da Deusa da Terra, Deméter, e esposa do Rei do Submundo, Hades, De acordo com o que eu me lembrava das minhas aulas de pesquisa da Mitologia Mundial, ela estava destinada a passar metade de todos os anos como Rainha do Submundo — um mês para cada semente de romã que havia comido no jardim cheio de melancolia de Hades. Nos outros seis meses do ano, ela podia voltar para a casa de sua mãe, que ficava tão feliz em ver a filha que trazia a vida de volta à Terra. De repente, a "rosa" e o "túmulo" da Rosa & Túmulo faziam todo o sentido.

Fui puxada de volta à mesa onde estava o juramento, com mais um comando de "Leia!

Leia!".

Eu, Amy Maureen Haskel, Bárbara-Assim-Chamada, por meio desta juro solenemente, dentro da Chama da Vida e sob a Sombra da Morte, nunca revelar, por ação própria ou omissão, a existência do conhecimento considerado sagrado por ou os nomes dos membros da Ordem da Rosa & Túmulo.

Quando li o juramento de sigilo desta vez, falei mais alto, com mais segurança.

E então de volta para a gravura, que fora posta sozinha em um altar num pequeno armário de madeira. A placa brilhava com a pátina do tempo e do cuidado.

— *Perséfone! Perséfone! Salve Perséfone!*

Imaginei as hordas de homens que tinham vindo antes de mim — criados em seus

colégios internos chiques e caros, destinados a se tornarem capitães de indústria e líderes de nações. Ainda bem que haviam feito um juramento de sigilo. Bando de pagãos. O que seus constituintes e mesas diretoras pensariam se soubessem que esses caras haviam passado o último ano de faculdade idolatrando uma deusa menor da Grécia antiga?

Perséfone? Fala sério!

Li o juramento mais uma vez antes de me levarem para outro lado da sala. Na parede estava pendurado um glorioso quadro a óleo de uma mulher nua com um olhar de "vem cá, meu bem". Uma figura vestida como o Papa e usando máscara branca de pássaro socava o ar com o punho.

— Veja o Êxtase Nupcial!

— É, parece mesmo — falei, notando as amplas curvas da mulher. Deus abençoe os ideais de beleza feminina do século XIX. Se os homens de hoje tivessem encomendado aquele retrato, ela teria tanta carne em seu corpo quanto um daqueles esqueletos.

Desta vez, quando me levaram de volta à escrivaninha de madeira, havia um pergaminho diferente à minha espera.

— Leia! Leia! *Leia!* — a multidão gritou.

Eu, Amy Maureen Haskel, Bárbara-Assim-Chamada, por meio desta juro solenemente, dentro da Chama da Vida e sob a Sombra da Morte, guardar os segredos e confissões de meus irmãos, apoiá-los em todos os seus esforços e ter para sempre como sagrado o que quer que eu venha a saber sob o símbolo da ordem da Rosa & Túmulo.

Aaaah, que bonitinho.

O grupo deu vivas novamente depois que eu li e me fizeram correr pela sala três vezes.

Comecei a me sentir tonta e mais do que um pouco sem fôlego, e eles me depositaram no chão em frente a outro crânio cheio de líquido vermelho. Desta vez, quando bebi o

"sangue" doce, reconheci o sabor imediamente. Suco de romã. Que apropriado!

Mais duas viagens de volta ao juramento de constância — e, entre elas, um passeio pela sala, depois dois — e eles me depositaram na frente do homem de manto dourado e cabelo grisalho.

— Permita que eu me apresente — disse ele com uma voz retumbante. — Eu sou o Tio Tony Cthony Carnicks Carnage Carthage Parnassus Phinneas Philamagee Phimalarlico McPherson O'Phanel.

— Diga! — Todos gritaram para mim. — Diga! Diga! *Diga!*

Então não era um estudante? Mas segurei o sarcasmo, pois não parecia ser a hora.

— Tio Tony...humm, Carnage...

— Ela não consegue dizer! Ela não consegue! Ela não consegue! —Uma figura pulou, vestida de vermelho e pintada para parecer Lúcifer. Ela balançou sua cauda longa em formato de lança para mim, chicoteando meu rosto e meus

braços de brincadeira

enquanto me provocava. Por baixo da tinta gordurosa e do nariz adunco falso, percebi dentes de um branco brilhante.

Eles me empurraram em direção a um cara vestido como no século XIX, segurando um livro encapado em couro todo marcado com o símbolo da Rosa & Túmulo. Ele enfiou o livro nas minhas mãos — grego de cabeça para baixo. Eu acho.

— Leia! Leia! Leia!

Sei, está bem. Mas, desta vez, eles mal me deram um sendo antes de começarem a gritar:

— Ela não consegue ler! A neófita não consegue ler!

Suas provocações pareciam ter alcançado um nível histérico, porém, e suspeitei que era porque estava chegando ao fim do tempo destinado a cometer tal abuso. O Tio Tony vestido de dourado me empurrou de volta à escrivaninha, em que havia um terceiro e último juramento. O juramento de fidelidade.

— Vejamos se ela consegue ler isso! — gritou.

Eu, Amy Maureen Haskel, Bárbara-Assim-Chamada, por meio desta juro e devoto solenemente meu amor e afeição, lealdade eterna e fidelidade imorredoura. Pela Chama da Vida e a Sombra da Morte, prometo apegar-me completamente aos princípios desta antiga ordem, favorecer seus amigos e prejudicar seus inimigos, e colocar acima de todas as outras as causas da Ordem da Rosa & Túmulo.

Ah, este era o juramento que os teóricos da conspiração adoravam apontar. Este era o motivo de terem atacado o presidente por ser um membro da Rosa & Túmulo. Admito que até mesmo eu, que não era uma líder dos homens e não tinha nenhuma intenção de algum dia vir a ser, hesitei com as palavras do juramento. Será que eu conhecia essas pessoas o suficiente para me apegar completamente aos seus princípios? E se as causas da Rosa & Túmulo fossem destruir a democracia, tornar a pizza ilegal e dominar a indústria de botas de couro até o joelho? E se os inimigos que eu devia prejudicar fossem o Dalai Lama ou o Brad Pitt? Lancei um olhar furtivo às figuras vestidas de forma

ridícula que me cercavam.

Nah, provavelmente não.

Falei o juramento de fidelidade três vezes e, conforme as últimas palavras saíam dos meus lábios, a sala pareceu estalar com o poder da minha promessa.

(Apesar de, nestas páginas, eu ter quebrado os dois primeiros juramentos, eu mantive o terceiro, e sempre manterei, até o fim dos meus dias. Aqueles de meus irmãos que consideram minhas transgressões imperdoáveis, olhem novamente para o meu juramento, e digam-me se cometi, de fato, perjúrio.)

Eles me ergueram e me colocaram gentilmente aos pés de um homem vestido como Dom Quixote. Ele usava uma armadura que não lhe caía bem e tinha um bigode grisalho e irregular debaixo de um chapéu de panela de cabo longo. Ergueu uma espada enferrujada com aparência antiga e bateu com ela no meu ombro esquerdo.

— Deste momento em diante, você não é mais a Bárbara-Assim-Chamada Amy Maureen Haskel. Por ordem da nossa Ordem, eu a nomeio Bugaboo, Cavaleira de Perséfone, Ordem de Rosa & Túmulo.

Alguém tocou um alarme três vezes, uma vez e mais duas, e todos gritaram:

— Coveiros!

E foi isso. Eu era uma Coveira.

Chamada *Bugaboo.*

Por meio desta, eu confesso:

com o tempo, passei a gostar.

6.

Festa

Quando passei pela porta para dentro da Grande Biblioteca de dois andares (sala 311, já que o Templo Interior havia reivindicado a designação sagrada do 312, de acordo com as informações que obtive com os dois ex-alunos de trinta e poucos anos que me mostraram o caminho), todos olharam para cima e me fizeram um pequeno brinde com taças cheias de suco de romã. Já havia cerca de vinte pessoas na sala —talvez uns dez estudantes universitários e um punhado de homens mais velhos de terno.

— Então você é a número onze — disse uma garota negra e fortona com cabelo da cor da minha calcinha de pegação de sexta à noite e uma blusa de trama de cânhamo. — Bem-vinda ao nosso hospício. — Eu conhecia a reputação dessa garota, eu vira seus protestos e seus comícios: Demetria Robinson.

— Você é amiga da Lydia, certo? — Um garoto com cabelo castanho-avermelhado

aproximou-se em seguida e apertou a minha mão. — Acho que nos encontramos uma

vez, no segundo ano.

Assenti em reconhecimento. Conte com Joshua Silver, garoto prodígio político, para nunca esquecer um rosto ou um contato. Apenas 21 anos e já era gerente de várias campanhas eleitorais locais bem-sucedidas. Para Lydia, ele era tanto seu herói quanto seu rival em todas as aulas de ciência política que haviam feito juntos. Joshua usava calças cáqui e uma camisa social branca amarrotada livremente salpicada de suco vermelho. Ele apontou para o adesivo OLÁ MEU NOME É em sua camisa.

— Eu sou, humm, Keyzer Soze.

— Isso é que é um nome de sociedade! — franzi o nariz. — O meu é *Bugaboo*.

— Podia ser pior — Demetria falou. — Algum imbecil prestes-a-ser-castrado

achou que seria engraçado me batizar de Thorndike.

Josh/Soze deu uma risadinha e Clarissa Cuthbert materializou-se ao meu lado, segurando duas taças de prata com ponche. Ela me entregou uma.

— É um nome histórico. Devia ter orgulho dele. O presidente Taft era um Thorndike.

— O presidente Taft era um merda branco e gordo — Thorndike respondeu.

Clarissa bateu com seu copo contra o meu. Seu adesivo OLÁ MEU NOME É dizia

Angel.

— Bem-vinda, Bugaboo — falou. — Fico feliz em ver que você está *se misturando* conosco afinal de contas.

Eu me retraí. De todas as sociedades secretas em todas as universidades no mundo, Clarissa Cuthbert tinha que ser convocada para a minha. Então era isso que ela queria discutir comigo.

Mas Angel não parecia interessada em retomar nossa conversa anterior. Ela se virou para os outros e disse:

— Acho que agora só falta o George Harrison Prescott, não é?

— É — disse um asiático baixinho, juntando-se ao grupo. — Mas ouvi dizer que tiveram que arrastá-lo para o mausoléu gritando e esperneando — ele esticou a mão para mim. —

Oi, eu sou o Frodo.

— Finalmente alguém com um nome pior do que o meu! — Thorndike fungou.

— Não entre docemente nessa bela noite, GHP — disse um rapaz com um sotaque

britânico completamente delicioso. — Em vez disso... obrigue seu *papai* a forçá-lo. —

Ele piscou para mim. — Eu sou Bond... Bárbaro-Assim-Chamado Greg Dorian. Ouvi

dizer que você é a escritora.

— Mais uma do tipo criativo? — perguntou Frodo. — Eu sou cineasta. E Little Demon é uma... cantora, de certa forma. Esta é uma turma bem artística.

Baixei os olhos para minha taça de ponche.

— Não sou realmente uma escritora, — Trinta páginas de um romance ordinário não contam.

Soze encolheu os ombros.

— Então, o que você é?

— A editora da revista literária.

Todos eles trocaram olhares.

— Por que não está na Pena & Tinta? — perguntou Thorndike. — Minha ex-namorada, Glenda Foster, está lá.

DUAS QUESTÕES

1) Boa pergunta.

2) Glenda Foster é lésbica?!? E você acha que conhece alguém...

— "Namorada" é um termo relativo. —Uma mulher alta e magra, deslumbrante, com cabelos vermelhos até a cintura juntou-se ao nosso grupo e estendeu sua graciosa mão na minha direção. Agora, essa garota eu conhecia. Mas, é claro vocês todos também sabem tudo sobre Odile Dumas. Ela era capa das revistas de fofoca desde os 15 anos. Sua matrícula em Eli tinha sido vista por todos como uma tentativa de aparecer menos como Lindsay Lohan e mais como Natalie Portman. Mas, para choque da mídia, ela abraçou a vida universitária com vontade e praticamente desapareceu das vistas do grande público.

Odile não lançava um disco ou um filme há três anos e o boato no campus era

que ela era mais inteligente (e menos piranha) do que qualquer um imaginava (ou gostaria).

— Little Demon — ela ronronou.

— Que gracinha — Thorndike revirou os olhos e Little Demon virou-se para ela.

— Só porque você embebeda uma pobre garota e a seduz uma ou duas vezes isso não a transforma em sua namorada. Tão ruim quanto um homem. Esse tipo de comportamento é uma vergonha para as lésbicas do mundo todo.

Thorndike estreitou os olhos.

— E você se inclui nesse grupo?

— Eu sou pansexual — disse Little Demon, sacudindo o cabelo.—Por que ficar com um só?

Mas Thorndike não havia terminado.

— E você, Odile, é uma vergonha para as *mulheres* do mundo todo.

Angel estalou a língua.

— Cuidado com os nomes bárbaros aqui, crianças.

— Ah, arrumem um quarto, vocês duas — disse Frodo. Thorndike e Little Demon

olharam uma para a outra, bufaram com desprezo e viraram-se em direções opostas.

Essa era uma bela turma de convocados.

Todo mundo gargalhou e eu ri constrangida para acompanhar. Era impressão minha ou todos eles pareciam se conhecer muito bem? Esvaziei meu copo e voltei para a poncheira, para ter pelo menos alguma coisa para fazer. Eu já tomara suco de romã suficiente para uma noite.

Angel me ultrapassou no caminho.

— Eu pesquisei — sussurrou. — Little Demon também é um nome tradicional, dado ao menor convocado todos os anos — ela lançou um olhar arrogante para a exótica Little Demon. — Não acha que sou mais magra do que ela?

Servi-me de um copo de ponche e me segurei para não jogá-lo em seu rosto.

— Eu sinceramente — *não estou nem aí* — não sei.

Ela balançou a cabeça como se estivesse afastando a

idéia.

— Que sorte você deu hoje na biblioteca, não é?

Não. Eu nunca tinha *sorte* em encontrar Clarissa.

— Como assim?

— Eu estar lá para encontrar a carta antes que alguém mais a encontrasse. Belo truque do Lancelot... Você sabe que o nome dele na sociedade é Lancelot, não é?

Eu assenti. Será que Clarissa — Angel — já havia procurado em um dos vários livros encadernados de couro forrando as paredes da sala? Ela tinha que tirar todo o seu conhecimento da Rosa & Túmulo de algum lugar. Cara, ela e Lydia foram separadas ao nascer!

Estava prestes a lhe perguntar onde ela conseguira aquelas informaçõezinhas quando as portas se abriram e George Harrison Prescott entrou arrastando os pés, sorriso encabulado colado no rosto lindo, casaco com zíperes e óculos notavelmente ausentes.

— E aí, galera. Eles me pegaram.

Enquanto todos erguiam seus copos em um brinde, George atravessou para uma mesa que eu não havia visto antes, rabiscou algo em um adesivo e o prendeu com um tapa no peito.

Então, com um floreio, ele se virou, apresentando o adesivo com seu nome da sociedade.

****

OLÁ MEU NOME É

PucK

****

O queixo de Angel caiu.

— Ei, Amy! — George acenou. — Mais uma Prescottiana, graças a Deus! Qual é o seu novo título?

— Bugaboo — baixei os olhos para o meu peito sem adesivo, feliz por ter conseguido tirar o aramezinho do sutiã afinal de contas.

Angel olhou para mim.

— Certo, você precisa de um adesivo.

Um instante depois, ela me entregou um com *Bugaboo* escrito numa caligrafia redonda, de menininha. Ainda bem que não havia "i" no meu nome pois eu tinha certeza de que ela teria feito o pingo em forma de coração.

— Obrigada — falei enquanto ela se inclinava para perto para sussurrar no meu ouvido, cheirando a Chanel, vodca e suco de romã.

— Sabe o que é "Puck", certo?

Bem, vejamos...

OPÇÃO UM: o disquinho preto que os jogadores de hockey disputam.

OPÇÃO DOIS: aquele mensageiro de bicicleta chato do programa da MTV Na Real: São Francisco.

OPÇÃO TRÊS:

— Como estudante de inglês, sou obrigada por lei a responder "o duende principal em *Sonho de uma noite de verão* — falei, certa de que ela estava prestes a me dar mais uma lição de erudição Coveiro. Não me decepcionei.

— O nome que dão ao convocado com mais experiência sexual.

Revirei os olhos.

— Bem, isso é óbvio. George Harrison Prescott provávelmente tem mais experiência sexual do que nós todos juntos.

Angel jogou a cabeça para trás e riu, dando-me um belo vislumbre do que deviam ser diamantes de dois quilates em suas orelhas. Acho que a regra de não usar metal não se aplicava a fechos de brincos em platina.

— Acho que vamos nos dar muito bem, garota.

Epa. Com certeza eu não pretendia ter dado essa impressão. Cheguei mais perto do George.

— Ei, qual era a parada com os fósforos mais cedo?

— A ponta deles contém enxofre. Os Coveiros não devem carregar enxofre.

— Ah, era isso o que eles queriam dizer na carta. Coisas que uma não-fumante nunca pensa. Provavelmente não queriam que tocássemos fogo acidentalmente na Sala do Vaga-Lume.

Ele deu de ombros.

— Eu só estava zoando com eles. Mas olhe só para você! — ele sorriu. — Uma Coveira!

O que acha disso?

Olhei em torno da biblioteca, para os dois andares do aposento com estantes embutidas cheias de volumes encadernados em couro, para os vitrais das janelas que davam para um pátio escuro. Em um canto da sala, Frodo estava reencenando animadamente sua

iniciação para um grupo de novos convocados, enquanto em outro um grupo de meia dúzia de homens mais velhos estava em um silêncio gélido, observando a sala como se estivessem nos avaliando. Uma garota solitária estava sentada num canto, mexendo em algo em torno do pescoço.

— Eu lhe digo quando souber. — Inclinei a cabeça na direção da garota. — Vamos dar oi para ela.

A menina se levantou quando nos aproximamos.

— Ei — disse eu. — Você também é nova aqui? Eu sou Bugaboo.

— Jen " *Lucky*" Santos. Tanto faz. — Ela me deu a mão, deixando cair o crucifixo que estivera apertando contra a garganta.

— Eu sou Puck — George falou, mas a garota lhe lançou um olhar envergonhado em vez de apertar a mão que ele lhe oferecia.

— Eu sei quem você é.

Então, sua reputação o precedera. George abriu a boca mas, antes que pudesse formular uma resposta, as enormes portas duplas se abriram com um estrondo e o resto dos Coveiros entrou com a formação de uma pirâmide. Suas fantasias das mais bizarras haviam sido trocadas por uniformes simples com capas e capuzes pretos, mas ainda havia traços da maquiagem que alguns tinham usado no Templo Interior ou nos quadros vivos em torno da linha de seus cabelos e em seus maxilares. Reconheci o Demônio, Otelo e um dos Puritanos. Mais uma dúzia de homens os seguiu, todos portando resquícios similares de suas fantasias.

O que eu conhecia como Poe, no topo da pirâmide, abaixou seu capuz e abriu

amplamente os braços.

— Bem-vindos, Classe de Convocados da Rosa & Túmulo *Anno Deae* 177.

Meu latim estava meio enferrujado — está bem, era comoletamente deplorável — mas ele tinha dito *O Ano da Deusa*? Todo mundo começou a aplaudir.

— Agora que todos foram iniciados na nossa Irmandade — aparentemente, ele não

gastara todas as suas letras maiúsculas durante minha sessão de tortura —, iremos passar o resto da noite ensinando a vocês os Segredos do Mausoléu e os Hábitos da nossa Ordem.

— E festejando — acrescentou Lancelot.

Poe o fuzilou com o olhar.

— E festejando — acrescentou com relutância.

— Muito bom, muito bom — disse Puck, erguendo seu copo.

— Será que nossos novos Iniciados podem, por favor, se aproximar e dar as mãos?

Doze pessoas abriram caminho através da multidão em polvorosa para ficarem diante de Poe. Os seniores da Rosa & Túmulo se espalharam até haver um atrás de cada um de nós.

Lancelot colocou a mão no meu ombro.

— Três dos convocados estão ausentes esta noite, devido ao fato de não estarem neste continente no momento.

Mordi meu lábio. Claro que nada menos do que um oceano como obstáculo seria uma desculpa aceitável para Poe.

— No entanto, eles foram convocados e, através do milagre da tecnologia moderna, seremos capazes de ver um deles passando por seus Ritos de Iniciação. Certo, Barebone?

Um dos Coveiros no fundo fez um sinal de positivo com o polegar.

— Tudo pronto.

Poe assentiu.

— E agora, apresentando os mais novos Cavaleiros da Ordem da Rosa & Túmulo...

— Angel. — Clarissa deu um passo à frente.

— Bond. — Dorian tomou seu lugar ao lado dela.

— Little Demon. — Odile saracoteou para a frente e fez uma pose.

— Big Demon. — Um jogador do time de basquete de Eli que estivera espreitando no canto com alguns dos ex-alunos

de terno se apresentou.

— Bugaboo. — Minha vez. Entrei no círculo que estava se formando. Lancelot me olhou nos olhos e sorriu.

— Graverobber. — Outro homem que estava com o grupo dos silenciosos de terno,

parecendo lixo europeu banhado a ouro.

— Frodo. — O Sr. Jovem Hollywood praticamente pulou para o seu lugar.

— Kismet. — Um negro alto deu um passo à frente.

— Puck. — George andou lentamente para o círculo, as mãos nos bolsos.

— Thorndike. — Demetria revirou os olhos para Puck enquanto se juntava aos outros.

— Lucky. — Jennifer Santos entrou arrastando os pés, mantendo uma distância segura entre si e seu vizinho mais próximo.

— Keyzer Soze. — Josh completou o círculo, tomando as mãos de Lucky e Angel nas suas.

Poe abaixou a cabeça, como em reverência.

— Bem-vindos, meus irmãos... e minhas primeiras irmãs. Vocês receberam uma

Responsabilidade Sagrada. Os Cavaleiros que se encontram diante de mim serão

lendários nos Anais da Ordem, pois são os primeiros a contarem com mulheres em suas fileiras. As cinco mulheres diante de nós são as únicas mulheres já iniciadas nos Mistérios da Rosa & Túmulo. Então, isso explicava tudo. Eu *sabia* que a Rosa & Túmulo não convocava mulheres.

Então, nós éramos as primeiras, não é? Já era hora deles entrarem para o mundo moderno. Olhei em volta do círculo para as outras quatro. E essas são as

mulheres que eles escolheram. Fiquei imaginando se haveria alguma lógica para as escolhas.

O homem mais velho que eu conhecia como "Tio Tony", agora de terno, deu um passo à frente. — Gostaria de louvar nossos seniores que se vão por terem a força e a coragem de arrastar esta sociedade para o século XXI. Sei que seu caminho não foi fácil, mas aplaudo sua disposição. Vocês realmente são uma turma de Irmãos para nos orgulharmos —

então, ele se afastou dos cavaleiros encapuzados e se aproximou do círculo de

convocados. — Como o Patriarca da Cerimônia de Iniciação no comando, sinto-me

honrado por lhes dar as boas-vindas à nossa Ordem. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para lembrar às damas no grupo que esses rapazes assumiram um grande risco e fizeram um grande ato de fé ao deixá-las entrar aqui. Esperamos que sejam mulheres exemplares... portanto, não estraguem tudo.

Bela recepção, idiota! Do outro lado do círculo, vi Thorndike revirar os olhos. "Vá se catar", ela esboçou com a boca. Ha. Grandes mentes pensam parecido.

Como se sentisse que as coisas estavam ficando feias, Lancelot levantou a voz:

— Acho que já temos conexão com Sarmast — ele apontou para outro Coveiro, que

soltou uma tela de projeção da parede, enquanto um terceiro mexia em seu laptop e em um projetor suspenso.

— Vejam! — disse Poe com um trejeito. —A Iniciação de Harun Sarmast.

— Certo. Que seja — Lancelot ligou o projetor.

A imagem estava granulada, pixelada, mas eu podia distinguir meia dúzia de homens de pé em uma sala de conferências corporativa sem graça, e com paredes de fórmica pré-

fabricadas, iluminada por lâmpadas fluorescentes amareladas. Alguns estavam de uniforme militar, o resto de terno. Eles formavam um círculo em torno de um

rapaz alto e magro do Oriente Médio, batendo palmas e gritando frases indecifráveis, o som cheio de estática.

— Onde é isso? — perguntou Soze.

— Embaixada americana na Arábia Saudita.

Soze assobiou por entre os dentes.

— Uau! Quem você teve que matar para conseguir *essa* autorização?

Poe obviamente era um especialista em olhares inexpressivos.

O garoto na imagem foi vendado e, considerando-se o atual clima político, a cena teria me deixado muito desconfortável se eu não tivesse percebido o sorriso enorme e estúpido em seu rosto. Fiquei imaginando se esse era o padrão da Rosa & Túmulo — cenas de trotes politicamente incorretas. Afinal de contas, eles tinham feito toda aquela ceninha de

"Puta dos Coveiros" comigo.

— Sarmast está fazendo um trabalho lingüístico para o governo este semestre. Mexemos seriamente os pauzinhos na embaixada para convocá-lo antes que a Cabeça de Dragão pudesse fazê-lo.

Um dos Coveiros encapuzados riu com escárnio:

— Os bolsos deles simplesmente... não são tão fundos.

— E os outros dois? — perguntei.

— Eles foram... reservados.

— Achei que tinha dito que eles haviam sido convocados.

Poe me lançou um olhar como uma víbora prestes a atacar.

— Eu sei o que estou fazendo, Bugaboo.

— Não ligue para ele — disse Lancelot. — Fica sensível sempre que é lembrado de que é um mero mortal. Fique tranqüila, se Poe não conseguiu encontrá-los,

ninguém mais vai conseguir também. Vamos encontrá-los primeiro. E vocês vão participar das iniciações.

— E se eles rejeitarem a convocação? — eu perguntei, mas Lancelot simplesmente piscou atônito para mim, como se tal situação fosse inconcebível.

Poe sacou um celular e começou a discar. Um momento depois, um dos fuzileiros na tela atendeu.

— Isso é transmissão em tempo real? — perguntou Lucky, finalmente juntando-se ao grupo.

O Coveiro que controlava o teclado sorriu e a chamou com um gesto.

— É. Venha dar uma olhada.

Lucky tomou um lugar atrás do computador, sua cara de medo substituída por uma de êxtase. Agora eu me lembrava —Jenny Santos, que na tenra idade de 17 anos havia desenvolvido algum software incrível, o vendera e então doara cada centavo do lucro de oito dígitos para sua igreja. Não é de espantar que a Rosa & Túmulo a quisesse em seu time.

— Muito bem—Lancelot disse para o homem na Arábia Saudita. — Comece. — Ele

passou o telefone para o Tio Tony e juntou-se a mim.

— Eu sabia que acabaríamos conseguindo convencê-la — sussurrou ao meu ouvido,

apontando com a cabeça para Lucky. — Só tínhamos que achar a maçã certa para tentá-

la.

— Romã.

— Hã?

— Não estudou a Bíblia na aula de literatura? — pergunto, satisfeita em poder

me vingar de sua tirada sobre crítica literária—Não havia maçãs no Berço da Civilização. O mais perto que os tradutores modernos conseguem chegar é que Eva comeu uma romã. Como a sua Perséfone.

Lancelot passou o braço pelos meus ombros.

— *Nossa* Perséfone, Bugaboo.

Franzi o cenho.

— E aí, os dois foram expulsos do Paraíso.

Ele suspirou.

— Você não entendeu, garota? Este *é* o Paraíso.

— Shhh! — disse Poe. — Eles estão começando.

Virei-me para a cena transmitida do Berço da Civilização enquanto Harun Sarmast era presenteado com sua própria romã. O som sumia e voltava, mas pesquei o suficiente para reconhecer que era absolutamente incompreensível.

— Eles estão falando alemão? — perguntou Angel, incrédula. Não era surpreendente para mim, porém, considerando-se meu encontro com o Ceifador. Angel não fora

submetida ao quadro vivo também?

Poe assentiu.

— Nosso contingente saudita é um pouco tradicional.

— E você é o quê? — murmurei para dentro. — Um louco progressista?

Lancelot inclinou-se para a frente.

— Pelos padrões dos Coveiros? Bem, é. Era tudo em Alemão antes do Segundo Conselho Rosa & Túmulo.

Eu ri, recebendo mais uma encarada de Poe. Que estraga-prazeres.

Harun Sarmast prosseguiu pelo caminho da iniciação que, mesmo sem as fantasias malucas e o teto abobadado azul-escuro do Templo Interior, era impressionante. Os ex-alunos baseados na Arábia Saudita executaram seus papéis com o tipo de precisão militar que era esperado, considerando-se suas profissões. Agora que eu não era mais o objeto de atenção na sala, podia apreciar inteiramente a alegria e o entusiasmo sinceros que os cavaleiros sentiam em mostrar aos neófitos as versões estrangeiras dos atores e parafernália da iniciação. Mesmo sem as armadilhas do mausoléu, todos os cavaleiros alardeavam as qualidades de Perséfone! Perséfone! Perséfone (ou pelo menos uma xerox de um livro de mitologia)! Êxtase Nupcial! Êxtase Nupcial! Êxtase Nupcial! (reprodução grosseira) e Tio Tony (cuja encarnação saudita não estava usando a elaborada máscara de rosas) Cthony Carpathian... ah, que saco. Esqueci o resto.

Todos os Coveiros na sala estavam hipnotizados pela cena diante de nós. Eles repetiam silenciosamente as palavras dos juramentos conforme Harun os fazia, vibravam junto com os cavaleiros sauditas quando ele passava cada estágio da iniciação, riram quando ele derramou seu terceiro crânio cheio de suco de romã na frente da camisa.

E então — aqui está a parte realmente estranha — algo floresceu dentro do meu peito. Eu sei, eu sei, eu passara a noite sendo carregada dentro de um caixão, enganada para pensar que estava me afogando, forçada a beber suco de fruta em restos humanos, jurando adorar uma antiga deusa grega e nunca contar a nenhuma alma viva sobre aquele negócio todo e *essa* era a parte estranha? Mas, sim, era. A sensação era semelhante a uma descarga de adrenalina, mas não diferente daquela primeira onda de prazer que você sente quando entra numa banheira quente. Observei os rostos dos cavaleiros, ri todas as vezes em que Lancelot me encorajava com uma cutucada e consegui até mesmo moderar um pouco

minha hostilidade em relação à Angel. Agora que eu estava dentro, a Rosa & Túmulo parecia ter pouco em comum com sua reputação incrível e misteriosa. Está bem, então *havia* cadáveres (esqueletos, ao menos) neste mausoléu. E daí? Também havia esqueletos no laboratório de biologia. E, privados de seus capuzes e maquiagem assustadora, os outros cavaleiros pareciam menos um culto satânico e mais como um bando de

universitários brincando de se fantasiar. Até o próprio mausoléu parecia

acolhedor visto de dentro. As luminárias de crânio eram um pouco incômodas, mas a luz que projetavam nas paredes forradas com painéis de madeira e estantes altas era rosada e acolhedora. Vi um adorável banco acolchoado embutido sob a janela em um canto, perfeito para ficar encolhida lendo um livro. Eu podia me acostumar com isso. Podia gostar muito. Eles haviam me escolhido, entre todos os estudantes da universidade, para me juntar às suas fileiras. Para ser uma das primeiras mulheres. Isso era muito mais legal do que a Pena & Tinta!

Enquanto observava outro cavaleiro ser aceito na sociedade Rosa & Túmulo, podia sentir o círculo sendo formado e eu estava dentro dele. A camaradagem tomou conta e — devo ousar dizer? — a irmandade. *Eles* se transformou em *nós*.

Lucky passou os dedos pelo teclado e de repente a imagem ficou dez vezes melhor. Eu nem queria saber o que ela tinha feito para conseguir aquilo.

Vi Harun se atrapalhar com o juramento da fidelidade uma vez, repetir com uma olhada em direção a algo fora da cena com tremulação sutil e estranha, e então, em um suspiro profundo, capitular e repetir pela terceira vez com tanta sincedade em seus olhos que ela se irradiava até mesmo através da imagem pixelada e granulada. Era assim que nós todos ficávamos naquele momento, quando prometíamos amar, honrar e proteger a sociedade?

O Coveiro saudita interpretando o Tio Tony ergueu uma cimitarra.

— Deste momento em diante, você não é mais o Bárbaro-Assim-Chamado Harun

Sarmast. Por ordem da nossa Ordem, eu o nomeio Tristram Shandy, Cavaleiro de

Perséfone, Ordem da Rosa & Túmulo.

Alguém fora de cena bateu um tambor três vezes, depois uma vez e mais duas.

E, lá do fundo, aquilo jorrou e, todos juntos, nós gritamos:

— COVEIROS!

O que há para se dizer sobre o resto da noite? Que detalhes lascivos e luxuriantes

eu posso confessar? Devo revelar como fomos encaminhados para dentro de uma frota de *limusines brancas* e levados até uma mansão em Connecticut (pertencente a um dos ex-alunos ou "patriarcas")? Como bebemos champanhe à meia-noite e enchemos a pança com lagostas grelhada às 2h da manhã? Até eu fiquei chocada por eles terem um chef lá às três da madrugada para caramelizar as cascas do *creme brûlée* que comemos de sobremesa.

No meio de tudo isso, tivemos um curso intensivo a respeito do funcionamento interno da sociedade e lições suficientes de história para merecer meio crédito. A história da Rosa & Túmulo se estendia há quase dois séculos. Não é particularmente emocionante (e o fato de estarmos exaustos e bêbados não ajudou). Parece que esse garoto, Russell Tobias, ficou irritado por não ter sido convidado para entrar na Phi Bela Kappa, foi para a Alemanha puto da vida, conheceu uns maçons ou templários ou um tipo qualquer de sujeitos de uma irmandade e enfiou na cabeça que — como os fundadores de todas as outras instituições de Eli, inclusive a própria universidade (que foi fundada por um bando de sujeitos insatisfeitos com o modo como as coisas estavam sendo gerenciadas na Harvard do século XVII) — se não iam deixá-lo brincar em seu clube, ele criaria um para si. Então foi o que ele fez e, como vinha de uma família ridiculamente rica que tinha um dedo em todos os esquemas vitorianos de geração de dinheiro quee havia — agricultura, importação e exportação, primeiras indústrias (foi aqui que Soze inclinou-se para a frente e sussurrou: "Drogas") —ele foi capaz de dedicar uma grande soma ao seu novo clubinho de meninos e a Rosa & Túmulo nasceu, assim como o Fundo Associado Tobias. O Fundo Associado Tobias (ou FAT, como Poe passou a chamá-la) é a coisa mais próxima de um corpo de diretores que a Rosa & Túmulo tem. É presidida por uma junta eleita pelos membros vivos, e todos os pedidos, financeiros ou não, feitos pelos seniores que formam o corpo ativo da Rosa & Túmulo no campus têm que ser aprovados por essa junta de curadores.

— Que tipo de pedidos? — Angel perguntou com a boca cheia de champanhe.

Poe trocou olhares cuidadosos com Lancelot.

— Financiamentos. Mudanças nos, humm, regimentos internos.

Lancelot encolheu os ombros.

— Tivemos que fazer algumas restaurações de obras de arte no ano passado e

tivemos que pedir permissão para pagar por isso.

Um dos outros cavaleiros caiu na gargalhada.

— É. "Restauração de arte". Você furou uma pintura a óleo com uma bola de futebol, Lance.

Ele corou e abaixou a cabeça.

Todos os irmãos do começo do século XIX eram igualmente ricos e o Fundo Tobias cresceu em patrimônio. Eles investiram em um dos melhores terrenos no campus,

construíram para si um mausoléu gigantesco de pedra e o encheram de antiguidades, obras de arte, curiosidades e bugigangas universitárias surrupiadas de todas as outras organizações de Eli.

Além da propriedade na High Street, o Fundo Tobias (uma organização sem fins

lucrativos e isenta de impostos, aparentemente) possuía um encantador conjunto de suítes no Clube Eli perto do centro de Manhattan e uma ilha particular no Sul, onde os membros se refugiavam.

— Quanto vale o fundo? — perguntou Soze. Eu estava aprendendo rapidamente que

sempre se podia contar com Josh para ir direto ao ponto em qualquer questão.

Poe citou um número oscilando nos oito dígitos.

Pessoalmente ? Eu estava impressionada, mas uma rápida olhada em torno da sala mostrou reações variadas. Angel estava com cara de que seu último gole de champanhe havia se transformado em vinagre e Soze parecia estar mordendo a parte de dentro de sua bochecha.

— Isso não é... suficiente? — perguntou Lucky, falando pela primeira vez. Uma pequena surpresa. Sua renda igualmente grande provavelmente pagara por montes de igrejas. Mas muito provavelmente não se igualava ao fundo de investimentos de Angel.

Poe retrocedeu.

— Nosso orçamento operacional efetivo é bem grande, portanto o valor monetário do fundo em si não é indicativo...

— Temos bastante dinheiro — interrompeu um patriarca, como se a discussão estivesse encerrada.

Ergui minhas sobrancelhas para ele.

— Ainda estamos na fase de saber apenas o necessário? — perguntei. — Mesmo agora que já fomos iniciados? Segredos dentro de segredos?

— Embrulhados em charadas enterradas em enigmas, gata — Lancelot acrescentou,

erguendo sua taça de champanhe em um brinde improvisado.

— Olhe, Srta. Haskel — o patriarca falou, então mordeu o lábio de repente, esquecendo-se de sua reprimenda. Enfiou a mão no bolso, puxou a carteira e entregou dois dólares ao Poe.

— Nomes bárbaros — Poe explicou enquanto enfiava o dinheiro no bolso de seu

manto—, as penalidades vão para nossa caixa registradora pessoal.

— Dois já foram, só faltam nove milhões — disse Soze.

O objetivo de todo esse negócio de bárbaros era separar nossa vida na sociedade de todo o resto. Dentro do mausoléu e durante eventos oficiais da sociedade fora dele (como nossas aulas na mansão), usávamos os nomes da sociedade para nos referirmos a cada um e termos da sociedade para vários objetos e eventos. Jurávamos por Perséfone em vez de jurar pelas figuras de nossas religiões. Até o tempo corria diferente; os relógios dos Coveiros eram adiantados cinco minutos em relação ao mundo exterior e os Coveiros contavam os anos a partir da época do início da sociedade. Referiam-se a qualquer coisa que acontecesse no mundo normal, mesmo se acontecesse com membros da sociedade, como "assunto bárbaro".

A festa terminou logo depois (e sem mais nenhuma elucidação sobre nossa

situação financeira, para grande decepção dos novos convocados) e seguimos os seniores até o átrio, onde havia uma piscina coberta — uma de verdade desta vez. Segui-os a uma distância segura e observei-os tirarem suas roupas e mergulharem na água aquecida.

Fumaça saía da superfície e subia em espirais em direção ao teto de vidro e seus gritos e gargalhadas ecoavam nas paredes de pedra. Meus irmãos, berrando a plenos pulmões com suas cuecas transparentes e — Ó, Deus, *Clarissa*! — calcinhas fio dental de renda.

Joguei-me em uma espreguiçadeira estofada e me servi de mais uma taça de champanhe da garrafa quase vazia de Veuve Cliquot que estivera carregando para cima e para baixo.

Minha mente não conseguia absorver os acontecimentos daquela noite. A iniciação maluca, a nova classe de convocados, o tour pelo mausoléu, a história, as músicas, o protocolo — era como estudar pesado para uma prova escrita de história e um teste prático de laboratório ao mesmo tempo. Seria impossível me lembrar de todas as fórmulas e eles já haviam proibido as colas. Havia dúzias de senhas secretas e combinações e esconderijos e apertos de mão — é, aprendemos um aperto de mão secreto também, você acredita?

É assim:

APERTO DE MÃO SECRETO DA ROSA & TÚMULO

1º PASSO: Quem cumprimenta estende a mão como se fosse dar um aperto de mão

normal mas, antes de fazer isso, fecha o dedo indicador e o pressiona contra a palma do outro cara. É assim que você mostra que está dentro.

2º PASSO: Quem recebe o cumprimento bate três vezes, uma e mais duas no dedo anular, médio e indicador do outro, respectivamente. É assim que você garante ter separado um membro da Rosa & Túmulo de outra organização que também use o truque do dedo na palma da mão.

Aparentemente, isso é derivado dos templários, ou dos maçons, ou de alguém mais e portanto muitas outras sociedades secretas fazem a mesma coisa.

— Todo mundo nos copia — Lanceíot havia dito com seu sorriso único.

— Por que não fazer só a parte que é especificamente da Rosa & Túmulo? — eu havia perguntado e me arrependi imediatamente quando vi as cabeças dos outros convocados se ergurrem para o céu. Toda vez que eu abria a boca, parecia que me metia em encrenca.

Apenas Lancelot parecia imune ao aborrecimento.

— Porque, Bugaboo, alguns desses caras têm 80 anos e não se pode ensinar truques novos a um cão velho.

— Usamos esse aperto de mão há séculos — outro Coveiro explicou. — E não vamos mudar só porque alguns idiotas sacaram e decidiram copiar.

Recostei-me na minha cadeira e pratiquei o aperto de mão secreto comigo mesma, tentando ao máximo ser sutil e discreta, para que espectadores enxeridos não

percebessem todo o complicado trabalho com os dedos. Era mais difícil do que parecia, principalmente devido ao fato de uma das minhas mãos estar de cabeça para baixo.

Talvez houvesse mais alguém por ali com quem praticar. Olhei em volta e, como era de se esperar, Jenny Santos estava sentada sozinha novamente, observando os nadadores com uma mistura de divertimento e confusão no rosto. Ela era a única que não estivera bebendo naquela noite. Na verdade, de todos os convocados, ela era a que estava agindo de maneira mais distante. Talvez fosse hora de quebrar o gelo.

— Você também não gosta de nadar? — perguntei, sentando-me na borda de sua

espreguiçadeira.

Ela saiu de seu devaneio.

— Eu adoro. Mas não vou tirar a roupa.

Dei uma olhada nos vários nadadores. E em suas cuecas. Bom argumento.

— Quer tentar fazer o aperto de mão secreto?

Estendi minha mão e ela prosseguiu com o aperto de mão com tanta facilidade e com uma habilidade tão natural que meu queixo caiu.

— Uau, como você fez isso? Você já sabia antes?

Jenny deu de ombros.

— Não.

Talvez fosse um negócio de cdf de computador. Como se ela fosse tão habilidosa para manipular o teclado que aprender rapidamente os movimentos dos dedos de um aperto de mão secreto não fosse problema. Tateei em busca de outro assunto para conversar, pois não parecia que essa Jennifer fosse introduzir nenhum.

— Então, eu soube que você é uma grande gênia dos computadores. O que você

inventou?

— É complicado.

— Eu sou uma garota inteligente. Tente explicar — pelo menos, tente com mais de duas palavras, querida.

Ela suspirou alto, como se estivesse cansada de explicar aquilo.

— Eu escrevi o núcleo para um programa de busca no desktop que evita os *threads* de perguntas repetidas no contexto da busca que invalidam a tradução dos buffers de memória e evita a obstrução dos recursos da CPU. Fui selecionada

por uma empresa de software e eles integraram meu programa em seu novo sistema operacional.

Está bem, talvez eu não seja tão inteligente. Mas tenho certeza de que poderia entender a parte financeira.

— E eles te deram um monte de dinheiro por ele?

— Não exatamente. Eles não sabiam o quanto iam gostar até começarem a usar,

então cometeram o erro de me pagar por comissão em vez de comprar o programa de cara.

— Isso é maravilhoso! Então agora você recebe uma comissão para cada cópia do novo programa operacional deles?

— É.

— Qual foi a empresa de software?

— Uma das grandes.

A essa altura, eu estava ficando um pouco incomodada com sua atitude reservada.

— Nós somos Coveiros agora. Não devemos ter segredos.

Jenny olhou para mim, as sobrancelhas erguidas.

— É isso que você pensa? A Irmandade da Morte tem muitos segredos, Amy. Nós só raspamos a superfície. — Ela ergueu a mão para acariciar a cruz em torno de seu pescoço. — Apesar de que, para lhe dizer a verdade, acho que eu estava esperando algo mais — ela apontou discretamente para os nadadores — *pervertido*.

Pensei no que Malcolm havia dito sobre encontrar a maçã certa para tentar Jenny. Talvez ela não estivesse tão tentada quanto eles pensavam. Abri a boca para lhe perguntar mais sobre essa "Irmandade da Morte" (porque *eu* certamente nunca ouvira eles serem chamados disso), quando um bando de Coveiros encharcados caiu sobre nós tentando nos botar de pé.

— Vamos lá! — eles gritaram, rindo, erguendo Jenny no ar.

— Esperem! Esperem! — ela berrou, rindo. — Tenho que tirar o meu BlackBerry!

Alguns momentos depois, sem o BlackBerry, eles a jogaram na piscina. Ela voltou à superfície, jogando água em seus captores e sorrindo tão amplamente que era como se eu tivesse conversado com outra garota.

— Você é a próxima! — gritou Thorndike, agarrando o meu braço.

— Não, espere! — disse eu, enquanto a menina me tirava do chão. — Eu não sei nadar.

Ela me soltou e eu caí de volta na espreguiçadeira.

— Nem um pouco?

— Ah, por favor! — Josh falou, agarrando meu outro braço. — Ela só não quer molhar a roupa. Peguem-na!

Droga! De novo, não!

— Pessoal — disse Malcolm. — Esqueçam. Ela já tomou um caldo esta noite — ele

colocou a mão no meu ombro e todo mundo me soltou. Esse era o efeito que Malcolm Cabot tinha sobre as pessoas. Elas simplesmente o *escutavam*.

— Meu herói — falei.

Ele encolheu os ombros.

— Em vez disso, me joguem — ele ofereceu à turba enquanto tirava a camisa. Um

instante depois, eles o ergueram e marcharam até a borda da piscina. Ele não lutou, provavelmente pensando que, pelo menos, era um bom treino para quando nossa turma tivesse que convocar seu próprio grupo no ano que vem.

Fiquei imaginando como eles escolhiam a turma. Grandes empreendedores, obviamente

— pessoas como Josh, Jennifer, Demetria e Harun não apareciam todos os dias. Nada do que eu já tivesse feito chegava perto desses caras. Pelo que eu ouvira na biblioteca, estava claro para mim que George Harrison Prescott era um legado (seu pai o empurrando para a sociedade etc.) e eu apostaria quase qualquer coisa que Clarissa também era. O Sr.

Cuthbert parecia o tipo de cara que tinha estado na Rosa & Túmulo. Eu não conhecia os outros tão bem, mas aposto que seus currículos eram impressionantes tanto por seus méritos quanto pela perspectiva genética. E eles todos sabiam disso. Menos eu.

Por que você não está na Pena & Tinta?

Isso mesmo, por quê?

Comecei a praticar o aperto de mão comigo mesma de novo. Algumas gotas de água pingaram no meu cotovelo. Olhei para cima. Malcolm estava de pé ao meu lado. Seu cabelo incrivelmente liso estava jogado para longe do rosto e a água escorria de seu abdome de atleta e descia em filetes pelas pernas de sua samba-canção colada ao corpo e ensopada. Ele deve ter tirado as calças quando eu não estava olhando. Que pena.

Malcolm obviamente entrara na brincadeira da piscina, apesar de, pelo que eu podia ver, Jenny ainda estar se divertindo na água atrapalhada por suas calças cargo e camiseta branca que, sinto muito, amiga, não estava escondendo nada.

— Você meio que está na frente da minha luz — falei, espremendo os olhos em sua direção.

— Você não sabe nadar mesmo, não é?

Malcolm Cabot era incrivelmente gostoso. E passara a noite toda me dando muita atenção. No princípio, descartei, achando que era só o desejo de fazer a nova iniciada se sentir em casa — principalmente depois da forma como aquele tal de Poe havia me tratado. Mas, mesmo depois de ter ficado claro que eu havia superado tudo e estava mais do que pronta a farrear, ele continuara próximo. Ops. Será que Brandon tinha um rival?

Se tivesse, era melhor abrir o olho — Malcolm estava num nível muito acima dele.

(Ah, meu Deus, eu acabei de pensar isso mesmo? Eu sou uma piranha! Como se

importasse! Como eu posso ter tido um pensamento tão mesquinho, pequeno e

desprezível? Será que já estava me transformando numa esnobe; eu estava em

uma sociedade secreta, portanto era melhor do que alguém que não estava? Será que Lydia estava certa? E pensar isso do Brandon — Brandon, que era tão gentil comigo, tão bom.

Eu gostava dele. Não estava *apaixonada* por ele, mas...)

Para falar a verdade, Malcolm estava num nível muito acima do meu também. Portanto, a idéia de que ele estivesse interessado não fazia sentido, mesmo na minha mente atordoada pelo champanhe.

Mas, considerando a confusão mental acima, eu realmente não me importava se fazia sentido. Ele estava ali, molhado e quase nu.

— Não, eu realmente não sei nadar.

— Por quê?

Pisquei para ele.

— É segredo. Ainda posso ter segredos para você, não posso, Lance?

Ele se sentou ao meu lado.

— Não é bem visto mas, tecnicamente, sim. Vamos lá, Bugaboo, conte-me. — Ele

agarrou minha coxa e a sacudiu, como se fosse expelir a verdade de mim.

Pisquei de uma forma que esperava ser sedutora, mas o movimento das minhas pálpebras pareceu levar muito mais tempo do que o estritamente necessário. Nota para mim mesma: quando parece que você pode se dar bem com um sênior gostoso, pegue leve no

champanhe. Mas também, provavelmente não era só o champanhe me derrubando. Afinal de contas, eram quase 5h da manhã e eu nunca fora muito boa em virar a noite.

E eu estava sentada ali, superada por um Adonis de samba-canção molhada.

É claro que "superada" fora o tema da noite, não é? Eu estava fundindo meu

cérebro educado em Eli tentando descobrir onde eu me encaixava nesse mundo. Até a nerd cristã parecia ser um ingrediente mais apropriado.

— Por favor? — Ele piscou seus cílios louros para mim. — Eu te conto um segredo também.

— Um dos grandes?

Ele sorriu e se inclinou para perto.

— *O maior*.

Por meio desta, eu confesso:

acordei na cama de um homem estranho.

7.

A Manhã Seguinte

FORMAS DE SABER SEM SE VIRAR PARA o LADO PARA OLHAR PARA ELE

1) Em vez de um edredom grosso e macio, garotos têm colchas de algodão em preto, azul-marinho ou verde-folha.

2) O aparelho de som é enorme.

3) Há um dos seguintes pôsteres na parede: da Angelina Jolie, dos Beastie Boys ou de *Guerra nas Estrelas*.

4) O travesseiro tem cheiro de gel para o cabelo

5) Há um grande vazio de apreensão no seu estômago.

Se o seu ambiente no momento se encaixa em pelo menos três desses critérios, prepare-se para a sua *Trilha da Vergonha*.

O meu se encaixava em quatro, mas o quinto estava por vir.

Virei para o lado para encarar meu destino, temendo quem eu iria encontrar esfregando o cabelo com cheiro de gel no travesseiro à minha direita. Eu tinha mesmo consumido tanto champanhe na noite anterior que nem conseguia me lembrar? Mas a cama estava vazia.

Sentei-me e fiz uma avaliação profunda do quarto. Nada que o identificasse — fotos de família, uma grande placa dizendo "Quarto-Do-Fulano" — é pior, nenhum sinal das minhas roupas.

Ops.

Olhei para o meu corpo. Calcinha, sutiã, camiseta grande e branca masculina com um brochinho dourado preso — Rosa & Túmulo. Como se isso limitasse as opções.

Pense, Amy, pense. Muito bem. Iniciação, limusine, mansão, lagosta, piscina... eu me lembro da volta para Eli? Isso era ridículo! Eu bebera meia garrafa de champanhe, no máximo, mais o que quer que seja que possa ou não ter havido naquele ponche dos Coveiros e, considerando-se o tempo eu fiquei lá, não existe possibilidade de estar bêbada o suficiente para ficar com alguém e não me lembrar... certo?

A porta se abriu como em uma revelação de reality show e, por um segundo, só consegui ver um pé dentro de um tênis. Então, Malcolm Cabot entrou vestindo um par de jeans de grife e uma camiseta da Eli, equilibrando um suporte para copos e um saco da Starbucks em uma das mãos e uma pilha de roupas dobradas na outra.

E aí lembrei-me de uma imagem da noite anterior. Malcolm Cabot, encharcado, usando samba-canção e um sorriso.

Duplo ops.

— Bom dia, dorminhoca! — Ele atirou as roupas no pé da cama. — Joguei isso na

máquina de lavar para você. Uma coisa que vai aprender bem rápido: suco de romã mancha.

Prendi o edredom em volta dos quadris.

— Valeu.

Ele se sentou ao meu lado e me passou um dos copos descartáveis.

— Espero que goste de *mocaccino*.

O aroma forte do chocolate escuro com café subiu na direção da minha garganta e eu fechei as mãos em torno do copo, grata por ele ter pensado em me trazer café-da-manhã na cama. Brandon, com toda a sua gentileza, nunca tinha saído para trazer café. Nem mesmo Alan Albertson, o grande "amor da minha vida" (e número três na Lista de Pegação, se você ainda está acompanhando) nunca havia feito isso. Dei um gole na bebida e fiquei imaginando qual seria o protocolo a seguir. Eu o beijo? Ajo naturalmente?

Digo a ele que não lembro de nada de nós dois juntos?

Por falar nisso, como eu ia avaliar a ficada com a Lydia sem quebrar meus votos? Não havia como explicar esse acontecimento sem deixá-la saber que Malcolm Cabot estava na Rosa & Túmulo.

Malcolm estava ocupado passando cream cheese vegetal em um bagel de canela com passas que já tinha um pedaço de salsicha. Nojento.

— Desculpe-me por tê-la trazido para cá ontem à noite — disse ele. — Você apagou lá na mansão e o meu quarto era muito mais perto do ponto final da limusine do que o seu.

Engasguei com o meu *moca*.

— O quê?

Ele olhou para cima.

— Eu sei. Eu sou fraco. Estes músculos são só para exibir — ele flexionou os bíceps e sorriu, aí deu uma grande mordida em seu café-da-manhã nojento.

— Eu... adormeci?

— É. E eram só seis e meia. Você nunca virou a noite? Balancei a cabeça.

— Não. Tem sido a ruína da minha existência universitária o fato de eu não conseguir.

Mas ajuda eu não poder me dar ao luxo de ficar deixando para depois. Tenho que fazer meus trabalhos com antecedência.

— Bem, vai ter que aprender a ficar acordada agora — disse Malcolm. — Nossas

reuniões às vezes duram a noite inteira.

Esse papinho estava muito bom, mas vamos direto ao assunto.

— Malcolm? — perguntei. — Estou correta em supor que... apontei para a cama — não aconteceu nada ontem à noite?

Ele piscou para mim.

— Você costuma acordar na cama de rapazes estranhos sem lembrança alguma do que está fazendo lá?

— Não — eu franzi os lábios. — Por isso estou meio sem chão.

Ele se inclinou para perto, me pegou pelos ombros e olhou nos meus olhos, falando muito devagar e claramente, como alguém fala com um maluco ou algum outro tipo de

perturbado instável e amnésico.

— Você estava cansada. Adormeceu. Eu a carreguei para cá.

— Mas as minhas roupas...

— Eu lhe disse, suco de romã mancha. E, quando mencionei isso ontem à noite, você ficou mais do que feliz em me deixar jogar suas roupas na máquina.

— Não me lembro dessa parte.

— Não me surpreende, seus olhos não estavam abertos.

Joguei-me de volta em cima do travesseiro, inundada pelo alívio e... está bem, uma pontinha de decepção também. Como eu disse, Malcolm é hipergostoso.

Malcolm aninhou-se ao meu lado e apoiou a cabeça no braço.

— Você achou que nós tínhamos ficado?

— Não — eu menti.

Ele riu.

— Sem querer ofender, gata, mas você não faz o meu tipo.

— Humm, estou ofendida! — Levantei o queixo em desafio.

Ele sacudiu a cabeça de novo, os olhos esbugalhados.

— Cara, *do que* você se lembra sobre ontem à noite? Você *se lembra* de ter entrado para a Rosa & Túmulo, certo? Todo o negócio da *sociedade secreta mais famosa de Eli*?

— Todo aquele oxímoro, aquela contradição toda? Sim. — Comecei a contar nos dedos.

— Você me perseguiu pelo mausoléu e me trancou num caixão e ameaçou me afogar e/

ou me estuprar.

— Aquilo foi uma brincadeira — ele esclareceu.

— Eu fiz três juramentos. Nós todos ganhamos apelidos idiotas. Eu comi lagosta.

Aprendi um aperto de mão secreto... olhe! — fiz o aperto para ele e ele pareceu decentemente satisfeito com o meu progresso. — Todo mundo foi nadar. E aí...

Ah.

Ele começou a assentir para meu rosto de boca aberta.

— Acho que está começando a se lembrar,

— Eu lhe contei sobre o píer.

— E?

— E você me disse que... — dei uma longa olhada em Malcolm Cabot, em seus jeans estilosos, seu cabelo bem cortado, seu sorriso sua-besta, como-você-é-idiota-Amy. Aí, olhei para o pôster da Angelina seminua, que estava pendurada em um igualmente seminu Brad Pitt. Então, de volta ao Malcolm. — Você me disse que é gay.

Ele tocou a ponta de seu nariz.

— Bingo.

— Não estou mais ofendida.

— Achei que não estaria — ele voltou ao seu horroroso bagel de canela e creme de vegetais.

— Lembre-me, porém, como é que ninguém sabe disso. Quer dizer, não é que sejamos preconceituosos em Eli — no mínimo, o oposto era verdade. Eli tinha uma das maiores porcentagens de homens gays em todo o sistema da Ivy League. *Um em quatro, talvez mais* era a frase que eu vinha ouvindo desde a primeira vez em que pisara no campus.

Malcolm suspirou.

— Meu pai, o grande conservador. Se ele ou seus eleitores soubessem a minha

orientação, a merda ia bater no ventilador.

Sacudi a cabeça.

— Isso não faz sentido. Se Dick Cheney pode ter uma filha lésbica e ainda ser um bom conservador, por que o governador Cabot não pode?

— Dick Cheney nunca fez campanha defendendo que os homossexuais são filhos de Satã e deveriam todos morrer se contorcendo nas profundezas do inferno — Malcolm disse, uma grande amargura subitamente invadindo sua voz. — Ele nunca falou publicamente que a Aids era uma praga de Deus enviada para punir as bichas por seus pecados.

Olhei para baixo, para dentro do meu copo de *moca*.

— Ah.

Ele deu de ombros.

— Eu estou acostumado — falou. — Era pior quando eu era mais novo e inseguro e tentava desesperadamente me *consertar.*

Olhei para Malcolm, autoconfiante, encantador, o Malcolm Cabot com o dom da palavra e tentei imaginar como esse cara podia um dia ter sido inseguro. Talvez ele conseguisse esconder muito bem, depois de treinar tanto para evitar a desaprovação do pai.

— Seu pai suspeita de alguma coisa?

Malcolm balançou a cabeça.

— É difícil dizer. Eu era o rei da supercompensação no segundo grau. Parecia o extremo oposto. Tinha grande reputação de garanhão. Papai ficava tão orgulhoso...

— Você ainda tem uma reputação bastante decente, sabe. Ele encolheu os ombros.

— Na maior parte, é tudo ilusão. E eu sou muito cauteloso, muito discreto. Ninguém além dos Coveiros da minha turma sabe. E agora você. — Ele sorriu de novo. — Mas agora você também é uma Coveira! — Isso mesmo. — Mas algo ainda estava me

deixando confusa. — Quer dizer que os seus melhores amigos não sabem?

Ele espremeu os olhos.

— Os Coveiros sabem, e eles são basicamente meus amigos mais íntimos. Nem sei se teria contado a eles se não fosse pelos E.N.s.

— O que são E.N.s?

— Relatórios de Êxtase Nupcial — respondeu ele. — Um dos dias mais importantes na experiência de um Cavaleiro na Rosa & Túmulo. Você fíca de pé na frente de todos os seus irmãos e faz um relatório básico de sua experiência sexual até o momento.

— Uma Lista de Pegação.

— Hein?

Mordi o lábio.

— Nada. Isso é algo que todo mundo faz?

— É. Tradição da Rosa & Túmulo. Você vai adorar — ele me olhou fixamente. — Por quê? Você tem segredos sexuais profundos e obscuros sobre os quais eu

deveria saber?

Pensei em Ben Alguma Coisa, mas tinha quase certeza de que um grande percentual das garotas universitárias possuía o mesmo tipo de incidentes constrangedores em seus currículos.

— Não.

— Ótimo — ele falou, assumindo uma espécie de ar severo e paternal. — Porque eu não gostaria de ter que entregar uma avaliação ruim para o seu namorado.

— A, você não pode dizer uma palavra: fez um juramento, lembra-se? E, B, eu não tenho namorado.

— E quanto ao Brandon Weare?

Certo. O negócio do badminton na sexta-feira. Malcolm não deixara escapar nada naquele encontro, não é?

— Ah, bem, ele é...

Malcolm riu.

— Não diga mais nada, Amy. Eu entendo. — Ele enfiou o ultimo pedaço de bagel na boca. — Achei que, se ia pular na cama comigo, você não estava louca por ele.

— Eu não ia pular! — Provavelmente.

— Agora *eu* estou ofendido. — Ele franziu a testa, encantadoramente, e eu joguei a ponta do edredom por cima de seu rosto e saí da cama. Enfiei minhas calças cargo, tirei a camiseta e puxei a minha blusa por cima da cabeça o mais rápido possível. Não que eu me importasse realmente que ele me visse de sutiã; afinal de contas, se ele era gay, não tinha importância, certo?

Voltei para a cama.

— Na verdade, eu queria lhe perguntar uma coisa sobre isso.

Ele abriu os braços amplamente.

— Pergunte o que quiser. Não temos mais segredos.

Fiquei imaginando o quanto isso seria verdade. Jennifer não parecia acreditar.

— Por que você ficou tão colado em mim ontem à noite se não estava me paquerando?

— Eu sou seu irmão mais velho — disse Malcolm, como se fosse óbvio. — Todo novo convocado tem um.

— Há algum motivo para as designações? Tipo, quem é irmão mais velho de Demetria Robinson?

— Kevin Binder — respondeu ele. — Não percebe? Negro, gay, extremamente radical?

— Quer dizer, eles foram designados porque são muito parecidos?

— Quero dizer que ela foi convocada porque eles são muito parecidos — a testa de Malcolm se enrugou. — Sabe que é assim que funciona, certo? Nós convocamos pessoas para nos substituir.

— E você me escolheu?

— *Ja. Oui. Si. Hai.* — Ele encolheu os ombros. — Não percebeu como a turma de convocados está cheia de figurões? Ficou bastante ridículo nos últimos anos, na minha opinião. Estão todos tão preocupados em escolher um representante, que não pensam realmente nas coisas intangíveis. É só — etnia, religião, inclinação política, interesse acadêmico. Convocamos por gêneros, não pela alma. Todo mundo está se transformando em um estereótipo ambulante,

Na verdade, eu havia percebido isso, mas achei que era apenas uma extensão normal do hábito de Eli de deixar seus sentimentos à mostra. Durante aqueles quatro anos de universidade, o que quer que você fosse, você expunha ao máximo. Para criar um espaço para si, precisava incorporar a imagem que estava tão desesperadamente tentando passar.

Eu podia não me lembrar do nome de todos os convocados (ou nomes secretos)

ainda, mas reconhecia seu "tipo".

— Então, qual é o nosso estereótipo?

— Editorial, é claro. E branco.

— Mas não gay.

— Há alguma coisa que queira me contar? — Ele piscou. — Não temos que ser

igualzinhos. Além disso, tivemos que dar um pouco de folga este ano porque nosso clube decidiu que iríamos convocar mulheres.

Em língua de Coveiro, um "clube" era o grupo de seniores que havia sido convocado junto. Os juniores eram um clube, mas seríamos chamados de "turma dos convocados"

até assumirmos o comando no próximo outono.

— Como vocês decidiram quem ia convocar as mulheres?

— Quer mesmo saber? — ele se inclinou para sussurrar. — Tiramos no palitinho.

— Você ganhou ou perdeu?

— Muito engraçado — ele parou por um segundo. — Olhe, não importa como nós a

escolhemos. Você está dentro agora.

É, mas eu não combinava tão bem com o Malcolm como tinha certeza de que os outros convocados combinavam com seus irmãos mais velhos. Durante seu segundo ano,

Malcolm Cabot fora o editor do jornal diário — um cargo administrativo (não editorial, veja bem) bacaníssimo no mais brilhante e bem sucedido programa extracurricular de Eli.

O *Eli Daily News* (ou *EDN*, como todos o chamavam) tinha um castelo gótico como escritório no campus, que rivalizava com o mausoléu de qualquer

sociedade secreta. Seu capital de giro podia ter sustentado várias revistas literárias sem o menor esforço. E havia muitas mulheres na equipe de lá.

— Então, eu sou a sua substituta — cruzei as mãos sobre meu colo. — Isso faria sentido... se você fosse Glenda Foster.

Ele caiu em cima do travesseiro novamente e jogou as mãos em cima dos olhos.

— Eu sabia que você ia tocar nesse assunto!

— A Pena & Tinta? — Quando ele assentiu, eu continuei: — Sou uma garota inteligente.

E sabia que já havia sido selecionada para aquela sociedade.

— Bem, eu não sabia. Não fazia idéia de que estávamos invadindo o outro campo até aquele dia na sua entrevista quando você achou que nós éramos eles.

— Fiquei intrigada porque não havia nenhuma mulher na sala — admiti, apesar de estar realmente imaginando como Malcolm havia esquecido que a Pena sempre pegava o

editor da revista literária. Seria algum tipo de solipsismo da sociedade, um alheamento estranho? Ele não se preocupava com o que outra sociedade queria?

— Assim que decidimos convocá-la, mandamos uma carta de intenção para as outras sociedades — Malcolm explicou.

— Isso não vai contra toda a história de "secreto"?

— Honestamente, você vai descobrir que fazemos muitas coisas que vão contra isso —

ele encolheu os ombros. — Somos paradoxos ambulantes. Obrigados a usar o broche, mas instruídos a sair da sala se alguém ousar comentar sobre eles? O quão ridículo é isso?

Foi ele quem disse, não eu. Apesar de que, se pensar bem, quanto prestígio algo pode lhe dar se você não deixa *ninguém* saber a respeito? Os Coveiros tinham que ter algum antigo método desconhecido de exercer sua influência enquanto

mantinham escondidas suas identidades. Bem legal.

Malcolm ainda estava explicando.

— Mas as outras sociedades fazem a mesma coisa conosco, então, se quiserem ser uns babacas e revelar nossa lista de convocados, nós temos munição parecida. E não há nenhuma garantia de que vão desistir, principalmente se foram ri-vais, como a Livro & Chave ou a Cabeça de Dragão.

— Mas a Pena & Tinta não é uma rival.

— Exatamente — ele sorriu e tirou as mãos do rosto. — Uma carta dos Coveiros faz com que se borrem todos.

Eu ri. Não era surpresa que Glenda não me ligasse há alguns dias. Provavelmente estava com medo de ser repreendida.

— Vai começar a perceber que muitos dos seus amigos bárbaros vão descobrir que você é uma Coveira — Malcolm continuou. — Não é por acaso que agora todos os meus

amigos mais íntimos são membros da sociedade.

Clarissa *versus* Lydia? Não vai rolar.

— O que acontece se meus amigos... descobrirem? Já que, você sabe, Brandon e Lydia já sabiam.

— Nós os matamos — ele sorriu. — Ah, nada. Não pode falar a respeito, mas vai ser praticamente impossível esconder o fato de que você desaparece todas as noites de quinta e domingo de perto das pessoas de quem é mais próxima, da sua colega de quarto, Lydia, por exemplo.

Cruzei os braços.

— Está usando aquela técnica dos Coveiros em que você age como se soubesse tudo sobre mim a fim de me apavorar?

— Estou.

— Bem, pare com isso. Não vou cair nessa. Você já se ferrou ao pensar que eu namoro o Brandon.

— Verdade. Então, mais alguma coisa que queira perguntar? Estou aqui para introduzi-la à vida de uma Coveira.

— Por que me escolheu, de verdade?

Ele se espreguiçou, passando as mãos por baixo da cabeça.

— Desculpe, garota, os anais de nossas sessões de deliberação são destruídos. Nós os queimamos em uma pira ritual.

— Por quê?

— Porque fogo é maneiro. — Isso é tão coisa de homem. — Não, sério, para poupar mágoas.

Fazia sentido. Eu, por exemplo, não gostaria de saber que tipo de coisas ruins Poe havia dito sobre mim depois daquela entrevista.

— Por que o meu nome é Bugaboo?

— São dois dólares de multa por usar o nome fora dos limites de uma reunião da sociedade, e eu também não posso lhe dizer isso.

— Por que não?

— Parte da deliberação.

— Se esse é o nome pelo qual vão me chamar pelo resto da minha vida na sociedade, tenho o direito de saber. Alguns dos outros membros sabem.

— Só os com nomes históricos. Pode trocar, se quiser, pode ser a primeira coisa a fazer no ano que vem. Não gostou dele? — Ele parecia magoado, como se eu estivesse

rejeitando um presente.

Dei de ombros.

— É legal, eu acho. Só queria saber por que esse... — continuei, astutamente. Mas eu podia adivinhar. Um "bugaboo" era um problema persistente e, se sua "liçãozinha"

durante a minha iniciação fosse indício de alguma coisa, eu havia sido uma lendária mala durante minha entrevista.

— Sua sem-vergonha! — ele me cutucou do lado até eu gritar. — Talvez eu devesse ter lhe dado esse nome!

— Provavelmente teria sido melhor!

Ele começou a fazer cosquinha em mim para valer, então.

— Vamos lá, admita. É um nome bonitinho. Bugaboo, bugaboo, bugaboo!

— Pare! Malcolm, por favor!

— Bugaboo! — Rolei para trás, mas ele não desistiu. — Bugaboo!

— São... dez... dólares... — falei arfante em meio às gargalhadas.

Ele se sentou e puxou uma nota de dez da carteira, sorrindo.

— Verdade. Mas valeu a pena.

Sentei-me, totalmente acabada, afogueada e, sim, meio excitada. Mas, qual é, um cara gostoso me fazendo cócegas — o que mais você podia esperar?

— Tem certeza de que você é gay?

Ele piscou.

— Devo lhe dizer com quantos galãs e playboys de Hollywood eu já fiquei?

Ergui uma sobrancelha com interesse.

— Vai dar nome aos bois?

— Não.

— Qual é! — eu pisquei. — Eu sou uma Coveira. Não temos segredos.

Ele deu nome a um boi.

— Não!

— Sim.

— Como foi?

Malcolm pensou a respeito por um minuto.

— Nada mal. Intenso.

Fazia sentido. E no armário, igual ao Malcolm. Mas, por mais que eu estivesse curiosa a respeito da Lista de Pegação do meu irmão mais velho, havia outras perguntas mais importantes que tinham precedência. Então, comecei a perguntar, em rápida seqüência, como se estivéssemos em um

programa de TV e eu tivesse 30 segundos para descobrir tudo que havia para saber sobre a Rosa & Túmulo.

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM

MALCOLM "LANCELOT" CABOT, COVEIRO

Por Amy "Bugaboo" Haskel

Vocês realmente nos dão relógios de pêndulo?

Quando você se casa — ao nosso gosto.

Então eu acho que isso o exclui da lista de presenteados.

Na maioria dos países.

E os 20 mil dólares quando você se forma?

Negativo. Para manter o FAT no saldo positivo, isso está mais para a quantia com que você vai acabar contribuindo.

Espere. Eu tenho obrigações?

Chame de "Donativos". Depois de formada, claro.

Merda (*provavelmente tenho que tirar isso para entrar no horário nobre*). Mas acho que a filiação tem seus benefícios, certo?

Muitos.

Tipo o quê?

Tipo você vai tirar 10 naquela final de romances russos, Amy. Mesmo que não termine o livro. Temos todas as provas no arquivo desde que ele pararam de dá-las

em latim.

E isso não é colar?

Por quê? Os professores deixam você ficar com a prova depois. Eles deviam saber que os alunos de Eli são inteligentes o bastante para catalogá-las em benefício das

gerações futuras.

O que mais temos guardado naquele mausoleuzinnho? Ouvi muitos boatos.

Deixe-me destruí-los.

O crânio de índio Gerônimo?

Verdade.

A prataria de Hitler?

Nojento! Não! (*inclinando-se para sussurrar*). Mas temos outras parafernálias nazistas esquisitas.

(*hesitando*) Isso significa que temos conexões com os nazistas? (*Isso vai para o topo*

da minha nova lista, Coisas Para Descobrir A Respeito da Sua Sociedade Secreta

Antes de Fazer Um Juramento de Fidelidade.

1: Estamos associados a alguma organização em ódio a algo?)

Espero que não! Acho que alguns dos nossos rapazes trouxeram aquele lixo da Segunda Guerra Mundial, como saques de guerra, sei lá.

O que mais?

Algumas primeiras edições ótimas. Um manuscrito de Shakespeare. Muitos objetos roubados de Eli — barcos a remo vencedores, essas coisas. Alguns dos tesouros foram roubados de outras sociedades. Algumas obras de arte decentemente valiosas e horrendas.

Mais esqueletos da faculdade de medicina do que você é capaz de sacudir.

Códigos nucleares?

Ultrapassados desde a Guerra Fria, mas sim.

Continuamos por um bom tempo, até eu ter acumulado o tipo de conhecimento a respeito da minha nova sociedade secreta que teóricos da conspiração daqui até Addis Abeba teriam matado para descobrir. Mas, finalmente, nós dois percebemos que, com provas arquivadas ou não, tínhamos coisas para estudar antes do final do semestre. Além do mais, acho que você não tem o direito a passar o dia inteiro na cama com um cara a não ser que haja sexo envolvido.

Antes que eu saísse, Malcolm me deu um broche da Rosa & Túmulo.

— Você tem que usar isso o tempo inteiro — disse ele. — Escolha um lugar discreto.

— Qual é a razão? — perguntei enquanto prendia o pequeno hexágono de ouro no cinto e puxava minha blusa para baixo. — Se ninguém deve saber que ele está aqui, para que me incomodar em usá-lo?

— *Você* vai saber que ele está aí — respondeu ele. Foi até a porta e deu uma

espiada para fora. — Só estou procurando Brandon Weare — falou, sorrindo. — Não queremos que ele pense que você está pulando a cerca.

— Talvez você queira — falei. — Iria tornar a farsa mais crível.

Malcolm simplesmente respondeu dando de ombro com uma espécie de cansaço do

mundo que me fez imaginar quanto tempo mais ele agüentaria continuar com isso.

Dei-lhe um abraço rápido e saí. Como a maioria dos dormitórios de Eli, este tinha apenas uma ou duas suítes em cada andar. Nós não tínhamos "corredores" como a maioria dos dormitórios de universidade mas, em vez disso, vales de entrada de vários andares. A camaradagem devido à proximidade física era organizada na vertical — em vez de compartilhar o banheiro com o pessoal da porta ao lado, você o compartilhava com o pessoal do andar de cima. Os aposentos de Malcolm eram no quarto andar — um "sótão"

que, quando construído, provavelmente deve ter sido o lar de um estudante mais pobre que não podia pagar uma "sala de estar", mas nos tempos atuais era um cobiçado conjugado com grande privacidade. A escada estava praticamente deserta — só um aluno do terceiro ano fumando na janela do segundo andar e conversando em seu celular e uma garota do segundo ano com um rabo-de-cavalo comprido e castanho que abriu a porta e deu uma olhada para fora quando eu passei. Senti o broche da Rosa & Túmulo queimando como ferro de marcar contra o meu quadril. Malcolm estava certo. Eu sentia a diferença.

Empurrei as pesadas portas de madeira que guardavam a entrada e emergi no pátio ensolarado da Universidade Calvin. A entrada da suíte do Brandon ficava do outro lado do prédio, portanto era improvável que eu esbarrasse com ele enquanto saía do quarto do Malcolm. E, pelo que eu podia ver, ele também não estava no pátio. Olhei para a janela da suíte do Brandon, imaginando se devia dar uma passada lá enquanto estava deste lado do campus. Não, eu o veria no escritório durante o fim de semana de qualquer modo e havia uma for-te possibilidade de que qualquer atitude agressiva da minha parte (por exemplo, aparecer sem aviso em seu dormitório) fosse considerado um sinal para começar O Papo. Ou talvez a Número Sete.

Da entrada da Universidade Calvin, eu podia ver as paredes de arenito marrom

do mausoléu da Rosa & Túmulo. O meu mausoléu. Acariciei o brochinho de ouro e resisti ao ímpeto de ir até lá e testar a minha lembrança de todas as combinações e truques secretos que precisava para entrar (tipo, se você girar errado a maçaneta, dispara acidentalmente a campainha, alertando qualquer um que esteja lá dentro de que há um não-membro na propriedade). Mas haveria bastante tempo para brincar de Coveiro. Eu tinha quase certeza de que Lydia estava me esperando na suíte, louca para ver como era um membro totalmente iniciado da Rosa & Túmulo.

Cara, como eu estava errada.

A maçaneta da nossa suíte havia sido lambuzada com uma substância escura, castanho-avermelhada. Abri a porta cuidadosamente, só para ver que mais daquele líquido havia pingado, fazendo uma trilha pelo nosso tapete de brechó, direto

até o quarto da Lydia. Seu casaco rasgado estava jogado perto da entrada do seu quarto e um par de sapatos cobertos de lama estava virado no limiar da porta. Havia penas por todo canto e o ar cheirava a cabelo queimado e bílis. Abri imediatamente uma janela e comecei a abanar uma corrente de ar para dentro da suíte com a ajuda do fichário da Lydia. Assim que pude respirar novamente, atravessei a sala contornando os obstáculos e dei uma espiada em seu quarto. Seu edredom lavanda formava um montinho acolchoado em sua cama, mas a Lydia em si não estava em nenhum lugar à vista. Havia mais

impressões digitais cor de ferrugem lambuzadas em sua cadeira e na porta do armário.

Engoli em seco. *Será que era sangue?*

Uma coisa era certa: qualquer que fosse o ritual da sociedade dela, botava o poder de manchar do suco de romã no chinelo. Pelo menos o caixão do Poe não deixara nenhuma marca.

E onde estava Lydia? Suas roupas abandonadas deixavam claro que ela não estava passando o dia dormindo no sofá do *seu* irmão mais velho da sociedade. Ou tinha saído para comprar um vidro de detergente ou...

Mergulhei o dedo na poça no chão e dei uma cheirada. Um aroma acre, azedo agrediu minhas narinas. E, sangue. Aqueles malditos haviam feito minha melhor

amiga sangrar.

Talvez ela tivesse ido até o centro de saúde para... levar uns pontos? Eu esperava que não tivesse sido forçada a ir mancando até o Departamento Universitário de Saúde (que tem uma filosofia estranha, já que se você entrar com o vírus Ebola ou tiver uma pelezinha solta perto da cutícula, o primeiro teste que eles administram é invariavelmente o de gravidez) enquanto sua colega de quarto há três anos fazia guerra de cócegas na Universidade Calvin com um cara que ela não conhecia antes de ontem. De modo geral, não era um primeiro dia emblemático como Coveiro. Pensei no que o Malcolm havia dito.

Não é por acaso que agora todos os meus amigos mais íntimos são membros da sociedade.

Bem, isso não aconteceria comigo! Não me importa que tipo de juramento eu tivesse feito, meus amigos de verdade vinham primeiro. Verifiquei o estrago na nossa suíte.

*Ah, Deus, Lydia, por favor, esteja bem. Eu nem me importo se você vai me dizer em que sociedade está ou não, desde que você esteja bem. **

---

* A Confessora admite livremente que isso foi uma mentira descarada.

Por meio desta, eu confesso:

destruí as coisas de Lydia

procurando seu broche.

8.

Bárbaros

Durante os primeiros 15 minutos, tentei ser displicente e convenci-me de que estava apenas limpando tudo. Então, passei esse tempo iludindo-me alegremente, achando que tal descoberta me ajudaria a encontrar minha colega de quarto. Depois disso,

simplesmente admiti a verdade: eu estava curiosa à beça.

Consegue imaginar por que eu não estava totalmente histérica?

COISAS QUE DESCOBRI QUE ME ACALMARAM

1) Lydia se dera o trabalho de anotar os recados telefônicos antes de sair. Não devia estar com tanta pressa.

2) O kit de primeiros-socorros que guardávamos na estante não havia sido tocado. Não devia ter se machucado.

3) Em uma das pocinhas de sangue eu encontrara um pedaço de carne moída.

Isso mesmo. Os caras da sociedade da Lydia quase haviam me matado de susto com pedaços de hambúrguer cru. E eu não fazia a menor idéia do que isso significava. A minha sociedade gostava de romãs. Talvez a dela gostasse de bolo de carne. Ou talvez seus membros tivessem passado tempo demais assistindo ao filme *Os dez mandamentos* e decidiram pegar emprestado o simbolismo semita de lambuzar a porta com sangue para indicar quem era a bola da vez. De qualquer maneira, Lydia ia ouvir um bocado quando voltasse. Hambúrgueres apodrecendo na nossa sala? Péssimo.

Cerca de 40 minutos depois, ouvi a porta da nossa suíte se abrir. Minha procura pelo broche me deixara afogada até o peito no fundo do armário de Lydia, revistando metodicamente os bolsos de seu casaco, onde eu sabia que Lydia guardava suas coisas *realmente* valiosas. Mas tudo o que encontrei

foram seus cheques de viagem de emergência, seu passaporte e suas chaves

extras da caixa postal.

Droga.

— Bem-vinda ao meu quarto — disse ela secamente da porta.

— Lydia! — eu me joguei em cima dela.— Ah, meu Deus, garota, o que você andou

fazendo?

Ela ergueu um saco plástico.

— Lavanderia.

Sem me intimidar, eu forcei mais.

— O que aconteceu aqui? — perguntei. — As penas, a sujeira, a lambança na maçaneta?

Nenhuma resposta.

— *Tem sangue no chão.*

Nenhuma resposta.

— Lydia! Fale comigo — eu a segui de volta à sala. — Eu fiquei tão preocupada com você quando entrei e, na sala... — apontei discretamente para a bagunça.

Ela limpou uma das poças vermelhas com um chumaço de toalhas de papel.

— Bem, eu fiquei preocupada com você quando entrei e você parecia "desaparecida em combate" — ela manteve o rosto voltado para o chão. — Está a fim de me contar onde passou a noite?

— Na Universidade Calvin.

Ela congelou, ali no chão, e então ergueu os olhos para mim.

— Sério?

— Sim. — Não era mentira. Não realmente.

Ela se levantou e olhou para mim, um rubor se espalhando por sua pele.

— Ah, Amy, eu me sinto tão idiota. Eu achei... me desculpe — ela balançou a cabeça. —

O que vai fazer a respeito disso? Ele é um cara legal, sabe.

— É — e eu não estava mais usando-o só como objeto sexual. Brandon agora se tornara também meu álibi. — Ele é. Eu sou uma babaca.

Ela me abraçou forte.

— Não é, não. Você gosta dele. Não é sua culpa se você é uma idiota quando se trata de homens.

— Ei! — Bati em seu ombro e ela se afastou.

— Olhe, me sinto péssima por ter deixado que toda essa bobagem de sociedade

interferisse na nossa amizade.

— Acho que nós duas deixamos — repliquei, agora quase feliz com a mentira, já que parecia ter dissolvido a estranha tensão que tomara conta da nossa suíte desde que aquela carta aparecera. Eu só queria deixar tudo isso para trás. A discussão de ontem, a bagunça na nossa sala, o nível a que eu chegara quando quase me afoguei nas coisas da Lydia. Ah!

É claro que eu não podia encontrar seu broche. Eu sou tão idiota. Ela está *usando* a porcaria do negócio. Eu a investiguei disfarçadamente mas, se havia um broche de sociedade pregado em sua pessoa, ela o mantinha tão escondido quanto eu.

Bem, ótimo. Pelo menos não estávamos jogando nossas associações uma na cara da outra e depois nos recusando a dar os detalhes. Andávamos colocando essa história de sociedade acima de nós duas.

— Não vamos mais fazer isso, está bem? — sugeri, tentando não olhar melhor para um traço brilhante que vi acima do bolso de seu jeans. Provavelmente era seu broche, mas eu não ia cair em tentação. Viu? Eu podia fazer isso. — Vamos

simplesmente... não falar sobre isso.

Lydia avaliou a bagunça e depois me olhou cautelosamente.

— Sabe que isso vai ser difícil, certo?

Assenti. Eu sabia. Ia ser a poça de sangue no formato de um elefante na sala. Eu adorava minha relação com a Lydia, mas agora tudo ia mudar. Desapareceríamos toda quinta à noite em vez de ficar por ali para comer jujuba e beber vodca. A vida agora seria passar a noite em uma cama com seu irmão mais velho da sociedade que é gay e não ser capaz de fofocar com sua colega de quarto depois. Seria deixar sua melhor amiga de fora do que estava prestes a se tornar a parte mais importante de sua carreira em Eli.

O telefone tocou e eu atendi sem responder a Lydia.

— Alô?

— Bom dia! — exclamou minha mãe. — Você devia estar dormindo profundamente para não ter me ouvido antes.

Minha mãe gosta de jogar esse jogo no qual ela me liga cedo nas manhãs de sábado e domingo, tentando me pegar em uma cama que não seja a minha. Você não acredita na quantidade de encontros que tive com ela cedo, no café-da-manhã, nos últimos três anos.

— Ei, mãe — falei. — Quando você ligou? Lydia e eu estávamos fazendo compras. —

Lydia sorriu indulgente.

— Ah. Bem, isso explica tudo. — Minha mãe não pressiona para desmascarar mentiras óbvias. Aposto como ela havia ligado às oito, antes que pudéssemos estar até mesmo na farmácia 24 horas. Ela não quer realmente saber a verdade,

simplesmente não consegue resistir a confirmar seus medos obscenos. Afinal de contas, sou sua filhinha. — Então, estudando muito?

— Você sabe que sim. — Essa é a coisa Número Dois que ela sempre pergunta. Às

vezes, eu posso seguir um roteiro para a conversa. Senti-me tão tentada a responder, *Não, mas tudo bem, porque minha sociedade secreta chique me garante que vou tirar dez nas minhas provas com a ajuda de suas colas guardadas durante décadas*. Mas eu não podia lhe contar nada a respeito daquilo. Nem mesmo para a minha mãe. O que significava que sua pergunta padrão Número Três também ia ser uma enganação.

E lá estava ela, a Número Três:

— Que bom, querida. Tem feito alguma coisa interessante ultimamente?

Beber suco de romã em um crânio humano e jurar fidelidade eterna a uma organização secreta vestida em fantasias bizarras conta?

— Humm, não. Minha vida tem sido basicamente a mesma de sempre.

Lydia balançou a cabeça enquanto voltava a esfregar o chão. Puxei a barra da minha blusa por cima do ilhós do cinto, cobrindo o minúsculo broche de ouro que já estava me furando do lado.

Como se alguma coisa fosse um dia voltar a ser igual.

———

Mas nós tentamos. Afinal de contas, era sábado à noite, primavera e nós éramos duas garotas jovens, inteligentes e solteiras, que sabiam exatamente como se divertir.

Que era nos encontrarmos às oito da noite esparramadas no sofá de camiseta, calças de pijama e meias, com uma garrafa de vodca Finlandia sabor manga, um jogo de copos de uísque oficiais de Eli, em que estava escrito "Harvard é uma merda, Princeton não conta", um saco de jujubas e o DVD de *O diário de Bridget Jones* de Lydia. Estávamos debatendo as regras do jogo durante os créditos de abertura.

— Que tal bebermos toda vez em que ela acende um cigarro? — sugeri.

Lydia começou a detonar as jujubas vermelhas.

— Não estou a fim de entrar em coma alcoólico esta noite. — Ela jogou algumas

dentro da boca e mastigou pensativamente. — Que tal bebermos cada vez em que eles fizerem uma tomada gratuita mostrando que os-padrões-de-Hollywood-excluem-os-quilos-extras-da-Renée-Zellweger?

Dei de ombros.

— Isso parece mais viável. Mas... com regras novas para a continuação. — Eles

realmente começaram a explorar as piadas de gordo nesse.

— É claro!

Era um alívio falar de outra coisa que não sociedades secretas. Conforme caímos na nossa rotina de sempre, minha curiosidade a respeito da sociedade secreta de Lydia diminuiu (ajudava o fato de que, se ela estava usando seu broche, ele estava bem escondido). Eu ainda estava surpresa com o ponto a que chegava a iniciação de seu grupo. Eu achava que a Rosa & Túmulo tinha as cerimônias mais elaboradas e bizarras de todas, mas também, uma organização mais recente poderia fazer questão de elevar suas tradições à novas alturas, cada uma tentando superar as que vieram antes em uma espécie de competição entre sociedades secretas para ver quem mija mais longe. Talvez eu pudesse perguntar ao Malcolm o que ele sabia sobre os ritos de iniciação das outras sociedades e ver se conseguia descobrir quem incluía hambúrgueres em suas cerimônias.

Está bem, então eu ainda estava pensando nisso. Pode me processar.

Três doses depois, Lydia e eu estávamos discutindo se Bridget estava ou não fazendo papel de idiota com aquelas roupas de trabalho transparentes, quando bateram na porta de nossa suíte. Lydia se inclinou para abri-la e Brandon entrou.

— É sangue seco na sua maçaneta? — ele perguntou sem preâmbulos. Lydia e eu

trocamos olhares e demos de ombros, enquanto Brandon olhava para as coisas em cima da mesinha de centro. — Não sei se Willy Wonka aprovaria.

— Bobagem — Lydia falou arrastado, virando o quarto copo enquanto Daniel percorria com sucesso as calçolas enormes de Bridget. — Bala é legal, mas álcool é mais rápido, Eu não bebi. Isso estava prestes a ficar muito perigoso é eu sabia que precisaria de toda a capacidade mental que ainda não cedera aos

poderes consideráveis da vodca de manga.

Enviei telepaticamente para Brandon meu desejo ardente de que ele não me perguntasse o que eu havia feito naquele fim de semana.

— Então — perguntou ele, sentando-se no sofá entre nós duas. — O que vocês fizeram neste fim de semana?

Supostamente, fiquei com você. Belos poderes mentais eu tinha. Deviam estar entorpecidos pelo álcool.

— Talvez você possa nos ajudar a resolver uma questão — cortei, apesar de Lydia estar envolvida com as aventuras de Bridget e nem parecer ter percebido que o homem com quem eu supostamente havia passado a última noite aparentemente não tinha

conhecimento desse fato.

— Manda — disse Brandon, pegando um punhado de jujubas verdes. Fiquei olhando

para ele, imaginando se também teria uma queda por balas de goma pretas. E, se tivesse, por que eu não era completamente apaixonada por ele?

— Estamos tentando decidir se Renée Zellweger fica melhor como Bridget ou magra como um boneco de palitinhos.

Ele olhou para a tela.

— Como ela é normalmente?

Homens! Até dá para achar que eles nunca leram uma revista de celebridades como a People.

— Metade disso.

Brandon observou Bridget sorrir.

— Acho que ela está bonita aí — e então, ele olhou para mim, seus olhos castanhos muito ternos. — Mas, também, eu tenho uma queda por garotas que

trabalham no ramo editorial.

Encolhi meus pés mais para perto de mim e Lydia lançou olhares de alerta por trás da cabeça de Brandon.

— Amy, você está ficando para trás. — Ela acenou para mim com o copo. — Brandon, se não se importa, estamos no meio de um jogo aqui.

Mas Brandon claramente não estava a fim de entender o toque. Ele pegou a vodca e um copo extra e serviu-se de uma dose.

— Cuidado — falei, enquanto ele virava o copo —, as verdes não combinam muito com manga.

— Eca. — Ele fez uma careta e olhou para o copo vazio. — Sabe, eu aprendi na aula de sexualidade do homem branco e cultura pop americana que um sinal de masculinidade é beber apenas bebidas alcoólicas que sejam marrons ou transparentes.

— Essa é transparente... a não ser pelas jujubas — argumentei.

Ele riu.

— Eu não levo isso a sério. Além disso, já estraguei tudo. Minha bebida preferida é amaretto sour que não é marrom nem transparente. Fora que não sou um homem

totalmente *branco*.

— Meu pai gosta de Bloody Mary — falou Lydia. — Que é vermelho. Você está dizendo que ele é gay?

— Só um metrossexual.

— E quanto ao vinho? — disse ela, sufocando um arroto. — É roxo.

E, até ontem, todos os Coveiros eram homens e, até onde eu sabia, seu drinque oficial era ponche de romã rosa-brilhante. A Ordem da Rosa & Túmulo devia ser muito segura de sua masculinidade.

Ou isso ou o professor do Brandon de sexualidade do homem branco era muito *in* seguro em relação a dele. A probabilidade era a mesma.

Fiquei imaginando o que estaria acontecendo no mausoléu naquele momento. Será que os outros novos convocados estavam lá, aprendendo as normas e conhecendo melhor uns aos outros? O que eu estava perdendo?

Olhei de volta para Lydia e Brandon, que estavam rolando de rir com a queda de Daniel no lago. *Nada mesmo*. Só porque eu estava na Rosa & Túmulo não significava que tinha que abandonar meus amigos bárbaros. Nada havia mudado.

— Amy!—Lydia jogou uma jujuba em mim.— Pare de roubar. Beba.

Voltei minha atenção para meu copinho esquecido, onde a jujuba laranja estava

começando a desintegrar. Não, nada havia mudado. Lydia ainda conseguia beber muito mais do que eu (nota para mim mesma: nunca beba com uma garota do oeste de Nova York. Elas bebem desde que nasceram).

— Foi mal. — Inclinei o copo na direção da minha boca

e então fisguei a jujuba gosmenta com os dedos. Deselegante, talvez, mas a julgar pelo olhar que Brandon estava me lançando, ele não se incomodava em me ver lambendo bala der-retida no polegar.

— Conferência! — Lydia pulou do sofá, agarrou meu braço, soltou um "a gente já volta"

na direção de Brandon Weare e me arrastou para seu quarto.

Assim que a porta se fechou, Lydia virou-se para mim e disse:

— O que você quer fazer? Quer que eu saia para vocês dois poderem ficar sozinhos?

Quer ir a algum lugar com ele? É óbvio que o cara não veio até aqui assistir à filmes de menina com sua colega de quarto.

Não, não tinha vindo para isso mas, se ele estava se divertindo, para que estragar tudo?

Enrolei meu cabelo para cima num rabo-de-cavalo mal-feito e deixei-o cair de volta nos ombros.

— Eu não sei. Não esperava que ele aparecesse...

— Por favor — Lydia falou com desdém. — É sábado à noite e vocês dois estão dormindo juntos... regularmente. Você precisa aceitar isso, Amy. Não está acidentalmente tropeçando e caindo na cama dele. Ele não a está forçando...

— Nem diga isso!

— ...e, depois da primeira vez ou perto disso, não pode mais usar a desculpa de ah-isso-foi-um-erro-terrível. Está tendo um relacionamento, quer o chame assim ou não.

— Eu sei.

Eu sabia. Brandon não havia dito praticamente a mesma coisa há alguns dias no restaurante tailandês? Eu ouvira o que ele tinha a dizer a respeito da Rosa & Túmulo naquela noite e estava funcionando bem, então talvez discutir e estabelecer parâmetros para a nossa relação também fosse uma boa idéia.

E sempre tive a intenção de fazer exatamente isso, assim que tivesse chegado a uma conclusão firme sobre quais deveriam ser os parâmetros da nossa relação. Porque, para ser sincera, quando se tem dormido com seu amigo íntimo em média uma vez a cada dez dias pelos últimos dois meses, é um pouco difícil fingir que se está começando o relacionamento do zero.

Tínhamos um ditado em Eli: casais são *casados* ou *estão ficando*. Os alunos mostravam a mesma intensidade em relação aos relacionamentos românticos que a todas as outras facetas de sua existência. Praticamente não havia encontros casuais. Se estava procurando sexo, você queria que fosse fácil e conveniente e que não atrapalhasse seus estudos, sua arte ou seus esforços para salvar o mundo. E, se estava procurando amor, estava disposto a dedicar à causa uma grande porção de suas horas acordado.

Eu não tinha tempo para isso. Tinha uma revista para co-mandar, uma média alta

para manter, provas para as quais estudar, estágios para conseguir — e agora, reuniões da sociedade secreta às quais comparecer.

— Ele é um cara muito legal, Amy.

Ela estava começando a parecer um disco arranhado com essa história. Se eu não soubesse a verdade, pensaria que a *Lydia* queria namorar o Brandon. Mas ela gosta de tipos poderosos, o que Brandon Weare, por mais "legal" que fosse, não era. Mas também, o que eu sabia? Eu não era exatamente uma especialista quando se tratava de potencial romântico.

— E, quando não estiver dando certo — falei com um suspiro — vou tomar bomba nas finais. — Lydia teve que me lembrar de mim depois do Alan. Teve que me lembrar do Ben Alguma Coisa e de como praticamente tivera que me convencer a descer do

parapeito da janela na última primavera. — Não posso arriscar agora. Já tenho coisas demais para fazer.

— Como sabe que não vai funcionar?

— Nunca funcionou antes — encolhi os ombros. — Além disso, você me conhece, eu sempre faço alguma coisa para... estragar tudo. — Só que eu nunca sabia o que era.

Houve uma batida na porta e Brandon enfiou a cabeça para dentro.

— Cara, vocês acabaram de perder uma cena totalmente fenomenal.

Lydia e eu rimos.

— Cuidado com esses filmes de menina, Brandon — disse ela —, ou o seu negócio de Sexualidade do Homem Branco nos Estados Unidos vai ser mais sério do que se

preocupar com amarettos sour.

Ele sorriu.

— Está bem. Na verdade, eu esperava que vocês estivessem fazendo uma guerra

de travesseiros de calcinha. Hollywood me levou a acreditar que a universidade estava cheia de batalhas quase lésbicas na cama, mas estou de olhos bem abertos há três anos e continuo esperando.

Isso parecia mais algo de homem hétero.

— Está procurando nos lugares errados — falei sem pensar. — Você tem que ser

convocado para a Sociedade do Edredon & Enganação.

— Foram eles que a convocaram na outra noite? — ele devolveu.

Hesitei apenas uma fração de segundo além do que devia antes de soltar um "não" pouco convincente.

Ops. Por que eu tinha que ter aberto essa minha grande boca? Eu tinha sociedades no cérebro ou o quê? Por que simplesmente não rira e dissera "eu lhe contaria, mas aí teria que sufocá-lo"?

Brandon estava esperando, Lydia estava balançando a cabeça e eu passava o dedo no ilhós do meu cinto para ter apoio moral.

— Humm, filme? — sugeri, empurrando-o para o lado e voltando à nossa menos

problemática sala.

Mas meus problemas simplesmente me seguiram até lá e aí eclodiram rapidamente.

— Sério, Haskel — continuou Brandon.— Foi lá onde esteve a noite inteira? Fiquei imaginando por que não estava em seu lugar na revista literária hoje de manhã como sempre faz.

Lydia deixou a garrafa de vodca cair. Ela bateu uma vez na quina da mesa e tombou no chão, quebrando seus dezessete-dólares-e-noventa-e-cinco-centavos.

Droga. Droga droga droga de droga.

Agarrei uma pilha de guardanapos da Domino's que estava em cima do frigobar e joguei-os em cima da poça. O aroma acre do álcool evaporando misturou-se

imediatamente com o cheiro de pinho da operação de limpeza que Lydia fizera de tarde. Ela não estava se mexendo para me ajudar e sua boca estava fechada, apertando os lábios, mas era difícil determinar se estava mais zangada com a minha mentira ou com a perda da sua vodca.

E aí ela bufou, balbuciou "eu sabia" baixinho e saiu para seu quarto batendo os pés com força.

É, provavelmente estava mais zangada com a traição (mas talvez tivesse ido pegar mais toalhas de papel).

Isso não ia dar certo. Podíamos inventar regras de não-pergunte-não-fale a respeito de nossas respectivas sociedades na suíte mas, fazendo isso, estaríamos deixando grandes parcelas de nossas vidas de fora. Eu dissera a ela que estava no quarto do Brandon porque era mais fácil do que falar sobre a festa da sociedade. Não queria que pensasse que eu estava botando meu status de membro da Rosa & Túmulo acima dela, já que o prestígio das sociedades sempre significara mais para Lydia do que para mim. E então, quando concordamos em não falar a respeito, parecia não fazer sentido dizer "Sabe quando eu disse que estava no quarto do Brandon? Bem, não estava, mas não tenho permissão para falar sobre isso".

Mas talvez eu devesse ter dito. Teria sido esquisito, mas pelo menos não era mentira.

Quantas mentiras mais teríamos que dizer uma à outra só para manter nossos juramentos às sociedades? O relatório do Êxtase Nupcial parecia ser uma revelação total para nossos colegas cavaleiros. Podia ser ótima idéia para alguns deles, mas eu já tinha meu público de revelações, e ela não era uma Coveira.

Fiquei imaginando que tipo de promessas Lydia havia feito em relação à sua própria lealdade. Imaginei que mentiras ela já havia planejado.

Brandon se juntou a mim no chão e começou a catar grandes pedaços de vidro.

— Qual é a parada aqui, gata?

Gata. Como se eu fosse sua namorada e trocássemos apelidos carinhosos o tempo todo.

Aqueles olhos castanhos de cachorrinho perdido estavam procurando os meus

intensamente agora.

— Nada — puxei a barra da minha blusa para baixo. — Eu... não posso falar sobre isso.

— Nem comigo?

Nem com a minha mãe, nem com a Lydia, nem com o garoto com quem eu estava

dormindo...

— Com ninguém.

— Isso é bobagem. Meu conselheiro do primeiro ano... — ele estava na Livro & Chave e isso estava em seu currículo, claro como o dia. E Glenda disse a nós dois quando entrou para a Pena & Tinta. — Você pode dizer, se quiser.

— Isso é na Pena & Tinta — como eu iria saber quais eram as regras nos outros lugares?

Ainda não estava nem totalmente certa quanto às minhas. Acabara de me lembrar das palavras do meu juramento. Eu havia *jurado solenemente nunca revelar, por ação própria ou omissão, a existência do conhecimento considerado sagrado pelos membros da Ordem da Rosa & Túmulo* ou seus nomes. Isso basicamente deixava os currículos de fora.

Ele fez uma pausa.

— Mas... você *está* em uma sociedade secreta.

— Não posso lhe dizer isso.

— Isso significa que você está, senão diria simplesmente "não".

— Isso não é verdade! — Levantei-me de um pulo e transformei os guardanapos

encharcados em uma bola.

— É, sim. Olhe: pergunte para mim — ele cruzou as mãos. Eu suspirei.

— Brandon, você está em uma sociedade secreta?

— Não. — Ele sorriu. — Viu?

Revirei os olhos.

Ele pegou os guardanapos da minha mão e os arremessou dentro da lata de lixo. Cesta de três pontos.

— Agora, veja isso: Amy, você está em uma sociedade secreta?

Só diga não.

Não devia ser tão difícil. Mas eu não disse, porque a verdade, conforme eu agora percebia, era que nossas frasezinhas feitas, nosso *eu não posso falar sobre isso* e nosso *eu lhe contaria, mas aí teria que matá-lo* eram a forma que os membros das sociedades tinham de se vangloriar sem quebrar o voto de sigilo. Eu tinha orgulho de ser uma das primeiras mulheres a ser convocada para a Rosa & Túmulo. Estava me com torcendo por dentro de vontade de contar a todos os meus amigos — só que não tinha permissão para isso.

Resumindo, dizer "não" significava repudiar, mas dizer "não posso falar sobre isso"

significava...

Ha, ha, eu sei de uma coisa que você não sabe!

Só que será que isso contava como omissão?

Brandon esticou as mãos como se fizesse uma apresentação.

— Viu?

Fiquei de pé e falei friamente.

— Não seja ridículo.

Na tela, Bridget estava fazendo papel de idiota em relação a alguma coisa, mas

eu perdera a vontade de assistir às suas trapalhadas. A Noite do Cinema havia acabado.

E Brandon e eu havíamos sido deixados sozinhos. Continuamos a limpar a bagunça e então Brandon disse:

— Sabe, Amy, tudo bem se você está em uma. Sei que todas aquelas coisas que falei no outro dia podem levá-la a acreditar que eu desaprovo as sociedades mas, se você quer fazer parte de uma delas, eu não vou ficar chateado.

— Fico tão feliz que você aprove! — rebati. — Não preciso da sua permissão para fazer nada, Weare. Nem mesmo se a gente *estivesse* namorando.

A negação ao fato o atingiu em cheio.

— Não. — Ele jogou o último chumaço de toalhas de papel no lixo e esfregou as mãos com ares de encerramento. — Apesar de esperar que você fosse pedir minha opinião. —

Deu uma última olhada para a tela da TV — Acho que vou embora.

Não, Brandon, não vá. Mas eu não falei em voz alta. Não me aproximei e o toquei no ombro e virei o rosto para ele e o beijei. Ainda que devesse ter feito isso. Porque ele sempre fora muito bacana comigo e porque Lydia estava certa, eu devia uma definição a ele.

E talvez um pedido de desculpas.

— Brandon — comecei, mas não passei disso, pois alguém bateu na porta.

Brandon, por estar mais perto, a abriu, e lá estava George Harrison Prescott com seu casaco cheio de zíperes. Diferente de mim, ele colocara seu broche em um lugar de honra no meio dos zíperes. O hexágono dourado brilhava como um raio diante dos meus olhos, mas podia se camuflar entre o resto do metal para alguém que não estivesse procurando por ele.

— Ei, Amy! — disse ele alegremente. — Que bom que encontrei você em casa. — Olhou de mim para o Brandon e de volta para mim e ficou óbvio que não ganhara sua vaga em Eli baseado somente na beleza e nos legados familiares.

— Estou interrompendo alguma coisa?

Está, eu pensei.

— Não — falou Brandon. — Eu estava indo embora.

— Legal. — George deu um passo para o lado, como se para deixar Brandon passar para o corredor. — Calce seus sapatos, gata. Quero lhe mostrar uma coisa.

Brandon visivelmente encolheu-se com o casual "gata" do George. Acho que eu também devo ter me intimidado. Meu amigo-colorido (que poderia deixar tudo preto-e-bran-co, se esse tipo de cena começasse a se repetir) virou-se para mim, mas seus olhos castanhos não demonstravam nenhuma ternura.

— Vai ao escritório amanhã?

Eu assenti.

— Está bem — falou ele. — A gente se vê lá.

E então ele saiu, trocando de lugar com George na sala. Ouvi a porta da entrada abrir e fechar atrás dele. Bem, eu tinha estragado tudo direitinho, não tinha?

— Amy — disse George Harrison Prescott. — Isso é sangue seco na sua maçaneta?

———————

De alguma forma, convenci George a não ir para o mausoléu (já que era essa a razão dele ter vindo até aqui: me pegar para um passeio de madrugada até a Rosa & Túmulo) até depois de ter certeza de que Brandon chegara em casa. O caminho para o mausoléu dos Coveiros era idêntico ao caminho mais surto para voltar à Universidade Calvin e eu achava que seguir seus passos não tornaria esta noite menos constrangedora. Mas explicar a situação em linguagem e decibéis que não fossem identificáveis por Lydia (que ainda estava puta em seu quarto) provou não ser uma tarefa das mais fáceis.

— Eu não estou sozinha — sussurrei, depois de uma viagem rápida ao meu quarto para vestir uma roupa mais digna do George. Apontei com o polegar em direção à porta fechada do quarto da Lydia.

Ele assentiu.

— Então, vamos dar um pulo lá no mausoléu — ele falou alto —, ver o que está rolando.

Meus olhos se esbugalharam.

— Eu. Não. Estou. Sozinha — sibilei, gesticulando com mais força.

Ele riu então, e seus olhos brilharam por trás dos óculos de armação cor de bronze.

— Ora, Amy Haskel — disse, me reprovando em tom de brincadeira —, eu não sabia que você era uma garota tão pegadora. Quantos garotos você tem escondidos na sua suíte nesta noite de sábado?

Revirei os olhos e puxei um par de sapatos. Conte sempre com George Harrison Prescott para transformar tudo em sexo.

— Não, seu tarado priápico. Minha colega de quarto. Epelapá nãopão sapabepe dospos Covepeiropos.

Agora foi a vez dele revirar os olhos.

— É, como se Lydia não soubesse a língua do pê — ele jogou o braço em volta dos meus ombros e me empurrou para a porta. — Vamos.

Na verdade, Lydia sabia latim de verdade, também. Estava estudando línguas clássicas há três semestres. E "tarado priápico" era um pouco redundante, apesar de que, com o George, eu não estava exagerando o caso. Na entrada do prédio, eu o parei.

— O negócio é o seguinte, George. Sobre o cara que acabou de sair? Ele está na Universidade Calvin. Então não podemos ir logo atrás dele até a Rosa & Túmulo ou ele vai saber o que estamos fazendo.

— Por favor — George escarneceu. — Você leva esses negócios de segredo a sério?

Além do mais, esse é um campus livre. Você e eu podemos ir aonde quisermos.

Finquei os pés no chão.

— Eu levo a sério, sim! Nós fizemos juramentos. Não significa nada para você?

Ele olhou para mim e piscou.

— Não — disse finalmente- — Tenho que dizer que não significa. Se estivesse vindo um trem e eu tivesse a opção de salvar a minha mãe ou um Coveiro qualquer, eu escolheria a minha mãe, não interessa que juramento idiota de fidelidade ou fraternidade ou o que quer que seja eu tenha feito na frente de um monte de palhaços fantasiados.

Quando colocado dessa maneira, era difícil discordar.

— Mas não há nenhum trem aqui — argumentei. — Você só está falando isso para ser do contra.

Ele riu então, uma expressão que lhe caía ainda melhor do que a expressão séria que havia assumido um momento atrás.

— Isso é verdade. Está bem, vamos esperar um minuto, já que o seu segredo é tão precioso para você.

A forma como ele falou fez com que eu me sentisse infantil por obedecer as regras da sociedade. E então lembrei-me de suas palhaçadas na noite anterior. O metal e o vidro, o enxofre.

— Olhe, se você odeia todas as pompas que vêm com a Rosa & Túmulo, por que entrou, para começo de conversar?

Ele empurrou a porta de entrada e escapou para o ar noturno.

— Não tive muita escolha — falou. — Meu pai foi meio insistente.

Lembrei-me do que alguns outros novos convocados haviam dito antes da entrada de George na noite anterior, sobre como ele fora arrastado gritando e esperneando. E então pensei em como eu o observara parado ali, em frente ao mausoléu, acendendo fósforos e lutando consigo mesmo. Parei George debaixo de um arco com seu sobrenome gravado em enormes letras.

— Seu pai é um Coveiro.

— Você o conheceu. O Tio Tony, lembra? — ele ergueu as sobrancelhas.

— Ah. —Eu não sabia a identidade da figura que havia tomado meu juramento. (Apesar de ter descoberto na mansão na noite anterior que "Tio Tony" era o título oficial do líder de cada reunião. Algumas organizações têm presidentes; a Rosa & Túmulo tinha tios — e agora talvez tias também?). — Mas isso é legal, que fosse ele na cerimônia. Tal pai, tal filho, sabe?

Ele bufou.

— É, exatamente assim. — Ele chutou a parede e enfiou as mãos nos bolsos de seu jeans.

— Vamos.

Um bando de palhaços fantasiados. Muito bem, Haskel, raciocínio rápido.

Aparentemente, George Harrison Prescott não era um grande fã do pai. Eu o segui através do Portão Prescott e pelaYork Street em direção à Universidade Calvin, agora

extremamente curiosa para ouvir os podres da família. Viramos a esquina na

Universidade Hartford e, de repente, George me puxou para uma alcova de pedra e botou a mão em cima da minha boca.

— Quieta! — sussurrou soltando o ar de uma forma que fez cócegas na minha nuca. —

Seu namorado parou para comer pizza.

A alcova estava úmida e a pedra parecia áspera sob as minhas mãos mas, apertada contra George Harrison Prescott, eu quase não percebi. Lentamente, ele tirou a mão da minha boca, escorregando a palma pelo meu queixo e por cima do meu pescoço e clavícula.

Não preciso lembrá-los de como o garoto manda bem. Minhas pernas de fato chegaram a tremer.

— Ele não é meu namorado — sussurrei por cima do ombro.

Um olhar firme nos óculos de George não revelou nada em seus olhos.

— É bom saber.

Naquele momento, eu não estava pensando em Brandon lá fora indo para casa. Virei-me completamente para George, tranqüilizada pela escuridão e coloquei uma das mãos em seu ombro — pouco abaixo de seu ombro, porque ele era George Harrison Prescott e eu não pude resistir.

— Diga-me por que você não queria entrar para a Rosa & Túmulo.

— Diga-me por que você *queria.*

Dei de ombros.

— Pareceu uma boa idéia. Uma rede de contatos imensa, um mausoléu maneiro,

champanhe grátis.

Ele se afastou de mim e sentou-se em um banco baixo de pedra. Por baixo do casaco, George estava usando uma camisa social gasta por cima de uma camiseta vintage

desbotada e puída de show. Eu não conseguia saber de qual banda, mas ele trabalhava o visual para parecer um James Dean moderno.

— Minha mãe e meu pai são divorciados. Ela também estudou em Eli. E foi a última da extinta raça das hippies e das feministas tradicionais.

— Ela queimou seus sutiãs?

— Não tinha nenhum. — George cruzou os braços. — Os anos 1970 podiam já ter

acabado, mas ela não ia admitir isso. Meu pai estava na fase de se "rebelar contra seu pedigree" quando se conheceram. Ela também estava se rebelando, não me entenda mal.

E ela e meu pai meio que... usaram um ao outro.

— Isso é terrível.

— Ele a fez pensar que ela poderia modificá-lo, ela deixou os pais de famílias megatradicionais de Boston dele muito zangados. Discordavam de tudo, o que deve significar que o sexo era nuclear.

Humm, informação demais.

— O casamento durou uns 30 segundos depois que eu nasci — George encolheu os

ombros. — Quando eu era pequeno, achava que haviam se separado por causa do meu nome, Não é idiota? Mas foi a única discordância que ambos tiveram em relação a mim.

Papai queria que eu fosse George Prescott Terceiro. Mamãe cedeu quanto à parte do George mas deu o golpe de misericórdia com o Harrison. Como é Beatle. Fofo, não é?

Eu sempre achara que sim.

— Onde você cresceu?

— Dividindo o tempo — ele respondeu. — Mamãe é assistente social em Connecticut.

Papai, é claro, fica em Westchester. Eles pensam um no outro como algo divertido hoje em dia. Papai acha engraçado que mamãe ainda queira salvar o mundo, mamãe acha hilário que papai tenha se tornado exatamente o tipo de homem que ele odiava que seu próprio pai fosse.

— Sinto muito — por falta de coisa melhor para dizer.

— E eu sou o fio elétrico — ele riu sem alegria. — Eles vinham para me deixar ou me pegar na casa de um ou de outro, olhavam-se e *bum*.

Bum?

George preencheu a lacuna.

— Até há uns cinco anos, costumavam trepar regularmente.

E o quê, deixavam o pequeno George parado na cozinha?

— O que aconteceu há cinco anos?

— Papai se casou — George se levantou, deu uma olhada na rua. — Agora é só semi-regularmente.

Caí no banco, chocada demais para falar.

Ele olhou de volta para mim, fez uma careta e passou a mão pelos cabelos.

— Não faço idéia de por que estou lhe contando tudo isso. Acho que esse negócio de intimidade dos Coveiros já está começando.

Como o Malcolm.

— O negócio de intimidade dos Coveiros em que você conta para todos os seus irmãos seus segredos mais profundos e obscuros?

— É. Ou para a minha irmã, no caso. Nesse ritmo, não vai sobrar nada para o meu E.N.

Fiquei de pé.

— Acho difícil acreditar nisso, George. — Fiquei bem perto dele dentro do espaço limitado da alcova. Talvez perto demais.

Seus olhos se esbugalharam por trás dos óculos, como se estivesse surpreso por ouvir sua reputação sendo jogada na cara. É, definitivamente perto demais. Ele colou sua mão na minha. *E palma com palma é o ósculo dos piedosos portadores de palmas*. Se ele fosse estudante de inglês, eu suspeitaria que tivesse feito isso de propósito. Talvez tivesse.

Diferente do Brandon, eu não conseguia ler George de maneira nenhuma.

DUAS COISAS QUE ELE PODE ESTAR PENSANDO

1) Ah, veja só, é a Amy. Ela é bonitinha, inteligente e engraçada.

2) Ah, veja só, é uma garota em um canto escuro. E ainda não a comi.

Respirei fundo.

— A barra está limpa agora, certo?

Ele assentiu, lentamente, e saímos para a relativa claridade das lâmpadas da rua.

Enquanto andávamos pela aléia calçada com ardósia entre a Universidade Hartford e a Calvin, dissemos muito pouco. George, eu acho, ainda estava traumatizado com sua própria confissão e eu estava ocupada avaliando se deveria retribuir. Mas o que eu deveria dizer? Meus pais eram bem casados e raramente brigavam por causa de algo mais sério do que se deveriam contratar o garoto do final da rua para cortar a grama ou fazer isso eles mesmos. Isso ia servir. Ou será que eu devia partilhar algo mais obscuro? A vez no ano passado em que dormira com um garoto de cujo nome não conseguia me lembrar?

Será que isso ia me fazer parecer uma

vagabunda?

Chegamos à High Street e viramos em direção ao mausoléu, ainda em silêncio mútuo. O

portão estava fechado e George o segurou aberto para mim — depois de nós dois

verificarmos que não havia mais ninguém na rua.

— Acho que não há ninguém lá dentro — disse ele, referindo-se ao código de posição do portão.

Estávamos prestes a descobrir por quê.

Ele correu até os degraus da entrada principal e congelou. Quando cheguei um instante depois, pensando no quanto seria perigoso ficar sozinha dentro da Rosa & Túmulo com George Harrison Prescott, me senti igualmente aturdida.

Haviam passado uma corrente com um cadeado nas portas.

Por meio desta, eu confesso:

nunca previ isso.

9.

A Reação

Olhando para trás, devíamos ter procurado Malcolm ou um dos outros seniores

imediatamente, mas não procuramos. Afinal de contas, éramos novos nessa história toda de Coveiro. Como iríamos saber que o cadeado era um acréscimo recente ao visual do mausoléu? Lembro-me de naquele momento argumentar com o George que talvez o

zelador sempre passasse o cadeado nos dias em que não havia eventos formais

planejados. Mas, quando demos a volta para a entrada lateral, também havia uma corrente lá, e nenhum de nós sabia onde poderíamos obter a chave.

— Podíamos bater na porta — George sugeriu, mas não se moveu para fazê-lo. Fiquei aliviada em ver que minha hesitação encontrava eco em alguém mais versado nas

tradições da sociedade. Ainda que eu tivesse passado horas dentro do mausoléu no dia anterior, fazendo juramentos e aprendendo segredos, a mesma inquietação em relação à propriedade que fora cultivada nos últimos três anos ainda tinha poder sobre mim. Senti quase como se eu não pertencesse àquele lugar.

O que, como acabou se provando, era exatamente como queriam que eu me sentisse.

Com nossos planos de ficar de bobeira no mausoléu frustrados, fomos até o restaurante do Lenny, que possui a particularidade de ter os horários mais loucos de qualquer restaurante em New Haven. Sério, você nunca sabe quando vai estar aberto. Os horários são algo como de 11 horas às 15hl5 às segundas-feiras, de meio-dia às 14 horas às terças, das 19 horas às 21h30 quintas e sextas-feiras e do meio-dia à meia-noite aos sábados.

Não estou brincando (e não, eu não me responsabilizo por nenhum desses horários.

Sinceramente não faço idéia de quando eles estão abertos). Além disso, só há uma coisa no cardápio — cheeseburgers na torrada com cebolas e tomate — e o proprietário o expulsa se você pedir ketchup. Mas, se aprender as regras, como o "nazista da sopa do Seinfeld" gostaria que você aprendesse, eles fazem cheeseburgers sensacionais. (E só cheeseburgers, aliás, não hambúrgueres. Ai dos que têm intolerância à lactose.) Nós nos sentamos nos antigos reservados de madeira e esperamos nossa comida. Com o passar das décadas, as pessoas haviam entalhado histórias pessoais que dariam uma enciclopédia nos espaldares e nas laterais das mesas e dos bancos (a parte de baixo era algo da qual você mantinha distância, se quisesse continuar com apetite). Corações, escudos, citações de Shakespeare e Stalin — vale qualquer coisa no Restaurante do Lenny, Esfreguei o suor que escorrera da minha garrafa de refrigerante gelada e poli um entalhe que dizia "B + A 1956".

São iniciais muito comuns.

George e eu comemos nossos sanduíches sem ketchup, bebemos nossos refrigerantes e conversamos sobre cinema. Não falamos sobre a família dele ou a minha ou os estranhos cadeados na porta do mausoléu. A onda da vodca estava finalmente passando e fiquei com a mão em cima do entalhe enquanto comia. George Harrison Prescott era um homem muito atraente, mas eu não tinha o menor interesse em contribuir para sua lista de conquistas já estelar.

— O que vai fazer neste verão? — George perguntou.

— Consegui um estágio na Horton. Sabe, a editora? — Um pouco de queijo do meu

cheeseburger caiu no guardanapo. Com calma, Amy, com calma.

— Em Nova York? Legal. — Ele girou sua garrafa pelo gargalo. — Eu vou para a

Europa por algumas semanas logo depois das provas e depois provavelmente vou

trabalhar para o meu pai em Manhattan. A gente devia sair.

— Você sabe o que quer fazer depois da formatura?

Ele deu de ombros.

— Uma das três grandes: finanças na internet, consultoria, faculdade de direito.

— Nenhuma preferência?

Ele deu de ombros novamente.

— Na verdade, não. Diga-me, esse é o seu primeiro estágio em uma editora?

— Em Nova York, é. Trabalhei na editora da Eli há alguns verões.

— Bem, então está bem colocada para arrumar um emprego quando se formar. Queria ter pensado com tanta antecedência.

Está vendo, esse é o segredinho sujo que eles não contam para ninguém, Quando entrei em Eli, achei que os empregadores cairiam em cima de mim quando me formasse, loucos para contratar alguém com um diploma de uma universidade da Ivy League. Quando você está entrando entregando seu dinheiro a uma universidade, elas ressaltam o tempo todo que reputação maravilhosa elas têm, como vão abrir todo tipo de portas para você, Mas quando você está no meio dos seus estudos, descobre que não é assim. Você não é um homem (ou mulher) empregado só porque seu diploma traz o escudo de Eli.

PESSOAS QUE SE IMPORTAM

REALMENTE COM A IVY LEAGUE

1) Firmas de investimento financeiro e consultoria onde podem cobrar os tubos de seus clientes já que estavam fornecendo uma equipe com o selo da Ivy League (a qual, em seguida, eles mastigavam e cuspiam).

2) Faculdades de direito cuja classificação é parcial-mente baseada nas credenciais das universidades das quais selecionam seus alunos. Já que, nos EUA, este curso específico só vem depois que você já estudou outra coisa.

3) Sua tia-avó Amélia, que gosta de se gabar para os seus amigos veteranos de guerra.

Se você quisesse um emprego que leva a uma carreira em vez de um dinheiro

rápido, então era melhor ter um currículo cheio quando pegasse seu diploma.

— Não se preocupe — falei. — Você vai ganhar muito mais dinheiro como consultor do que eu como assistente editorial. Vai ser uma estatística muito melhor para a

universidade.

Esse é o outro lance. Eli respeita muito mais seus formandos em consultoria financeira que ganham o dinheiro e saem correndo, que podem virar e dar presentes financeiros para a universidade imediatamente após a formatura, do que qualquer um que invista numa carreira a longo prazo. E, olhando para a turma de convocados da Rosa & Túmulo para a qual acabara de entrar, eu diria que era certo que os Coveiros pensavam mais ou menos na mesma linha. Poder e/ou

riqueza eram a ordem do dia. E, mais uma vez, eu era uma estranha no ninho.

George estalou os dedos na minha frente.

— Ei, é sábado à noite. Pare de pensar tanto. Eu me irritei e comecei a rasgar o rótulo da minha garrafa de refrigerante.

— Não estou pensando.

Deus, ele parecia o Brandon.

— Mas, sério, Amy, você tem tudo planejado. Eu admiro isso. Veio para Eli sabendo exatamente o que queria fazer e está fazendo. Eu tenho um duplo legado familiar e nunca fiz planos para um estágio de verão.

— Não precisa de um. Você é um Prescott.

— Afff. Prescott ou não, não tenho a menor idéia do que fazer.

Sorri conspiratoriamente.

— Sinceramente? Nem eu.

Mas o negócio do estágio eu aprendera no começo. Lembro-me claramente de

estar sentada no escritório da revista literária uma noite no primeiro ano enquanto Glenda tentava em vão acalmar os nervos de uma velha amiga. A garota havia se formado no ano anterior e estivem procurando um emprego nos últimos nove meses, sem sorte, apesar de seu selo de Eli.

— Eles não se importam — ela soluçava. — Recebem centenas de currículos por dia, e não ligam para o quanto eu sou inteligente ou para o quanto eu li dos cânones ocidentais.

Eles só querem saber onde fiz estágio!

— E onde foi? — eu perguntara, como uma caloura idiota.

— Em lugar nenhum! — a garota sibilara para mim, me encarando com olhos cruéis e vermelhos. — Tive que trabalhar no verão para pagar esta escola idiota. Bela porcaria me serviu. Preferia estar mais endividada agora e ter um currículo melhor do que estar desempregada com alguns milhares de dólares.

Tomei isso como uma crença. Esse estágio na Horton era o ápice de tudo pelo que eu vinha trabalhando. Em meu bilhete de entrada para o mundo editorial depois da

formatura.

Está bem, talvez eu tivesse tudo em ordem. Porque aqui estava eu, numa noite de sábado, saindo para comer com o cara mais gostoso da minha universidade (é, ele até pagou), membro da sociedade secreta mais elitista da escola, uma das melhores alunas indo para um glamouroso emprego de verão na cidade de Nova York... de onde eu estava, a coluna dos prós parecia bem boa.

Ele me acompanhou de volta à entrada da Universidade Prescott e eu pensei sem parar em várias maneiras de deixá-lo na porta que me fariam parecer misteriosa, em vez de desinteressada.

Apesar de que, se alguém perguntasse ao Brandon, eu sempre conseguia parecer a última coisa sem me esforçar.

Abri cuidadosamente a porta da suíte, evitando qualquer contato com as manchas que ainda estavam espalhadas pela maçaneta e entrei discretamente.

— A gente se vê amanhã — ele murmurou.

Virei-me para ele. Seus olhos cor de cobre brilhavam como se tivessem acabado de ser fundidos e tive que virar meu queixo para cima para olhá-lo de frente. Bem bacana, na verdade.

— Amanhã?

Ele assentiu.

— Primeira reunião, lembra-se? Às cinco para as seis, ou VI na hora dos Coveiros.

Era verdade. De agora em diante, os Coveiros detinham o controle das minhas noites de domingo e quinta-feira. Perder uma reunião não era permitido de forma alguma além de circunstâncias absolutamente mortais (como Poe colocou, mesmo que esteja no hospital, é melhor estar em coma). Faltar era visto como uma violação do juramento de fidelidade.

Prometo apegar-me completamente aos princípios desta antiga ordem, favorecer seus amigos e prejudicar seus inimigos, e colocar acima de todas as outras as causas da Ordem da Rosa & Túmulo.

É claro que, se George não botava muita fé no juramento de sigilo, quem poderia saber o que mais na Rosa & Túmulo ele ia ignorar? Provavelmente faltaria a uma reunião na primeira vez que o horário entrasse em conflito com seu interesse em comer alguém.

— Está bem, então—falei e comecei a fechar a porta entre nós. — Obrigada pelo

cheeseburger. Boa noite, George.

Viu? Viu como eu sou boa? Nem pensei em beijá-lo. Nem pensei em deixar que ele me beijasse. Eu podia resistir até mesmo aos encantos de George Harrison Prescott. Um verdadeiro pilar de autocontrole, essa é Amy Haskel.

— Boa noite — ele murmurou numa voz convidativa in-confundível. A porta se fechou.

— Boa noite... *Bugaboo*.

Derreti no piso de tacos.

_____

Eu podia ter a liberdade de comprometer todas as minhas noites de domingo e quinta-feira com a Rosa & Túmulo no próximo outono, mas nesta primavera ainda tinha obrigações para com as facetas da minha existência que me faziam digna de ser um membro da sociedade para começo de conversa. Não GEP, porém. Eu decidira que era uma causa perdida. Meus domingos haviam sido seriamente comprometidos com esse novo desenvolvimento das minhas atividades extracuriculares. Eu tinha duas opções: 1) Acordar às 8 horas todos os domingos como se fosse uma estudante de ciências que tem laboratórios de manhã cedo e ler mil páginas de Tolstoi antes que qualquer outro universitário tivesse a menor chance de estar acordado, ou

2) Tirar vantagem da suposta biblioteca de provas finais da Rosa & Túmulo para ter tempo em minha tardes curtíssimas de domingo para fazer, sei lá, tudo o mais na minha vida? Coisinhas pequenas como lavar roupa?

Nem hesitei.

Hoje, no topo da minha lista de coisas a fazer estava finalizar uma pauta para a edição de formatura da revista literária. A proposta do tema *Ambição* havia vazado e, na última vez em que olhara, eu tinha 23 e-mails irados de autores de Eli na minha caixa de entrada sobre como essa revelação não lhes dava tempo para permitir que a inspiração surgisse, que suas musas permeassem, ruminassem, se agitassem e/ou se comiserassem com o assunto. Alguém ficara acordado estudando o dicionário, eu acho (apesar de "comiserar"

ter sido um pouco demais). Mas, por favor. Deus não permita que eles realmente escrevam isso de coração e nos deixem escolher os textos que se encaixam melhor na antologia. Eu previ 23 carreiras infelizes.

Pegando emprestado um truque de meu irmão mais velho da Rosa & Túmulo, prendi meu broche da sociedade na alça da minha bolsa de carteiro azul-Eli, passei-a pelo ombro, enfiei meus pés em um par de tênis de cano longo amarelos (as cores da Universidade Prescott) e saí pela porta. Na última semana, a primavera cedera ao domínio do verão e o corpo estudantil estava a todo vapor na rua, brancos-azedos fazendo tudo o que podiam para neutralizar os danos causados por terem ficado entre quatro paredes o inverno inteiro. As garotas

deitavam-se esparramadas pelo pátio em saias leves de cores pastel como se estivessem posando para um catálogo do campus, enquanto garotos sem camisa praticavam seus arremessos de frisbee. A Universidade Prescott não era conhecida por seu time de vale-tudo, mas os torsos eram decentes, na maioria. Eca, a não ser por aquele ali.

Diferente das meninas, eu estava vestida para trabalhar em vez de para tomar banho de sol, com mais um dos meus onipresentes jeans e uma camiseta da Universidade Prescott.

(Quando chega ao terceiro ano, o estudante médio tinha acumulado cerca de uma dúzia dessas coisas. Eles as distribuem a esmo em todos os eventos universitários, desde o dia da mudança até o churrasco anual de primavera. Tenho até uma da competição de luta greco-romana na gelatina entre o reitor e o supervisor da Universidade Prescott que aconteceu no segundo ano, mas não a uso muito. Ainda está manchada de azul.)

Cheguei no minúsculo escritório da revista literária e encontrei Brandon já até o pescoço de problemas para resolver. O chão em volta de seus pés estava lotado de aviões de quatro dobraduras.

Chutei o avião mais próximo.

— Tem sorte de nunca termos tido inscrições via internet.

Ele não olhou para cima.

— Já percebeu como recebemos cinco vezes mais textos para a edição de formatura do que para todas as outras edições juntas? — Coloquei minha bolsa na mesa. — Nas outras edições, ficamos procurando histórias ou temos que inventar nós mesmos alguma coisa no último minuto para que o layout não seja todo preenchido por anúncios da Starbucks ou de papelarias.

Brandon virou uma página e continuou lendo.

— É claro — continuei, sentando na minha cadeira e girando para ficar de frente para ele

— que você sempre foi melhor nisso do que eu. Quer dizer, em escrever histórias de improviso.

Seus olhos pararam de escanear de um lado para o outro e ele piscou.

— Obrigado.

— Sou melhor em procurar.

— Com certeza está demonstrando isso agora.

Engoli. Fui longe demais.

Brandon acenou com a cabeça em direção a uma pilha arrumada de manuscritos no canto da mesa.

— Esses quatro são possibilidades.

E o prêmio de elegância vai para... Brandon Weare.

— Me desculpe por ontem à noite.

Ele finalmente olhou para mim, mas não adiantou coisa alguma. Eu não conseguia saber nada pela sua expressão.

— Por que parte?

Qualquer parte que o tenha magoado.

A porta do escritório se abriu e Glenda Foster entrou, trazendo um porta-copos de papelão com dois qualquer-coisa grandes gelados.

Nunca fiquei tão feliz em ver minha mentora, mesmo que ela tivesse fracassado em me convocar para sua sociedade se-creta e escondido de mim seu período de experimentação lésbica. Todo mundo tinha seus dias ruins. Eu tinha certeza de que Glenda ainda me amava, ainda que Brandon...

Bem, não usamos a palavra com A em relação ao Brandon.

Glenda parou no meio do caminho quando me viu.

— A-Amy — disse, com a voz abalada pelo nervosismo. — O que está fazendo aqui?

Franzi a testa.

— Como?

Ela entregou uma das bebidas para o Brandon.

— Muito bem, B, café com leite gelado para você, frappê de caramelo para mim. —

Glenda lambeu uma gota de chantili do pulso e evitou me olhar nos olhos. — Desculpe por não termos chamado você, Amy, mas o B e eu achamos que você não ia aparecer hoje.

Lancei um olhar para o Brandon. Como ele ousava? Eu tinha tanto direito de estar ali quanto ele! Até mais, porque eu era a editora! Podíamos ter discutido na noite passada, mas com certeza ele tinha que ter uma opinião muito baixa sobre mim para achar que eu abandonaria meu posto na revista literária a fim de evitá-lo.

— Como assim? — perguntei, virando para ele e lutando para manter minha voz natural.

— Eu lhe disse que estaria aqui.

— Certo — disse Glenda. — É só que... com tudo o que está acontecendo... — Ela acenou com a mão de norte para noroeste, como se a direção fosse significativa.

— Tudo o que está acontecendo... — incitei.

Brandon limpou a garganta.

— Na Rosa & Túmulo.

Eu gelei, ali sobre o piso de linóleo gasto. Procurei o ilhés do meu cinto, e então me lembrei que havia posto o broche na alça da bolsa.

— *O que* — sussurrei — *está acontecendo na Rosa & Túmulo?*

Os olhos de Glenda ficaram mais esbugalhados.

— Quer dizer que você não sabe?

Em um milésimo de segundo, eu havia pego minha bolsa e, no outro, havia saído pela porta. E, enquanto eu saía, minha mente girando com preocupações, havia uma que parecia emergir.

Belo trabalho de sigilo, Amy. Mal é seu segundo dia como Coveira e nenhuma das pessoas com que você se relaciona ainda está no escuro quanto a isso.

O "que está acontecendo" provou ser uma turma de cerca de 50 pessoas amontoadas no ponto mais alto da High Street. Os 20 que se destacavam eram uma fileira de homens mais velhos, todos de terno e óculos escuros, em uma fila que se estendia pela fronteira da frente da propriedade da Rosa & Túmulo como uma espécie de escudo humano. Quem quer que tivesse coordenado suas roupas gostava um pouco demais daqueles personagens de *Matrix*, pelo que eu imaginara. No mausoléu em si pareciam ter brotado ainda mais cadeados e correntes desde a minha última visita.

Todas as outras pessoas perambulavam pela rua, fazendo o máximo para parecer que não tinham escolhido um lugar para ver o que ia acontecer.

Vi Malcolm e Clarissa e caminhei até eles.

— O que é isso?

— O revide — Clarissa fungou, lançando um olhar por cima do ombro para a fileira de homens. — Babacas.

Bem, isso ajudou muito. Desviei minha atenção para o Malcolm, que estava no meio de uma acalorada discussão em seu celular.

— Não me interessa, apenas venha para cá. Agora. Não acredito que eles foram em frente com a ameaça. Os imbecis. Não, não, é claro que não... O que, você quer que eu vá até lá e bata de frente com eles? Não está me ouvindo, cara, estou dizendo que tem uma *multidão*.

— Exatamente como eles queriam, sem dúvida — observou Greg Dorian, chegando para perto pelo outro lado.

— Eles são patriarcas? — falei, tentando encontrar resposta para o mistério.

Todos os outros assentiram, e fiquei pensando que reunião eu teria perdido.

— Olhe. Só chegue aqui antes dos jornais, está bem? — Malcolm fechou com força o flip do telefone e começou a andar de um lado para o outro.

Josh veio de onde estivera perambulando, ali perto, e se juntou ao grupo.

— Que se dane a multidão, Cabot. Sabe, se eles não se importam em proteger o sigilo, por que nós deveríamos?

Malcolm sacudiu a cabeça.

— Porque, novato, diferente desses caras, nós temos um segredo para proteger. — Ele olhou para o grupo que formava o escudo humano. — Composição muito inteligente.

Aposto cem dólares que nenhum deles foi convocado depois de C134 — bom, quer dizer, da classe de 1964.

— O que houve em 1964? — um dos outros novos convocados perguntou.

— A culpa elitista. Não era mais legal ser Coveiro e eles foram para a clandestinidade.

— Espere um segundo — estendi a mão na frente de Malcolm para fazê-lo parar. — Está dizendo que toda essa história de sigilo é nova?

Malcolm estalou a língua.

— Vocês, novatos, não têm respeito pela história. Sim e não. Nunca pudemos falar sobre o que acontece dentro do mausoléu, nem mesmo falar sobre seus membros. Era quase uma piada no século XIX, quando todo mundo ia de terno e casaca para todos os lugares, com os broches das sociedades nas lapelas bem ao nível do olho, insolência. O broche estava bem na cara de todo mundo, mas eles não podiam falar uma palavra a respeito ou estariam fora.

As coisas não haviam mudado muito, refleti.

— Mas essa mesma filiação não era um segredo — Malcolm continuou. — Todo mundo sabia quem estava na Rosa & Túmulo. Cara, eles costumavam publicar a lista de convocados no *New York Times* toda primavera.

— Mas o juramento... — gaguejei. Então Lydia estava certa. Mas que espécie de

baboseira era essa? Se não era segredo, por que a chamavam de sociedade *secreta*? Eles deviam matar as pessoas que contavam! Ou enfiá-las numa masmorra. Ou puni-las Ou fazer *alguma coisa* (qual é, você também

pensou isso). Não era para publicarem seus nomes na porcaria do *New York Times*!

Apesar de que, raciocinei, isso podia ser uma boa coisa para mim. Muitas pessoas no meio editorial liam aquele que era chamado o "jornal oficial".

Eu obviamente precisava estudar mais a história da sociedade (assim que descobrisse como enfiar isso no meu cronograma).

— Era um juramento diferente. Eles não falavam sobre o que acontecia por trás das portas fechadas do mausoléu, mas todo mundo sabia quem era do clube. E isso estava se tornando um problema. Os Coveiros estavam sendo atacados no campus. Convocados em potencial não queriam ser associados à organização. Começamos a receber — Malcolm estremeceu — rejeições de convocados. Então, para sobreviver, a filiação passou a ser informalmente secreta. Com o passar das décadas, a tradição se transformou em

formalidade. Os tempos mudam e nós também. — Ele fechou o punho e achei que ia sacudi-lo para os patriarcas. — Não entendem isso? A porra dos tempos mudam!

Demetria apareceu usando uma echarpe estampada e um macacão gasto, manchado de tinta.

— Ei, o povo está todo aqui! Que protesto, hein? Muito bom para um bando de coroas.

— Ainda acho que devemos confrontá-los — Josh falou.

— É exatamente o que eles querem — Malcolm argumentou. — Que a gente

lhes dê a desculpa que precisam para nos ferrar.

Clarissa parecia concordar.

— Eles não fizeram o mesmo juramento de sigilo que nós. E ir até eles na frente de todas essas outras pessoas seria levar o juramento numa bandeja de prata só para quebrá-lo.

Munição. Me perdoem pelas metáforas misturadas.

— Então, vamos chamar a polícia — sugeri. — Não temos uma boa influência sobre eles? No mínimo, podíamos fazê-los dispersar a multidão.

Recebi cinco olhares arrogantes e incrédulos.

— Influência? — Clarissa perguntou. — Você está brincando, certo?

— E aí, galera, o que tá rolando? — Kevin Lee, vulgo Frodo, se aproximou, esticando o pescoço para ver por cima das cabeças dos espectadores reunidos.

Mas obviamente um grupo de sete pessoas excedia os limites da negação de que éramos um grupo e Malcolm levantou as mãos.

— Pessoal, pessoal, nenhum de vocês entende o valor da discrição? Dispersem-se, dispersem-se.

E todo mundo se dispersou, misturando-se com a multidão com tanto entusiasmo que os perdi de vista (e qualquer chance de receber uma resposta direta) quase imediatamente.

Virei-me duas vezes, procurando outros Coveiros e finalmente avistei o sênior que só conhecia como Poe. Estava sentado nos degraus do departamento de inglês, um pouco afastado de todo mundo, fingindo ler um volume de Nietzsche enquanto comia um saco de Doritos e assistia aos acontecimentos com um olhar inescrutável.

Poe. Por que tinha que ser Poe? No que me dizia respeito, só me aproximar dele já me criava um monte de problemas.

POSSÍVEIS DIFICULDADES

1) Eu não sabia seu nome de verdade. Constrangedor, constrangedor.

2) Ele estava posicionado o mais longe possível da ação.

3) Eu odeio o idiota.

Mas as opções eram poucas. Eu nem conseguia mais encontrar Clarissa na multidão e a bruxa loura pelo menos tinha a distinção de não ser uma pessoa que tivesse ameaçado a minha vida recentemente. Subi os degraus de dois em dois e parei abruptamente bem na frente dele.

— Ah, Srta. Haskel — Poe disse, fechando seu livro com força. — Linda tarde, não?

— Extraordinária. Estou procurando uma resposta direta para o que está acontecendo aqui.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você parece alguém da imprensa. Interessante. E eu pensando que Cabot estava prevaricando.

Cara, o vestibular foi há quatro anos. Arrume algo para fazer.

— Ouça, qual é a parada com esses caras?

Poe limpou o farelo sabor queijo nacho da perna de sua calça social pregueada, a qual havia combinado com uma camiseta branca um tanto surrada, Uma vítima da moda,

ainda por cima.

— Esses caras, como você colocou tão eloqüentemente, são patriarcas que estão

simplesmente cumprindo a promessa da junta de curadores, a qual a maioria das pessoas no meu clube acreditava ser um blefe.

E Poe não, obviamente.

— Que promessa?

— Fechar o mausoléu se tivéssemos a audácia de ir em frente com nossa intenção de convocar membros do sexo mais frágil. — Ele abaixou a cabeça em deferência a mim.

O revide...

— O quê? Isso tudo é por nossa causa?

— De você e das outras mulheres — ele continuou como se não tivesse nenhuma

preocupação na vida. — Eles se recusam a reconhecer a sua inclusão.

Joguei o cabelo para trás.

— Eles precisam entrar no século XXI.

Ou até mesmo no século XX.

— E, além disso, a junta e a coalizão de patriarcas relutantes pretendem infligir uma punição àqueles que agiram sem sua permissão. Eles nos informaram que fechariam o mausoléu e invalidariam a filiação de qualquer Coveiro que apoiasse e/ou ajudasse na iniciação de mulheres.

— Você parece um advogado falando — soltei, chocada. Ele parecia tão... calmo!

— Obrigado. Vou entrar para a Faculdade de Direito de Eli no outono. Pelo menos, é esse o plano.

(A Faculdade de Direito de Eli, por falar nisso, é bastante famosa por *não* produzir advogados. Supostamente é a melhor faculdade de direito do país, mas todo mundo em suas carteiras se torna professor universitário ou político.)

— Como pode ser tão blasé em relação a isso — eu praticamente gritei (Malcolm diria que eu estava sendo indiscreta). — Você também nos convocou!

— Certamente sim — Poe respondeu, naquele tom irritantemente tranqüilo.

— Bem, não está chateado por ter sua... sua filiação invalidada?

— Tive algumas semanas para me acostumar com a idéia— Poe encolheu os

ombros.—

Com certeza estou chateado com o desenrolar da história. Mas não posso dizer que esteja surpreso. Na verdade, estava dizendo ao Malcolm há alguns minutos...

— Era você no celular.

— Sim, sou eu o culpado dessa acusação.

— E você já estava aqui.

— Eu lhe garanto, assim como tenho certeza de que me ouviu garantir a ele, minha presença não vai fazer a mais módica diferença nesta conjuntura.

— Droga, pare de falar assim!

Seus olhos cinza ficaram frios, mas ele obedeceu.

— Olhe, querida, acontece que eu concordo com eles. Não acho que mulheres deveriam ser membros da Rosa & Túmulo e discuti essa questão enquanto minha voz pôde ser ouvida. Também não tive ilusões de que a junta do FAT iria "mudar de idéia" assim que vissem que ótimo grupo de garotas havíamos convocado, que foi a hipótese equivocada do resto do meu clube. Entretanto, quando ficou óbvio que eu era o único Coveiro que pensava assim, decidi apoiar meus irmãos.

— Por quê?

— Porque a decisão de convocar tem que ser unânime e nós estávamos em um impasse.

Daquele ponto em diante, eu não disse uma palavra. Nós entrevistamos garotas,

trouxemos garotas, deliberamos sobre garotas, convocamos garotas e iniciamos garotas e, durante todo o processo, não falei nenhuma vez sobre como achava que era uma péssima idéia.

Ele disse "garotas" como se fosse um palavrão. Eu queria lhe dar uma bofetada.

Mesmo assim, o sermão continuou.

— O que está acontecendo agora é exatamente o que eu disse que aconteceria,

mas não vou começar a dizer "eu avisei" para todo mundo. Passamos por cima do diretor da junta e agimos sem o apoio da maioria dos curadores. Não podemos voltar atrás na iniciação agora — vocês já estiveram dentro do mausoléu, dentro do Templo Interior. Já viram tudo, sabem de tudo. No que diz respeito a eles, nós cometemos heresia e o clube da sua classe é uma abominação para a Ordem. Malcolm quer que eu vã lá e fale com os

patriarcas porque acha que é mais provável que escutem alguém que está do lado deles.

Mas, como estou do lado deles, não tenho nenhum argumento.

Esqueça os argumentos para *eles* — que golpe baixo! Eu podia pensar em 12 sem fazer esforço.

— Por que acha que não deviam admitir mulheres na Rosa & Túmulo?

Ele ficou olhando para mim por um longo tempo sem piscar e então se levantou.

— No momento, a resposta mais rápida é que convocá-las estragou a minha vida. Eles não vão parar com o mausoléu. Vão atrás dos nossos históricos escolares. Vão atrás de tudo. Agora, se me dá licença, tenho um currículo para atualizar. Se eu fosse você, faria a mesma coisa.

— Você é um babaca machista.

Ele parou por um momento.

— Talvez eu ponha isso na parte de "habilidades específicas" do meu currículo.

— E arrumar um emprego onde? — soltei. — No Talibã?

As emoções passaram tão rápido por seu rosto que foi difícil para mim pescar todas, mas ele finalmente se decidiu pelo desdém.

— Não estou sugerindo que as mulheres sejam inferiores aos homens em nenhum

aspecto. Apoio totalmente uma sociedade secreta feminina de elite no campus. Revirei os olhos.

— Separação não é igualdade, amiguinho. Um estudante de direito de Eli devia saber disso.

— Quando a Universidade Wellesley aceitar meu irmão mais novo, voltarei a discutir esse assunto — e então ele desceu a escada. Entendi o recado. Wellesley é de elite e só aceita mulheres.

Pelo menos agora eu estava por dentro. E também sabia que gostava de Poe qualquer-que-fosse-seu-nome-verdadeiro muito menos até do que da Srta. Clarissa "Misturando"

Cuthbert. Desci os degraus novamente e dei de cara com Malcolm, que estava rediscando seu celular.

— Pode esquecer — falei. — Ele não vem.

Malcolm olhou para mim.

— Quem?

— Poe.

Malcolm se encolheu por eu ter usado um nome de sociedade, mas foi direto ao assunto e agarrou meu braço.

— Como você sabe?

— Acabei de falar com ele.

— Aqui? — Malcolm pesquisou a área com os olhos. — Aquele dissimulado maldito!

— Não é o adjetivo que eu usaria.

Ele franziu o cenho.

— Você não o conhece bem.

Cara, esse negócio todo do juramento da constância pegava mesmo, não é? Fiquei imaginando se eu pularia para defender Clarissa em seguida.

— Sei que ele não me quer na sociedade.

Malcolm suspirou.

— Isso não é verdade. Se ele realmente não quisesse, não teria acontecido.

Sacudi a cabeça. Malcolm podia achar que conhecia seu irmão de sociedade, mas eu havia olhado nos olhos do sujeito. Ele não queria ter nada a ver com "o sexo mais frágil", Imbecil da Idade da Pedra.

— Muito bem, então, Amy, você está por sua própria conta. — Sua mão escorregou para a minha e ele começou a me puxar para a frente.

— O que está fazendo? — gritei enquanto abríamos caminho através da multidão.

— Vamos falar com eles.

Comecei a fincar meus saltos no asfalto.

— Mas, e quanto à... *todas aquelas coisas que você disse?*

Malcolm olhou para trás e piscou.

— Falha na segurança, garota. Nós somos da imprensa.

FORMAS NAS QUAIS AMY HASKEL E

MALCOLM CABOT DIFEREM DA "IMPRENSA"

IMPRENSA

AMY HASKEL E

MALCOLM CABOT

./ É afiliada ao departamento

./ São a editora de uma publi-

editorial de uma publicação

cação de ficção literária e o ex-

geradora de notícias.

gerente executivo (ou seja, o

cara da grana) de uma publica-

./ Espera travar um diálogo

ção geradora de notícias, res-

com o entrevistado que resul-

pectivamente.

tará em um artigo criterioso e

informativo impresso para

./ Fizeram juramentos de sigi-

consumo público.

lo que os impede de revelar

qualquer coisa sobre esse assun-

./ Tem experiência com e/ou

to para o público.

interesse em jornalismo inves-

tigativo.

./ Também não têm (experiên-

cia e/ou interesse em jornalismo

investigativo).

Considerando o anteriormente citado, você talvez possa adivinhar minha reação.

— Não sou mesmo! — gritei, atraindo a atenção de mais do que alguns espectadores interessados. — Malcolm, alguma vez você *leu* a *Revista Literária de Eli*?

Ele fez uma careta, como se aquela simples sugestão fosse a execração de tudo o que considerava aceitável como material de leitura. (Nota para mim mesma: incluir mais coisas interessantes na próxima edição.)

— Por favor, Amy.

Reagrupando, ele me puxou consigo.

— Olhe, você tem um veículo de mídia à sua disposição. É só o que me importa neste momento.

Bem, pensei enquanto ele me jogava cara a cara com um escudo humano de cabelo

prateado, pelo menos isso se encaixa no tema "Ambição".

— Sr. Cabot — disse um dos patriarcas. — É uma jogada bastante ousada, devo dizer. O

que seus colegas irão pensar?

Meu irmãozão da sociedade não perdeu um segundo.

— Malcolm Cabot, *Eli Daily News*. Posso perguntar o que os traz à High Street hoje, senhor? Parece que estão guardando a entrada do mausoléu da Rosa &

Túmulo. Isso é verdade? — E então, inclinando-se para a frente, ele falou baixo: — Acho que seria melhor se esse assunto fosse tratado a portas fechadas.

— Me desculpe — o patriarca replicou. —Mas realmente não posso falar sobre isso.

— Estão fazendo todos nós de palhaços — Malcolm continuou baixinho. — Ninguém

quer que a sociedade seja motivo de riso.

— Me desculpe — o patriarca respondeu. — Mas real-mente não tenho permissão para falar sobre isso.

— Qual é — disse Malcolm. — Vocês têm que abrir um diálogo aqui. Pare de me tratar como uma espécie de bár...— Ele congelou, então endireitou-se, seus olhos esbugalhados conforme as regras do jogo ficaram claras. — Bárbaro. Seu *filho-da-puta.*

— Vocês nos desafiaram. Sofram as conseqüências.

— Nem pensar.

O patriarca continuou.

— E não é só isso, pretendemos ir até o fim. Boa sorte com sua carreira, Sr. Cabot.

Uma corda gelada de medo pareceu apertar meus pulmões ao ouvir o tom ah-tão-casual do homem e senti meu sangue ferver em represália. Agora era a minha vez de me mostrar indignada.

— Ei! Não acham que isso é levar as coisas um pouco longe demais? — percebi o olhar de aviso do Malcolm. — Hmm, Amy Haskel, *Revista Literária de Eli.*

Formalidades à parte, continuei numa voz mais baixa:

— Uma coisa é uma organização estudantil idiota, mas vocês não têm o direito de interferir no futuro dele...

— Amy Haskel — disse o patriarca. — Editora da revista literária.

Joguei uma mecha de cabelo para trás do ombro como se não tivesse nenhuma

preocupação no mundo.

— Foi o que eu disse.

— Universidade Prescott.

E ele também podia ler minha camiseta. Grandes coisas.

— De Cleveland, Ohio. Filha de Carl, um contador na Simpson Associates, e Mardie, dona-de-casa e ex-professora de uma escola montessoriana. Estudante de literatura.

Escolhida para começar um estágio editorial na Editora Horton em Manhattan em 12 de junho.

Subitamente parecia haver um bolo na minha garganta e resisti ao ímpeto de engolir convulsivamente. *Ignore-o. É o truque idiota dos Coveiros. Blablablá minha ficha. Que se dane.*

Mas... o nome dos meus pais, a data de início do meu estágio... Poe dissera que eles viriam atrás de mim...

— Belo plano — ele zombou. — Boa sorte com a *sua* carreira.

Malcolm teve que me segurar.

Um grito subiu pelo meu peito e, de alguma maneira, eu consegui manter minha boca fechada, ainda que pudesse sentir meus pulmões se contraírem com o esforço para segurá-lo. *Você não ousaria!* pensei, olhando tão intensamente para o homem que até meus inexistentes poderes de telepatia não podiam deixar de passar a mensagem. Nunca na minha vida eu havia olhado para um adulto com mais animosidade, mas também

nunca estivera em uma situação em que fosse ameaçada por um. Não, eles normalmente tentavam me ajudar — me ensinar alguma coisa, escrever recomendações para mim, me dar um emprego de verão, me dizer o quanto

estavam impressionados com minhas

prodigiosas realizações e

como estavam entusiasmados para ver o que eu faria do meu futuro.

O cara parecia insinuar que gostaria de garantir que eu não tivesse um.

Eu não conseguia respirar.

E então a cavalaria chegou, na forma dos outros novos convocados. Demetria liderou o ataque, seguida por meia dúzia de outros. Vi até Jennifer, apesar de George Harrison Prescott não estar por perto.

— Não! — disse Malcolm. — Isto é uma entrevista particular.

— Sei — Demetria falou. Ela estufou o peito para o patriarca no comando. — Vai mexer com todos nós, seu merda?

— Vamos *embora* — urrou Malcolm. Ele nos arrebanhou e nos levou para longe do escudo humano e da multidão. Vi alguns rostos familiares nas margens da multidão.

Coveiros seniores, esperando nas coxias. Malcolm acenou com a cabeça para um que passava.

— Chame-o — falou, e não tive dúvidas de a quem se referia. — Meu quarto.

Conversinha.

As palavras me reanimaram e finalmente encontrei minha voz. Malcolm me arrastou para longe enquanto eu erguia meu punho para o patriarca como golpe de misericórdia.

— E, por falar nisso, eu não moro em Cleveland. Sou uma garota bem-criada. Shaker Heights. Pesquise melhor, otário.

— Amy! — falou Malcolm. — *Discrição.*

Por meio desta, eu confesso:

aquilo me abalou.

10.

Primeira Reunião

Malcolm nos empurrou para longe da multidão, direto para a entrada lateral da

Universidade Calvin. Ele entregou seu jogo de chaves para Greg.

— Quarto andar, entrada J. Vou esperar pelos outros.

Apoiei todo o meu peso contra a parede de granito. Qualquer onda de adrenalina que tivesse me mantido de pé nos últimos minutos, em frente ao mausoléu, finalmente havia se dissipado.

— Vamos tentar entrar pelos fundos?

— Que entrada dos fundos? — Malcolm piscou para mim.

Acenei discretamente em direção à parede que separava a Universidade Calvin da propriedade da Rosa & Túmulo.

— A entrada dos fundos do mausoléu. O túnel secreto que o Presidente usa durante suas visitas clandestinas.

Malcolm bufou.

— Certo. Que seja. Não é hora para brincadeiras, Amy.

Não havia entrada secreta pelos fundos? Meu Deus, será que alguma coisa que eu havia ouvido sobre essa sociedade era verdade? Vejamos, eles não haviam sido sempre

secretos, não estavam prestes a me dar *milhares de dólares* de presente e não estavam escondendo ouro nazista. Então, o que exata-mente esses idiotas *estavam* protegendo com seus cromossomos Y? Uma coleção de esqueletos infantilmente furtada da faculdade de medicina décadas atrás?

Ainda assim, aquele imbecil lá atrás tinha parecido tão... tão *seguro* de si mesmo.

Como se fosse mais do que capaz de realizar todas as suas ameaças. Minhas pernas começam a parecer um pouco fracas.

Conforme os Coveiros entravam, aos poucos, Malcolm os guiava para seu quarto.

Apoiei-me na parede gasta de granito, tentando recuperar o fôlego, mas meu corpo recusava-se a cooperar. Eu podia não ter deixado os patriarcas me verem suar, mas se me visse agora você ia achar que eu estava tentando compensar isso. Tentei relaxar, pensar em qualquer coisa além dos olhares frios que recebera dos homens no escudo humano.

Muito bem, Amy, pense em... gramática. Gramática estrangeira. Após alguns instantes, Malcolm virou-se na minha direção.

— Você está bem?

Encolhi os ombros.

— Claro. Por quê? Acha que aquele cara me incomodou?

Assim que ele se virou para o portão, eu levantei a mão. Estava tremendo.

Eu cerrei o punho e continuei conjugando verbos irregulares em espanhol (todo estudante de literatura tem que fazer um ano de literatura em uma língua estrangeira. Como eu já sabia um pouco de espanhol, passei alguns semestres entendendo errado Borges e Allende. O pessoal do francês se deu bem com *O pequeno príncipe*. Que enganação).

Muito bem, esqueça isso, Amy. Tengo, tienes, tiene. Tenemos, teneis, tienen. *Se há uma coisa que aprendi desde que entrei para a Rosa & Túmulo é que metade das merdas que ouvi a respeito deles não é verdade*. Tuve, tuviste, tuvo. Tuvimos, tuvisteis, tuvieron. *Ele é um velho usando um truque idiota*. Tendre, tendras, tendra. Tendremos, tendreis, tendran. *Não pode fazer nada comigo.*

Eu terei, você terá, ele ou ela terão...

Convocá-las estragou a minha vida.

Mas talvez eu devesse guardar o julgamento final até ter ouvido o que os

cavaleiros seniores da Rosa & Túmulo tinham a dizer sobre o assunto.

Malcolm estava falando ao celular novamente, contatando, presumi, qualquer um que tivesse perdido nosso pequeno confronto. Eu o vi digitar algumas mensagens de texto urgentes.

RG 911. CC4 J AGORA.

— É o máximo que posso fazer no momento — disse Malcolm finalmente, fechando o flip do telefone. — Venha, Amy. Vamos nos juntar aos outros. Vamos esperar o resto lá em cima.

— Malcolm —, falei e minha voz tinha, sem a minha permissão ficado bastante baixa e aguda — aquele cara...

— É um imbecil da melhor categoria — disse Malcolm. — E, não importa o que diga, eles não têm poder para nos expulsar ou fazer qualquer outra coisa. É tudo papo furado.

Mas não vamos falar disso aqui, está bem? Venha, vamos subir.

Eu o segui pela entrada J e começamos a subir as escadas. No segundo andar, a porta de uma suíte se abriu e a garota com a longa trança castanha que eu vira pela primeira vez quando safra do quarto do Malcolm ontem olhou para nós. Imaginei que estava curiosa sobre o trânsito pesado que passara recentemente pela escada, mas ela só olhou de mim para o Malcolm e seus olhos se estreitaram.

Olhando bem para ela, lembrei quem era a garota. Genevieve Grady, colega do terceiro ano e editora-chefe do *EDN*. Fiquei surpresa por ela estar em casa; a editoria do jornal diário da universidade era um trabalho de 40 horas por semana, enquanto o meu era razoavelmente tranqüilo — talvez 14 horas por mês, até chegarmos à hora da publicação.

Eu não tinha visto Genevieve muito este ano, ou mesmo ano passado, o qual ela passara produzindo histórias e fazendo contatos em um ritmo cuidadosamente calculado para conseguir sua almejada posição.

Talvez, imaginei, ela topasse escrever o prefácio para a edição da "Ambição".

— Voltou para mais um pouco, não é, Haskel? — ela sibilou. — Essa é nova no quarto andar.

Malcolm lançou-lhe um olhar absolutamente gélido de desdém e me conduziu mais um andar acima.

— Qual é o problema dela? — perguntei.

Malcolm deu de ombros.

— Ela é uma filha-da-puta. Imagino que saber disso a mantém de mau humor a maior parte do tempo.

Ele bateu três vezes, uma e então duas vezes em sua própria porta e ela se abriu, revelando um quarto no qual todas as superfícies planas estavam cobertas pelo traseiro de um Coveiro. Eles estavam apinhados na cama, no futon, na escrivaninha, na cômoda e, quando acabaram os poleiros, no chão. Vi Clarissa tentando enfiar sua bunda minúscula em uma área ainda menor e então acenou para mim.

— Amy, guardei um lugar para você.

Uma rápida sondagem do aposento mostrou que era minha única opção, então eu aceitei, imaginando internamente por que Clarissa parecia tão determinada a se aproximar de mim em todas as oportunidades. Será que eu havia passado em alguma espécie de teste?

Eu era uma Coveira e portanto considerada uma companhia aceitável na opinião dela?

É claro. Desde que eu fora convocada, as pessoas vinham me tratando diferente. A Amy de todos os dias (prosaica, comum) não passava as noites de sábado flertando com George Harrison Prescott, não estava no círculo de Clarissa Cuthbert e não dormia no quarto de pessoas como Malcolm Cabot — mesmo que não houvesse sexo envolvido. Ela não se envolvia em disputas histéricas com cavalheiros de aparência distinta e cabelo prateado que ameaçavam arruinar sua vida, nem fazia com que amigos mais velhos e mais sábios como Glenda Foster ficassem nervosos com sua presença.

Uma parte do poder da Rosa & Túmulo podia não ser muito mais que sua "aura",

mas só isso já parecia dar bastante influência.

E eu ainda não havia percebido o quanto isso significava.

— Não acho que a gente deva esperar pelos outros — disse Malcolm. — Vamos começar a sessão.

Os seniores se mobilizaram. Aparentemente do nada, grandes faixas de tecido negro se materializaram e os rapazes correram pelo quarto, cobrindo as janelas, envolvendo os dutos de ventilação e preenchendo as frestas das portas. Faziam um revestimento acústico, apesar de que, se alguém realmente quisesse escutar, eu duvidava que alguns pedaços de feltro fossem resolver. Ainda assim, na ausência de um mausoléu de verdade, os Coveiros não tinham opção.

Um apartamento em cima da Starbucks, no entanto, teria sido melhor. Pensei nos onipresentes cafés com leite gigantes da Glenda. Será que ela tinha tratamento especial lá na cafeteria porque pertencia à sociedade do andar de cima ? A Rosa & Túmulo não me dera nem um vale para o café.

Um dos seniores encolheu os ombros.

— Minha vez de ser o Tio Tony?

Os outros assentiram e Malcolm fez uma careta.

— Uma introdução para os convocados, está bem?

"Tio Tony" pegou um peso de papel da mesa do Malcolm e bateu com ele três vezes, uma e duas vezes na mesa.

— A hora é... III e 30 minutos, hora dos Coveiros. Eu inicio esta — ele olhou para cima.

— Que reunião é esta?

Alguns dos seniores deram de ombros.

Houve três, uma e duas batidas na porta. Malcolm a abriu e Poe apareceu, de cara feia, rebocando um ainda mais petulante George Harrison Prescott. Meu coração pulou e afundou ao mesmo tempo.

— Sete mil cento e doze — Poe anunciou. — Belo isolamento acústico, por falar nisso —

Poe empurrou George para dentro do quarto. — Sente-se, garoto.

George se jogou no chão ao lado de Jenny Santos, que fez uma careta e afastou-se rapidamente, e ele sorriu como se tivesse acabado de se dar bem de uma forma

particularmente travessa.

Os seniores haviam voltado a vedar as entradas para o quarto e agora um deles estava enfiando travesseiros nos dutos de ar. Quando acharam que estávamos realmente

bloqueando o som, o que interpretava "Tio Tony", o líder rotativo, recomeçou.

— Em nome de Perséfone, Guardiã da Chama da Vida e da Sombra da Morte... eu,

hummm, dou início à... — Ele parou de falar, dando de ombros timidamente, — Me desculpem. Eu não sou nada sem o Livro Negro.

Outro sênior sacudiu a mão, afastando a idéia.

— Que se dane. *Omnis vincit mors, nos cedamus nemini*. Vamos continuar com isso.

Poe praticamente rosnou em desaprovação.

— É exatamente esse o problema. O nosso clube foi negligente demais com as tradições da sociedade e agora estamos pagando o preço.

Pessoalmente, eu não conseguia ver Poe relaxado a respeito de nada. A flexibilidade do cólon exigida estava além de suas sensibilidades arcaicas e chauvinistas.

— Se você quer ser o Tony, vai fundo — o sênior devolveu.

Aparentemente, não era preciso pedir duas vezes ao Poe. Ele se levantou, limpou

a garganta, virou-se de frente para o círculo e começou a procurar algo em seus ombros, quase por reflexo.

Seu capuz inexistente. Encontrei os olhos de Malcolm e caí numa risada quase

incontrolável. Quando finalmente recuperei o controle (o que envolveu muitas engolidas em seco com o rosto vermelho e quatro tossidas de mentira), Poe havia completado o ritual de início da sessão, que não vou me dignar a repetir aqui. Se você está procurando o espírito da coisa, procure o capítulo sobre iniciação neste livro. Basta dizer que, principalmente na boca do Poe, era longo demais, desnecessariamente pretensioso, baseava-se fortemente em baboseiras latinescas e possuía muito mais do que o número apropriado de letras maiúsculas. Não é surpresa que os outros cavaleiros seniores não tivessem se preocupado em memorizá-lo.

— Muito bem, todos nós sabemos o que viemos discutir aqui — começou Malcolm, ou, como suponho que o devesse chamar agora que estávamos em sessão, Lancelot.

— Sim — disse meu colega de classe Graverobber, o herdeiro de estaleiros gregos com o difícil nome civil de Nikolos Dmitri Kandes IV — Por que nunca nos avisaram de que isso poderia acontecer?

— Basicamente — disse outro sênior —, a juntado do Fundo Tobias disse que, se

iniciássemos mulheres, eles poriam *todos* para fora. Ao trancar o mausoléu e falar conosco como se fôssemos bárbaros, eles deixaram claro que cumpriram o

prometido.

— Isso é um absurdo! — Thorndíke (Demetria) gritou alto o suficiente para ser ouvida mesmo através do isolamento acústico. Todo mundo se espantou, mas achei que era uma reação previsível da parte dela. Esperem até ela ouvir que o cara de pé no meio do círculo era totalmente a favor. Ele teria sorte se escapasse com seus genitais intactos.

— Pode apostar! — Graverobber replicou. — Está tudo bem para você, mas eu não sou nem mulher, nem membro da turma que as convocou, e só me resta questionar por que e se eu deveria ser punido junto com o resto.

Naturalmente, o pandemônio se instalou.

— Ou nós permanecemos unidos ou não vamos resistir! Bond, o inglês Greg Dorian, declarou firmemente.

— Mas devemos permanecer unidos necessariamente *a favor* das mulheres?

Angel (Clarissa), ao meu lado, bufou, mas também não caiu em cima (você deve estar imaginando por que eu, que nunca fui de guardar meus comentários para mim mesma, não estava falando nada. Sinceramente, não conseguiria me fazer ouvir. Aquelas pessoas são futuros oradores profissionais. Editores — mesmo os tagarelas e desinibidos — não têm a menor chance).

— Essas garotas são nossos irmãos — Keyser Soze argumentou (É isso aí, Josh!).

— Há 48 horas — Graverobber replicou. — E, se a alternativa é perder minha filiação, eu digo que *elas* devem fazer o que é certo para *nós* e dar o fora.

— Quer fazer a gentileza de se abster de falar de mim como se eu não estivesse sentada no seu colo? — Littie Demon lançou um olhar fulminante para Graverobber de sua posição empoleirada em... bem, se não no seu colo, perto à beca.

— Não é você, minha cara, é todo o seu sexo.

Thorndike agora tremia visivelmente de raiva e eu achei que o lixo europeu do

Graverobber tinha sorte por ela ter que passar por Little Demon a fim de extravasar sua fúria.

— Olhem — Soze abriu os braços e a calma prevaleceu (eu disse que esse cara podia resolver essa merda!). — Quero entender melhor quais são exatamente nossos direitos e quais os direitos da diretoria do FAT. É razoável que o clube atual tenha um pouco de controle sobre a direção do cotidiano da sociedade. Existem regimentos ou tratados específicos que proíbam a convocação de mulheres?

— Os fundadores não acharam necessário — Poe parecia estar mastigando cada palavra.

Mas aposto que ele achava que teria sido uma boa idéia! — E, sim, devemos ter

soberania na escolha de nossos convocados, mas o Fundo controla o nosso cofrinho e, por conseqüência, tudo o que fazemos. Eles são os donos do terreno, do mausoléu... eles pagam por todos os nossos benefícios.

— E sua classe não tem representante na diretoria? — perguntou Soze.

— Temos — disse Poe — Sou eu.

Oba, estávamos ferrados!

Mas Soze, sempre o estrategista, não perdeu um segundo.

— E, humm, outras possibilidades?

Quando Poe compreensivelmente fracassou em responder, ele foi em frente:

— Perdoe as perguntas, mas acho que todos os alunos do terceiro ano aqui se sentem como se tivessem sido jogados no lado fundo da piscina.

E estão se afogando.

— Estou tentando entender o quadro geral que explica o que eles estão tentando fazer e por que acham que têm o direito de fazê-lo. E, se não têm, então acho que é simplesmente questão de discutir os regimentos no...

— No quê? — falou Lancelot. — No tribunal? Esqueça, amigo. É por isso que chamamos de sociedade *secreta*. Não vamos à Justiça, onde corremos o risco que nossos trabalhos internos se tornem de domínio público. Não somos uma

fraternidade com uma organização helênica para a qual nos voltamos em casos de disputa. Clube privado. Não sujeito à nenhuma lei antidiscriminação. Nós não temos realmente um caso para os tribunais.

— Não precisamos de um — disse Lucky, deixando todos chocados. — Só a ameaça de ir a público pode assustar a diretoria a ponto de desistirem.

— A público? — um sênior gaguejou. — Você está louca? Faz idéia de quem nós

somos?

— Mais do que você pensa.

— A moça é um leão! — Puck exclamou, impressionado. — Vai direto na jugular —

Lucky lhe lançou um olhar destruidor, cruzou os braços e voltou para o seu lugar.

— Antes de entrarmos nessas questões — falou um novo convocado cujo nome real eu nem sabia (descobri depois que ele era Omar Mathabane, vulgo Kismet, o primeiro convocado dos Coveiros a vir do continente africano) —, estou interessado em saber o que cada um neste quarto acha do assunto. Nós *somos* a favor da inclusão das mulheres?

— Está perguntando para nós? — Demetria chiou, fechando o punho com uma das mãos e gesticulando amplamente para as cinco mulheres no aposento. — Você está neste país há o que, cinco segundos? E já está pronto para se juntar ao sistema!

O jogador de basquete alto, Big Demon (Benjamin Edwards, para aqueles de vocês que estão jogando o jogo de Quem-É-Quem-na-Rosa-&-Túmulo), limpou a garganta e falou brandamente.

— Correndo o risco de ofender as mulheres e os seniores, acho que Graverobber tocou em um ponto que deveria ser considerado, independentemente de todo o resto. Os homens da C177 não cometeram nenhum dos dois delitos. Nós não convocamos as

mulheres e não somos mulheres. Então, só para esclarecer, qual é o problema dos patriarcas conosco?

— Já basta! — Little Demon saiu de seu questionável poleiro e tomou seu lugar ao chão.

— Ah, sim, Kismet, vamos votar (que Odile conseguisse lembrar corretamente de todos os nomes secretos enquanto eu tinha sorte se me lembrava da metade me convenceu de uma vez por todas de que ela merecia um diploma de Eli). Vamos descobrir qual é a posição de cada um aqui antes que vocês resolvam

discutir o meu futuro. Já estou cansada de ouvir os homens falarem de mim e sobre mim. Passei cinco anos sendo

"controlada": pelo meu agente, pelo idiota do meu pai, pela minha gravadora, e não vou mais aturar que qualquer *homem* me diga o que fazer!

Isso calou a boca até de Thorndike. Puck parecia olhar para Little Demon com uma admiração renovada e eu respirei fundo.

— Na minha opinião — falei antes que pudesse me conter — nós temos quatro

problemas diferentes para resolver antes que possamos sequer bolar um plano juntos.

Comecei a marcá-los nos dedos:

1) — Nós quebramos algum dos regimentos da sociedade?— olhei para Poe para

confirmar. —Aparentemente não.

2) — Presumindo que não, quais são nossos direitos como membros ativos diante do controle da diretoria sobre os aspectos financeiros da sociedade?

3) — Na chance remota deles terem alguma queixa contra nós, o que podemos fazer para melhorar a situação dos homens convocados?

4) Respirei fundo. — E, finalmente, vocês ainda querem as mulheres na sociedade?

— Sim — Lancelot falou sem hesitação. Poe só olhou para mim com seus olhos cinza-claros. Os outros seniores misturavam concordância e expressões pensativas. Nada encorajador.

— Talvez devêssemos votar? — Frodo sugeriu.

— O problema disso é que eles já votaram — falei. — Eles votaram no dia em que decidiram nos convocar. Nós fomos convocadas. Nós fomos iniciadas. É tarde demais.

As ações que o clube sênior realizou são irrevogáveis e é por isso que os

patriarcas esperaram até agora para agir. Eles acharam que os seniores iam voltar à razão antes disso.

— Desde quando você sabe tanto sobre o assunto? — Angel perguntou, finalmente

encontrando sua língua.

— Eu aprendo rápido. — Olhei para Poe, que estava tentando ao máximo receber o espírito de Medusa, soando ameaçadora e envolvente. — E uma coisa que aprendi é que nossas decisões quanto à convocação têm que ser unânimes. Isso também é verdade para a decisão de expulsar alguém?

— É — Poe resmungou.

— Então acho que é certo presumir que as mulheres não vão a lugar algum.

— Uhuu! — disse Angel baixinho, dando um soco no ar. Eu sorri para ela. É, sorri mesmo. Não há nada como um pouco de camaradagem quando você descobre que tem

um inimigo maior lá fora.

Poe sentou-se de volta em seu lugar e cruzou os braços.

— O que a Bugaboo disse não é inteiramente correto.

Virei-me para ele, incrédula.

— Você me disse isso há menos de uma hora.

Mais uma vez, o rosto inexpressivo. Esse homem podia dar aulas para Bob Newhart.

— Não disse nada disso.

Olhei para Lancelot para pedir ajuda, mas ele só parecia confuso. De repente, eu entendi.

Poe estava tão imerso nas tradições da sociedade que os outros podiam se dar o luxo de serem preguiçosos e deixar que ele assumisse o comando de todo aquele

processo confuso e antiquado. E, como não sabiam muito, ele tinha liberdade para manipular as regras a fim de que se encaixassem em seus próprios objetivos.

Como haviam conseguido que a convocação das mulheres passasse por ele, para começo de conversa?

Angel, nesse meio tempo, havia tomado meu posto de oradora.

— Sente-se — ela sussurrou, puxando minha manga. — Ele sabe muito mais sobre o que está acontecendo aqui do que você. Vai acabar bancando a boba.

Eu a afastei.

— Então talvez ele deva nos esclarecer. Afinal de contas, eles vão passar a sociedade para nós dentro de algumas semanas.

— Não para vocês — Poe explodiu. — Nunca para *vocês*, realmente. — Ele inclinou a cabeça na direção dos outros poucos convocados homens. — Para *eles*

E este foi o momento em que testemunhei uma espécie de estranho milagre, um truque telepático de filme de ficção científica, quando todas as cinco mulheres no quarto pensaram exatamente a mesma coisa. E essa coisa foi: eu não vou ficar aqui *nem morta.*

Juntas nós sufocamos nosso choque, juntas nos levantamos e, juntas, as primeiras mulheres membros da Rosa & Túmulo em quase 200 anos se viraram e saíram pela porta.

———————

Chegamos à rua soltando fogo pelas ventas.

— Eu não acredito... que aqueles... filhos-da-puta... quem eles acham que... *em que mundo* eles acham que estão? — Demetria estava engasgando com sua própria indignação.

Odile jogou a cabeça para trás.

— Eu diria que de por volta de 1831.

Jenny fungou.

— Ah, qual é, meninas. Vocês acham mesmo que o feminismo *ganhou*?

Clarissa nos mandou falar baixo.

— Não no meio da rua, pessoal. Lembrem-se do que o Malcolm falou sobre discrição.

— Humm, você estava na mesma reunião que o resto de nós, *Angel*? — Demetria apontou para o quarto andar. — Nós estamos fora. Se é que algum dia estivemos dentro.

— O que é discutível — acrescentei, sentindo novamente aquele aperto esquisito no peito. Como eu poderia encarar Lydia depois de todo o drama anterior se a convocação ah-tão-especial da Rosa & Túmulo se desintegrasse?

— Qual é a vantagem de ficar calada agora? — Demetria perguntou. Ela levantou a voz até ecoar pelo pátio de pedra da Universidade Calvin. — Eu fui uma Coveira e eles me sacanearam!

Clarissa e eu a agarramos, enquanto Jenny olhava calmamente.

— O primeiro passo é confessar — disse ela com um sorriso torto.

— E o próximo é encher a cara — Odile me agarrou com uma das mãos e Jenny com a outra. — Vamos.

Por meio desta, eu confesso:

fiquei meio louca naquela noite.

Está bem, muito louca.

11.

Conversinha

Clarissa nos guiou para longe da boate que Odile havia escolhido e nos levou para um bar menor e mais clássico de Eli. Havia uma galera razoavelmente saudável de biriteiros de domingo à noite, mas não tanta gente que nosso grupo não conseguisse encontrar uma boa mesa, fora do burburinho, na qual se comiserar. (Viu? Eu sabia que podia encontrar um uso melhor para essa palavra!) O lugar era dividido em dois andares, com um bar e mesas em cima e uma pista de dança e um palco embaixo. Fomos para o andar de cima, onde nós cinco nos espremem os em um reservado de couro marrom. Eu me vi enfiada entre Demetria e Jennifer, que, com os braços cruzados e uma cara de suprema

repugnância, parecia nutrir o desejo de estar em qualquer lugar que não um pub com a

"Fraternidade da Morte".

Ou Irmandade da Morte, no caso.

Curiosamente, Odile e Clarissa, apesar de mais magras do que nós três, também pareciam encher todo o espaço do outro lado do reservado. Deviam estar guardando lugar para seus egos.

— Vamos começar pelo começo — Demetria anunciou. — Vamos colocar um pouco de

álcool dentro da Madame Travada aqui.

— Eu não bebo —Jennifer respondeu, obviamente sem duvidar de quem Demetria estava falando.

— Por que não?

— Bem, para começar, é ilegal. Eu só tenho 20 anos.

Ponderei se isso tornava seu gênio mais-puro-que-todos mais ou menos

tolerável.

— Isso nunca me impediu de roubar o uísque do meu pai — disse Clarissa, fazendo sinal para o barman no andar de baixo.

— Nem a mim — falou Odile. — Mas também, quando tinha 17 anos, eu já tinha

passado pela clínica de reabilitação O que a metanfetamina não fez comigo, não é uma cervejinha que vai fazer.

— Cervejinha? — balancei a cabeça — Preciso de algo mais forte do que isso esta noite.

Clarissa sorriu.

— Pode apostar.

Quando o barman se aproximou, ela botou três notas de 20 na mesa.

— Isso é o que eu quero — falou, olhando-o cuidadosamente nos olhos e brincando com alguma coisa em seu colarinho. — Tem suco de romã?

Ele olhou para o dinheiro, depois para nós.

— Quem são vocês?

— Nós somos quem você pensa que somos — disse ela simplesmente. — 312. Cinco.

Sem gelo, por favor, com uma rodela de limão.

Nós todas olhamos para ela, de boca aberta, enquanto o barman se apressava — na verdade, corria — escada abaixo.

— Como você sabia? — perguntei.

Ela sorriu de novo e eu notei que o negócio em seu colarinho era seu broche da Rosa & Túmulo.

— A filiação, meninas, tem seus privilégios. Assim como o legado. Este era o

bar preferido do meu pai quando ele era um Cavaleiro da C143. Faz sentido que eles tenham a bebida da sociedade.

Agora Demetria parecia presunçosa.

— Fingir até conseguir? É essa a sua estratégia?

— Não — disse Clarissa. — Mas pretendo usufruir dos direitos que ganhei. Como a Amy falou, somos membros da Rosa & Túmulo, quer eles gostem ou não. Eu, pelo menos, vou agir como tal.

— Isso inclui aterrorizar os barmen? — perguntei.

Ela mexeu no cabelo.

— Aquilo foi um simples pedido, querida. Eu só tocaria o terror se nos fosse negado. —

Ela se recostou em seu assen-to e então inclinou a cabeça, estudando Demetria como se a estivesse vendo pela primeira vez. — Sabe, Demetria, nunca notei isso antes por causa das suas camisas largas, mas você tem belos peitos. Já pensou em largar esses panos tribais e partir para algo como uma blusinha com um decotão em V? Estou pensando em algo coral, ou até mesmo pêssego, para o seu tom de pele. Tenho um suéter da Calvin Klein...

Demetria piscou atônita para ela e até Jennifer parecia chocada.

— Vamos nos concentrar no assunto em questão. Garantir que a gente continue a ter os privilégios da filiação.

— É, mas será que ainda queremos ser membros da Rosa & Túmulo? — Acariciei o broche na alça da minha bolsa. Fazia mesmo só dois dias que eu o havia recebido? Ele já parecia ser meu há muito tempo. — Eles deixaram bem claro que quase nenhum deles nos quer lá.

— Não me interessa o que eles querem — disse Demetria. — Já ouvi demais a esse respeito. Prefiro ouvir sobre nós Quero saber por que cada uma de vocês entrou para a sociedade. Acho que, se ainda acreditarmos que a sociedade pode satisfazer os motivos pelos quais aceitamos a convocação em primeiro lugar, então devemos lutar. Se não...

— Cair fora? — perguntou Odile.

Demetria assentiu e, como parecia um plano razoável, nós todas concordamos. Demetria falou primeiro:

— Para mim, era uma questão de mudar a sociedade de dentro para fora. Há certas coisas que vão ouvir de uma sapata negra de Pittsburgh e há muitas outras que vão ouvir se ela estiver acenando com um diploma de Eli na sua cara, e aí, há ainda mais coisas que vão ouvir...

— Se ela tiver uma falange de Coveiros poderosos para apoiá-la — eu cortei.

— Isso mesmo, irmã.

— Você realmente acha que os contatos dos velhos vão te ajudar, Coveira ou não?

Foi aqui que Demetria começou a parecer encabulada.

— Não mais. Eu esperava que ser convocada significasse que eles estavam dispostos a ouvir alguém como eu. Aparentemente, o que realmente significava é que eles esperavam poder fazer alguém como eu ouvi-los.

À minha esquerda, Jennifer estremeceu.

As bebidas chegaram em taças de martíni altas e geladas e Clarissa as deslizou pela mesa.

— Dê só um golinho, Jenny — ela instruiu.

Odile provou a mistura e então sorriu com aprovação para sua colega de assento.

— Bem, não posso dizer que tive um motivo claro para entrar como você, Dee. Para mim, é mais uma festa fechada. Se eu sou uma Coveira, sou VIP para tantas pessoas mais. — Seu tom era completamente sem desculpas e tão sincero que eu não tinha nem certeza se podia me sentir ofendida.

Clarissa piscou para ela, chocada, tenho certeza, por ter sido superada em seu esnobismo.

Ela se virou para o outro lado da mesa.

— Eu sou um legado — falou: — É claro que eu iria entrar se tivesse a oportunidade.

Seria como não estudar em Eli. Eu sou uma Cuthbert. Nós somos Coveiros. Ponto.

Jennifer passou o dedo na borda de seu copo e então mergulhou o mindinho na bebida e o chupou antes de responder.

— Para mim era a mesma coisa que para Demetria, eu acho. Mudar os Coveiros de

dentro para fora. — Ela olhou para mim como se estivesse satisfeita por ter dado uma resposta boa o bastante. — E você, Amy?

Todas elas se inclinaram para a frente.

— É, e você? — alguém mais perguntou.

De onde veio essa curiosidade? Meus motivos — tais como eram — não eram melhores do que os delas e "meu-amigo-colorido-me-mandou-parar-de-pensar-tanto" não parecia ser uma motivação suficientemente forte. Dei de ombros.

— Pareceu a coisa certa a fazer. É — minha voz baixou para um sussurro — a sociedade mais poderosa do campus... do país. Contatos a rodo. Hummm, nós temos certeza de que este lugar não está cheio de escutas?

— Cheio de escutas? — Clarissa perguntou. — De quem Da polícia especial dos

Coveiros da qual você estava falando mais cedo?

Não me diga, mais uma teoria da conspiração.

— Alguém pode por favor me fornecer uma lista do que é verdade ou mentira sobre a Rosa & Túmulo?

Clarissa riu.

— Assim que conseguir uma, eu divido com vocês. Mas você tem razão. As

paredes têm ouvidos. Malcolm estaria nos dizendo...

— Discrição! — dissemos todas em uníssono, erguendo nossos copos e rindo. Olhei para o 312. Parecia um cosmopolitan que passara tempo demais ouvindo death metal. A coloração rosa-chiclete havia se tornado vermelho-sangue e quase opaca. Eu mal podia ver a espiral de casca de limão no fundo. Provei. Mais azedo do que eu poderia descrever, com um toque de doçura no fundo que não podia ser simplesmente xarope de romã. Não consegui detectar nenhum álcool. Não tinha exatamente o mesmo gosto do "sangue" que eu bebera na iniciação, mas imaginei que, para o Coveiro que quisera manter a fé, servia como um lembrete razoável.

— Você sabe o que eles botam nisso? — perguntei para Clarissa.

Ela piscou para mim.

— É segredo.

Todo mundo revirou os olhos. Olhei para Jennifer, que parecia estar consumindo bastante do seu apesar de seus protestos.

— Então, você e Demetria parecem ser as únicas com motivos reais para se tornarem membros — falei. — Ainda quer ser um?

— Minha resolução continua firme como sempre — Jennifer deu outro gole.

— Você não considera meu motivo válido? — perguntou Clarissa.

— Não mais do que o meu — repliquei. — E não vamos nem falar sobre a Odile.

Odíle terminou seu drinque.

— Serve para mim, o que o torna perfeitamente bom. Não precisamos ser tão nobres quanto essas duas garotas. Se quisermos entrar para a — ela abaixou a voz — *coisica* por motivos egoístas, quem é que vai dizer que não podemos? Não significa que eles também não vão se beneficiar com a filiação. Eles nos ajudam e nós seremos os melhores jovens membros que poderiam querer. Pelo menos, essa é a minha filosofia.

E era difícil fazer com que isso parecesse um problema.

— É. Quem se importa com o motivo por que nos associamos? — Clarissa falou. — A questão é que, se fomos convocadas, então obviamente merecemos, e devemos ter os direitos e benefícios associados a isso, independente do tipo de genitália que temos. Se Odile quer entrar só para jantar lagosta toda quinta-feira à noite, isso é problema dela.

Não deles. O que a " *coisica*" ganha com isso é ter a grande Odile Dumas como membro.

— E isso é muito maneiro — disse Odile, pedindo outro 112 ao barman com um gesto.

Demetria revirou os olhos.

Mas eu não podia ser tão pedante. Era bem bacana. Eles tinham sorte de ter Odile Dumas como parte de sua galera selecionada. Definitivamente dava ao grupo de velhinhos algumas credenciais hollywoodianas do século XXI. E Demetria, que, um passo de cada vez, ia mudar o mundo. Eu definitiva-mente não conseguia imaginar um argumento convincente contra Clarissa. Não só ela era um legado como, assim que estivesse de volta ao mundo das socialites de Nova York, praticamente mandaria na cidade. E Jennifer Santos seria o próximo Bill Gates. Só faltava... eu.

Onde Amy Haskel entrava?

O telefone da Clarissa — bem, ele soou, já que "tocou" provavelmente não é o termo apropriado para os animados efeitos sonoros que saíam do seu celular.

Ela deu uma olhada no visor.

— Ops, meninas, é o George.

Está bem, eu admito: meu coração acelerou.

Ela abriu o flip e falou rapidamente. Cinco minutos depois, os outros convocados do terceiro ano chegaram.

— Procuramos vocês em todos os lugares — disse George, enfiando-se do lado

Odile-Clarissa da mesa e piscando para mim. — A reunião meio que acabou no segundo em que saíram.

— Mas vejo que vocês não saíram junto com a gente — soltou Demetria, escorregando relutantemente para o lado para deixar Josh e Greg se amontoarem. Kevin pegou o lugar que restava ao lado do George (realmente não havia muito espaço naquele lado) e Benjamin, o jogador de basquete (Big Demon, como Little Demon, era um nome dado a um convocado de tamanho específico), puxou uma mesa e algumas cadeiras para si mesmo, Omar e um Nikolos (vulgo Graverobber) com uma cara muito descontente.

— Bem, no começo ficamos todos em estado de choque. — disse Benjamin,

acomodando-se e acenando para o barman. — Apesar de não tanto quanto os seniores.

Acho que ninguém nunca saiu de uma...

— *Coisica!* — todas as garotas gritaram.

— ...reunião antes. Ninguém sabia o que fazer.

— Então ficamos todos sentados ali, olhando uns para os outros — Kevin acrescentou.

— Até percebermos que queríamos comprar essa briga com todas vocês — terminou

Greg. — Onde estão os malditos drinques?

Malditos estava certo. Deslizei o resto do meu pela mesa e ele o virou.

— Ele também queria "entrar nessa com a gente" ? — perguntei ceticamente, apontando para Nikolos.

Os homens foram poupados de responder quando o barman chegou, parecendo

escandalizado. Ele fez uma rápida contagem de cabeças.

— Onde estão os outros três? — perguntou.

— No exterior — Clarissa entregou-lhe um cartão de crédito. —Abra uma conta.

— Eles nos conhecem aqui? — perguntou Josh.

— Ah, querido — disse Clarissa —, nós temos até um *drinque* oficial.

———————

Várias horas e pelo menos cinco rodadas de 312s depois (talvez devêssemos ter mudado para jarras), a dúzia de novos convocados à mesa estava com lábios manchados de uma cor escura e havia prosseguido na elaboração de um plano de ação.

— O que eu ainda não entendi — Kevin, um dos poucos que votara "não" que restavam no grupo, disse — é por que isso é responsabilidade nossa e não dos seniores.

— Eles têm pouco tempo — explicou Demetria. — Em algumas semanas vão estar fora daqui e o mausoléu fechado será problema nosso. Não tem tanta importância para eles.

— Tem, se os patriarcas forem em frente com suas ameaças — falei. — Ouvi aquele cara falar com o Malcolm esta tarde. Ele disse que ia arruinar sua carreira.

E a minha.

Clarissa fungou.

— Gostaria de vê-los tentar. Aquele cara é filho de um governador. Ele é muito bem conectado sem a ajuda da... *coisica*. Além do mais, vocês realmente acham que os patriarcas querem fazer um inimigo assim?

— Eles têm aliados suficientes que não gostam do governador Cabot — falei, pensando em minha conversa de travesseiro com Malcolm e suas histórias a respeito do preconceito de seu pai. Para ser sincera, Malcolm provavelmente *precisava* da ajuda dos Coveiros, se seu pai fosse a única alternativa.

E as palavras do Poe não saíam da minha cabeça. *Tenho um currículo para atualizar. Se eu fosse você, faria o mesmo.* Poe podia ser um escroto, mas era um

escroto inteligente, e parecia saber mais sobre os Coveiros do que qualquer um. Por que eu não devia confiar no que ele havia dito?

Mas, quando dividi meus temores com o resto do grupo, eles simplesmente riram.

— Eles não são o Big Brother, Amy — disse Clarissa. A seu favor, Clarissa não tinha feito uma única observação que pudesse ser interpretada dentro do conceito de *se misturar* a noite toda. Mas também, talvez eu não fosse mais *persona non grata* agora que havia passado para as fileiras dos Coveiros. Ainda assim, estava começando a gostar da garota.

Acrescentei isso à lista de coisas que eu não ia contar para Lydia.

— Não é isso o que eu sempre ouvi — eu falei.

— Não é isso o que você deve ouvir — disse Josh. — Metade do poder vem da mística.

Eles lhe dizem que a, humm... *coisica*... é dona de metade da cidade e você olha de boca aberta para qualquer pessoa de 21 anos que conseguiu entrar.

— Mas e quanto aos presidentes? Por que eles sempre são membros?

— Sempre ou ocasionalmente? — Josh sorriu. — Lembre-se, nós somos selecionados entre os melhores e mais inteligentes de Eli.

— Supostamente — Nikolos acrescentou com um resmungo.

— Por que algumas dessas pessoas não deviam acabar sendo líderes? Foi por isso que foram escolhidas. — Senti um certo preconceito em seu tom. — Faz sentido que, se há líderes em potencial aqui, a sociedade os detecte. Mas o país não está combinando votos.

Demetria fungou.

— Já vi algumas coisas que mudariam sua opinião.

Josh virou-se para ela.

— Você e eu vamos ter uma conversa a respeito de como o colégio eleitoral funciona.

— Depois! — cortou Odile. — Neste momento, estamos falando sobre os patriarcas.

E assim continuamos. Avançávamos um pouco mais no quesito "chegar a algum lugar"

apenas para sermos desviados por diferenças pessoais e discussões frívolas. Eu ainda não tinha certeza se havíamos convencido Nikolos ou Omar da idéia de reagir e até Benjamin dava mostras de poder ir para qualquer um dos lados. Nikolos parecia permanecer com o grupo apenas por se sentir coagido. Omar observava o processo num silêncio sepulcral e Benjamin parecia estar esperando para ver onde a coisa ia dar antes de fazer uma escolha.

George, fique registrado, ficava passando o pé na minha perna debaixo da mesa.

O que não quer dizer que fosse destituído de opinião. Na verdade, foi George o primeiro a ter a idéia de nos aproximarmos dos patriarcas em seu próprio terreno.

— Onde a junta de curadores se reúne? — perguntou, girando seu copo no tampo da mesa.

— No New York Thity — Clarissa falou com a boca cheia de nachos (havíamos decidido comer, Fiquei feliz em ver que a magricela Clarissa comeu mesmo).

— Então, vamos marcar uma reunião com eles. Uma reunião de verdade. Não bater de frente com eles na rua no meio de sua demonstração de força como um bando de

colegiais. Eles são homens de negócios. Vamos tratá-los como tal. Sala de reuniões, cafezinho e tudo.

Pedi licença para ir ao banheiro. Um bando de colegiais? Era isso que Malcolm e eu havíamos parecido esta tarde? Não surpreende que tenham nos dispensado com tanta facilidade.

No banheiro, passei um tempão olhando no espelho rachado e enferrujado acima

da pia.

Provavelmente havia uma fila se formando do lado de fora, mas eu não me importava. A quem eu estava enganando, nessa conferência com os outros Coveiros? Eu estava com a cabeça cheia de teorias da conspiração de gente de fora que começavam a parecer cada vez mais ridículas sempre que eu as verbalizava na companhia de pessoas que real-mente sabiam do que estavam falando. Ponha-os todos em fila, todas as suas assombrosas realizações, e depois olhe para mim. O que eu tenho a oferecer comparada a esses superastros? Eu pertencia à Pena & Tinta, não à Rosa & Túmulo. Se os patriarcas queriam fazer uma alegação contra a convocação de mulheres, o elo mais fraco para atacar era... eu.

A porta se abriu de supetão, revelando um bando de estudantes do segundo ano bêbadas.

— Aimeudeus — disse uma, entrando correndo. — Eu preciso muito fazer xixi!

Mal consegui sair da frente.

De volta ao corredor estreito e escuro que subia para o mezanino do bar, fiz uma pausa.

Talvez devesse encerrar a noite. Eu não estava acrescentando nada substancial à discussão e duvidava que minha presença fosse ajudá-los a alcançar um momento de brilhantismo. Na cabine telefônica, subi no banquinho e espiei por cima do parapeito para o reservado onde os outros novos convocados estavam sentados. Josh e Demetria

estavam numa discussão acalorada sobre alguma coisa. Benjamin batia com o pé

impacientemente nas tábuas do chão (eu tinha uma visão perfeita disso do meu posto de observação) e Odile e Nikolos pareciam estar no meio de uma discussão decididamente não sobre a sociedade — a não ser que houvesse alguma tradição secreta a ser descoberta no decote dela.

— Ei, boo — disse uma voz atrás de mim. — O que está fazendo?

Eu me assustei e quase caí do banquinho. George me equilibrou com as mãos nas minhas coxas.

— Cuidado aí — falou enquanto eu descia com as pernas bambas, consciente dos quatro 312 e meio que havia consumido.

— Não devia estar usando esse nome — disse eu, tentando recuperar o fôlego, sem sucesso. Esforço desperdiçado com George Harrison Prescott por perto. — Não fora dos limites de um evento da sociedade. Sinto, mas tenho que multá-lo em dois dólares.

— Que nome? — ele chegou um pouco mais perto, me imprensando entre a cabine

telefônica e seu corpo.

— Você sabe. Meu nome da sociedade.

— Ah — disse ele baixinho. — Não foi isso que eu disse.

— O que você disse? — levantei o queixo desafiadoramente.

— Boo — seus olhos cintilavam cobre por trás daqueles óculos. — Só "boo". Quer dizer gatinha, querida, minha garota. É um termo carinhoso do hip-hop.

Engoli em seco. *Minha garota? Fique fria, Amy,*

— Você não é do hip-hop.

— Minha querida boo — disse ele.—Eu sou muito, muito hip-hop.

E, apesar de estar imaginando esse momento há algum tempo, a única coisa na qual eu conseguia pensar enquanto ele me beijava é que as Páginas Amarelas estavam espetando a minha coluna.

E então, como se soubesse, ele passou os braços pelas minhas costas e me apertou contra ele de uma forma que expulsou todos os pensamentos sobre listas telefônicas e disputas com patriarcas da minha cabeça. Ah, sim, o cara era do hip-hop. "Pegador" era o termo que eu estava procurando, mas minha boca estava ocupada demais para formar a palavra.

Havia um monte de motivos pelos quais eu não devia estar fazendo aquilo, mas juro pela minha vida que era difícil lembrar deles com a língua de George

Harrison Prescott na minha boca. Ele tinha gosto de suco de romã e — finalmente reconheci o outro

ingrediente — mel.

Muito bem, Amy, concentre-se. Você tinha uma lista. Como ela era?

POR QUE VOCÊ NÃO DEVE DAR UNS AMASSOS

EM GEORGE HARRISON PRESCOTT

1) Ah, cara, você está tão em público agora.

2) George tem uma lista de conquistas femininas tão grande quanto a lista telefônica da qual ele a está protegendo.

3) Eu não queria lembrá-la disso, mas você tem um histórico um tanto infeliz em relação a ficadas de uma noite só.

4) Esqueceu-se completamente de um rapaz muito fofo chamado Brandon?

5) Ele agora está na mesma sociedade que... — Ah, meu Deus, ele enfiou a mão por baixo da minha blusa!

Um giro com o pulso e meu sutiã se abriu. No corredor. Cercados por secundaristas bêbados que com certeza contariam por aí e a apenas alguns metros de uma mesa cheia de companheiros Coveiros. Quem sabe o que aconteceria se eles nos vissem dando uns amassos como dois...

— Colegiais — sussurrei, afastando-me.

— O quê? — George olhou para mim, as pupilas dilatadas, lábios manchados, molhados e convidativos.

— Você disse que eu agi como uma colegial quando bati de frente os patriarcas hoje à tarde.

Ele riu.

— Era você? Eu não sabia. Eu não estava lá, ouvi falar a respeito depois.

Lembrei-me de quando ele chegara à reunião. Provavelmente Poe tinha feito o relatório.

O babaca. Pudera não tivéssemos sido lá muito elogiados.

George passou as mãos pelas minhas costas até embaixo.

— Ah, Amy, tem que ser macho. Muito sexy.

— Ser macho é sexy?

— Mulheres que agem assim, são. — Ele se inclinou para perto novamente, mas eu o detive.

— George, e a reunião?

— Praticamente acabou. Vamos à Nova York sexta-feira que vem para apresentar nosso caso aos patriarcas. Josh e os outros estão determinando os argumentos da negociação Benjamin vai arrumar uma van.

— E os seniores?

— Decidimos nos apresentar como Coveiros plenos, não como convocados novatos que precisam que os seniores tomem conta de nós.

Isso fazia sentido.

— Impressionante como tudo se resolveu no segundo em que eu saí para ir ao banheiro

— falei tristemente.

Viu? Eles não precisavam de mim.

— Por que acha que eu vim procurá-la? Não tem graça lá sem você.

— Certo, porque eu sou a piada.

Ele pareceu confuso.

— Dificilmente. Você sabia tudo sobre a história hoje, entendeu toda a discussão

mesmo antes que nós tivéssemos entendido. Nós sete estamos aqui esta noite porque não queremos que vocês, meninas, sejam cidadãs de segunda classe. Qual é, boo. Também precisamos de você lá. Você vai escrever nosso manifesto. Afinal, é a escritora do grupo.

Desta vez, quando ele tentou me beijar, eu deixei. Certo. A escritora da C177. O que eram algumas crenças equivocadas na mitologia exagerada dos Coveiros comparadas a isso?

O corpo dele inteiro estava pressionado contra o meu, me espremendo dentro da cabine telefônica. Ele estava de pé entre as minhas pernas e havia todo tipo de coisas acontecendo abaixo da cintura que não tinham que acontecer em um bar, mesmo numa noite relativamente pouco cheia de domingo.

Aparentemente, George também achava isso.

— Vamos sair daqui — sua voz foi pouco mais do que um bafo quente no meu ouvido.

Eu assenti e fui tropeçando atrás dele.

— A conta?

— Acho que o herdeiro da Grécia, Madame Hollywood e a Srta. Park Avenue podem

cobrir. A gente paga da próxima vez. — Ele agarrou a minha mão. — Vamos.

Quando o ar frio da rua bateu no meu rosto, minhas idéias começaram a clarear. O que eu estava fazendo? Estava saindo de um bar com George Harrison Prescott. Eu estava... indo para casa com George Harrison Prescott. E meu sutiã estava aberto debaixo da minha blusa.

Andamos de volta e ele passou sua chave magnética no portão da Universidade Prescott enquanto eu lutava para prender minha roupa de baixo novamente. Meus bancos de memória prepararam uma elaborada montagem de parceiras de café-da-manhã com

cabelo molhado com quem eu vira George entrar no refeitório nos últimos três anos. Eu *não* queria ser uma daquelas garotas.

Você não precisa ser. Simplesmente volte para o seu quarto depois e abra seu coração com a Lydia.

Não! Não era essa a questão. Eu já tinha feito o negócio da ficada de uma noite só. Eu odiei. E tinha sido com um estranho. Este era o George, uma pessoa que morava no meu prédio. Uma pessoa que eu teria que ver, se não todo dia, pelo menos duas vezes por semana nas reuniões da sociedade. In-cesto na sociedade. Má idéia.

Na porta da minha entrada, George começou a me beijar de novo. Deus, como era bom.

Tão sexy!

— George — odiei a mim mesma nesse momento. — Eu não posso.

Ele respirou fundo, como se estivesse esperando por isso.

— Tudo bem.

— Não quer saber por quê?

Ele deu um passo para trás, o sorriso e os ombros encolhidos se materializando.

— Não. Se for por minha causa, não estou a fim de ouvir e, se for por sua causa, não vou ser o cara que vai ajudá-la a resolver suas questões. Mas, boo — acrescentou, abaixando-se atrás de mim para fechar meu sutiã com tanta facilidade quanto o havia aberto no bar

—, eu não vou a lugar nenhum e gosto de ter você por perto. Entende o que quero dizer?

Assenti, com medo de falar e voltar atrás. Puxei o sutiã para baixo até meus seios entrarem de novo no bojo. George ficou olhando, obviamente divertido.

— Você realmente é uma coisa, Amy.

— Você também — repliquei. — Age tão diferente comigo do que quando está com os outros Coveiros.

Ele riu e pôs o dedo em cima dos lábios.

— Shhh. Esse é o nosso segredo.

E aí ele desceu a escada aos pulos, andou até sua porta de entrada e sumiu. Por alguns segundos, pensei em correr atrás dele e me jogar em seus braços, admitindo que havia cometido um terrível engano.

Ainda bem que não o fiz.

Em vez disso, me arrastei até a minha porta, e percebi que Lydia havia limpado os últimos vestígios de sei-lá-o-que seco da maçaneta. Finalmente. E, pense bem: eu tinha aulas de verdade amanhã à tarde. Textos de verdade para ler. Sei lá, sabe... estudos de verdade. Na faculdade. Imagine só.

Provavelmente era muito bom que eu não estivesse topando esta noite.

Abri a porta da minha suíte e entrei.

Brandon Weare estava sentado no sofá, as mãos cheias de rosas.

Por meio desta, eu confesso:

eu sou uma tremenda vadia.

12.

Jornal Sensacionalista

Nu momento em que o vi, soube exatamente o que devia dizer:

1) Brandon, vá para casa. Não posso fazer isso hoje.

2) Ah, flores! Que fofo! Deus, eu estou exausta. Podemos conversar amanhã?

3) Brandon, como eu gosto de você e o respeito muito, vou ser honesta. Isso não está dando certo. Prova A: acabei de passar a última meia hora dando uns amassos com outro homem.

Engraçado. Eu sabia de tudo isso e, ainda assim, as palavras que saíram da minha boca foram:

— Há quanto tempo está sentado aí? — No meu quarto? Segurando flores?

— Há uns cinco minutos? — Vi o caderno em seu colo. Ele estava me deixando um

recado, não sentado no meu quarto esperando que eu voltasse. Dã.

— Cadê a Lydia? — perguntei em seguida.

— Não está aqui — ele olhou para mim. — É domingo à noite.

É claro, Um momento em que todos os membros normais das sociedades estavam

alegremente escondidos em seus mausoléus.

— Pensando bem, o que você está fazendo aqui?

Decidi bancar a misteriosa.

— Por que não estaria?

— Ah, Amy... — ele suspirou, desistiu e me entregou as rosas. — Para você.

— Obrigada. — Eu lhes dei a cheirada obrigatória. Como todas as rosas, o aroma inebriante atingiu meu cérebro uns bons três segundos depois. É quase como se, quando você as considera simplesmente bonitas, elas o derrubassem com seu delicioso perfume.

— Seu novo favorito — Brandon deu uma piscada.

Sorri tristemente para os botões.

— É, acho que sim. Então, a que devo o prazer?

— É um pedido de desculpas. Pela forma como a tratei hoje de manhã no escritório. Eu fui grosso.

— Eu mereci — disse em voz alta, ainda por cima.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Bem, está bem, talvez um pouco. Mas, principalmente... na verdade, estou feliz que esteja aqui esta noite, Amy. Nós precisamos conversar.

— Esta noite? — Mas... eu tenho que ler GEP. De uma hora para a outra, até a literatura russa parecia preferível.

— Neste segundo.

Ops. Será que a Glenda o convencera a fazer isso? Mas mesmo no momento em que

pensei isso, sabia que não podia botar a culpa em uma conspiração. Eu havia deixado Brandon esperando por tempo demais.

Mas por que ele escolhera esta noite entre todas, para fazer algo a respeito? Hoje, quando eu estivera tão perto de ir para a cama com outra pessoa.

— Está bem — falei devagar. — Vamos conversar.

Mas, agora que eu havia concordado, Brandon parecia não estar com pressa de chegar ao ponto. Ele se levantou, aproximou-se silenciosamente das prateleiras

do outro lado da sala e passou uma das mãos pelo cabelo castanho já desgrenhado. Era tão a cara do Brandon que não pude evitar de sorrir. Ele era tão bonitinho.

Quase instantaneamente, uma onda horrível e quente de culpa sufocou aquele começo de ternura. É, bonitinho o suficiente para esquecê-lo e ir dar uns amassos no George.

— Não estou dizendo que também não seja culpa minha, Amy —Brandon estava dizendo e eu voltei a prestar atenção.

Isso parecia promissor.

— Não está?

— Quer dizer, acho que se tivesse deixado as coisas claras desde o começo, nós não teríamos ido por esse... caminho amorfo.

— Ah.

— Porque não era assim que eu queria. Claro. Você não estava pronta no Dia dos Namorados e eu não quis pressioná-la, mas agora... — Ele voltou e sentou-se ao meu lado, empurrando as rosas e colocando minhas mãos entre as suas — depois de tudo o que fizemos juntos... Meu Deus, é tão irônico.

Não são os caras que devem tentar convencer as garotas a fazerem sexo sem

compromisso?

— Bem, os tempos mudaram — falei. — Estamos no século XXI.

Mas tente explicar isso para cem anos de Coveiros...

— Mas não é isso que eu quero — Brandon continuou e então hesitou. — Porque... eu estou apaixonado por você, eu amo você, Amy.

PESSOAS QUE ME DISSERAM QUE ME AMAVAM

1) Meus pais. Dá. Também parentes diversos.

2) O pequeno Stevie Morris, na segunda série.

3) Jacob Allbrecker, porque você deve dizer isso para uma garota quando tira sua virgindade (eu também dissera, para ser justa).

4) Alan Albertson, logo antes de ele ir para Londres.

5) Lydia, principalmente quando eu lhe trago lanchinhos tarde da noite.

Da lista acima, é fácil discernir que Brandon Weare não é nem a primeira pessoa nem a mais importante na minha vida que usou a palavra começada com A em referência a mim. E, ainda assim, minha familiaridade com o conceito não tinha a mínima

importância naquele momento mágico quando outra pessoa vem e admite que a prefere acima de qualquer outra no mundo.

Porque, vamos admitir, é isso que o amor — *amor romântico* — é, certo? Gostar daquela pessoa mais que de tudo?

Foi neste ponto que eu desejei não ter abandonado aquele seminário de filosofia grega assim que chegamos a *Symposium* (por isso e pelo fato de que era fácil demais para o Malcolm me provocar com Aristóteles). Lembro-me de algo sobre alienígenas com

braços e pernas demais e só. E, sério, quem é que entende melhor o amor baseado em membros de extraterrestres?

— Terra para Amy.

Exatamente. Como foi que eu perdi essa parada de festival alienígena do amor?

— Estou ouvindo.

Ele franziu a testa.

— Não era a reação que eu queria.

— Devo me atrever a perguntar qual seria?

Ele respirou fundo.

— Como é que alguém diz algo assim... — Mas, então, com a mesma

velocidade. —

Tudo bem. Não espero que você diga ou sinta nada.

Apenas esperança. Nem precisava dizer. Ele nunca deve-ria ter tido que falar nada disso.

— Mas eu tinha que dizer — ele continuou. — Então... sei lá. Você devia saber porque eu ajo assim.

— Eu já sei por que, Brandon. — Coloquei minha mão por cima da sua, ali entre nós dois no sofá.

Mais um suspiro profundo.

— É, eu meio que esperava que você não soubesse, e que se eu contasse... — ele deixou a frase morrer e olhou para nossas mãos enlaçadas.

Ele esperava que, se viesse e falasse, eu pararia de galinhar e me apaixonaria por ele também. Eu conhecia aquele homem.

Conhecia-o bem o bastante para transcrever o pensamento que rondava sua cabeça.

Estranho. Com a maioria dos homens, a admissão de amor não correspondido é um pouco insípida. Esqueça Cyrano de Bergerac, esqueça Romeu Montéquio, Ato Um, Cena Um.

As garotas só se derretem por esses homens na ficção. Na vida real, gostamos que se façam um pouco de difíceis. Mostre-me um homem enlouquecidamente apaixonado e eu lhe mostrarei um pateta.

Mas Brandon continuava a fugir do padrão, mesmo aqui, Debaixo das lâmpadas lançando uma luz forte de 120 watts do teto da sala em comum, sentado na minha frente no sofá surrado com as mãos cheias de rosas de quiosque e os olhos cheios de expectativas, Brandon Weare nunca pareceu um homem tão digno do meu amor.

E eu nunca me senti tão filha-da-puta. Aqui, diante de mim, numa realidade esplêndida e dourada, estava sentado um amante gentil, brilhante, engraçado,

bonito e afetuoso, o tipo do cara que qualquer garota que eu conhecesse ficaria feliz de não só de ter na cama, mas também de levar para casa para conhecer Mamãe quando as aulas acabassem. Além

disso, ele me amava.

E eu havia saído com George Harrison Prescott, um galinha, um pegador da melhor categoria. Sim, ele era gato, e sim, ele era engraçado e, até onde eu sabia, também podia ser brilhante, mas ele não *era*, e nunca seria, bom para namorar. Eu sabia disso há anos.

Mas, espere um segundo, quem disse que eu queria um *namorado*? Eu não tinha tempo para um namorado. Da última vez que tivera um namorado, eu havia me machucado feio.

Dissera isso para Lydia ontem à noite. Eu vinha dizendo isso para o Brandon nos últimos dois meses.

— Brandon, já falamos sobre isso...

— É, falamos — ele fez um som de nojo. — E acho que você é muito mentirosa. —

Zombando de mim, ele começou a marcar uma lista nos dedos. — *Não podemos ficar juntos porque, um, não sou boa com namorados. Bem, você nunca tentou comigo. Dois, estou ocupada demais.* Mas não ocupada demais para transar comigo uma vez por semana mais ou menos, nem para sair para jantar uma vez por semana, nem para me ligar e me ver e ficar de bobeira juntos uma meia dúzia de outras vezes. Você acha que uma mudança de status vai fazer alguma diferença no tempo que vai gastar? *Três, não quero estragara nossa amizade*. Bem, estou lhe dizendo agora, Amy, que a nossa amizade já foi estragada. Nunca mais posso voltar a ver as coisas como eram antes do Dia dos

Namorados, Se soubesse que ia levar a isso, eu provavelmente... foda-se, provavelmente teria feito de qualquer modo, mas teria pensado muito mais a respeito. Quero ficar com você... ou não. Não posso mais ser seu estepe.

E lá estava. O ultimato.

— Então, tenho que decidir hoje?

— Sim. Não. Sim. Decida hoje — ele assentiu vivamente.

Mordi o lábio e senti o gosto do suco de romã.

— Esta noite não é... o melhor momento.

— Você teve dois meses para pensar.

É, mas há 20 minutos, eu estava com a língua de um outro cara na minha garganta. Ainda podia sentir o gosto dele. Fiquei surpresa por Brandon não sentir seu cheiro.

— Eu... eu preciso ir ao banheiro.

Os ombros do Brandon caíram.

— Eu espero — disse resolutamente.

Saí correndo da suíte, tentando não ficar com taquicardia. Fiz uma visita rápida ao banheiro (você se lembra dos quatro 312s e meio, certo?) e então chequei meu reflexo no espelho acima da pia. Minha boca estava manchada de roxo escuro; parecia que eu tinha ficado chupando beterraba em conserva. Meus lábios também estavam inchados e minhas bochechas estavam coradas, ainda (ou talvez de novo). Como Brandon podia não ter visto esses sinais? Apoiei minhas mãos na porcelana e respirei fundo várias vezes,

estremecendo, até que meu coração traidor acalmou-se para um ritmo normal.

Ele disse que me amava.

Joguei água fria no rosto e passei um pente no cabelo. Escovei os dentes, concentrando-me em minhas gengivas manchadas de vermelho e esfregando furiosamente a minha

língua. Pensando retroativamente, eu devia ter tido um pouco mais de consciência dos meus atos.

Eu ia me livrar do George.

Em benefício do Brandon.

Porque o Brandon gostava de mim há meses. Porque fora o Brandon que me mandara e-mails engraçados, e cartões no meu aniversário, Brandon que me abraçara da última vez que eu havia chorado, Brandon que sempre estivera lá para me dar conselhos, que fora o primeiro a me convencer, ainda que indiretamente, a

entrar para a Rosa & Túmulo para começo de conversa. George era um novato. Eu *amava* Brandon, Talvez ainda não de uma forma que Shakespeare aprovaria, mas

definitivamente de uma forma que devia até ter seu próprio nome especial na Grécia antiga. *Preencheventualmenteoksis* ou algo assim.

Afinal de contas, a tal da Roxanne curtiu o Cyrano quando ele finalmente se aproximou dela, certo (ou será que foi só na versão do Steve Martin? Minha cultura literária é notoriamente deficiente em Balzac — se é que isso é Balzac mesmo.* É porque a matéria sobre Balzac e Dickens estava cheia no semestre passado, provando ainda mais a minha teoria de que alunos estudam qualquer coisa se tiver um título maneiro o bastante)? Tente outras pessoas. Jane Austen, Marianne Dashwood e, bem, o Coronel Brandon. Agora, se isso não é um sinal, não sei o que mais pode ser.

Voltei correndo para a minha suíte, esperando que Brandon não houvesse interpretado errado minha ausência prolongada. Enquanto eu estava fora, ele conseguira enfiar o buquê inteiro de rosas em uma jarra de plástico craquelê do refeitório e enfiara o negócio entre dois livros grossos de ciência política da Lydia. Agora, estava de volta ao sofá, passando o dedo pela alça da minha bolsa de carteiro. Eu gelei.

— Belo broche.

— Brandon...

Ele se levantou, a mão esticada como se para me deter.

— Não saia desse aposento. Nunca mais vou mencionar isso. Assunto encerrado para sempre, se é o que vai deixá-la feliz.

Mas o problema é que, na verdade, eu queria que ele me perguntasse a respeito. Eu queria lhe contar o que estava acontecendo e ver se ele conseguia analisar

aquilo tudo melhor do que nós havíamos conseguido. Brandon consertava as coisas. Sempre havia consertado as coisas para mim.

Quem não amaria um cara como ele?

— É melhor eu ir? — perguntou.

— Não.

Ele piscou, como se estivesse surpreso.

— Sério?

Eu assenti.

— Não posso... não posso dizer o que você quer que eu diga. Não vou dizer isso... ainda.

Mas eu quero ficar com você. Para valer.

Era como se Brandon tivesse estado amarrado a uma estrutura que desmoronou com as minhas palavras. Ele deu dois passos para a frente e me envolveu com seus braços. Seus olhos castanhos nunca pareceram tão brilhantes, seu sorriso- Amy,

aquele que eu sabia que ele guardava só para mim, nunca parecera tão claro.

Passei as mãos por seus cabelos e segurei seu rosto Sua pele debaixo dos meus dedos estava dourada. Ele havia pego uma corzinha neste fim de semana. Provavelmente fora a algum lugar para jogar badminton enquanto eu ia pra lá é pra cá com garotos de mantos negros. Garotos que, como acabara ficando provado, nunca me quiseram por perto para início de conversa.

Enquanto Brandon sempre quisera.

Eu o beijei e sua boca pareceu quente e familiar contra a minha. Seu hálito não tinha traços de romã e mel e nossos corpos se alinhavam perfeitamente, sem que eu precisasse erguer meu queixo para alcançá-lo. Ainda assim, eu superei e ele sorriu e eu peguei sua mão e o levei para o meu quarto, grata ao que quer que fosse que tivesse me feito hesitar com George e me deixara apenas ligeiramente

curiosa sobre se uma garota que ficou com dois meninos na mesma noite era uma vagabunda total e sem salvação ou só uma pessoa _____

* Na verdade, não é Balzac, mas Edmund Rostand. A confessora realmente devia estudar mais. O que os Coveiros diriam?

que conseguira recuperar a razão antes de ferrar completamente com a sua vida.

Em retrospecto, eu provavelmente devia ter pensado mais sobre essa última parte.

_____

Acordei supercedo na manhã de segunda-feira (está bem, tipo 9h — mas eu sou uma universitária) com o telefone tocando. Como já mencionei, minha mãe tem o estranho sexto sentido de saber quando sua filha se envolveu em atividades sexuais ilícitas, mesmo a cinco estados de distância. Provavelmente estava ligando para ver se conseguia distinguir algum traço pós-coito na minha voz ou talvez detectar os barulhos de um rapaz ao fundo, rebolando para entrar em sua samba-canção.

Tropecei por cima de uma cascata de aviões de papel (não pergunte, sério) e, pulando para dentro de um roupão, corri porta afora para atender o telefone.

— Alô ? — *Oi, mamãe. Não, é claro que você não me acordou. Você não sabia?*

Freqüentemente pratico orgias nas segundas de manhã. Na verdade, quando ligou, eu estava curtindo uma trepada completa com dois homens chamados Paolo e Butch ao mesmo tempo (isso a faria pirar).

— Amy? — A voz no outro lado da linha não era maternal mas, ainda assim, parecia preocupada. — É o Malcolm.

— Ah. — Sofá. Caí. — Ligou para pedir desculpas?

Silêncio.

— Certo. Ontem. Não, para falar a verdade, não foi para isso porque, eu, pelo menos, não concordo com... bem não posso falar sobre isso agora.

— Claro. — Fiquei imaginando qual seria a primeira aula do Brandon.

— Na verdade, não é por isso que estou ligando. Preciso vê-la o mais rápido possível.

Tem alguma aula esta manhã?

— Você já não sabe, com seus maravilhosos poderes mentais dos Coveiros? Ah, espere, eu me esqueci. *Não existem* poderes mentais. Nenhum poder especial, nenhum governo secreto nas sombras, nenhum "vamos cortar sua língua se você falar"... é tudo uma grande cortina de fumaça planejada para fazer seus paus parecerem maiores...

— Amy, eu preciso vê-la imediatamente. É importante. Questões bárbaras.

Bárbaras? Dei uma outra espiada para dentro do meu quarto, onde Brandon, ainda morto para o mundo (cara de sorte), estava fazendo meu edredom embolotado parecer ainda mais embolotado. Malcolm sabia disso? E como? Talvez não fosse tudo um truque. Olhei em volta do quarto. Bah. Todo esse negócio de escutas era só mais uma das teorias da conspiração.

E, ainda assim...

— O que é? — perguntei.

— Pelo telefone, não. — Ah, certo e eu não devo acreditar na história das escutas quando ele fala uma coisa dessas? — Pode me encontrar em meia hora? — Ele disse o nome de uma cafeteria no campus.

— Bem, eu meio que tenho que estudar... — Tipo ler um quilo de GEP.

— É uma emergência.

Eu grunhi.

— Tudo bem. Você paga o café.

Tendo concordado com o encontro, corri para o chuveiro para uma erradicação rápida da noite anterior e depois de volta para o meu quarto para me secar e me vestir de forma que não incomodasse o meu... meu namorado. Esse exato termo

surgiu claramente na minha cabeça.

Passei um pente pelo meu cabelo recém-lavado e olhei para o Brandon, que estava retorcido nos meus lençóis. A luz azulada da manhã que entrava pela janelinha acima da minha cama brilhava palidamente em sua pele dourada e seu cabelo estava desgrenhado em todas as direções. Mesmo dormindo, ele sorria.

Torci o cabelo num penteado improvisado, inclinei-me por cima da cama e dei um beijo de leve em sua bochecha.

— Eu volto logo — sussurrei para sua forma adormecida. Primeiro, eu tinha umas coisas a esclarecer com o Malcolm.

———————

Um Malcolm muito cansado olhou para mim como se estivesse me esperando na

cafeteria há algum tempo, mas o copo de papel com café que ele empurrou para mim no segundo em que cheguei ainda estava pelando. Eu amoleci ligeiramente. Ele ainda me devia uma explicação pelo que havia acontecido na reunião de ontem, mas pelo menos estava pagando a conta.

— Bem na hora — falou. — A pontualidade é muito admirada pelos Coveiros.

— Foi o que me disseram na minha entrevista — virei um gole do café. — Mas vamos esclarecer algumas coisas aqui, *Lancelot* — ele se encolheu ao ouvir o nome, mas eu o ignorei. — As senhoras do C177 não vão aceitar as idéias neandertais do que é "o papel da mulher". Portanto, se esse era o seu plano, pode desistir agora mesmo.

— Esse nunca foi o *meu* plano — declarou Malcolm. — Apesar de que, aparentemente, não posso falar por todos os meus irmãos.

O desgraçado do Poe.

— Na verdade — ele continuou —, quero pedir desculpas pelo que aconteceu na reunião ontem à noite. Se serve de consolo, a maioria dos seniores saíram e encontraram os convocados no bar ontem à noite. Soubemos do plano de Nova York e estamos dispostos a fazer o que for preciso para ajudar.

— Só vou acreditar nisso quando vir — afinal, quando as garotas caíram fora ontem, Malcolm não moveu um músculo. E eu queria saber por quê.

— Devia ter visto ontem à noite. Mas acho que você já tinha saído — ele inclinou a cabeça e olhou para mim com curiosidade — Com o... George?

Ah, é. Isso me fazia lembrar.

— E mais uma coisa: eu vou sair com quem quiser e também dormir com quem quiser e não há nada que as pessoas da sua sociedade possam dizer sobre isso.

Malcolm olhou para mim de boca aberta.

— Como disse?

— Qual é, Malcolm? "Questões bárbaras"? Por favor.

Ele riu alto, então, as rugas entre seus olhos desaparecendo momentaneamente.

— Sim, Amy, você pode dormir com quem quiser Mas não foi por isso que liguei hoje de manhã. Não me interessa o que você e o George fizeram, ou o que nenhum dos outros Coveiros fez também.

— Eu *não* dormi com o George! —gritei, indignada. Não, eu o dispensei e, sério, quantas mulheres podem dizer isso? — Eu dormi com... outra pessoa.

Malcolm piscou.

— Humm, está beeeeemm. Que seja. Não tenho tempo para um relatório detalhado da sua vida social obviamente agitada.

Ei! Não era tão agitada assim!

— E, sinceramente, não estou nem aí. Guarde para o seu EN.

Esses relatórios de Êxtase Nupcial sobre os quais ele havia me contado depois da iniciação, onde despejamos a história de nossas vidas sexuais.

— Certo. Como se algum dia fôssemos voltar a ver o interior do mausoléu novamente.

— Acho que irão. Os convocados com quem falei ontem à noite pareciam bem

determinados. — Ele sacudiu a cabeça — Mas estou me desviando do assunto, Amy.

Preciso da sua ajuda. É uma emergência.

— As "questões bárbaras" das quais você falou?

— Exatamente — ele respirou fundo. — Lembra-se daquela garota que você viu na

escada ontem?

— A do *EDN*? Genevieve Grady? Sei. — Afinal de contas., nós duas andávamos nos mesmos círculos de literatura inglesa. Acho que até assisti a uma ou duas aulas com ela no primeiro ano.

— Bem, ela é minha ex-namorada.

Não confere. Apesar de explicar sua hostilidade.

— Quanto tempo faz?

— Ficaria surpresa se eu dissesse seis semanas?

— Relembrando nossa conversa na sua cama há menos de dois dias, sim.

Ele tomou um gole da sua bebida, como se para se fortalecer.

— Ela era a namorada de fachada perfeita.

Então você estava namorando Genevieve para despistar...

— Meu pai, outros indivíduos desconfiados, qualquer um que pudesse me entregar — ele brincou com o círculo de papelão enrugado que tampava seu copo. — De qualquer modo, Genevieve não entendeu muito bem, apesar de, depois de algum tempo, ter percebido a situação quando eu não... — Ele gesticulou sem força. — O problema é que ela meio que se apaixonou por mim. Eu gostava muito dela, é realmente uma ótima garota. Mas não desse jeito. Eu não podia lhe dar o que ela queria.

Mas não se preocupara em dizer isso a ela antes! Nem eu tinha sido tão cruel com o Brandon. Pelo menos ele sabia o que eu sentia todos esses meses.

— E ela se ressente disso? Tenho que lhe dizer, amigo, até aqui eu estou do lado dela.

— Espere — ele olhou para a mesa, como se estivesse se preparando para a próxima parte de sua história. — Quando nós terminamos foi... muito ruim. Eu queria continuar seu amigo. Queria que fosse o que sempre havia sido, mas ela foi... *cruel*. Ela me disse as coisas mais horríveis e passamos semanas sem nos falar. Você tem que entender que eu tinha uma idéia *muito boa* dela. Mas não depois da forma como ela me tratou quando terminamos.

Meu medidor de simpatia pairava no negativo.

— Bem, tá, mas ela era a vítima. Você agiu como se quisesse namorar com ela, mas só a estava usando.

— Não estou dizendo que não foi errado — Malcolm replicou. — Eu sei que não devia ter feito aquilo. Pelo menos, não sem ela entender o que realmente estava acontecendo.

— Disse isso a ela?

Malcolm encolheu os ombros.

— Você acha que isso a fez sentir-se melhor?

Nessa ele me pegou. Se ela realmente estivesse apaixonada por ele, ouvir que ele havia pensado que ela não teria problemas em ser usada não mudaria em nada sua opinião. Mas qual era a questão?

— Então, o que isso tem a ver comigo?

Ele respirou fundo.

— Na verdade, Amy, tem tudo a ver com você.

— Não entendi — falei, balançando a cabeça.

— Eu gostava muito da Genevieve. Ela era tão inteligente, tão talentosa, com tantas realizações. Editora do *Eli Daily News*. Bonita. Com bons contatos, ia chegar a algum lugar. Ela seria o tipo de garota que meu pai teria orgulho em me ver namorar.

Fiz um círculo no ar com a mão.

— Sim? E daí?

— Um modelo de mulher — ele olhou para mim significativamente.

Onde eu havia ouvido essa frase recentemente? Alguém a dissera para mim, quase como uma ordem. Como uma esperança de corresponder às expectativas...

Ah. Meu. Deus. Ele *não* estava me dizendo isso. Eu podia não ser um gênio como Jennifer Santos ou Joshua Silver, mas essa Coveira novata não era uma completa idiota.

E acabara de entender aonde ele queria chegar.

Malcolm, como um trem desgovernado correndo em direção a um despenhadeiro,

continuou:

— Mas depois que terminamos, ela ficou tão arrasada e amargurada que não consegui...

— Convocá-la.

Ele soltou o ar.

— É.

— Então — falei, adiantando o final excruciante —, em vez disso, você me convocou.

— É.

Derramei meu café bem nesse momento. O líquido quente se esparramou por toda a mesa, encharcando nossos guardanapos, afogando seu bagel esquisito,

manchando a manga de sua jaqueta jeans na moda e formando uma gloriosa pocinha no meu colo.

— Droga — Malcolm pegou um punhado de guardanapos e começou a esfregá-los para limpar o pior da sujeira. Eu peguei outro punhado para passar no meu colo.

— Amy, você está bem?

Quando olhei para cima, foi através de um véu de lágrimas quentes.

— Ah, eu estou *ótima* — sibilei para ele. — Tudo faz sentido agora.

— Como assim?

— Eu vinha me perguntando por que diabos a Rosa & Túmulo estaria interessada em uma pessoa como eu. Agora eu sei. Eles não estavam.

— Isso não está exatamente correto, Amy.

E agora, o espírito do Poe baixando nele!

— Sei do que estou falando! Pelo menos nisso, eu sei que estou certa. Eu estava sentada ali, imaginando por que todos os outros convocados já pareciam entender tanto sobre os Coveiros e conhecer tão bem uns aos outros, Não é que Clarissa e Demetria andem nos mesmos círculos sociais. Vocês tiveram um período de conhecimento, não é? — Poe me dissera isso ontem, mas fora difícil prestar atenção em cada detalhe de sua conversinha sexista. — Eles todos sabiam, diferente de mim, exatamente quem viria buscá-los na Noite da Convocação.

Ele assentiu, ainda sem olhar para mim.

— Por isso Clarissa ficou tão surpresa ao me ver com aquela carta na biblioteca! Por isso eles todos me empurraram para a Grande Biblioteca depois que fui iniciada.

Mais uma vez, um assentimento deplorável.

— Está vendo? — Bati na minha têmpora com a mão livre. — Não sou tão

idiota quanto pareço! E você — eu achei que você era o cara! Você me defendeu na entrevista, cuidou de mim durante a iniciação. Estava só tentando garantir que eu fosse selecionada.

— Bem, sim, mas esse é o comportamento padrão dos irmãos mais velhos.

— Mas isso era mais importante para mim do que para os outros. Eu fui uma substituta de última hora. Todos os outros candidatos eram cartas marcadas. Você tinha que se assegurar de que eu daria certo.

— Amy, isso não importa tanto agora.

— É claro que importa. Porque eu posso ver que sou diferente dos outros. E eles também podem. Os outros convocados olham para mim e se perguntam o que eu estou fazendo aqui. Sei que sim.

— Acho que está sendo paranóica.

Eu lhe lancei um olhar. Por favor. Os outros convocados Coveiros me olhavam como se eu estivesse prestes a botar melancias em suas cabeças.

Ele voltou atrás rapidamente.

— Está bem, se eles estavam agindo estranho no começo é porque esperavam Genevieve.

Mas foi você que, como disse ontem, foi convocada, foi iniciada. *Você* é membro agora.

Você é a companheira deles.

Girei o dedo no ar.

— Uau! Um ano inteiro sabendo que eu não sou realmente boa o bastante para estar aqui.

Pelo menos explica o motivo real para terem escolhido meu nome de sociedade.

Bugaboo. Em inglês, modo rebuscado de dizer pé no saco. Era essa sua expectativa? Que eu seguisse constantemente os passos dos outros?

— Belo trabalho com o dicionário. — Ele revirou os olhos. (Como é que é? Agora ele nem leva mais fé no meu vocabulário respeitável. Eu não procuro *tudo* no dicionário.)

— Vocês não me queriam.

— Bom, isso não é verdade. Você pode não ter sido minha escolha original — note que não estou dizendo *primeira* —, mas não a teríamos convocado se não achássemos que você tinha a ver. Só temos 15 vagas.

Eu era... *da lista de espera*. Da Rosa & Túmulo. Eu *nunca* fizera parte da lista de espera.

Até em Eli eu entrara na primeira classificação. Amy Haskel não faz parte de listas de espera.

— Agora, onde eu o ouvi dizer isso antes? — perguntei de forma zombeteira. — Ah, é mesmo, quando estava falando sobre o quanto todo mundo queria mulheres no grupo.

Bem, nós derrubamos essa pequena teoria ontem, não foi? Quantos dos seus irmãos vou ter que investigar antes de chegar à verdade sobre isso? — provavelmente um só: Poe.

— Já chega! — Malcolm bateu com a mão na mesa pegajosa, cheia de café. — Sabe, é exatamente por isso que queimamos os registros de nossas deliberações. As pessoas ficam magoadas. Eu a quero, eles a querem e o que aconteceu antes não tem importância.

Você está dentro; ela não. Eu nunca teria contado se soubesse que você ia levar tão a mal.

— Vou contar uma novidade, querido — mandei de volta. — As mulheres não gostam de ser usadas.

Malcolm ficou olhando para mim por um longo e silencioso tempo. Então, ele se

levantou, jogou o chumaço de guardanapos de papel na mesa e saiu. Pela janela de vidro na frente da loja, eu o vi atravessar a rua e parar na esquina oposta, cobrindo o rosto com as mãos e respirando fundo várias vezes.

Já vai tarde. Afinal, não é como se o idiota tivesse me feito algum favor recentemente.

Bem, ele lavara as minhas roupas e me pagara dois cafés-da-manhã (como um Hobbit).

Tinha isso. Mas ele também me arrastara para uma Batalha dos Sexos que já devia ter acabado há uns bons 30 anos, só porque precisava de um corpo quente para preencher uma vaga.

Eu não tinha nada que estar na Rosa & Túmulo e ponto final. Pronto. Fácil. Acabado.

Chega de socializar com Clarissa Cuthbert e tentar manter a paz entre Odile e Demetria.

Chega de aturar a condescendência do infeliz do Poe. Vou deixá-los com seus joguinhos e voltar para a vida que tinha antes dessa confusão começar. Quem é que precisava de uma sociedade secreta, por falar nisso? Eu só tinha me associado porque a Rosa & Túmulo era supostamente todo-poderosa e assustadora. Mas, na verdade, eles eram exatamente como Brandon os descrevera: paleolíticos, tanto no ponto de vista quanto na influência. Quase nada do que eu ouvira sobre eles era verdade e, além de sua total falta de onipotência, tinham uma noção seriamente equivocada de igualdade entre os sexos.

Então, quem precisava deles? Quem precisava de velhos ricos tentando me dizer quem eu era e quem poderia ser? Quem precisava de homens ricos, jovens, gays — mesmo que no armário — medindo meu valor em uma balança ? Quem precisava de qualquer um deles ameaçando meu futuro? Eu tinha boas notas, bons amigos, um ótimo — ainda que

recente — namorado e um emprego — ainda que tedioso — de verão com um nome de

prestígio.

Eles que se danem.

Joguei a bagunça de guardanapos e café-da-manhã e ensopado na lata de lixo mais próxima e marchei para fora da cafeteria, de cabeça erguida. Eu ia direto

para casa dizer ao Brandon que ele estava certo o tempo todo.

Mas, quando cheguei de volta à suíte, o quadro branco de recados pendurado na nossa porta da frente tinha um recado rabiscado. "Ligue para a Horton, 190" com um número e o "L" rabiscado de Lydia embaixo. Perplexa, desisti de acordar o garoto no meu quarto e fui direto para o telefone.

Uma assistente, parecendo nervosa, passou minha ligação direto.

— Ah, Amy — disse minha futura chefe, com o tom soturno. — Achei que sua colega de quarto havia deixado um recado.

— Ela me deixou um recado para ligar para você.

— Sim, bem... — A voz da mulher ia sumindo, parecendo ficar mais desconfortável a cada segundo que passava. — O problema, Amy, é que vamos ter que cancelar seu

estágio aqui neste verão.

Meu estômago afundou.

— O quê? Por quê?

Minha futura chefe (Não! Não, *não* é mais minha chefe agora! Minha ex-futura chefe?

Minha futura apesar-de-tudo-ex-chefe?) hesitou.

— Bem, eu realmente não tenho liberdade para falar sobre a política da empresa no momento, Amy. Não tenho como pedir desculpas o suficiente por botá-la nessa situação difícil. Sinto-me péssima, mesmo...

— Me diga o porquê. — Sabe nos livros, quando eles dizem "seu sangue gelou"? *Não é* só uma expressão.

— Sinto muito. Não tenho liber...

— Me dê uma, só uma idéia — insisti. — Cortes no orçamento? Mudanças no

departamento? Decidiram que não tenho capacidade para mexer na copiadora?

Diga-me.

Eu preciso saber.

— Amy, eu não posso...

— Não! — gritei para o telefone, provavelmente chocando a mim mesma mais do que a ela. — Você *tem* que me dizer por quê.

— Não *posso* lhe dizer por quê. — Ou ela teria que me matar, sem dúvida.

— Tem... — Engoli em seco, me recompus e comecei de novo, baixinho. — Tem alguma coisa a ver com a Rosa & Túmu...

— Tenho que ir agora, Amy. Adeus. — E desligou.

Eu ainda estava olhando para o telefone, boquiaberta, quando Brandon, meu doce namorado bárbaro, saiu do meu quarto esfregando os olhos. Eu devia tê-lo acordado com meus gritos.

— Ei — falou. — Alguma coisa errada?

Sim. Tudo.

Por meio desta, eu confesso:

quase desisti.

13.

Casus Belli

Malcolm atendeu a porta e eu o empurrei para entrar, ainda fungando debaixo do capuz do meu moletom com o escudo de Eli (é preciso usar alguma coisa para esconder o nariz vermelho). Ele me entregou uma caixa de lenços de papel.

— Você estava quase incompreensível ao telefone — disse, numa voz sem emoção.

Pior para ele. Eu não melhorara nos 10 minutos seguintes. Na verdade, nem conseguira contar ao Brandon o que havia acontecido. Era como se houvesse alguma síndrome Coveira que me impedia de falar dos meus problemas com bárbaros. (Sério, a essa altura, talvez pudéssemos todos começar a pensar que essas teorias da conspiração tinham algum fundamento?) Eu o abandonara lá, sem saber absolutamente nada do que havia

acontecido comigo na hora que se passara desde que o deixara sozinho na cama e que tivera o poder de me transformar em uma louca chorona e em estado de choque. Eu havia telefonado para o Malcolm e saído correndo dando pouco mais do que um tchau

engasgado.

— Eles— eles... tomaram o meu... emprego! — consegui falar — Os patriarcas

cancelaram meu estágio de verão!

— É. — Malcolm sentou-se na cadeira da escrivaninha. — E não foi só você. O telefone não parou de tocar a manhã inteira. Metade do clube me ligou.

— Você me disse que eles não podiam fazer isso! Você me disse que era um blefe!

— Eu estava errado. Como estava sobre o que eles fariam se convocássemos mulheres.

Eu sinto muito.

— Você sente muito? — falei precipitadamente. — Minha vida está acabada e você sente muito?

Ele me lançou um olhar de nojo.

— Acabada? Qual é, Amy. Sem histeria, por favor.

— Não há mais estágios decentes abertos a esta altura da primavera. Vou passar o verão servindo mesas em algum lugar e nunca vou conseguir um emprego na revista *Glamour*.

Isto é, partindo do princípio que Condé Nast não é um Coveiro.

— Até onde eu sei, Condé Nast não é nem uma pessoa. Só uma editora.

— Ótimo. Pelo menos eu sei que não vou ter que superar esse obstáculo também.

— Está bem — ele esticou as mãos, as palmas para baixo. — Respire fundo algumas vezes e vamos falar racionalmente sobre isso.

Rá! A razão havia deixado o edifício mais ou menos no momento em que o Big Brother me demitira.

— Como vamos saber se eles não vão concretiza! suas outras ameaças? Como vamos saber se de repente não vou descobrir que tenho média D e uma conta bancária zerada?

— Agora, Amy...

— É tudo verdade, não é? Todas aquelas coisas das quais vocês riem sempre que eu as menciono. A polícia, o poder...

— O ouro nazista? — ele acrescentou, num tom de zombaria. — Não. Isso está tudo na Suíça.

Eu lhe lancei um olhar fulminante.

— Pode rir. Sou eu que estou desempregada.

— Está bem, realmente — ele retificou. — Em retrospecto, talvez algumas coisas sejam verdade. Algumas. Mas só porque os patriarcas são pessoas muito poderosas e pessoas poderosas tendem a ter alguma... influência.

Cruzei os braços.

— Quero um pedido de desculpas por todos aqueles risinhos de escárnio. — E, já que estávamos falando nisso, por não me defender ontem na reunião. Mas nem lhe dei tempo de formular uma resposta. Eu estava agitada demais.

— E quanto ao seu emprego? Também está sendo punido, igual a nós?

— Eu ia trabalhar para o meu pai, portanto, não. Mas agora isso também está em perigo, por outros motivos. Foi por isso que liguei para você hoje de manh...

— Quando me disse que eu tinha sido sua segunda opção — joguei as mãos para o alto.

— Minha vida está acabada e eu nem devia estar aqui!

— Ah, poupe-me. Sua vida não está acabada. Na pior das hipóteses, vai passar um mês sem estar sentada atrás de uma escrivaninha, uma vez na vida.

— Mostra o quão pouco você sabe! — explodi. — Sem os estágios certos, os

empregadores vão jogar meu currículo direto no lixo.

— Os Coveiros podem dar e os Coveiros podem tomar — Malcolm entoou. — Quando

resolvermos essa confusão com a junta do FAT, tudo vai voltar ao normal. Você vai ficar bem, confie em mim.

— Eu não confio em você. Não depois do que me disse hoje de manhã.

Malcolm voou tão rápido da cadeira que ela bateu contra a mesa.

— Quer calar a boca por um segundo? Estou com sérios problemas aqui, Amy. Não uma confusãozinha da sociedade. *Problemas de verdade.*

Fiquei em silêncio, sacudida para fora do meu mundinho em parte pelo fato de

meu irmão mais velho conseguir dispensar tão facilmente qualquer coisa que tivesse a ver com sua sociedade. Ele parecia prestes a chorar.

— Deus do Céu, Malcolm, o que houve?

— Passei a manhã inteira tentando lhe dizer. Genevieve Grady quer o meu sangue. Não sei se é porque eu parti seu coração ou se porque não a convoquei para a Rosa & Túmulo.

— Talvez um pouco de cada?

— Ela quer que eu seja aniquilado.

— E como ela planeja executar esse apocalipse?

Ele deixou a cabeça cair entre as mãos.

— Cheguei tarde em casa ontem à noite e, quando entrei, ela estava me esperando na escada. Espreitando! Obvia-mente, quando a viu, juntou os fatos.

Ah, então era por isso que ele havia me contado a história supostamente secreta por trás da minha convocação. Por causa dessa... rixa, ou sei lá o quê.

— E aí, ela soltou a bomba — a voz do Malcolm ficou trêmula. — Ela vai escrever um artigo no EDN sobre estar "No Armário em Eli" — ele fez as aspas no ar e revirou os olhos — e vai me usar como Exemplo N° 1.

Fiz uma careta.

— Isso é baixaria. Será que ela acha que vai entrar na faculdade de jornalismo de Columbia publicando escândalos?

— Se meu pai ler, eu estou morto.

Estiquei a mão e acariciei seu braço.

— Sério, qual é a chance de seu pai ou qualquer um que o conheça ler o jornal da universidade?

Mas, mesmo enquanto falava, eu sabia que isso não o confortaria muito. As agências de notícias observavam atentamente nosso jornal, esperando notícias

sobre os filhos dos ricos e poderosos. Se o artigo saísse, ia se espalhar por todos os cantos.

Ainda assim, eu não estava preparada para o golpe de misericórdia de Genevieve.

— Bem grandes — Malcolm fungou. — Ela vai publicar na edição de formatura.

E Malcolm estava se formando. Ai.

— E tem certeza de que seu pai vai ter um ataque de fúria?

— Como um lutador de boxe — ele estremeceu. — Sei o que ele faria para começar. Ia me expulsar, me deserdar, nunca mais falaria comigo. Do que eu mais tenho medo é o que ele faria em seguida. A ira dos patriarcas não seria nada em comparação.

Agora quem estava ficando histérico?

— Está bem. Mas sabia que isso tinha que acabar acontecendo, certo? Quer dizer, talvez não de uma forma tão espalhafatosa, mas ainda assim. Achei que só estava mantendo em segredo para que ele não o tirasse de Eli antes que você pudesse pegar seu diploma.

Malcolm, no entanto, não disse nada, então eu pressionei.

— Quanto tempo você planejava continuar no armário?

— Para ser sincero — ele respondeu em um tom de voz saturado de sarcasmo —, tenho estado tão ocupado mantendo minha média que não pensei muito a respeito.

— Bem, comece a pensar. Não pode viver uma mentira para sempre.

— É, mas também não posso dar adeus à minha família Você não entende como seria, Amy. Não há nada que você queira que fosse fazer seus pais a odiarem.

Nessa ele me pegou, tenho que admitir.

— Então, o que vamos fazer?

Malcolm respirou fundo, como se estivesse se preparando para o que vinha a seguir.

— Ela me deu uma alternativa.

— Casar com ela?

— Se fosse tão fácil assim. (Sinceramente, eu não sabia se ele estava brincando.) Ela disse que vai esquecer a matéria sobre mim se eu lhe der acesso total aos segredos da Rosa & Túmulo.

Soltei um riso curto.

— Disse a ela que no momento não conseguimos nem entrar no mausoléu?

— É claro que não! — ele pareceu ofendido. — Não é para os bárbaros saberem.

Pensei em citar as dúzias de bárbaros na platéia andando pela High Street ontem. Muita gente já sabia. Na verdade, eu ficaria surpresa se não houvesse uma matéria a respeito daquela comoção no *Eli Daily News* neste instante.

— Eu disse a ela que os Coveiros não gostam de chantagens.

— Ah, não? — zombei. — É exatamente o que os patriarcas estão fazendo conosco!

— Está bem, tudo bem. *Eu* não cedo a chantagens. — Malcolm ergueu o queixo por um momento e então afundou-se novamente em seu assento. — Mas isso não significa que tenha conseguido dormir ontem à noite. Ah, Deus, Amy, o que eu vou fazer?

Por que ele estava me perguntando? Vá perguntar a um dos convocados *de verdade*. Os inteligentes. Josh, sei lá. Ou a um dos seniores. Tenho certeza de que Poe podia pensar em alguma forma de fazer Genevieve *desaparecer* por ter ameaçado um Coveiro.

É claro que, já que até a junta de diretores dos Coveiros tinha Malcolm em sua lista de renegados no momento, aquele pessoal provavelmente não seria de grande ajuda para fornecer meios-pelos-quais-ameaçar. Esses recursos estavam todos comprometidos para garantir que eu não tivesse um emprego de verão.

— A quem mais você contou?

— Ninguém. Não queria preocupá-los agora, quando temos todas essas outras coisas para resolver.

— Então, por que me procurou? Por que me disse todas essas coisas... algumas das quais você já me disse que deviam ser segredo.

Malcolm olhou para as mãos.

— Bem, eu estava meio que imaginando se... *você* não namoraria comigo.

— O quê?!

Malcolm rolou a cadeira para a frente e colocou minhas mãos entre as suas.

— Amy, você não vê? Isso resolveria tudo! Se disséssemos para todo mundo que você é minha namorada, aí o artigo dela pareceria só ressentimento porque terminamos. Eu poderia dizer ao meu pai que foi por isso que ela escreveu, o que é mais ou menos verdade, e também que ela estava muito chateada por eu não tê-la convocado. Meu pai acreditaria nisso. Acreditaria mesmo. O inferno não conhece a fúria de uma mulher desprezada...

Olhei para ele em estado de choque.

— Ele não acharia que você estava usando uma namorada de fachada?

— Não. Íamos garantir que não pensasse. Posso ser muito carinhoso e muito convincente.

É. Ele vinha fazendo isso há anos.

— Ele teria o artigo idiota dela — Malcolm continuou —, mas também teria nós dois na sua frente. Ele me veria sendo hétero com seus próprios olhos. Meu pai acredita no que pode ver frente a frente.

— Eca — falei. — Espero sinceramente que você não esteja querendo dizer o que estou pensando.

Tipo deixar que ele nos pegue na cama. Nojento.

— Não, a não ser que seja inevitável — ele percebeu minha expressão de pânico. —

Amy, era brincadeira!

Arranquei minhas mãos das dele.

— Não! — levantei-me e tentei colocar o máximo possível de espaço entre nós. — De jeito nenhum.

Sua cara caiu.

— Amy, por favor. Você não entende. Se isso acontecer, minha vida vai acabar.

Ou começar.

— E se isso for uma bênção disfarçada? Não vai ter mais que fingir que acredita em todas as cascatas republicanas conservadoras do seu pai.

Malcolm piscou.

— Mas, Amy, eu acredito. Você sabe disso, não é ? (Eu não sabia *mesmo*.) Bem, não na parte sobre homossexuais e minorias, mas o resto da plataforma do partido. Eu sou republicano. Pouca intervenção do governo, comércio livre, força ao Exército. Eu sou da Associação Nacional de Rifles, pelo amor de Deus.

— Ah. — Bem, isso mudava tudo. — Sabe, há um nome para pessoas como você.

— Elefante rosa? É assim que chamam os republicanos gays, né? — Ele me deu um

sorriso torto, enviesado. — Vamos lá, Amy, por favor.

— Não posso, Malcolm.

— Por favor. Sei que você acha que não mereço nenhum favor no momento. Quer dizer, eu a trouxe para a Rosa & Túmulo e você perdeu o seu emprego. Mas as coisas vão melhorar, eu prometo. Vamos resolver esse negócio com os patriarcas e então, bem, você vai ficar surpresa com as oportunidades que vai

receber. Não foi por isso que você entrou?

— Está me dizendo que eu lhe *devo* isso por ter me transformado numa Coveira?

— Estou dizendo que me deve isso por causa do seu juramento. — Ele se sentou um pouco mais ereto. — *Por meio desta juro solenemente, dentro da Chama da Vida e sob a Sombra da Morte, guardar os segredos e confissões de meus irmãos, apoiá-los em todos os seus esforços e ter para sempre como sagrado* etc. ? Já se esqueceu?

— Não, E, quando a sociedade voltar a me tratar como um membro, eu voltarei a cumprir minhas promessas. — É claro que até eu sabia que não era bem assim que funcionava.

Pelo menos, não se o argumento dos novos convocados fosse: *Nós somos a sociedade.*

Nós somos os membros ativos. Os alunos atuais. Vocês são só ex-alunos.

— Eu a estou tratando como um membro — Malcolm disse —, nunca fiz nada além

disso. Eu sou seu *irmão*.

— Malcolm, mesmo que quisesse, eu não poderia. Eu tenho namorado.

Ele me lançou um olhar de descrença.

— O quê? Desde quando?

— Ontem à noite. — Passei a ponta do meu tênis pelo tapetinho, imaginando exatamente o quanto ele sabia sobre o meu interlúdio com George.

— Ah, é claramente um relacionamento muito sério — ele zombou.

Engoli em seco.

— Não é assim. Nós estamos comprometidos, só demorou para acontecer. É... o Brandon.

— Ah — ele assentiu em reconhecimento. — Bem, que bom que ele finalmente

conseguiu prendê-la. Você é um partidão.

— Não seja cruel.

— Não estou sendo — sua expressão ficou mais suave. — Você é. Por que outro motivo eu ia querer namorá-la?

— Porque o fato de eu ser mulher me torna mais apresentável do que a maioria dos seus amantes? — zombei. — Me desculpe, Malcolm. Mas não acredito que você tenha

nenhuma grande preferência por mim. Eu sou mulher e estou disponível. O mesmo

motivo pelo qual me colocou na Rosa & Túmulo.

Ele suspirou.

— O que é preciso para fazê-la acreditar que eu a quero lá, Amy? — Ele apontou em direção ao mausoléu que ficava além do muro de ardósia da Universidade Calvin. — Não como um corpo, mas pelo que você tem a oferecer?

— O quê? — Ergui minhas mãos em súplica. — Eu preencho um espaço que você

precisava desesperadamente preencher.

— Às vezes, é assim que acontece.

— Não basta.

Malcolm ficou calado por vários segundos. Quando finalmente falou, foi com uma voz de desespero.

— Então é isso? Você vai sair fora?

— É, vou diminuir meus prejuízos.

Ele me deu as costas.

— Então, eu realmente cometi um engano.*

Como não havia muito a dizer depois dessa observaçãozinha, fui embora. Voltando para o meu quarto pela segunda vez naquela manhã, eu desejava (e isso é novidade, deixe-me dizer!) poder desligar meu cérebro. Só por meia hora. Meu corpo inteiro parecia vibrar com pensamentos. Cada passo trazia consigo previsões cada vez mais horríveis das conseqüências dos meus atos e visões mais desanimadoras do meu futuro, que até então parecera quente e ensolarado, com chances de ser perfeito.

A esta altura, Brandon teria ido para a aula e eu tinha pouco mais de duas horas para fazer o trabalho antes da minha. Mas, se você acha que eu ia realmente fazer algum trabalho escolar, então não andou prestando atenção. Aparentemente, um dos motivos pelos quais as sociedades convocam pessoas com boas médias é que, depois que você entra, os estudos são a última coisa na sua cabeça.

Esperando por mim na verdadeira estação central que era a saía da minha suíte, estava Clarissa Cuthbert, sentada de calças capri brancas e camiseta sem mangas rosa brilhante Argolas prateadas balançavam em suas orelhas e um par de óculos escuros do tamanho de um país pequeno (e provavelmente custando o valor do PIB do dito país) estavam empoleirados no topo de seu cabelo louro e liso.

Nós realmente precisávamos começar a trancar essa porta.

— Oi — eu disse, inexpressiva. — Perdeu algum emprego hoje?

— Você também? — Clarissa perguntou. — Isso não é ridículo? Passei a manhã inteira tentando falar com meu pai pelo telefone. Sua firma faz muitos negócios com a empresa de marketing na qual eu deveria estagiar neste verão. Foi como eu consegui o emprego.

Sei que ele vai resolver. Eles não podem se safar dessa — ela tirou o celular do bolso, sacudiu-o e verificou o sinal. — Eu queria que ele saísse logo dessa reunião.

— Bravo!—afundei na nossa velha poltrona. — Como deve ser bom ter pauzinhos para mexer. Eu continuo ferrada.

Clarissa cruzou as pernas.

— Nós vamos dar um jeito — falou, um brilho determinado nos olhos.

— Você pode — eu a corrigi. — Eu estou fora.

Ela engasgou.

— Mas... mas, Amy! Você não pode desistir!

— Olhe para mim. Eu não faço parte disso, Clarissa. Malcolm me contou como... como eu fui convocada.

Ela engasgou — de novo.

— Quer dizer que ele revelou o conteúdo das deliberações? Mas eu tinha parado de dar atenção aos conhecimentos assustadores de Clarissa sobre os Coveiros. Seu pai, obviamente, não fora muito discreto.

— Disse mais sobre como elas mudaram de direção, para começar.

E agora ela se recostou na cadeira e revirou os olhos.

———————————

* Ainda que naquele momento tenha sido muito cortante, o que a confessora não sabia era que os arrependimentos em todos os dois séculos de história dos Coveiros

provavelmente podiam ser contados em uma das mãos.

— Não me diga que está ofendida por causa daquela garota do jornal.

Aquela "garota do jornal" tinha um veículo de circulação mil vezes maior do que a minha.

— Olhe, a minha presença em si destrói o argumento de que os seniores convocaram "os melhores e mais brilhantes" do nosso ano. "As mulheres modelo." Eu não sou igual a vocês todas. Você não entende? Você, de todas as pessoas? —gesticulei levemente para nossa suíte mobiliada por doações. — No meu quarto.

Clarissa riu sem convicção e pegou nossa capa de sofá vagabunda.

— Ah, sim, a respeito disso. Já pensaram em assinar uma revista de decoração?

Argh. Saia! O que diabos ela estava pensando, entrando assim na minha suíte e achando que estava em casa? Falando sobre os nossos móveis? Só Deus sabe o que Lydia diria se entrasse e nos visse.

Bem na hora, Lydia entrou carregando uma cesta de roupa limpa. Ela vasculhou na cesta e jogou uma garrafa de refrigerante para Clarissa.

— Sinto muito, eles não tinham água-tônica diet. Espero que Coca Diet sirva.

Clarissa deu de ombros e entregou um dólar para minha colega de quarto.

— Melhor do que a normal.

Eu estava totalmente ocupada tentando fazer com que meus olhos não pulassem para fora da cabeça. Lydia abriu sua garrafa de soda-limonada, deu um gole e virou-se para mim.

— Quer metade?

— O quê? E cedo demais para tomar vodca? — perguntei, esticando a mão para o

refrigerante oferecido.

Clarissa voltou sua atenção para mim.

— Sabia que eu estava na lista de espera para entrar em Eli?

— Não! — Lydia exclamou, erguendo os olhos do balcão onde estava juntando os pares de meias.

— É — Clarissa ergueu o queixo. — E sou um legado de três gerações. Meu pai quase teve um treco. E aí; ah, Deus, isso é tão vergonhoso; ele doou um Monet para a Galeria de Arte da Universidade.

— Isso funcionou? — Lydia perguntou.

— Estou aqui, não estou? — Clarissa deu um olhar para a portadora da Coca Diet — Eu entrei. — E agora voltava-se novamente para mim. — Da lista de

espera. Agora, três anos depois, não tem mais importância.

— Para a pessoa que não entrou porque seu pai fez sua mágica de manda-chuva, tem —

falei.

Clarissa deu de ombros.

— Não é essa a questão. Só estou tentando dizer que tenho sido uma excelente aluna e, em geral, um trunfo para a universidade. Eles estão felizes por eu estar aqui. Portanto, estou onde devia estar. Lista de espera ou não, agora eu faço parte, e passei a fazer no momento em que pisei no campus no primeiro ano.

Eu estava começando a entender Clarissa — ela não fazia idéia de quão elitistas suas afirmações soavam e também não se sentia constrangida com o berço de ouro em que nascera. Os garotos ricos nunca conseguiam ganhar. Ou eram escrotos ricos que se gabavam de seu dinheiro ou eram maconheiros que vestiam roupas de segunda mão e fingiam que não tinham um tostão. Qualquer dos dois era repugnante aos olhos daqueles cujas carteiras não eram tão gordas. Pelo menos, Clarissa falava abertamente. Sem tato?

Talvez, mas definitivamente sincera. E menos maldosa do que eu passara os últimos dois anos e meio acreditando.

— Você não vê nada errado em manipular a lista de espera usando convenientemente uma obra de arte de valor inestimável? — perguntei, O que, no final das contas, tinha um valor muito particular e definível. Valia a admissão.

— Na verdade, não — ela respondeu. — É inteiramente possível que a doação não tenha feito nada e eu tivesse entrado de qualquer maneira. Além do mais, neste caso, os fins justificam os meios. Eu queria entrar em Eli e entrei. E, depois que já estava dentro, mostrei a eles o que podia fazer — ela me lançou um olhar intenso. — Então, pronto.

— Então, pronto? — Lydia perguntou. Ela havia parado de dobrar roupas. — Você se senta aqui, na suíte de duas pessoas que entraram em Eli por mérito próprio — que podiam não ter entrado se houvesse mais Monets para serem distribuídos, e diz "então, pronto"?

— Quer esquecer a porcaria do quadro? — explodiu Clarissa, girando para olhar para Lydia. — Não tem nada a ver com o meu desempenho desde então. E não, já que

perguntou, não vou pedir desculpas por fazer o que podia para entrar. Você não pode me dizer que cada hora que passou como voluntária no seu hospital local ou qualquer outro trabalho voluntário que tenha feito para engordar seu currículo foi pela bondade do seu coração.

Lydia mordeu o lábio e olhou para baixo.

— Eu achei que não. — Clarissa jogou uma mecha de cabelo para trás. — Só sou mais sincera sobre o que quero. Pode ter gostado de trocar comadres, mas não foi *por gostar* que trocou. Meu pai pode ter ficado feliz em acrescentar uma obra de arte à coleção de Eli, mas também tinha outros motivos — e ela olhou para mim. — Eu disse ontem à noite no bar e vou dizer novamente. Intenções não são nada. Métodos não são nada. O que importa são os resultados. Agora, você está dentro ou fora?

Lydia recolheu suas roupas.

— Vocês estão além da minha compreensão — disse apressadamente. — E, se não se incomodam, acho melhor vocês ficarem aqui. Estarei no meu quarto, relendo Kant. Para, humm, limpar meus pensamentos.

Um segundo depois que a porta se fechou atrás dela, ouvi batidas de rock não tão abafados emanando de seu aparelho de som. Ela estava tentando ao máximo não nos ouvir. *Agora* ela resolvera respeitar os limites do sigilo da sociedade. Agora, quando eu estava pronta para esquecer toda aquela confusão.

Deixei minha cabeça cair entre as mãos.

— Nem todos nós pensamos como você, Clarissa. Na verdade, acho que é certo dizer que a maioria dos alunos de humanas aprendeu Maquiavel sob um ponto de vista

decididamente negativo.

— Devo ter perdido essa aula, — E, ainda assim, o mesmo olhar penetrante. Não é de espantar que eu tivesse pensado que ela era completamente nojenta. Ela era

agressiva, franca, ambiciosa...

— Eles são idiotas em rejeitá-la, Angel — falei, e a invocação de seu nome de sociedade nem a fez se encolher. —Você é uma Coveira até o fim.

— Não... — ela piscou. — E agora, a questão continua: e você, é?

Não respondi.

— Historicamente, o que eles fazem se alguém desistir?

Seus olhos cintilaram.

— Você, entre todas as pessoas, devia saber isso, Amy. Nós moemos seus ossos para fazer nosso pão.

Sorri, mesmo sem querer, e Clarissa se inclinou para a frente e cobriu minha mão com a sua, magra e com unhas feitas.

— Qual é? Você sabe que quer fazer parte disso.

— Eu sinto muito — respondi. Nessa, Brandon não estava correto. — Tenho que pensar sobre isso.

———————

E pensei. Pelos dias que se seguiram, eu me concentrei em pouca coisa mais. Certamente não na edição de formatura da revista literária (mesmo que Brandon passasse a maior parte do tempo no escritório me namorando, como se estivesse compensando o tempo perdido), nem nas minhas aulas, apesar de estar mais uma vez consumindo GEP

intensamente. Com a Semana da Leitura por aí e nenhum acesso à biblioteca do

mausoléu, não podia me dar o luxo de perder tempo.

Eu estava infeliz. Como esperava, não havia estágios fabulosos e não-solicitados dando sopa no Centro de Planejamento Profissional, e um e-mail que enviei para minha antiga supervisora na editora da Universidade Eli ficou sem resposta. Numa tentativa de frustrar o que eu suspeitava poder ser uma de suas

preocupações, enviei o seguinte:

Conforme a última, gostaria de lhe assegurar que não estou de forma alguma ligada àquela organização nem a nenhuma atividade que possa incomodar o grupo

anteriormente mencionado. Grata e aguardando notícias suas,

Amy Haskel

Para o qual recebi:

Amy,

Não faço idéia do que você está falando. (Deixe isso para lá, está bem?)

Atenciosamente etc.

Pode imaginar por que não contei nada dessa maluquice para o Brandon. Eu não tinha nenhuma desculpa razoável. Acho que, em alguma medida, ainda acreditava naquele juramento. Além do mais, quem é que sabia se minha revelação não o arrastaria para aquela merda toda também? Contei a ele que havia perdido meu estágio, o que induziu uma sessão de pensamento conjunto que resultou numa lista de 25 novos lugares onde procurar um emprego de verão e em uma idéia imatura de que eu iria com ele para Hong Kong, onde ele estaria trabalhando como consultor, moraria no sótão que ele estava alugando e escreveria.

Ter chegado a pensar nisso prova o baixo nível da minha racionalidade.

Lydia, é claro, não me ajudou em nada. Na verdade, eu estava bastante segura de que minha assim chamada melhor amiga, apesar de sua diligente aplicação à Kant, tinha passado a semana exultando com a forma como minha experiência na sociedade havia obviamente ido pelo cano. Vamos apenas dizer que nem uma única vez durante minha semana de desespero ela me ofereceu uma jujuba e uma bebida.

Terça-feira à noite, Lydia se vestiu com a roupa "disfarce" da sociedade (o moletom escuro com capuz e os jeans que ela me havia ridicularizado completamente por vestir na semana anterior) e saiu furiosamente pela porta,

balançando seus dedos para mim com um "tchauzinho!" alegre demais (está bem, talvez eu esteja exagerando só um pouquinho, mas, sincera-mente? Não dava para não ver a presunção).

Fiz um beicinho e me ajeitei com meus livros. Se pelo menos eu tivesse sido convocada pela Pena & Tinta nada disso teria acontecido. Minha tragédia atual era inteiramente devida ao erro do Malcolm. Se ele não tivesse sacaneado a Genevieve, nunca teria sido forçado a me convocar. E ai eu estaria numa sociedade literária menos importante, mas respeitável. E teria um emprego. E estaria bem.

É claro que eu podia ter recusado a convocação da Rosa & Túmulo. Podia ter ficado lá naquele banheiro, cercada por garotos de mantos, olhado para aquela vela e dito a eles o que fazer com seus envelopes de bordas pretas. Podia até ter saído mais cedo da iniciação, antes de fazer meus votos.

Mas eu não fizera nada disso. Porque queria saber como era ser um Coveiro.

E agora, pensei, recuperando-me desse curto período de dúvida, eu sabia que era uma droga.

Sacudi a cabeça para meu livro, segura de que minha decisão estava correta e tirei a tampa do marcador de texto. Madame Rostov, a senhora foi avisada.

O telefone tocou.

Sempre cheia de distrações, a minha vida. Ó, a agonia. Era de espantar que aquele livro nunca tivesse sido lido? Agarrei o telefone, cruzando os dedos para que fosse a) Brandou e b) ele trazendo pizza.

— Amy Maureen Haskel?

Ops.

— Sim?

— Estamos ligando para informá-la que, caso decida levar adiante essa questão, seremos forçados a ampliar nosso ataque aos empregos de seus pais e/ou sua posição deles na comunidade.

— Espere! — falei. — Não estou perseguindo nada...

— Boa noite — e então, claro, *clique*.

Desgraçados. Não deixavam nem eu me explicar. E o pior em ser atacada por

conspiradores clandestinos é que eles nem estão na lista telefônica. Esqueça o serviço de informação também. Não existe forma de entrar em contato com esses caras para lhes dizer que você não faz mais parte da rebelião.

E, já que eu estava questionando seus métodos, que merda era essa de "empregos de seus pais e/ou a posição deles na comunidade"? Era um telefonema ensaiado? Será que estavam dizendo a mesma coisa para todo mundo? Assegurando-se de cobrir qualquer eventualidade caso nossos pais fossem da classe abastada? Deviam ter jogado a rede mais longe. "Seus pais e/ou outros parentes de importância." George, por exemplo, provavelmente não ficaria muito aborrecido se baixassem um pouco a crista de seu pai.

Sério, se estávamos liderando uma campanha de intimidação, eu não mandaria uma ameaça padrão. Cada um dos insubordinados receberia sua própria coerção

personalizada. Amadores.

Sacudi a cabeça. Eu não tinha experiência nisso e, ainda assim, havia lidado com a situação toda com muito mais firmeza.

Já tinha avançado duas páginas do GEP antes de cair a ficha do que aquele pensamento significava. Quando caiu, minha distração me fez colorir uma página inteira de roxa fluorescente.

Eu daria uma ótima Coveira. Uma Coveira muito melhor do que qualquer um desses patriarcas machistas. Aquelas qualidades que vinha notando em Clarissa? Eu também as tinha. Teriam muita sorte em ter uma garota como eu do seu lado. Eu acabaria com a raça de qualquer um que atravessasse o nosso caminho e faria isso ao estilo do século XXI.

Eles não faziam idéia do quanto precisavam disso em sua sociedade retrógrada, presa a 1830.

E também não era como se eu estivesse pedindo tanto assim em troca. Um

ligeiro empurrão na carreira aqui e ali, um ou três jantares com lagosta e um relógio de pêndulo.

Nem insistiria para que fosse de alta precisão.

De qualquer modo, a questão era que eu merecia minha filiação à Rosa & Túmulo e não ia deixar um bando de idiotas octogenários me dizer que não.

Alguns momentos depois, vestindo meu próprio capuz escuro, saí marchando para a noite. Eu até sabia onde encontrá-los.

O apartamento da Clarissa era no prédio chique da cidade. O que tinha porteiro e um saguão de mármore. Enquanto outros moradores fora do campus se viravam alugando por preço de dormitórios os espaços do tamanho de um armário (que não eram, infelizmente, limpos pela equipe de faxineiros de Eli nem tinham uma cantina), pessoas da classe dos Cuthbert relaxavam em lofts caros situados ah-tão-convenientemente em cima de um bar e restaurante elegante que não pareceria estranho no Upper West Side, a parte mais chique de Nova York.

Toquei em C. Cuthbert.

— Sim? — ouvi vozes ao fundo.

— Ei — falei. — É a Amy. Deixe-me entrar.

Silêncio e então:

— Senha?

Ela estava brincando comigo? Mas aí percebi que ela estava me pedindo mais do que isso. Ela queria comprometimento. Desta vez, no entanto, eu tinha caixões cheios disso.

— Senha, boo — disse George. Imaginei todos os onze espremidos em torno do

interfone, esperando por mim.

A imagem me fez sorrir.

— Três, um, dois.

A porta se abriu com um zumbido

Por meio desta, eu confesso:

doeu à beça.

14.

A Cidade

Às três da tarde de sexta-feira, Ben Edwards, vulgo Big Demon, apareceu em frente ao mausoléu numa van branca que havia pego emprestada do departamento de esportes.

— Ah, quanta classe — Odile observou secamente enquanto se içava para a parte de trás.

E você tinha que admitir, não era tão bacana quanto as limusines nas quais tínhamos andado antes da nossa filiação ter perdido o apoio.

Nós todos nos espremos dentro da van. O grupo consistia dos 12 novos convocados e Malcolm (que evitava olhar nos meus olhos). Aparentemente, outro carro seguiria mais tarde com mais membros dos C176. Sentei o mais longe possível de George, mas parecia que ele nem se lembrava de ter dado uns amassos comigo no bar, muito menos que tinha qualquer interesse em recomeçar a pegação de onde havíamos parado.

A viagem de duas horas até Nova York foi tão monótona quanto se pode esperar de uma van desconjuntada comandada por um motorista inexperiente tentando navegar pelas ruas do centro de Manhattan numa tarde de sexta-feira. Em outras palavras: um exercício de terror. Nós, passageiros, fomos em grande parte poupados, mas Ben pegou a parte mais estressante, a das ruas. Sinto relatar que ele nunca mais foi exatamente o mesmo e que ficamos momentaneamente preocupados que fosse passar toda a nossa estada no Eli Club escondido no banheiro, contorcendo-se e chamando pela mamãe.

Depois que estacionamos (e Ben esvaziou o conteúdo de seu estômago no chão de

concreto do estacionamento), nos dirigimos ao Eli Club, que fica localizado na esquina da Grand Central Station e partilha da mesma decadência arquitetônica do século XIX.

Um a um, nos arrastamos pela porta giratória apertada e fomos cuspidos

deselegantemente dentro de um saguão de entrada ainda menor.

Sancas elegantes, molduras douradas, uma vasta escadaria de mármore e um corrimão de mogno entalhado definiam o formidável saguão do Eli Club. Eu tinha ouvido dizer que as autoridades davam festas aqui para os estudantes que estavam fazendo estágios de verão em Manhattan, tentando, sem dúvida, conquistar novos membros quando os estagiários se formassem. Olhando em torno do recinto, respirando o ar com um ligeiro aroma de copos-de-leite, eu podia entender a jogada.

Este era o coração pulsante e sangrento da atmosfera de mistério de Eli. Rico, elitista, tradicional. Pudera que o Fundo Tobias tivesse escolhido estabelecer seus escritórios aqui. Isso era exatamente o que eles queriam que Eli continuasse a ser, um ninho de clubes decadentes de cavalheiros e sociedades secretas só para homens.

Olhei para meus compatriotas. O tradicional estava fora.

— Posso ajudá-los? — perguntou um cavalheiro corpulento atrás do balcão da recepção.

Um blazer azul que devia ser fácil uns dois números menor do que deveria estava esticado por cima de sua cintura. Um escudo com o brasão de Eli estava costurado meio torto na lapela. Se eu fosse do tipo paranóico, pensaria que o conjunto era novo.

(A coisa legal que eu havia aprendido sobre a paranóia é que, uma vez que tenha confirmado que eles *estão* mesmo atrás de você, ela meio que se dissipa.)

— Sim — disse Malcolm —, suíte 312. Temos hora marcada.

O porteiro pareceu estupefato.

— Sinto muito, vocês devem estar no prédio errado. Nós não temos uma suíte 3...

Malcolm espalmou as duas mãos sobre o balcão e olhou fixo para o homem.

— Olhe para o meu colarinho — disse calmamente. — Acha que ganhei isso numa caixa de sucrilhos? Acha que todos nós ganhamos?

O homem empalideceu quando viu nosso grupo e os broches.

— Só um momento — sussurrou, pegando um fone em sua mesa. — Alô, senhor. Sim,

entendo o que o senhor disse, mas... senhor? — Ele ouviu em silêncio por um minuto. —

Senhor, eles estão usando os *broches*. Sempre me disseram que, se estivessem usando...

que eu não deveria... sim, senhor.

Ele botou o fone de volta e olhou na nossa direção sem fazer contato visual com nenhum de nós.

— Alguém virá vê-los em breve.

E alguém veio — um homem pequeno, de cabelos prateados e terno, que parou a um metro de nós e esticou a mão.

— Por favor, removam os broches e venham por aqui.

Ninguém se moveu.

— Esses broches não pertencem a vocês. Eles pertencem à organização. Como vocês não são mais membros da...

— É o que estamos aqui para discutir — resmungou Josh.

— Sinto muito — o homem falou. — Mas não posso deixá-los entrar com esses broches.

— E nós não vamos tirá-los — Demetria deu um passo à frente. — E como eu sei que é happy hour no restaurante lá em cima, tenho certeza de que não quer que façamos uma cena que os bárbaros possam ouvir.

Como se para ilustrar o que ela estava dizendo, a porta rodou e dela saiu um trio de homens de negócio carregando bolsas de ginástica e pastas. Malcolm estava olhando feio para Demetria, mas ninguém mais parecia escandalizado com sua

ameaça. Se iam jogar sujo com as nossas vidas, nós íamos jogar sujo com seu precioso segredo.

O homem olhou furiosamente para nós, girou nos saltos (está imaginando um nazista?

Porque é mais ou menos isso mesmo) e andou em direção aos elevadores.

— Vou ter que levá-los em dois grupos.

De alguma forma, consegui me espremer com o primeiro, que incluía Malcolm,

Demetria, Clarissa, Josh, Omar e eu. Nosso acompanhante chegou para o lado e inseriu uma pequena chave dourada numa fechadura embaixo dos botões. Então, apertou o botão para o último andar (que não era o terceiro andar, gostaria de salientar).

— Lugar interessante para botar a suíte 312 — falei em voz alta.

— Senhorita, não há suíte 312.

Agora eu me virei para o Malcolm, que estava claramente tentando conter um sorriso.

— Esta é a nossa Amy. Sempre tentando chegar ao fundo das coisas. — Malcolm passou o braço em volta dos meus ombros. — Vamos conhecer o pelotão de fuzilamento.

O último andar do Eli Club abrigava o que parecia ser uma série de escritórios. Cada um tinha uma placa indicando que organização estava alugando o espaço. O Clube dos Ex-Alunos de Dartmouth, a Equipe de Remo de Eli, a Organização Atlética da Universidade da Virginia. A porta na frente da qual paramos não possuía placa, apenas um cartãozinho branco afixado na porta, que dizia "Quinta-feira 19h-21h".

O outro grupo de alunos do terceiro ano juntou-se a nós. Jennifer parecia pálida e estava segurando seu crucifixo com tanta força que os nós de seus dedos haviam ficado brancos.

Eu tinha certeza de que, se ela abrisse a mão, haveria uma marquinha de Jesus na

sua palma.

Abrimos a porta e entramos em fila. A sala não tinha janelas, era forrada de madeira escura e o teto tinha uma intrincada folhagem dourada nas sancas, mas isso quase não ocupou minha atenção. Em vez disso, eu estava ocupada demais com o seguinte:

1) Clarissa gritando "Pai!" enquanto o Sr. Cuthbert, de quem eu me lembrava daquela noite há muito tempo no Tori's, a ignorava e se servia de mais um copo d'água.

2) Poe, sentado no lado oposto da mesa de conferências, as mãos cruzadas à sua frente, o rosto virado para baixo. Ao meu lado, Malcolm ficou duro e eu sabia que também não esperava ver Poe ali. O que só significava uma coisa: ele estava trabalhando para a oposição (eu sabia!).

O Sr. Cuthbert falou.

— Little Demon, a porta, por favor.

Odile começou, mas Cuthbert lhe lançou um olhar arrogante enquanto o homem baixinho que manipulara o elevador movia-se para fechar a porta atrás de nós. Depois de realizar a tarefa, o velho "Little Demon" atravessou para a longa mesa de conferências diante de nós e tomou seu lugar, deixando a dúzia de estudantes de pé constrangedoramente amontoados perto da porta.

Passo 1 concluído. Eles haviam conseguido nos fazer esperar diante deles como crianças chamadas à sala do diretor. Mas a campanha de intimidação havia apenas começado.

— Por favor, sentem-se — disse um outro cavalheiro, que parecia ridiculamente familiar, mas que eu de jeito nenhum conseguia descobrir quem era. Ele fez um gesto para as cadeiras vazias e nós todos trocamos olhares quando vimos o que nos era oferecido. Não apenas estávamos sendo divididos, estávamos sendo banalizados. A longa mesa de conferências de madeira polida estava cercada de cadeiras desencontradas. Algumas eram de couro, com encosto alto e ergonômicas, outras pareciam ter sido roubadas do restaurante para preencher a mesa. As confortáveis, de couro, estavam todas ocupadas, e era óbvio que devíamos pegar as menores, de madeira, que estavam espalhadas entre os lugares dos patriarcas. Nós nos espalhamos e nos sentamos nas cadeiras Windsor

baixas.

O topo da mesa alcançava o meu peito e achei ter detectado um sorriso no rosto de um dos patriarcas vizinhos quando Odile, do outro lado dele, praticamente bateu com o queixo na mesa enquanto se sentava.

— Srta. Dumas — disse o patriarca de aparência familiar. — Precisa de uma almofada?

Odile, para mérito seu, não mordeu a isca.

— Ah, não — falou. — Do meu ponto de observação, tenho uma visão muito melhor das suas melecas.

Josh riu.

— Acha isso engraçado, Sr. Silver? — o homem soltou, ríspido.

— Sim, senhor — ele replicou. — Acho muito divertido que o senhor tenha considerado esse probleminha importante o suficiente para deixar a Casa Branca.

Ah, agora eu o reconhecia. Kurt Gehry, Chefe de Gabinete da Casa Branca. Ele era um Coveiro? Isso explicava *tanta* coisa!

Demetria limpou a garganta e ficou de pé.

— Bem, já que não quero ficar na mesa das crianças por mais tempo do que o

estritamente necessário, vamos ao assunto. Nós, os atuais membros da Rosa & Túmulo, estamos aqui para discutir o restabelecimento do acesso ao mausoléu na High Street.

— E, como corolário — Josh acrescentou —, exigimos que retirem quaisquer *sugestões* que tenham feito aos nossos empregadores a respeito de nossa ética de trabalho, confiabilidade e quaisquer outras opiniões negativas que tenham partilhado.

Houve uma longa onda de silêncio. E então, o Sr. Cuthbert falou:

— Não.

— Mas vocês não têm o direito de fazer isso — disse Demetria.

— E você, Srta. Robinson, não tem o direito de estar usando esse broche. Não tem direito a ter acesso ao mausoléu da Rosa & Túmulo e com certeza não tem o direito de estar se dirigindo a esta junta. Os indivíduos que os convocaram e iniciaram sem a permissão dos curadores foram destituídos de filiação com a nossa organização e, portanto, sua iniciação está anulada. Isso não está correto, Barebones?

Gehry assentiu.

— Vocês não têm poder para nos expulsar — disse Malcolm calmamente. — *Nós* somos os membros. Nós controlamos a escolha dos convocados.

— Teoria interessante, mas a realidade é que o *dinheiro* controla o destino da organização e nós controlamos o dinheiro, não os seniores. Se aqueles em uma posição de poder se recusam a reconhecê-los, vocês não serão reconhecidos. Seus cursos de ciência política devem ter lhes ensinado isso.

— Eles me ensinaram o que aconteceu com os ditadores da história.

Cuthbert decidiu também não reconhecer essa pequena zombaria. E, enquanto estava nesse clima, decidiu também não reconhecer o fato de que sua filha estava olhando para ele, de boca aberta.

— E onde estão os seus chamados irmãos agora, Sr. Cabot? — disse, em vez disso.

— Mais estão chegando — (droga de trânsito de Manhattan!) Malcolm olhou para Poe.

— O que *você* tem a dizer em sua defesa?

Finalmente, Poe falou.

— Sempre fui contra a inclusão de mulheres sem a permissão expressa da junta de curadores.

— Poe nos informou a respeito do seu plano — disse o Sr. Cuthbert, presunçosamente.

Treze pares de olhos lançaram adagas para o sênior de cabelos escuros. Não era de espantar que estivessem usando seu nome de sociedade e nos chamando de Srta. Isso e Sr. Aquilo (apesar de que, na verdade, eles todos deveriam tomar multas por falarem os nomes de código da sociedade na presença de pessoas que consideravam "bárbaras". Nota para mim mesma: ver se há prescrição para essas multas).

— Seu canalha — falou Malcolm, olhando para Poe com os olhos gélidos. — O que está fazendo?

Poe o ignorou.

Josh tentou voltar ao assunto.

— Gostaríamos de abrir um diálogo com vocês a respeito de suas dificuldades com a escolha de convocados dos seniores.

Tínhamos, na verdade, passado várias horas na noite anterior configurando exatamente os tipos de argumentos que usaríamos e quem os levantaria. Naturalmente, deixamos o grosso da conversa ser levado por aqueles no grupo mais acostumados a debates formais

— ou seja, Josh e Demetria.

— Não tivemos dificuldades para escolhê-los — disse Gehry, balançando a cabeça para Josh. — É uma pena que seja membro de uma classe inválida.

— E, ainda assim — argumentou Nikolos, de acordo com nosso roteiro —, nunca nos deram a oportunidade de condenar as mulheres e escolher novos homens para substituí-

las. — Ele fora muito incisivo em levantar essa questão, nem que fosse apenas, argumentou, para fazer os patriarcas repensarem seu plano precipitado. Eu achei que o fazia parecer um idiota, mas ei, cada um com a sua opinião.

— Isso teria sido uma opção? — perguntou outro patriarca.

Nikolos lançou um olhar para Odile.

— Não — balbuciou.

— Vocês podem achar que é uma questão de não separar o joio do trigo — disse outro —

, mas achamos que é melhor começar do zero com uma classe não maculada por esse...

incidente. A junta já selecionou uma nova lista de convocados do resto das turmas do terceiro ano.

— Ah, isso é genial — soltou Malcolm, e até Poe pareceu surpreso ao ouvir a novidade.

— Quem vocês vão pegar agora, depois que todas as outras sociedades já recrutaram os melhores?

— Isso não lhe diz respeito, Sr. Cabot.

Revirei os olhos. E, como se só tivesse sobrado um bando de idiotas? Qual é, Malcolm.

Essa era a Universidade de Eli, Havia muitos superastros que não estavam em

sociedades. Podiam até estar pensando em convocar o Brandon, pelo que pudemos

entender (e boa sorte com essa empreitada!). Só porque você não estava em uma

sociedade secreta não significava que não fosse digno. Podia significar que tinha brigado com seu ex-namorado.

— Qual é o seu problema com as mulheres? — Demetria foi direto ao ponto. — A Rosa

& Túmulo tem, nas últimas décadas, aberto sua lista de convocados para minorias, estrangeiros, homossexuais, pessoas de religiões, credos e posições sociais diferentes. Por que não mulheres?

— Não é preconceito contra as mulheres — um dos patriarcas falou, e prosseguiu contornando habilmente todos os nossos planos. — Só não achamos que haja nenhum motivo para começarmos a convocá-las. A Rosa & Túmulo é

uma organização fraterna, assim como a zombaria estúpida que é o sistema de fraternidades gregas que infesta todos os campi no país. A inclusão de mulheres iria alterar permanentemente a estrutura da sociedade e o caráter de suas reuniões.

— Vai nos transformar num maldito clube de encontros amorosos — outro desdenhou.

— Já posso ver as acusações de estupro.

— E o que diabos vocês faziam lá! — Malcolm deixou escapar.

— Nada que interessaria a *você*, rapaz — Gehry falou ríspido.

Cuthbert disse com caráter final.

— As mulheres estão livres para começar qualquer sociedade que queiram. Não iremos interferir.

Bem, lá se ia o nosso roteiro e todos os melhores planos de Josh e Demetria.

— Isso é tão importante para vocês que vão sabotar nossas vidas? — Kevin perguntou, desviando-se completamente. — Perdi meu emprego em Los Angeles por causa de vocês, seus idiotas.

— Isso — Josh acrescentou. Dava quase para vê-lo tentando empurrar o assunto de volta para uma zona confortável. Precisava melhorar um pouco a cara de blefe antes de ser promovido para debates televisivos. — Esse comportamento não indica um simples desinteresse no sexo frágil, rapazes. Vocês se importam demais com isso.

— Vocês entenderam errado — replicou Cuthbert. — Só fizemos o que temos que fazer para manter a integridade da organização. Os seniores agiram pelas nossas costas. Eles foram punidos e os ilegítimos foram avisados sobre o que poderíamos fazer se lutassem.

Se vocês lutassem. É uma operação simples que não tem nada a ver com como a junta se sente a respeito de qualquer política. Não toleramos nenhum desvio dos juramentos e acreditamos fortemente que incluir mulheres na Rosa & Túmulo vai expressamente contra a missão de nossa Ordem e, assim, todos os seniores

violaram o juramento de fidelidade, *quad erat demonstrandum*: o que ficou demonstrado.

Odile balançou a cabeça e seu longo cabelo brilhou.

— Vai contra o juramento na *sua* opinião. Acontece que eu acredito que a única forma de tornar essa sociedade viável no próximo século é reconhecer que isso não é mais um jogo de meninos.

O homem entre nós começou a escrever. Olhei para seu bloco de notas e vi uma página de anotações rabiscadas apressadamente. A mais recente dizia: "Este é um mundo unissex. Por que não deveríamos ter uma sociedade unissex?"

Será que os estudantes tinham aliados no meio dessa galera? E, se tínhamos, por que eles não estavam se manifestando? O homem ao meu lado manteve o queixo firme no lugar e escrevia sem parar em seu bloco, ocasionalmente apertando a caneta com tanta força que a tinta deixava borrões na página.

Coloquei minha mão ao lado da sua e ele olhou para cima, olhando em meus olhos por um momento com um ar de encorajamento, e então voltou para suas anotações.

É, está bem, amigo. Se você não vai falar, então não espere que eu fale.

— Como já mencionei — Cuthbert disse com um suspiro —, não temos nada contra a idéia das mulheres organizarem uma sociedade secreta própria.

— Mas isso não vai dar certo — disse Odile. — Parte do apelo dos Coveiros é possuir séculos de existência. E impossível uma sociedade secreta de mulheres competir com isso, já que só foram admitidas em Eli em 1971. A Rosa & Túmulo tem uma rede enorme de contatos, a propriedade, suas doações de milhões de dólares. Mesmo que as primeiras mulheres em Eli tivessem começado uma sociedade, só agora, trinta e tantos anos depois, teriam adquirido o tipo de posição na sociedade que traria benefícios para os novos convocados. Não há um mausoléu, uma ilha.

— Nenhum relógio de pêndulo de alta precisão — resmunguei. O patriarca ao meu lado me deu um olhar curioso, lateral.

— Mesmo a Rosa & Túmulo teve que começar de algum lugar.

— É — Clarissa escarneceu. — Com barões de ferrovia e reis das lavouras do século XIX. Russell Tobias e seus amigos despejaram milhões no empreendimento na primeira década, porque tinham dinheiro para torrar e um lugar já garantido na sociedade.

— Então, talvez, minha querida — disse o Sr. Cuthbert — você devesse considerar esse caminho para você e seus amigos. Pelo menos assim eu teria certeza de que o meu dinheiro está sendo bem gasto.

Clarissa calou a boca.

— Não, é claro que você não iria querer seguir esse caminho — ele falou, seu tom encharcado de sarcasmo. — Porque faria um sério rombo no seu orçamento para sapatos e na sua coleção de óculos escuros.

Odile interrompeu novamente.

— Como eu estava dizendo, a estrutura da sociedade é algo que leva anos para se desenvolver. Eli abriu suas portas para as mulheres há três décadas. Mesmo na população total levou uma geração, mas agora nós somos consideradas iguais aos homens.

— Ah, querida — Demetria murmurou. — A gente precisa conversar.

Odile ignorou-a.

— A Rosa & Túmulo precisa se atualizar ou cair na obscuridade. Estão ficando de fora de um grande crescimento de mercado em potencial. As pessoas que vocês desejam privar de direitos serão membros valiosos para esta sociedade.

— Os seniores se asseguraram disso — disse Josh, claramente satisfeito por termos voltado ao assunto. — Eles convocaram uma classe que agradaria a vocês — ele apontou para Demetria — líderes — para Jenny — capitães de indústria — para Odile — os ricos e famosos — para Clarissa — e legados.

Passou direto por mim. Malditos políticos!

Ele olhou para o Sr. Cuthbert.

— Está lutando contra sua própria filha, senhor.

— Com bons motivos, filho — ele apontou para Clarissa. — Quer saber qual é o meu problema com mulheres? Aqui está. Ela está sentada bem aqui. Sei que esses rapazes não fizeram boas escolhas, porque veja quem escolheram!

Ninguém se mexeu. Ninguém respirou. Na verdade, eu apostaria que uma boa

porcentagem de nossos corações parou de bater. Clarissa ficou olhando para o dedo dele, seus olhos azuis esbugalhados sem piscar.

— A minha filha — o homem cuspiu, ficando com o rosto um pouco vermelho — é um desperdício. Se soubessem o que eu fiz por ela. Se soubessem pelo que passei por causa dela... — Ele sacudiu a cabeça. — Mas é claro que não sabem. Vocês nem teriam isso em seus arquivos. Nós escondemos tão bem. Tão desgraçadamente bem.

Será que ele estava falando de como ela entrara a partir da lista de espera? Clarissa não parecia pensar que isso era um grande segredo. Ela não tinha sentido o mínimo de constrangimento a respeito. No entanto, não seria a primeira Coveira a compartilhar um segredo comigo, achando que eu nunca contaria.

Apesar de que, pensando bem, Lydia também estava na sala.

— Papai... — Clarissa murmurou.

— O quê, Clary? Acha mesmo que é capaz do tipo de responsabilidade que é ser um Coveiro? Você realmente acha que tem a força, a *resistência mental*?

— Papai, por favor! Isso foi há muito tempo!

— Não há tempo bastante. Nem de perto o tempo bastante — ele virou-se para Malcolm.

— Quer saber o que acharam que era bom o bastante para os Coveiros, Sr. Cabot? Deixe-me lhe contar sobre a minha filha. Deixe-me lhe contar tudo sobre ela — ele dirigiu seu olhar para Clarissa, tão branca que podia ser feita de mármore. — Ela engravidou quando tinha 14 anos. Quatorze anos, pode imaginar isso?

Considerei tudo o que eu havia pensado sobre Clarissa Cuthbert desde o

primeiro ano. É, eu podia imaginar isso. E a verdade era que, há um mês, eu provavelmente teria gostado dessa pequena informação. Mas não agora. Não agora que eu entendia que sua grosseria não era esnobismo, seu estilo não era elitismo e que suas observações supostamente maldosas eram simplesmente esforços mal direcionados de dar conselhos. Não sei como aconteceu mas, de alguma forma, minha raiva havia se transformado em tolerância e, a partir daí, em um relutante respeito. E agora eu percebia mais uma coisa: Clarissa era minha irmã.

— E isso foi apenas o começo. Obviamente não satisfeita em se prostituir por aí, seu próximo truquezinho foi desenvolver uma assim chamada desordem alimentar para

chamar nossa atenção. Ela se empanturrava de junk food e aí tomava laxantes. Foram seis meses divertidos da minha vida. Ficou tão mal que tivemos que mandá-la para longe por algum tempo. Um lindo lugarzinho no campo que a curou direitinho, não foi, querida?

Lágrimas do tamanho de doses de vodca rolavam agora pelas bochechas de Clarissa. A boca de Demetria estava aberta. Jennifer segurava sua cruz com tanta força que eu esperava que a qualquer momento se abrissem chagas nas palmas de suas mãos. Odile parecia... entediada. Os outros estavam paralisados pelo acesso de fúria do Sr. Cuthbert, com a exceção de Poe, que apenas olhava para as mãos.

Eu só podia imaginar como deve ter sido a vida para Clarissa quando adolescente.

Assustada, claramente confusa, obviamente procurando atenção. Fiquei imaginando o que teria sido necessário para "curar" o problema de Clarissa com a bulimia. A julgar pelo olhar malicioso no rosto do Sr. Cuthbert, não fora bonito. Ninguém invejaria sua riqueza se vissem o preço que ela pagou.

— E então, é claro, o acobertamento. Não podíamos deixar as universidades saberem que minha preciosa filhinha havia perdido metade de um semestre no segundo ano,

podíamos? Tínhamos que esconder isso. Tínhamos que mentir. Tínhamos que forjar todo tipo de documentos para garantir que seu histórico fosse impecável. Ainda bem que eu era um Coveiro ou não teríamos os contatos que

precisávamos. E mesmo isso não foi o bastante. A vagabundazinha precisou da nossa ajuda de novo para entrar em Eli. E vocês acham que ela é boa o bastante para ser uma Coveira. E que ela pode entrar valsando aqui como se tivesse esse direito. Esta organização é melhor do que isso. É melhor do que os do tipo dela.

A cabeça de Clarissa caiu derrotada e algo dentro de mim explodiu.

— Cale a boca! — Levantei-me tão rapidamente que a cadeira barata de madeira saiu voando. — Cale a boca, cale a boca, cale a boca! — Talvez fosse o meu juramento ou talvez fosse apenas a minha humanidade, mas eu não ia ouvir nem mais um segundo daquilo. — Que tipo de pai é você? Que tipo de *pessoa* é você? Pode estar decepcionado com sua filha, pode estar zangado com ela, mas dizer coisas terríveis assim sobre sua própria carne e sangue para uma sala cheia de gente? O senhor me dá nojo, Sr. Cuthbert.

E agora todo mundo estava olhando para mim, Amy Haskel, que não tinha nenhuma

desculpa para estar na Rosa & Túmulo, exceto ter uma boca que não ficava fechada nem se a minha vida dependesse disso. O homem ao meu lado estava me lançando um olhar que dizia *finalmente*.

— Ela é sua filha. O senhor deveria amá-la. O senhor deveria apoiá-la. Não acha que ela merece estar na sua preciosa sociedadezinha secreta, mas a forma como acabou de agir me prova que o senhor entendeu completamente errado o que significa estar na Rosa & Túmulo. — Respirei fundo. — Porque, a partir do segundo em que eu fui convocada, Clarissa me tratou como uma irmã.

Eu achava que era elitismo, mas estava enganada. Aos olhos de Clarissa, nós finalmente tínhamos algo em comum, uma base para alavancar nossa amizade.

— Podemos ter tido nossas diferenças no passado e com certeza eu não estou prestes a admitir que concordo com metade do que ela diz, mas ela tem sido leal, gentil e atenciosa comigo desde o segundo em que aparecemos no mesmo mausoléu. *Esta* é a sua filha, Sr.

Cuthbert. *Esta* é a jovem que o senhor criou.

Parei, mas ninguém parecia pronto a interromper. Olhei para Clarissa, que agora estava com a cabeça enterrada nos braços. Seus ombros magros sacudiam com

os soluços.

— E ela ama, ama muito a Rosa & Túmulo. Mais do que qualquer outro convocado da minha turma, ela entendeu o que significa ser uma Coveira. Porque o *senhor* o ensinou a ela. Não tem orgulho disso? E ela não conseguia esperar para mostrar a todos nós. Há alguns meses, nós nunca teríamos nem nos cumprimentado na rua, mas agora, na Rosa & Túmulo, temos a chance de nos conhecer e de realmente pertencer a algo muito grande. E

Clarissa abraçou isso. Significa tudo para ela, não consegue ver isso? Ela trabalhou que nem uma condenada na faculdade e foi convocada pelos Coveiros e talvez, apenas talvez, finalmente tenha feito algo que o deixaria orgulhoso. Algo que faria com que a respeitasse da forma que tão claramente não respeita. Porque o senhor dá o seu respeito aos Coveiros e não à sua filha. Já pensou nisso?

O Sr. Cuthbert engoliu em seco.

— Não, não pensou. Esqueceu-se inteiramente de que os Coveiros e vem ser uma família, porque não consegue sequer tratar sua família com o respeito que dá a um estranho na rua. É isso que é ser um Coveiro? É o tipo de pessoa que "merece" estar na sociedade? É

o que quer dizer com uma ordem fraterna e leal? Isso é cascata. Até o Poe — apontei para ele. Até mesmo aquele porco chauvinista maldoso, traidor e desonesto —, até o Poe me disse que apoiaria seus irmãos mesmo que não gostasse de sua decisão, porque eram seus irmãos e os Coveiros permanecem unidos. E, de alguma forma, o senhor conseguiu convencê-lo do contrário. Convenceu-o a quebrar seu juramento de lealdade. Então, quem cometeu perjúrio agora? Vou dar uma dica: não somos nós.

Todo mundo ficou simplesmente olhando para mim. Poe parecia — bem, se é que isso é possível, ele parecia mais pálido do que o normal. Completamente atônito, para dizer a verdade, ótimo. Afinal de contas, para alguém tão obcecado pela sociedade quanto o Poe, devia ser uma droga cometer perjúrio.

Continuei como um rolo compressor, ignorando a pequena revelação que teve e

subseqüente colapso. Pode chorar um rio, seu puxa-saco arrogante.

— E não são os seniores também. E não são os patriarcas que os ajudaram com a

iniciação. Também estão perseguindo todos eles? O Sr. Prescott? Os outros? Há

patriarcas do nosso lado. Vão ter que inspecionar todos os ex-alunos para arrancar todos nós. — O patriarca ao meu lado mexeu-se ligeira-mente na cadeira e eu respirei fundo. —

Admito que não sei como tudo isso funciona — falei e lancei outro olhar para Poe, que estava olhando para baixo, para suas próprias mãos trêmulas —, mas gostaria de saber quantos patriarcas realmente concordam com esta junta.

— *Sente-se*, Srta. Haskel — disse o Chefe de Gabinete do Presidente dos Estados Unidos e isso me fez congelar no ato. Peguei minha cadeira e caí sentada nela, respirando ofegante.

Que merda eu tinha acabado de fazer?

Poe olhou para cima, fechando os punhos.

— Ela está certa — disse simplesmente.

Kurt Gehry colocou a mão tranqüilizadoramente no braço de Poe.

— Filho...

— Não, ela está muito certa — ele olhou para Malcolm. — Eu sinto tanto, Lance. — Ele parecia próximo às lágrimas. — Eu *menti* para você. Não acredito que fiz isso. Você é meu *irmão*.

— Tudo bem — Malcolm falou.

Mas minha diarréia verbal era obviamente contagiante.

— Não, não está. Não está vendo? Você nem tem que estar aqui.

— Poe, cale a boca — disse Gehry, e desta vez parecia haver aço por trás de suas palavras.

— E eu devia ter lhe dito — Poe continuou matraqueando. — Mas não queria irritá-los. E

eu concordava com eles. Achei que as garotas eram péssima idéia. Eu também disse isso a você. Garotas... bem... — ele baixou a cabeça. — Não importa.

— Importa — disse outro patriarca. — É uma acusação de estupro esperando para

acontecer. — Olhou para Odile cautelosamente, como se ela estivesse prestes a gritar

"assédio sexual" ali na mesa. Os outros patriarcas ainda estavam em choque com a explosão do Sr. Cuthbert. O próprio Sr. Cuthbert parecia um balão vermelho murcho.

Clarissa ainda não levantara a cabeça da mesa.

— Mas eu o deixei sem saber nada. — A voz de Poe tremeu, mas ele forçou adiante.

Cada frase parecia uma martelada de juiz. Para ele, deve ter sido mais como a lâmina de uma guilhotina. — A semana inteira, quando vocês estavam planejando, eu contava tudo a eles, e não disse a vocês a única coisa que vocês precisavam saber...

— Pare de falar — a voz de Gehry se tornara aguda e desesperada.

— Porque o negócio é que, esta junta...

— Pare. Agora.

— Eles são só a junta.

— Pare de falar, Poe.

— Se estão procurando permissão, não precisam da deles. Precisam dos curadores como um todo. E cada aluno, cada patriarca do planeta, é um curador da Rosa & Túmulo.

O rosto de Gehry ficou num belo tom de magenta que quase combinava com o cabelo de Demetria.

— Cale a boca neste instante ou eu juro por Perséfone que você vai pagar por isso.

Mas a resolução do Poe alcançara uma velocidade terminal.

— E podemos perguntar a eles diretamente. Façam uma votação por e-mail. Diabos, façam uma convocação. Tenho todas as informações no meu quarto em Eli. Se eles nos aprovarem, se aprovarem as mulheres, não há nada que a junta possa fazer a respeito. —

Poe fez uma pausa, olhando em torno do aposento para os convocados reunidos ali, como se os visse pela primeira vez. Seus olhos se fixaram nos meus por um ínfimo instante antes de se voltarem para Malcolm.

— E Lance, eu acho que eles vão aprovar.

O patriarca ao meu lado escorregou seu bloco de papel na minha direção. Olhei para baixo, para a mensagem rabiscada ali.

Bom trabalho, Bugaboo. Bela jogada.

Dali em diante, a reunião se transformou num caos. Kurt Gehry ficou histérico. Ele sacudia o punho no ar, jurando por tudo o que era sagrado que nós, "mocinhas", iríamos nos arrepender do dia que o havíamos desafiado. Seu rosto estava da cor de uma berinjela madura, Eu queria que a CNN estivesse lá para registrar. Foi hilário. Finalmente, três patriarcas tiveram que retirá-lo da sala usando força física.

O Sr. Cuthbert vomitou dentro de um vaso com um grande fícus e George e Odile

decidiram que era o momento perfeito para dançar uma tarantela em cima da mesa de conferências. (Na hora, eu não sabia que era uma tarantela. Odile teve que me explicar depois. Não faço idéia de como o George sabia os passos.) Jennifer agarrou uma caixa de lenços de papel do outro lado e começou a reconfortar Clarissa, que parecia estar se recuperando rapidamente (principalmente depois de ver seu pai jogar fora o almoço).

Malcolm e Poe se abraçaram por um longo tempo, longo o suficiente para me fazer começar a imaginar o que exatamente Poe tinha contra garotas, e o

patriarca Little Demon, torcendo as mãos e parecendo bastante aborrecido, finalmente nos botou para fora.

Nós gritamos e berramos por todo o caminho até o térreo do Eli Club e explodimos em massa em Manhattan.

Malcolm e Poe se separaram do grupo quase imediatamente e pegaram o Metro North de volta a Eli a fim de começar a votação dos patriarcas.

— Vamos traçar argumentos pró e contra — Malcolm me disse e eu não tive dúvidas sobre quem iria fornecer a perspectiva "contra". — Há cerca de 800 ex-alunos, então pode levar algum tempo. Vou ligar para os caras que nunca apareceram e mandá-los trazer seus rabos de volta à escola para ajudar.

Imaginei em vão se eles conseguiriam reabrir o mausoléu antes da minha prova final de romances russos, em duas semanas.

Clarissa nos pagou um farto jantar num restaurante com o cartão American Express ouro de seu pai.

— Vou usá-lo antes de perdê-lo — falou, sinalizando para mais uma garrafa de

espumante. Certamente pode-se dizer que ninguém se sentiu minimamente culpado por pedir lagosta e filé.

— Tenho que dar um telefonema — Jennifer deixou escapar antes que os tomates

fatiados chegassem, Ela saiu correndo e, quando voltou, dez minutos depois, parecia que estivem chorando. No entanto, ninguém conseguiu fazer com que se abrisse.

— Nervos sensíveis por toda parte — Demetria falou, dando tapinhas em seu ombro.

Jennifer respirou fundo e chegou até a dirigir um sorriso à Demetria.

— Foi um longo dia — ela admitiu. — E eu sinto como... se tudo tivesse mudado.

— Espero que sim — disse Kevin.

Clarissa brindou comigo.

— Muito obrigada, Amy. — Seu sorriso não chegou aos olhos. — Não posso lhe dizer o quanto aquilo significou para mim. Mas que história foi aquela de não gostar de você antes de sermos convocadas? Eu nem a conhecia.

Mordi meu lábio.

— Você me conhecia bem o bastante para... deixe para lá. Isso é passado.

— Não, me diga.

— Galen Twilo. Primeiro ano.

Ela estreitou os olhos.

— Aquele fracassado. Acho que não falo com ele há anos. Sabia que ele roubou o meu BlackBerry para comprar maconha?

— Sabia que transamos e ele nunca mais falou comigo novamente?

Ela deu um sorriso largo.

— Então você deu sorte, minha amiga. Aquele cara é um idiotinha.

— Tendo testemunhado, sinto-me inclinada a concordar. Mas, na época, eu ouvi você dizer que ele estava "se misturando" comigo.

Sua boca se transformou num "O" cor-de-rosa.

— Eu não. Eu disse? Meu Deus, que jogada nojenta! — Ela botou seu drinque na mesa e me envolveu em um abraço cheirando a Chanel e lágrimas. — Agora estou realmente grata por você ter me defendido. Deus sabe que não fiz nada para merecer isso.

— Você fez — eu a abracei de volta. — Você é minha irmã agora. Não devíamos ser responsabilizadas por coisas que fizemos na adolescência. Vamos enfiar essa história no baú com todas as...

— As outras merdas que o meu pai falou? — ela sorriu melancolicamente. — Odeio a garota que eu era, Amy.

Olhei em seus olhos.

— Que bom que ela não existe mais.

— Não tenho certeza.

— Eu tenho — respondi. — Porque eu a tenho procurado desde a iniciação e não a vi nem uma vez.

E eu tinha. Estava tão preparada para julgar Clarissa por tudo que sabia sobre ela, em vez de por quem ela realmente era. Talvez, se Clarissa podia mudar, então uma sociedade centenária também pudesse.

Depois do jantar, Clarissa pagou a conta e todas as garotas, como é típico, foram ao banheiro em grupo.

— Não acredito que queriam que devolvêssemos os broches — Demetria falou,

admirando a forma como o seu brilhava no espelho.

— É, e você não estava nem um pouco inclinada a ficar sem ele — disse eu. — Acho que os teríamos engolido ou espetado direto no corpo antes de entregá-los àqueles babacas.

— É uma pena que não sejam permanentes — Odile falou. Quatro pares de olhos se encontraram no espelho.

Jennifer saiu do reservado.

— E aí, galera — falou, dirigindo-se para a pia mais próxima, —, qual é o plano agora?

———————

— De jeito nenhum — Jennifer cruzou os braços por cima do peito.

— Qual é, Jen — disse Demetria, empurrando-a para dentro do estúdio de tatuagem. —

Eu tenho sete e elas quase não doeram.

Jennifer plantou os pés bloqueando a porta e resistiu aos esforços da garota maior.

— Não é seguro. Você pode pegar hepatite.

Odile revirou os olhos.

— Por favor. É aqui que a Ani Di Franco vem. Não ia acreditar nos pauzinhos que tive que mexer para conseguir hora para nós aqui. E perfeitamente limpo e, mais importante, megadescolado.

— Sabe — falei —, se ela não quer fazer, não tem que...

— Ah , não, nada disso, Amy — disse Clarissa. — Um por todos e essa parada toda.

Somos Coveiras para sempre depois desta noite.

O tão ilustre tatuador nos olhou cautelosamente.

— O que vocês são, alguma espécie de gangue de garotas?

— Algo assim — falou Odile, dando os toques finais em seu desenho e deslizando o papel para ele. — Aqui. Em preto, vermelho e verde. Ponha os números embaixo.

— De que tamanho?

— O menor que conseguir — disse Clarissa. — Como diz o Malcolm...

Nós todas erguemos os punhos no ar.

— Discrição!

No final das contas, "o menor que conseguir" era mais ou menos 2,5 centímetros quadrados e, apesar de todas as garantias de Demetria, o negócio doía à beça.

— Isso é porque você está fazendo na coluna, amiga — Demetria gritou de sua cadeira, onde o *segundo* melhor tatuador de Manhattan estava desenhando um

pequeno hexágono entre os desenhos tribais que já enfeitavam seu braço. Aparentemente, os contatos de Odile haviam nos conseguido atendimento em duplas.

Respirei fundo e olhei para Clarissa que, sem blusa, estava de pé diante do espelho admirando a recém-feita tatuagem em sua omoplata.

— Exatamente onde estariam minhas asas da Angel — falou. Clarissa não movera um músculo enquanto a tinta era injetada em sua carne, como se a dor das agulhas não fosse nada comparada ao que já passara hoje.

— Está bem, faça de novo — falei. O zumbido infernal começou e eu podia senti-lo em meus dentes. Um milhão de picadas de abelha faziam o formato do brasão da Rosa & Túmulo na parte de baixo das minhas costas e eu fechei os olhos bem apertados — não que isso ajudasse, já que eu não podia ver o que estavam fazendo, de qualquer maneira.

— Quantas dessas você já fez? — perguntei ao cara, esperando não distraí-lo. Como não estava me distraindo nada, presumi que fosse seguro fazê-lo.

— Nenhuma tão maneira quanto botar um caixão no peito da Odile Dumas — ele

respondeu. — Tenho que tirar uma foto disso para o site.

Apertei os olhos.

— É, bem, não sei se é uma boa idéia, Isso é meio que um segredo.

— Como assim?

Odile se inclinou para a frente, seu cabelo escarlate arrumado para cobrir o peito sem sutiã.

— Já ouviu falar da Rosa & Túmulo?— perguntou ao cara.

— A sociedade secreta? — Os olhos dele se esbugalharam.

Odile sorriu e pôs o dedo em cima dos lábios.

O zumbido parou e o homem afastou a máquina da minha pele.

— Vocês não vão, tipo, matar a gente quando acabarmos aqui, vão?

Clarissa inclinou a cabeça para o lado.

— Humm, provavelmente é uma boa idéia. O que você acha, Little Demon?

Odile bagunçou o cabelo do homem.

— Não, mas podemos ditar o que você pode dizer para a coluna de fofocas do jornal.

Quando Demetria terminou, Jennifer pediu para o tatuador levá-la para um quarto nos fundos e voltou meia hora depois, os olhos cheios d'água, recusando-se a deixar qualquer uma de nós ver sua tatuagem.

— É, humm, particular — falou, os olhos para baixo.

— Essa menina — sussurrou Demetria — tem mais segredos do que cinco Coveiros

juntos.

— Aposto como na verdade ela é uma pervertida — Clarissa acrescentou. — Essas

garotas religiosas normalmente são.

Eu estava retorcida, para ver melhor minha nova tatoo, a qual o artista estava lambuzando com vitamina E enquanto me explicava o que esperar dos meus primeiros dias depois de ser tatuada. Olhei de relance para Jennifer, que estava comendo M&M's (para recuperar seu nível de açúcar pós-tatuagem) e rindo com Odile. Toquei minha pele, inchada e dolorida onde o brasão fora incrustado na minha carne.

— Vamos descobrir quando começarmos as reuniões, eu acho.

Aqueles E.N.s supostamente eram hilários.

Clarissa sorriu.

— É, e eu finalmente vou ouvir alguns dos seus segredos e ficar em pé de igualdade.

Vocês já ouviram todos os meus.

Odile se juntou ao grupo.

— Bem, então, vamos zerar o placar. Todas nós vamos contar um segredo. Eu começo —

ela respirou fundo. — Não quero voltar à indústria do entretenimento depois da formatura. Pronto, falei.

— Está bem, eu vou jogar — Demetria baixou a cabeça. — Eu... meio que gosto de John McCain. Sim, eu sei que é um senador, bem... republicano. Conservador.

Jennifer mordeu seu lábio por alguns segundos e então sussurrou:

— Eu nem sempre concordo com o meu pastor, Tentei me sentar ereta, fazendo careta quando a área tatuada doía, o que ocorria a cada movimento.

— Estou escrevendo um romance — admiti.

Clarissa riu.

— E nós aqui estávamos achando que você ia contar se o George beija bem!

Fiquei vermelha como a pele em volta da minha tatuagem.

— Desde quando isso é segredo?

— Só estou provocando — disse Clarissa. — Às Coveiretes!

Demetria fez uma careta.

— Ah, não, isso é péssimo. Prefiro toda aquela merda gótica que eles dizem

normalmente. Sabe, aquela história de Selo Sagrado e a Ordem Sagrada dos Cavaleiros de Perséfone, blablablá.

— Não é assim — falou Odile. — É a Chama da Vida...

Jennifer suspirou e jogou sua trança para trás.

— E a Sombra da Morte — falou, revirando os olhos.

Esta noite, no entanto, eu podia usar algumas letras maiúsculas. Afinal de contas, nós as havíamos merecido. Desafiáramos homens poderosos, intimidadores e havíamos vencido.

Minhas costas doíam e pensei na tinta penetrando na minha corrente sangüínea, se tornando parte da minha alma. Passei o dedo de leve por cima dos números que estavam escritos debaixo do brasão.

— Sua em 312 — murmurei.

Esta noite, havíamos nos tornado algo mais, pois em vez do onipresente 312 inscrito debaixo do símbolo, nós cinco tínhamos 177 queimado em nossa pele. A primeira turma de mulheres da Rosa 6c Túmulo. As que haviam mudado tudo.

Nós éramos Coveiras, e nada seria igual novamente.

Por meio desta, eu confesso:

toda rosa tem seus espinhos.

15.

Questões de Formatura

Quando finalmente cheguei em casa naquela noite, Brandon estava — esperem — *não* sentado no meu sofá. Provavelmente isso era bom. Ainda que eu soubesse que ele ia acabar vendo meu novo ornamento corporal, achei que era melhor esperar até:

1) As casquinhas de ferida começarem a cicatrizar

2) Parar de doer à beça

3) Eu descobrir uma forma de explicar sem quebrar meu juramento.

Meus pais iam ter um ataque quando vissem. Por sorte, eu não era muito de usar biquíni.

Não é como se alguém fosse ter uma boa visão a não ser que me pegasse de calcinha. O

que, agora que eu solidificara um compromisso com Brandon, realmente limitava as opções (não que eu estivesse reclamando).

Tentei ir para a cama, mas estava ligada demais para dormir e pensei seriamente em ir até a Universidade Calvin e acordá-lo à meia-noite. Em vez disso, decidi trabalhar e comecei a estudar. Eu vinha negligenciando meus estudos desde o dia em que a primeira carta da Rosa & Túmulo chegara e precisava reverter essa tendência. As provas eram dali a uma semana e meia e eu tinha monte de trabalhos para escrever antes das provas finais.

Consegui ler 64 páginas de GEP antes de adormecer (de barriga para baixo, é claro).

Na manhã seguinte, fui acordada pelo som de batidas persistentes na minha porta, Eu a abri e encontrei Lydia segurando um caixão preto de papelão do tamanho adequado a um membro da família dos terrier.

— O que morreu? — perguntei esfregando os olhos.

Ela o virou na minha direção.

— Para você, noiva do Drácula.

Dentro da caixa no formato de caixão havia duas dúzias de rosas vermelhas fenomenais e um cartãozinho de linho creme. Eu o abri.

Bom trabalho, Boo.

— Seu irmão

George. Pequenas palpitações correram pelo meu corpo antes que minhas funções

cerebrais mais elevadas pudessem sufocá-las e me lembrar que o nome do meu namorado em Brandon e que ele nunca me mandaria um presente tão macabro, ainda que

perfeitamente adequado.

Olhei para Lydia.

— Posso pegar seu vaso emprestado?

Ela balançou a cabeça.

— Querida, eu só vou dizer isso uma vez e depois podemos voltar ao nosso acordo de

"não vamos falar sobre isso", mas o seu *povo* tem um gosto muito estranho.

E então foi buscar o vaso (e ela podia falar alguma coisa? Não fazia nem duas semanas e havia sangue seco na nossa maçaneta. As pessoas da sociedade dela eram, se possível, ainda mais estranhas).

Quando voltou, começamos a arrumar as flores juntas e não olhávamos nos olhos uma da outra.

— Lydia? — falei, e ela me olhou por cima de um botão de rosa. — Isso vai

destruir nossa amizade?

Ela engoliu em seco.

— Deus, espero que não.

— Não é justo, sabe — disse eu. — Você, pelo menos, sabe o nome da minha sociedade.

Eu não sei nada sobre a sua.

Ela sorriu maliciosamente.

— É, mas quem disse que a vida é justa?

— Afff — bati nela com uma folhagem.

— Alegre-se, Amy — disse ela como consolação. — Quem precisa de revelações quando se tem rosas?

É verdade. Maravilhei-me com a perfeição de cada uma das deslumbrantes rosas e tentei em vão ignorar as palpitações que continuavam a correr pela minha espinha como se eu não estivesse em um relacionamento sério.

Eles claramente sabiam algo que eu não sabia.

Brandon não apareceu no escritório da revista literária durante toda a tarde e três recados em sua caixa postal não produziram um único retorno. Na hora do jantar, finalmente consegui encontrá-lo do lado de fora do refeitório.

— Onde você esteve? — perguntei enquanto ele saía do edifício com um sanduíche enorme embrulhado desajeitadamente em guardanapos. Ele me deu uma olhada, depois virou-se na direção da entrada de seu prédio. Tentei novamente, na esperança de que simplesmente — eu sei lá — tivesse sido atingido por uma súbita cegueira histérica?

— Brandon?

Ele olhou mais de perto para seu sanduíche (viu, talvez ele *estivesse* perdendo a visão!), e então o jogou na lata de lixo mais próxima e fez um sinal para mim.

— Aqui não.

Ah, Deus. Mais histórias de sociedades secretas? Como aqueles malditos tinham

conseguido atingi-lo também? Brandon era... intocável. Não estava nem aí para o que eles diziam. Certo?

Eu o segui até seu quarto e ele se sentou em sua cadeira de computador de encosto alto, na qual obviamente só cabia uma pessoa, e me inspecionou cuidadosamente.

— Onde você esteve ontem?

— Em Nova York — respondi. De alguma forma, ficar de pé diante dele me fazia sentir como se estivesse me apresentando a um juiz, Até os Coveiros nos haviam deixado sentar na nossa reunião. — Lembra-se de como eu disse há alguns dias que ia para lá... a trabalho.

Ele assentiu e então respirou fundo.

— Estava conversando com uns amigos e eles disseram que te viram num bar no

domingo, dando uns amassos num cara.

Caí sentada na cama. Merda. Merda merda merda de merda. Eu sabia que isso ia

acontecer. Só queria que tivesse esperado até que o nosso relacionamento se solidificasse completamente.

— O negócio é que — disse Brandon, inclinando-se para a frente e juntando as mãos até que todas as pontas de seus dedos se alinhassem perfeitamente — acho que sei o que você vai dizer.

— Que foi antes...?

— É.

Viu? Eu disse que ele era um gênio.

— E foi.

— Humm — ele estudou as mãos, fazendo pequenas figuras redondas com os dedos. —

Eu achei que sim. Queria falar logo com você, mas você não estava ontem à noite, então, em vez disso, passei a noite pensando a respeito. Muito.

Uma náusea estranha surgiu no meu estômago,

— Porém, pensar demais não é uma boa idéia, certo? — ri nervosamente. — Você vive me dizendo isso.

— Talvez eu esteja errado — ele olhou para cima. — Porque o que finalmente decidi é que, apesar de realmente não ter direito de ficar chateado com isso, já que aconteceu *antes* de fazermos nosso acordo de termos um relacionamento monogâmico, ainda estou chateado. Isso faz sentido?

Assenti, já que minha boca estava seca demais para falar. Eu ficaria furiosa se descobrisse que o Brandon havia ficado com outra pessoa milésimos de segundos antes de dormir comigo. Mas também, eu sou muito menos sensata do que ele. Certo?

— E ontem à noite eu esperava que, quando perguntasse a você sobre isso, você dissesse:

"Nossa, Brandon, isso é a coisa mais ridícula que já ouvi. Devem ter visto alguma outra garota. Eu só tenho olhos para você." — Ele apertou os lábios. — Mas você não teria dito isso, não é?

Não, porque aconteceu.

— Não posso mentir para você.

Ele assentiu lentamente.

— Certo. Foi o que pensei. Então, primeiro eu fiquei irado e depois pensei que não tinha o menor direito de ficar zangado, e depois pensei que isso era burrice e por que eu preciso ser lógico sobre se vou ou não ficar zangado, e aí fiquei zangado comigo mesmo por pensar que eu tinha o direito de ficar zangado sem nenhuma base lógica firme... Como pode ver, passou um certo tempo antes que eu tivesse resolvido tudo — ele encolheu os ombros timidamente. — Então, o

negócio é que acho que não vou conseguir superar isso.

Seria bom se conseguisse e seria tecnicamente a coisa certa a fazer, mas debaixo desse exterior lógico de matemática aplicada, eu sou... — ele deixou a frase morrer. — Mesmo que você não tivesse me feito nenhuma promessa, Amy, eu ainda queria acreditar que você estava se aproximando da minha forma de pensar. Não acreditar que, se tivesse dado um pouquinho mais de sorte no bar, você não teria nem vindo para casa.

Todos esses verbos imperfeitos. Como se fosse assim. Engoli o nó enorme na minha garganta.

— Ajudaria saber que foi isso que me fez entender que eu queria ficar com você?

— Beijar outra pessoa? — ele avaliou a idéia. — É, faz com que eu me sinta um pouco melhor em relação a mim mesmo. Mas, Amy, isso não basta. Porque não é só isso, sabe ?

Você passou a semana toda tão distante. Como se agora que podemos dizer que estamos juntos, tivesse me tranqüilizado por algum tempo. E eu sei — ele levantou a mão — que você tem coisas para resolver e sei que não é algo que tenha permissão para comentar, mas quando eu acordei no seu quarto naquela manhã, você estava chorando tanto — seu cenho se franziu, como se estivesse se lembrando com sofrimento. — E se recusou a me contar o que havia acontecido. Você simplesmente desapareceu. Perdeu seu emprego, mas não foi para mim que você se voltou em busca de consolo. Isso não é um bom sinal.

— Eu não queria consolo naquela hora, Brandon — tentei explicar. — Queria ação. Eu o procurei depois. Você foi maravilhoso.

— Eu *realmente* não quero ser a última coisa em que você pensa.

Fechei os olhos e as lágrimas que vinham se acumulando caíram pelas minhas bochechas.

— Brandon...

Ele então virou de costas, provavelmente porque não estava disposto a me ver chorar.

— O negócio é o seguinte, Amy. O que toda essa história de ficar pensando me fez perceber é que estive me enganando no último fim de semana no seu quarto. Eu não queria só um título grampeado no nosso relacionamento. Queria um relacionamento.

Esperava que, se o chamássemos assim, você começaria a tratá-lo como tal. Mas desde aquela primeira manhã você não fez isso. E talvez nunca o faça. Você pode não beijar outros caras em bares agora, mas só isso não faz de você minha namorada.

E aí ele me disse que não queria mais me ver e que, apesar de sempre ter gostado de mim e esperar que um dia pudéssemos ser amigos, não podia permitir que nosso

relacionamento continuasse a ter nenhuma das interações das quais usufruíra desde 14 de fevereiro.

Desculpem pelo resumo. Suas palavras de verdade foram muito brutais para guardar na minha mente. Eu as extirpei naquela noite com grandes quantidades de Finlândia sabor manga. Lydia me abraçou enquanto eu chorava e naquele momento acreditei que nem todas as sociedades secretas do mundo conseguiriam realmente ficar entre nós.

O negócio é que eu acho que sabia que ia acabar nisso. A quantidade de merda que Brandon podia agüentar de mim tinha limite.

Muito bem, vamos falar de coisas mais alegres. Acabou que os seniores conseguiram mobilizar a população de patriarcas muito mais rápido do que qualquer um esperava e, lá pelo meio da Semana de Leitura, nós tínhamos nossa resposta: as garotas estavam dentro.

Compreensivelmente, os novos convocados passaram o resto da semana acampados no mausoléu, o que me ajudou a tirar Brandon e o resto da minha vida bárbara da cabeça.

Aprendi onde ficavam todos os recantos e alcovas, cômodos secretos e escadarias escondidas. Examinei a biblioteca e descobri o código exato que fazia as línguas instaladas nas arandelas de caveira do segundo andar tremerem (Os

Coveiros têm um senso de humor muito esquisito). E, é claro, estudei como uma louca para as provas finais e descobri que a coleção de exames na biblioteca da Rosa & Túmulo era tão útil quanto prometido.

Um mausoléu de sociedade secreta durante a Semana da Leitura é realmente algo digno de se ver. Em todos os lugares, os Coveiros haviam montado pequenos campos para concentrar suas tropas e preparar para a batalha. Você vagava pelas salas em uma pausa de 15 minutos do estudo e via minúsculos microcosmos acadêmicos em cada canto. De todas as superfícies planas, de uma cristaleira vazia a uma vitrine de vidro que guardava espadas enferrujadas da Guerra Civil, pareciam germinar famílias de cadernos de espiral, fotocópias, livros e laptops cujos cabos infinitos serpenteavam pelos corredores a procura de uma ilusória tomada sem uso. Os espaços em volta dos quartéis-generais estavam cheios de garrafas de refrigerante vazias e porta-copos de papelão, invólucros de sanduíches e sacos de batatinhas murchas. Por perto estaria o local de dormir de um aluno, identificável apenas porque normalmente incluía uma superfície plana

ligeiramente mais confortável e um travesseiro improvisado (normalmente um sofá e um casaco enrolado, ainda que Greg Dorian muito criativamente utilizasse um mangusto empalhado e uma mesa de bilhar). Minha casinha era o anteriormente mencionado banco na janela na Biblioteca Principal (nenhum pedaço de corpo, só livros) que dava para o bem cuidado pátio. O jardim externo da Rosa & Túmulo podia parecer abandonado e pouco convidativo, mas o interno era o paraíso. Engraçado como tantas coisas

funcionavam assim.

Uma semana depois, tomei meu lugar na sala de aula do professor Muravcek, três lápis número 2 na mão e uma boa dose de serenidade no meu cérebro. Ia me sair bem, apesar de não ter lido umas boas 500 páginas do GEP.

Eu ainda não havia entendido que minha posição era ainda melhor do que pensava.

O professor assistente no tablado ergueu várias pilhas de exames e começou a subir os degraus, entregando mais ou menos uma dúzia na ponta de cada fileira. Ergui meu pacote de provas da dita pilha e passei o resto adiante. Quando havia terminado de distribuir o material, ele voltou para a frente da sala, escreveu a

hora no quadro-negro e disse:

— Comecem.

Abri meu pacote e um cartãozinho branco minúsculo caiu.

Cara iniciada,

Espero sinceramente que você tenha estudado atentamente a

prova final de 1985.

Provavelmente vai ser útil neste momento.

Saudações da 312

Shandy, C171

Olhei de novo para o professor assistente, que estava remexendo em papéis no tablado sem olhar para mim com muita determinação. Outro Shandy, igual ao Harun. Fiquei imaginando se algum dia haveria outra Bugaboo. Quarenta e cinco minutos depois, terminei minha prova, juntei minhas coisas e me dirigi à mesa lá na frente.

— Já acabou? — perguntou o professor.

— Mil novecentos e oitenta e cinco foi um bom ano — falei. Era o ano em que eu havia nascido. É claro que eu ia escolhê-lo na grande coleção dos Coveiros, nem que fosse só para ver que tipo de perguntas eles achavam que eram importantes na época.

— Sabia que acharia isso — ele sorriu. — Estamos todos muito impressionados com você, sabe.

Corei.

— Eu não fiz nada.

— Ah, fez sim. Se colocou diante dos outros. Depois da pontualidade, é a melhor qualidade para se ter. — Ele limpou a garganta. — Uma pena que não estivesse na minha aula. Eu faço uma festa de pizza para todos os meus alunos lá

em casa. Você podia ter visto meu, aham, relógio de pêndulo de alta precisão.

Não acredito que essa história se espalhou.

— Está me provocando, certo?

— Eu lhe diria — falou, piscando para mim —, mas aí teria que matá-la. — Ele apontou para o meu exame. — Tem certeza de que não tem mais nada a me dizer sobre Kitty e Levin?

Eu estremeci.

— Sem querer ofender, mas acho que literatura russa não é a minha praia. Além do mais, há algo que preciso fazer. — Havia um dos meus que precisava de mim. — Assuntos bárbaros.

Ele me saudou de gozação.

— Então, vá, irmã.

Fui direto para o escritório do *Eli Daily News*. O *EDN*, diferente da minha humilde publicação, ocupava uma estrutura que era um verdadeiro castelo gótico no campus. Há muito tempo, o prédio fora o lar de uma sociedade secreta rival, que há muito havia desistido do fantasma e doado a propriedade para a universidade, que acrescentara janelas e o entregara para seu ilustre meio de comunicação.

Genevieve estava em sua mesa no minúsculo escritório particular e, tenho de reconhecer, conseguiu esconder a maior parte do choque que sentiu quando irrompi em sua sala, Mas não todo.

— Oi — falei. — Precisamos conversar. Posso me sentar?

— O quê... o que está fazendo aqui?

— Vou lhe dar uma chance para adivinhar.

Seus olhos se moveram rapidamente para a porta atrás de mim, como se eu estivesse escondendo uma tropa de assassinos mercenários.

Melhor cortar o mal pela raiz.

— Vim aqui para falar sobre uma das coisas que você propôs para a edição de formatura do *EDN*.

— Ah, é? — ela ergueu a sobrancelha.

— Gostaria de oferecer uma alternativa. — Ela se iluminou, mas ergui minha mão. —

Não a que você sugeriu. Nunca fui fã de chantagem. No entanto, tenho que admitir que não sou completamente insensível à sua situação.

— Você não tem idéia de qual é a minha situação — Genevieve retrucou, áspera.

— Pelo contrário — repliquei calmamente. — Acho que entendo melhor do que você. E

realmente não acho que ele não tem culpa nenhuma nessa questão.

— Saia... do... meu escritório.

— Não até você me ouvir — esperei, mas ela não fez nenhuma outra objeção. — Muito bem, vamos conversar. Você quer escrever uma matéria de tablóide cruelmente

escandalosa a respeito de um grande amigo meu, sabendo perfeitamente que o artigo causaria danos irreparáveis a seus relacionamentos interpessoais sem revelar nenhuma insuficiência de caráter. Acho que é uma Má Idéia.

(Quando é necessário, eu sei usar letras maiúsculas tão bem quanto qualquer um.)

— Como eu disse, você não entende a minha situação.

— Entendo, sim — inclinei-me para a frente. — Acho que você o está ameaçando com isso porque o que realmente quer fazer é tentar escrever uma matéria cortante que lhe garanta um belo emprego como jornalista investigativa no *Post*, no *Times ou no Tribune*.

Ela ficou em silêncio.

— E eu estou aqui para lhe dizer que você não vai fazer nada disso. O que posso lhe oferecer, no entanto, é uma fonte — uma fonte anônima, deve permanecer assim —

disposta a lhe contar o motivo real por trás daquela pequena confusão do lado de fora do mausoléu da Rosa & Túmulo na High Street há duas semanas.

Um fogo se acendeu por trás dos olhos de Genevieve. Ela era repórter até a alma.

— O nome que você está procurando é Garganta Profunda.

— Algo que eu queira?

Sacudi a cabeça muito de leve.

— Essa história. E eu lhe prometo, é boa o bastante para publicar.

Sua boca virou uma linha fina.

— Não basta. Não é o bastante.

— Muito bem — eu me recostei na cadeira. — No entanto, devo adverti-la de que, se continuar a ameaçar meus amigos, vou abandonar os contos que havia planejado para a edição de formatura da revista literária e partir para a não-ficção. Prometo que minha revista de circulação baixa vai dar o furo antes do seu jornal e publicar a história.

Aí seu queixo caiu.

— Não pode fazer isso.

— Estou com a impressora pronta — fiquei de pé. — Avise-me da sua decisão,

Genevieve.

— Você acha que me assusta? — ela gritou para mim enquanto eu andava em direção à porta. — Acha que eu tenho medo da sua fraternidadezinha idiota?

Parei na porta.

— Se não tem, deveria ter. Eu sou uma Coveira. Não faço promessas que não posso cumprir.

E então, eu fui embora. Duas horas depois, ela me mandou um e-mail dizendo que aceitava minha proposta.

Nossa, a sensação era ótima. Uma garota podia se acostumar a esse tipo de poder.

Considerando-se tudo que havia acontecido, montar a edição de formatura da revista literária foi muito mais fácil do que eu esperava. Brandon e eu arrumamos nossos horários com o propósito expresso de passar o mínimo de tempo possível no mesmo aposento. Ele assumiu a parte gráfica, enquanto eu me concentrava nas matérias apresentadas e em como organizar a revista para que os textos formassem um todo significativo (ou tão significativo quanto um bando de aspirantes a Jack Kerouac supercultos podiam ser no meio da semana de provas). Deixei grande parte do trabalho de layout para os alunos do segundo ano que estavam entrando e, apesar do fato de minhas horas no escritório da revista literária serem muito menos alegres e terem muito menos aviões de papel, nunca passei momentos tão agradáveis ali. Talvez eu apreciasse tanto a oportunidade porque temia que fosse a última. Afinal de contas, eu ainda não arrumara um emprego de verão. Tinha quase certeza absoluta de que os próximos meses me veriam empilhando calças cáqui na GAP mais próxima.

Na noite antes da formatura, as primeiras cópias de "Ambição" chegaram quentinhas da gráfica, e eu folheei uma, surpresa como cada página recém-impressa parecia estranha aos meus olhos. Diferente de outras edições, eu não havia estudado cuidadosamente o tamanho da fonte de cada manchete, não havia sofrido com a disposição dos anúncios.

Até a arte da capa fora escolhida pelo Brandon e, como se estivesse fazendo uma última piada pessoal, ele escolhera uma foto da silhueta de um rapaz contra um fundo urbano, mirando a cidade com um olhar ardente. Parecia, como eu suspeitava que seria, um anúncio de perfume. No entanto, achei que era perfeito para o tom melancólico e severo da maioria dos contos. Brandon, como sempre, mostrava ter um gosto excelente.

Eu planejara ficar para a formatura, tanto para coordenar a distribuição da revista quanto para comparecer à colação de grau de Glenda Foster. Como os dormitórios estavam fechados, acampei no mausoléu, e descobri que não era a única Coveira que tinha esse plano. Na noite anterior ninguém dormira nada, já que um bando de patriarcas que havia chegado cedo para os eventos da formatura no dia seguinte aproveitou a oportunidade para ensinar aos alunos Coveiros a velha tradição do Kaboodle Bali, cujas regras, sinto dizer, são complicadas demais para relatar sem a ajuda de mapas, gráficos e marionetes pequenas e multiarticuladas. E meio um esconde-esconde misturado com rugby, golfe e Calvinball.

A manhã da formatura estava clara e surpreendentemente fria para a estação, Eu me ocupei enviando três membros da revista literária para os centros de distribuição, mas me assegurei de pegar uma cópia do *Eli Daily News* também. Surpreendentemente, trabalhar com Genevieve não fora o fardo que eu previra. Acho que minha avaliação inicial estava correta. Ela não era uma bruxa do mal — só era ambiciosa, estava com o coração muito partido e desesperada por vingança. Eu não esperava que sua história fosse lisonjeira com a sociedade, mas era o menor dos males.

Estava na terceira coluna da matéria quando alguém na minha frente limpou a garganta.

Olhei para cima e vi duas figuras de capa preta e capuz: um alto, magro e pálido, com olhos cinza irados; o outro, bronzeado e louro, com um sorriso enorme que era incapaz de esconder.

— Você é a fonte secreta? — Poe soltou.

Olhei atônita para ele.

— Eu garanto que estou tão chocada em ver essa matéria quanto você.

Malcolm mordeu o lábio, mas seus olhos transmitiam gratidão.

— Essa história é um escândalo! — Poe gritou. — Revela tudo sobre nossos trabalhos internos!

— Qual é — disse Malcolm, encontrando finalmente sua língua. — Na verdade, ela só diz que a Rosa & Túmulo finalmente abriu a filiação para mulheres.

— E que houve um conflito interno a respeito disso — Poe mandou de volta.

— Uma bela matéria de jornalismo investigativo — observei. — Acho que a autora mora debaixo do Malcolm. Provavelmente nos ouviu na reunião na outra noite.

— Eu não daria muita importância — Malcolm deu um tapinha no ombro de Poe. — Não é a primeira história que alega ter desvendado os nossos segredos e não será a última.

— Também não entra em detalhes específicos — acrescentei, — A não ser por essa parte sobre como alguns dos patriarcas mais desgastados pela idade montaram um pequeno protesto do lado de fora do mausoléu. No mínimo, acho que faz um belo trabalho ao desviar do verdadeiro cerne do problema. A fonte, quem quer que seja, manipulou essa repórter direitinho — olhei para Malcolm, cujas sobrancelhas me informaram para não abusar da sorte.

Nós três nos dirigimos de volta à multidão de formandos e suas famílias.

— Malcolm! — gritou uma mulher loura, apontando uma câmera digital na nossa

direção. Devia ser a Sra. Cabot. Os dois rapazes se inclinaram para perto de mim e todos nós sorrimos para a foto mas, assim que o flash se apagou, a expressão de Poe voltou a ficar sombria. Quando Malcolm se afastou para ver como a foto saíra, Poe virou-se para mim.

— Eu queria lhe agradecer — ninguém jamais soara menos grato.

— Por quê?

Ele fechou os olhos por um momento, como se estivesse se fortalecendo.

— Por se manifestar em Nova York. Não sei o que eu estava pensando. O Sr. Gehry simplesmente me convenceu... — ele deixou a frase morrer e então balançou a cabeça. —

Eu me esqueci de algumas coisas. Você me fez lembrar.

— Ah. De nada. — Ficamos em um silêncio constrangedor por mais alguns

momentos, antes de eu levantar um tópico neutro. — Então, o que vai fazer neste verão?

— *Não* vou trabalhar na Casa Branca — ele sorriu melancolicamente.

— Sinto muito — falei. Então, nem tão neutro assim, mas pelo menos explicava por que Poe, de todas as pessoas, traíra seus irmãos. A ambição, pensei, pode ser uma coisa perigosa.

Talvez eu estivesse feliz por ainda não ter determinado a forma exata da minha.

Ele encolheu os ombros.

— Tudo bem. Pelo menos posso me olhar no espelho todas as manhãs. Mas

provavelmente vou estar em Washington fazendo... alguma coisa. E você?

Dei de ombros.

— Estou tentando decidir entre duas ofertas brilhantes, numa cafeteria e numa

lanchonete.

E, como eu não via motivo para continuar com essa entrevista mais tempo do que o necessário, acrescentei:

— Bem, parabéns pela formatura. Eu lhe desejo sorte na Faculdade de Direito de Eli no ano que vem.

E espero não vê-lo mais do que o estritamente necessário.

— Boa sorte para você também — disse Poe, olhando" além de mim, para o mausoléu na esquina. — Tenho a sensação dique vai precisar.

Ele saiu trotando e eu revirei os olhos. Já vai tarde. O que diabos Malcolm via naquele cara?

Malcolm voltou logo depois.

— Vocês dois tiveram a chance de conversar?

— Trocamos insultos ligeiramente velados, por aí.

Ele suspirou.

— Sabe, Amy, realmente devia lhe dar uma chance. Ele náo é tão mau quanto você pensa.

Inclinei a cabeça e virei-me para ele.

— Malcolm, ele é...?

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Não, Amy. Ele é meio perturbado, mas é totalmente hétero. — Aí ele deu um tapinha no jornal em sua mão. — Obrigado, eu não posso... nunca vou poder lhe agradecer o suficiente pelo que fez. Não como você fez, como pensou nisso, mas... você é incrível.

— Para que servem as irmãs mais novas? — Apontei com a cabeça na direção de seus pais. — Vai contar a eles?

Malcolm respirou fundo e sua expressão ficou sombria.

— Vou. Em algum momento. Em breve, em algum momento. Nós vamos para um chalé

nas montanhas todo verão. Meu pai e eu gostamos de sair para caçar. Acho que vou lhes contar lá. Longe da imprensa e tudo mais.

— Boa idéia. Mas posso fazer uma sugestão? Tenha certeza de que as armas não estejam carregadas.

Ele mostrou os dentes brilhantes.

— É.

Eu já podia ver o alívio refletido em seu rosto. O que quer que Malcolm dissesse, estava cansado de mentir para seus pais. Eu torcia para que desse tudo certo, mas não esperaria férias felizes para a família Cabot.

Logo depois de deixar Malcolm, encontrei mais um Coveiro — o homem que

havia se sentado ao meu lado no Eli Club, fazendo anotações. Seu cabelo castanho-avermelhado, fartamente salpicado de cinza, brilhava sob a luz do sol da manhã.

— Amy Haskel! — falou alegremente, sacudindo minha mão para cima e para baixo. —

Estou tão feliz por tê-la encontrado. Gus Kelting — ele se inclinou para perto —, Horace, C142.

— Mais uma vez nos encontramos — disse eu. E, desta vez, ele estava falando comigo.

Ótimo, porque eu ainda tinha algumas perguntas que haviam sobrado daquela tarde. —

Queria lhe perguntar, por que não nos defendeu em Nova York... Vi as anotações que escreveu para mim.

— Eu perdi na votação — Kelting admitiu. — Não tinha permissão para falar. E,

acredite, foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Mas acho que você os pegou. Contei para todos os meus amigos Coveiros. Ficamos muito impressionados com você. *Eu* fiquei muito impressionado. — Ele puxou uma cópia de "Ambição". — Li isto ontem à noite.

— Muito impressionante... também.

— Obrigada, senhor.

— E, como provavelmente pode ver pelo meu vocabulário limitado, não sou um cara de muitas palavras. Meu negócio é economia.

Está bem.

— Legal.

Aonde ele estava querendo chegar com isso?

— O negócio é o seguinte, Srta. Haskel. Soube que está com um probleminha de

trabalho e sei que os Coveiros são... culpados por isso. Quero compensá-la. Trabalho em um núcleo de idéias em Washington e temos um projeto este verão no qual precisamos de alguma ajuda. Estamos tentando estabelecer um programa de reintegração para mulheres exploradas e, como parte de nossa proposta de patrocínio, estamos montando um livro de narrativas. Algumas das histórias são de partir o coração. Mas essas senhoras não são escritoras. Algumas delas nem são alfabetizadas. Acho que uma pessoa com suas

habilidades editoriais seria útil.

Fiquei olhando para ele por um momento, incrédula.

— Está me oferecendo um emprego?

— Não paga muito mais do que o mínimo, mas também encontraremos alojamento. Sei que não é Nova York...

— Um trabalho editorial?

— É. Com uma boa dose de responsabilidade ligado a ele.

De alguma maneira, consegui não derrubá-lo no chão. Isso era muito mais legal do que ficar xerocando formulários! E Lydia estaria em Washington neste verão (Poe também, mas quem se importa? É uma cidade grande).

— Uau, Sr. Kelting. Obrigada!

— Não, Amy, obrigado a *você*. Além do mais, você é uma Coveira, nós vamos deixar que passe o verão trabalhando como frentista? — ele sorriu, — Venha cá, quero que conheça alguém.

Ele pegou a minha mão e me levou pelo gramado até uma moça com longos cachos

ruivos e beca de formando.

— Amy Haskel, esta é minha filha, Sarah Kelting. *Dra.* Sarah Kelting. Ela se formou em medicina hoje.

— Estou vendo — falei.

Sarah riu e apertou minha mão.

— Pai, você vai me apresentar assim de agora em diante?

— Pode apostar! — disse ele, sorrindo. — Ou pelo menos, até eu receber de volta o que paguei.

— Então, em outras palavras, de agora em diante — a mulher provocou.

— Sarah, Amy acabou de concordar em vir trabalhar para a minha empresa neste verão.

— Sinto ouvir isso — ela piscou para mim. — Tem lugar para morar em Washington?

Tenho uma amiga que está tentando sublocar seu apartamento em Adams Morgan, um bairro superdescolado. Você vai amar. — Ela olhou para o Sr. Kelting — Sua firma vai pagar, certo?

Ele passou os braços em volta da filha.

— Ela é tão espertinha, Amy. Isso vem de não ter com quem competir enquanto estava crescendo. Éramos só nós dois.

Ele se inclinou para perto e baixou a voz em um sussurro conspiratório.

— Quando entrou em Eli, eu queria que ela... você sabe. Mas eu sabia que não ia acontecer. Por isso fiquei tão feliz em ver vocês, meninas. Já era hora. E, quando se levantou lá... — ele riu. — Você me lembrou a minha Sarah. Eu queria que vocês entrassem, por todas as Sarahs.

Sarah revirou os olhos e sacudiu os ombros, afastando Kelting.

— Pa-a-ai — disse. — Quer parar de falar nos você-sabe-quem-veiros?

Ela olhou para mim e sacudiu a cabeça em consolo.

— Ele a está aborrecendo com historinhas sobre aquele clubinho idiota de meninos?

Mas eu troquei olhares com Gus Kelting, cujo broche da Rosa & Túmulo, de um

dourado mais profundo e envelhecido, brilhava no colarinho de sua camisa.

— Não é um clube de meninos — falei.

Não mais.

— É uma das sociedades secretas mais poderosas do mundo.

Eu devo saber. Eu sou um membro.

Apresentando a Turma de Convocados

C177 da Rosa & Túmulo

1) Clarissa Cuthbert: *Angel*

2) Gregory Dorian: *Bond*

3) Odile Dumas: *Little Demon*

4) Benjarain Edwards: *Big Demon*

5) Howard First: *Number Two*

6) Amy Haskel: *Bugaboo*

7) Nikolos Dmitri Kandes IV: *Graverobber*

8) Kevin Lee: *Frodo*

9) Omar Mathabane: *Kismet*

10) George Harrison Prescott: *Puck*

11) Demetria Robinson: *Thorndike*

12) Jennifer Santos: *Lucky*

13) Harun Sarmast: *Tristram Shandy*

14) Joshua Silver: *Keyser Soze*

15) Mara Taserati: *Juno*

Agradecimentos

Por meio desta, eu confesso minha tremenda gratidão à Bantam Dell: Sr. Irwyn

Applebaum, Nita Taublib, Gina Wachtel, Tracy Devine, Paolo Pepe, Kelly Chian, Carol Russo, Pam Feinstein, Shawn O'Gallagher, Rachael Dorman e especialmente à minha campeã e amiga, a incansável gênia editorial Kerri Buckley, que, desde o primeiro instante, entendeu Amy quase melhor do que eu, e que eu sabia que seria a escolha perfeita. Kerri, se eu pudesse mandar fazer uma editora sob medida, pediria alguém tão extraordinária quanto você.

Estou boquiaberta com o critério e visão infalíveis de Deidre Knight, que esteve comigo a cada passo do caminho, e cujas jogadas de superagente-secreto são valiosas para qualquer sociedade. Fico tão feliz por você ser uma cavaleira na minha sociedade.

Amor e abraços apertados para os meus pais, que, apesar de décadas zombando dos livros nos jogos dos Bucs, sempre me encorajaram. Sua felicidade e entusiasmo são alegrias de se admirar. Obrigada por todas as oportunidades que me deram e por sua infinita dedicação a seus filhos e seus sonhos.

Também para Luke e Brian, os irmãos mais bacanas que já tive e o restante da minha família e amigos de infância que agüentavam e participavam das minhas histórias, obrigada. Distinção especial para Beth por seus projetos certeiros e para Tara, por transformar minha visão em realidade. Montes de obrigadas para os meus professores, que em todos esses anos toleraram e até encorajaram meus rascunhos e confiaram que eu seria uma mulher das letras.

Três vivas para Marley Gibson, a amiga mais leal e parceira absurda de críticas, que assumiu a responsabilidade de vender este manuscrito sem tê-lo visto e que "tinha um pressentimento" sobre ele desde o começo. Devo tanto aos meus amigos de escrita: Lex; CLW; Colleen, Elly, Jana e Wendy; e, acima de todos, TARA. Sou especialmente grata a Cheryl Wilson, que me deu um lar e uma noção da minha própria força e à Julie Leto, que me meteu nessa confusão e sempre me forneceu um exemplo brilhante do tipo de escritora que quero ser quando crescer.

Estou em dívida com Jacki e Bob, que me deixaram morar em sua casa enquanto

desenvolvia a semente desta história e comemoraram minha venda como se fosse sua. E

palmas para todo o povo de Washington por me fazerem sentir tão em casa.

Todo o meu agradecimento aos companheiros Bulldogs Lauren, Nicola e Mackenzie e mais gratidão e desculpas a todos os meus brilhantes amigos e colegas de faculdade que podem ou não se reconhecer nestas páginas. Aqui há uma dica: se for bom, é totalmente sobre você. Se for ruim, é sobre, humm... outra pessoa. E também agradeço à grande boca de minhas fontes secretas. Obrigada por não me matarem depois de me contarem.

E, finalmente, minha mais ardente admiração e amor para meu parceiro, Dan. Você é a pessoa que me fez acreditar que eu conseguiria e demonstrou sua fé a cada passo e sacrifício do caminho. *Aspiret primo Fortuna labori.*

Créditos: http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=20985974